

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

A relação equipamento-cidade (centralizado/estruturador e transformador): Uma descrição histórica do Porto

Ricardo Correia Martins

M
2022



Ricardo Correia Martins. A relação equipamento-cidade (centralizado/
estruturador e transformador): Uma descrição histórica do Porto



M.FAUP 2022

A relação equipamento-cidade (centralizado/
estruturador e transformador): Uma descrição
histórica do Porto

Ricardo Correia Martins

FACULDADE DE ARQUITETURA



Índice:

Introdução

1-Desenvolvimento Urbano	13
1.1- Desenvolvimento urbano da cidade até ao século XIX	13
1.2- Desenvolvimento urbano do Século XX	25
1.3- Desenvolvimento urbano do Século XXI	31
 Equipamento seleccionados	 39
 2- Equipamentos: Geradores de Urbanidade e Construtores de Cidade	 40
2.1 - Década de 1930-1960 – Centralizadores/Dinamizadores Urbanos	44
2.1.1- Década de 1930-1940	45
2.1.2- Década de 1940-1950	46
2.2.3- Década de 1950-1960	50
2.2- Décadas de 1960-1990 – “Transformadores/Reformuladores”	57
2.2.1- Década de 1960-1970	57
2.2.2- Década de 1970-1980	61
2.2.3- Década de 1980-1990	64
2.3- Décadas de 1990-2020 – “Mobilizadores”	69
2.3.1- Década de 1990-2000	69
 Considerações Finais	 81
 Referências Bibliográficas	 131
Índice Imagens	137

A relação equipamento-cidade (centralizado/estruturador e transformador): Uma descrição histórica do Porto

Ricardo Martins

Nº 201604361

Orientador: Professor Dr. Gonçalo Furtado Lopes

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Gonçalo Furtado Lopes pela dedicação e sabedoria e empenho neste percurso

Aos meus pais pelos sacrifícios, pelo apoio incondicional e pela educação.

Aos meus amigos Renato, Marco, Sousa, José e Emanuel.

Ao apoio incondicional dos restantes amigos

À professora Silvia pela apoio e ajuda nos momentos mais difíceis.

Resumo:

O presente trabalho foi motivado pela minha vivência na cidade do Porto durante o meu percurso académico. Na finalização deste percurso aproveitei para aprofundar o meu conhecimento sobre a cidade e os equipamentos que nela cruzamos.

O Porto transforma-se no tempo e os equipamentos acompanham essa evolução, integrando e qualificando a estrutura urbana. Neste exato estudo aborda-se os vários períodos de desenvolvimento urbano, em crítica os séculos XX/XXI. Interessa-nos compreender as várias fases de transformação/expansão e sobre esta análise histórica, pretende-se entender o posicionamento de vários equipamentos na evolução da estrutura urbana, ao longo do século XX/XXI. A dialética entre o equipamento-cidade, retira-se o entendimento do equipamento como expressão de urbanidade, em adjetivos como: Dinamizadores, centralizadores, estruturadores e transformadores. Nesta análise recorreu-se a bibliografia histórica, cartografia, visita ao edificado, fotografia e desenhos técnicos.

No primeiro capítulo: Enquadramento histórico do Porto exploramos a formação da cidade nos períodos anteriores ao século XII, do séc. XII-XIV, do século XV-XIX e séc. XX-XXI. Focamo-nos no século XX-XXI nas fases de desenvolvimento da cidade, elencando a totalidade dos equipamentos de relevância com base numa análise conjunta da bibliografia relativa ao Porto, atendendo a parâmetros como: programa, linguagem arquitetónica, inserção urbana e escala. Diminuíram os equipamentos sobre qual se aplica a análise, enaltecendo diversidades e contributos. Desta sistematização resulta que as seis vintenas correspondente a fases de desenvolvimento urbano, coincidam com três fases/princípios relativos à oscilação de relações entre equipamento-cidade. Os equipamentos a nosso ver passam de uma condição de **centralizadores**, num contexto urbano definido, para equipamentos **dinamizadores/estruturadores** de contexto em desenvolvimento, a equipamentos **mobilizadores/transformadores**.

Conclui-se que no Porto houve sempre estes equipamentos e que no século XX/XXI, analisado em seis períodos de desenvolvimento urbano, o equipamento caracteriza-se pela evolução ocorrida, ainda que tardiamente, na transformação atual da cidade.

Palavras-Chave:

Urbanidade; Desenvolvimento Urbano; Cidade; Programa; Equipamentos;

Abstract:

The present work was motivated by my experience in the city of Porto during my academic career. At the end of this course I take the opportunity to deepen my knowledge about the city and the equipment that intersect it.

Porto is transformed over time and the equipments follow this evolution, integrating and qualifying the urban structure. In this exact study we approach the various periods of urban development, critically the XX/XXI centuries. We are interested in understanding the various phases of transformation/expansion and on this historical analysis, we intend to understand the positioning of various equipment in the evolution of urban structure, throughout the twentieth century/XXI. The dialectic between the equipment-city, the understanding of the equipment as an expression of urbanity, in adjectives such as: Dinamizadores, centralizers, structuradores and transformers. In this analysis, we used historical bibliography, cartography, visits to the buildings, photography and technical drawings.

On the first chapter: The Historical Framework of Porto explores the formation of the city in the periods prior to the 12th century, the 12th-14th century, the 15th-19th century and the 20th-20th century. We focus on the XX-XXI century in the city's development phases, listing all the relevant equipment based on a joint analysis of the bibliography on Porto, taking into account parameters such as: program, architectural language, urban insertion and scale. The equipment on which the analysis is applied was reduced, highlighting diversities and contributions. From this systematization results that the six twenty corresponding to phases of urban development, coincide with three phases/principles regarding the oscillation of relations between equipment-city. In our view, the equipment goes from being **centralizers** in a defined urban context to being **dynamic/structuring** equipment in a developing context, to **mobilizing/transforming** equipment.

We conclude that in Porto there have always been these equipments and that in the XX/XXI century, analyzed in six periods of urban development, the equipment is characterized by the evolution in it, even if belatedly, in the current transformation of the city.

Keywords:

Urbanity; Urban Development; City; Program; Equipment;

Introdução:

O presente trabalho foi motivado pelo desejo de conhecer a cidade em que se deu a minha formação, o Porto, procurando compreender a relação das escalas das arquiteturas e a estratégica e contributo dos equipamentos marcantes no desenvolvimento da cidade.

A cidade, sistema complexo de elementos e relações, possui várias leituras. A leitura dos equipamentos é essencial para a compreensão do conjunto, sendo os edifícios que promovem o desenvolvimento urbano e contribuem para a transformação. A leitura do conjunto compreende as diferentes épocas, na transformação do território e com distintas relações entre a arquitetura dos equipamentos que se inserem no todo.

A arquitetura de intervenção em diferentes momentos na cidade, introduz programa/espço que é simultaneamente elemento estruturante do ambiente/contexto. Neste sentido, pretende-se explorar as relações equipamento/cidade, no processo de desenvolvimento urbano, em diferentes períodos do século XX e XXI.

Objeto:

Como elemento importante para o processo urbano, a história do desenvolvimento de cidades intersecta-se com a dos equipamentos, em regra, no processo inerente ao desenvolvimento do estudo. O objeto de estudo desta dissertação centra-se na relação dos equipamentos com o desenvolvimento da cidade do Porto, na transformação do contexto urbano, proporcionado por essas arquiteturas.

Assim, em primeiro lugar analisam-se as várias fases da cidade até ao século XXI, através do cruzamento de material bibliográfico, cartográficos e visita ao edifício. Em segundo lugar, será realizado um levantamento do universo de equipamentos que surgem ao longo do século XX e XXI (aproximadamente centenas). De acordo com o cruzamento das fontes bibliográficas, elenca-se um conjunto mais reduzido, apontando aspetos de novidade do equipamento face ao desenvolvimento da cidade. Esta análise é acompanhada da realização de esquemas que enquadram a relação estabelecida entre o equipamento e a cidade.

Segue-se uma análise as diferentes situações de equipamentos na sua interpelação com a cidade, na qual se atribuem adjetivos que caracterizam a relação equipamento/cidade em cada conjunto das fases de desenvolvimento urbano. Assim as seis fases de desenvolvimento urbano compreendem 3 fases

de relação do equipamento: **centralizadores/dinamizadores**, de 1930/1960, **transformadores/reformuladores**, de 1960/1990 e o terceiro a **mobilizadores/transformadores**, de 1990 a 2020.

Assim, o objetivo deste trabalho é estudar a evolução urbana da cidade do Porto na relação com os equipamentos, no processo de desenvolvimento urbano.

Objetivos:

O presente trabalho teve como primeira motivação conhecer a cidade em que se deu a minha formação, (o Porto). Em si como lugar, numa relação de várias escalas de arquiteturas e compreender a estratégica e contributo dos edifícios/arquiteturas de equipamentos marcantes possuem no desenvolvimento da cidade. Por último, pretende-se identificar os principais equipamentos, elementos dos quais exemplificam as características principais em cada decénio/vintena do século XX e XXI.

Esta investigação tem como principal objetivo estudar a evolução urbana da cidade do Porto, a partir dos “*equipamentos*”, de que forma estas arquiteturas, de programa variados, se integram na cidade como elementos transformadores de contexto/escala/densidade, entre outros. Pretende-se compreender as transformações implementadas no território causadas pelo surgindo destes elementos.

Também se pretende, como objetivo, refletir o desenvolvimento da cidade, na importância que possui relativamente à sua estruturação ao longo dos séculos, nomeadamente nos séculos XX e XXI, bem como desenvolver uma reflexão de carácter analítico e crítico, permitindo uma melhor compreensão geral da cidade.

Assim pretende-se contribuir para o profundo conhecimento sobre a cidade do porto, tendo a particularidade de produzir uma análise a partir de um conjunto específico de equipamentos, de uma determinada seleção, para a compreensão de vários aspetos de cidade e das suas arquiteturas.

Metodologia:

Com base nos objetivos propostos, o trabalho possui uma metodologia dividida em dois momentos. Primeiro procedeu-se a um levantamento de bibliografias e cartografias, visitas aos locais para percepção do espaço e elaboração de desenhos. Segundo elaborou-se uma análise e exposição com base nessas leituras, materiais de apoio diversificado (cartografia/fotografia) da cidade, na sistematização de conhecimentos sobre “edifícios relevantes” na cidade. Paralelamente às leituras teóricas, enquadrou-se uma análise pessoal recorrendo ao desenho e síntese.

Desta forma, o primeiro capítulo “Desenvolvimento Urbano”, retrata uma recriação/exploração do desenvolvimento da cidade do Porto, desde a sua fixação até 1920 e que sinteticamente podemos dizer que compreende três subcapítulos “Desenvolvimento até ao séc. XIX; Século XX e Século XXI”. No segundo capítulo focamos no último século (1920-2020), em termos valorativos, identificando três fases equipamentos, ocorrida em **cinco épocas** permitindo descrever e compreender o processo evolutivo.

No Capítulo “Contributo dos equipamentos para o desenvolvimento urbano”, procede-se ao levantamento do universo de equipamentos (centenas) referenciados a partir de fontes bibliográficas tais como “guias de Arquitetura”, revistas e livros. A seleção de **meia centena** (reduzindo o universo) define-se sobre vários parâmetros como *programa, linguagem, inserção urbana*, entre outros. Enumera-se um conjunto reduzido de equipamentos que surgem na cidade ao longo do século XX e XXI, cruzando-se as fontes bibliográficas, destacando como conjunto representativo dos equipamentos, de acordo com os parâmetros referidos, no processo de transformação urbana. O Capítulo da conclusão “Considerações finais” consiste numa síntese crítica de três fases, apontando características dos equipamentos que contribuem para a transformação urbana durante as três fases, atendendo às alterações comportadas pela inserção de equipamentos (nas diferentes escalas, com a reformulação do lugar e a estruturação do tecido urbano). Explora-se ainda uma leitura em torno da relação **equipamento-cidade**, contribuindo para o debate sobre a temática, com a ideia dos equipamentos nos três períodos, caracterizados como **centralizadores, de 1930 a 1960, transformadores/reformuladores, de 1960 a 1990 e mobilizadores/transformadores, de 1990 a 2020**.

1- Desenvolvimento Urbano

Este capítulo procede a um enquadramento histórico da cidade do Porto, compreendendo os capítulos “O Desenvolvimento da cidade até ao Século XIX” e o “Desenvolvimento durante o Século XX” e “Desenvolvimento urbano no Século XXI”. Para tal socorremo-nos de autores principais como Bernardo Ferrão, Luís Ramos e Vítor Oliveira e secundários como Carlos Almeida, Corrêa Mendes e Manuel Teixeira, entre outros. Auxiliamo-nos também em revistase trabalhos académicos sobre o Porto, que se organizam segundo parâmetros de análise: a) de um modo geral; b) contexto local; e c) casos de estudo (obra/objeto).

“Ao descrever uma cidade, ocupamo-nos principalmente da sua forma; esta forma é um dado concreto que se refere a uma experiência concreta.”

(Aldo Rossi “Arquitetura da Cidade”, Edição de 2018)¹

1.1- O Desenvolvimento da cidade até ao Século XIX

1.1.1- Cidade:

A cidade do Porto encontra-se numa plataforma geológica litoral granítica, com boas condições naturais. O Douro entalha uma garganta² junto à cidade. O relevo apresenta a marca da hidrografia, refletindo as variações do nível do mar. A importância da definição morfologia da cidade é marcada por muitos cursos de água que se encontram canalizados e pela relação com rio, face a períodos geológicos anteriores “Würm”³. O Douro é o importante modelador do relevo, da paisagem e da urbanidade⁴. Os vestígios existentes da muralha do burgo junto da catedral expressam a evolução do núcleo originário da cidade, desde a sua fundação à atualidade.

A conquista do Noroeste peninsular após as guerras Cântabras⁵ originou uma transformação, pelo processo da romanização sobre a pré-existência dos castros. As reformas de Augusto sobre o Noroeste peninsular, habitado por Calaicos, Ástures e Cântabros, separam a Lusitânia pelo Douro integrando-se na província Tarraconense. A reorganização faz parte de uma estratégia administrativa, com base em centros urbanos servidos por uma rede viária, pela adaptação da morfologia espacial do castro

1 - ROSSI, Aldo, “Arquitetura da Cidade”, Edições 70, Lisboa, 2018, pág. 39;

2 - DAVEAU, Suzanne, “L’évolution géomorphologique quaternaire au Portugal, «Supl. Bol.», AFEQ, nº 50, INQUIA, 1977;

3 - Referência ao período glacial que descrever o último período glacial da região à milhares de anos, em que o vale do rio estaria mais encaixado, e a sua foz mais distante para ocidente da cidade, a cotas inferiores;

4 - Notas em Anexo;

5 - Referência ao período marcado por confrontos entre o Império Romano e os diferentes povos cântabros do Noroeste Peninsular de 29 a.C. – 19 a.C;

à estrutura romana e a uma política de desenvolvimento económico a partir da exploração das riquezas naturais, que resultou em alterações necessárias ao aproveitamento das potencialidades económicas do seu território⁶. Assiste-se ao emergir da Callaecia (Galécia) que se autonomiza a província nos finais do século III, até ao domínio asturiano, onde o Morro da Sé é denominado como *Calem*⁷. As denominações Portucale se justificaram-se pelo civitas Cale e pelo seu porto, e que dará nome ao nosso país. Começa-se a definir as fundações que vão originar a cidade a que chamamos Porto, sobre a importância do Morro da Sé⁸.

No seguimento da evolução de Portucale, existe um período caótico, marcado pelas invasões germânicas sobre o império romano do ocidente, fragmentando o império em províncias. Nesta época de domínio suevo e visigodo, assiste-se a uma instabilidade regional, e pela primeira vez, emerge o protagonismo portugalense, que se torna expressivo na alta idade média. Durante o domínio Suevo e Visigótico aumentou significativamente a ocupação, nomeadamente junto ao litoral do Douro, na zona ribeirinha. No final deste período, dá-se a conquista do Norte Peninsular pelos Muçulmanos (liderada por Abdelaziz), avançando pelo estreito de Gibraltar, em 712 d.c, subjugando a Lusitânia. Nestas investidas *Portucale* caiu no domínio muçulmano.

No entanto, em 820, Vímara Peres, senhor de guerra, cristão vassalo de Afonso III das Astúrias e fundador do burgo de Vimarani (atual Guimarães), foi responsável pela reconquista da região do Minho e do Douro aos muçulmanos. Durante 50 anos, a região ficou reduzida ao abandono até à presúria de *Portucale* pelo conde em 868, dando início ao repovoamento e à renovação urbana. A partir daí, *Portucale* adquire protagonismo político e militar, com a criação do respetivo condado. O Porto emergiu para a história, nas vésperas de haver Portugal⁹. No período medieval, o Porto caracteriza-se por uma cidade que se encontrava confinada dentro de um muro, lá no alto da Pena Ventosa, com um aspeto robusto, que marca quem lá passa¹⁰. Com a vinda de D. Hugo, em 1114, dá-se “*uma nova fase de relativa uniformidade quanto ao ritmo de expansão e desenvolvimento*”¹¹. É neste pequeno núcleo, contraído relativamente ao castro de outrora, que se agrupam os poderes políticos e religiosos¹². Dentro da cerca, sabe-se que em meados do século XII, havia uma ermida-catedral, um cemitério, casas do prelado (ou autoridade eclesiástica que dirigia uma prelazia), dos clérigos e casas dos moradores. Também continha

6 - RAMOS, Luís A. De Oliveira, “História do Porto”, Porto Editora, 1994, pag.81;

7 - Notas

8 - Notas

9 - RAMOS, Luís A. De Oliveira, “História do Porto”, Porto Editora, 1994, pag.120;

10 - Foi esta a imagem com que os cruzados ingleses se depararam na zona ribeirinha, a convite do bispo D. Pedro Pitões. Viram a cidade ainda pequena, com uma catedral-ermita.

11- BARROCA, Mário J., “As escavações de Mendes Correia na Cidade (1932) e as origens da cidade do Porto, «Arqueologia», nº 10, Porto, 1984;

12 - PERES, Damião, “História da Cidade do Porto”, volume I e III, Civilização Editora, 1965, Porto pag.

um paço municipal, em madeira sobre as fundações da antiga ermita visigótica, junto à Sé.

É a partir deste momento que lentamente o Porto arranca para fora da cerca velha, fenómeno comum no Ocidente, e mais tardio em Portugal. Só depois das conquistas de Santarém e Lisboa em 1147, se assegura o domínio litoral sobre o Tejo é que as regiões do Norte adquiriram segurança. O Porto cresceu com o assegurar da Estremadura e Beiras, uma vasta região a norte e sul do Douro. Como refere Oliveira Ramos, o Porto “*cidade-mínima*” atrás de uma cerca com apenas uma ermita no fundo, a uma cidade chamada Vila Baixa, na baixa portuense. A cidade cumpre-se junto ao rio, já não se exprime como “vila do bispo”, mas antes como um cruzamento viário”¹³. O morro torna-se denso, mais emaranhado no núcleo da nova cidade em expansão. Com a nova imagem de “Porto-cidade”, esta distancia-se da relação com o bispo, abraçando a burguesia (ver mapa nº1).

O desenvolvimento urbano dos finais do séc. XIV é expresso pelo crescimento urbano em vários sentidos, em direção aos arrabaldes pelas vias de comunicação mais importantes (Ruas Direitas e Ruas Novas) e em direção ao centro do burgo primitivo¹⁴. Apresentam-se mais retilíneos e largos que a generalidade dos arruamentos na época (sinuosos), conduzindo de forma mais direta e rápida ao centro da urbe medieval¹⁵. Estes eixos foram construídos em várias cidades portuguesas, nomeadamente Lisboa, Santarém, Porto e Évora, que adquiriram uma grande importância para a redefinição dos eixos estruturantes da urbe e das atividades comerciais cada vez mais impactantes¹⁶. No Porto foram abertos por ordem de D. João I, tendo um impacto urbano na dinâmica da cidade, para a redefinição da zona ribeirinha e respetiva ligação à cota alta. Com a expansão da cidade, tornava-se evidente a necessidade de outra cerca, que se apelida de fernandina, sob autoria de D. Afonso IV¹⁷. A muralha era funcional, defensivamente e capaz de responder à necessidade do viver urbano, com a permeabilidade necessária dos moradores, do fluxo mercantil, utilizando um sistema de portas e postigos ao longo da muralha. Em 1402, como refere J. Ferreira, são referidas oito portas e quatro postigos¹⁸. Desses acessos, nove situavam-se na zona ribeirinha, dada a relação com o rio e a zona de tráfego citadino/mercantil.

Durante a segunda metade do séc. XV e inícios do séc. XVI, assistiu-se a um movimento de renovação e expansão urbanística, associado à estruturação viária, de espaço público e edificado, quer institucional, quer residencial (bairros), segundo princípios urbanísticos de regularidade. Faz-se a

13 - RAMOS, Luís A. De Oliveira, “História do Porto”, Porto Editora, 1994, pag.135;

14 - ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; BARROCA, Mário Jorge – História da Arte em Portugal: O Gótico..., 2002, p. 136;

15 - Ibi Idem, pag. 141;

16 - TEIXEIRA, Manuel C.; VALLA, Margarida – O Urbanismo Português: Séculos XIII-XVIII Portugal-Brasil, Livros Horizonte, 1999, p. 30;

17 - RAMOS, Luís A. De Oliveira, “História do Porto”, Porto Editora, 1994, pag.138;

18 - *Vereações* (anos de 1401-1449), ed. J. A. P. Ferreira, Porto, 1980; - Corresponde a uma lista incompleta, apenas refere as portas que encerravam durante a noite;

referência da construção do convento dos Lóios e de Santa Clara. Foram adotadas medidas de regulamentação, de ordenamento, de higienização e de manutenção, que expressam a preocupação pelo estado insalubre da urbe, relativamente à densificação do casario e das ruas estreitas e sinuosos que dificultam a drenagem das águas e dos esgotos.¹ O Porto desenvolvia-se em torno de vários núcleos urbanos que dominavam o perfil do burgo. A intervenção régia na zona ribeirinha, provocou uma mudança nos critérios de poder, tendo os clérigos sido remetidos ao Morro da Sé. Nos finais do séc. XV, com o aforamento dos terrenos da cerca conventual Dominicana, procedeu-se a edificação e a abertura de novos arruamentos, que permitiram a rápida urbanização das margens do Rio da Vila até a Rua dos Carros².



fig.2 – Farol do Anjo



fig.3 – Mosteiro de São Bento da Vitória



fig.4 – Torre da Marca



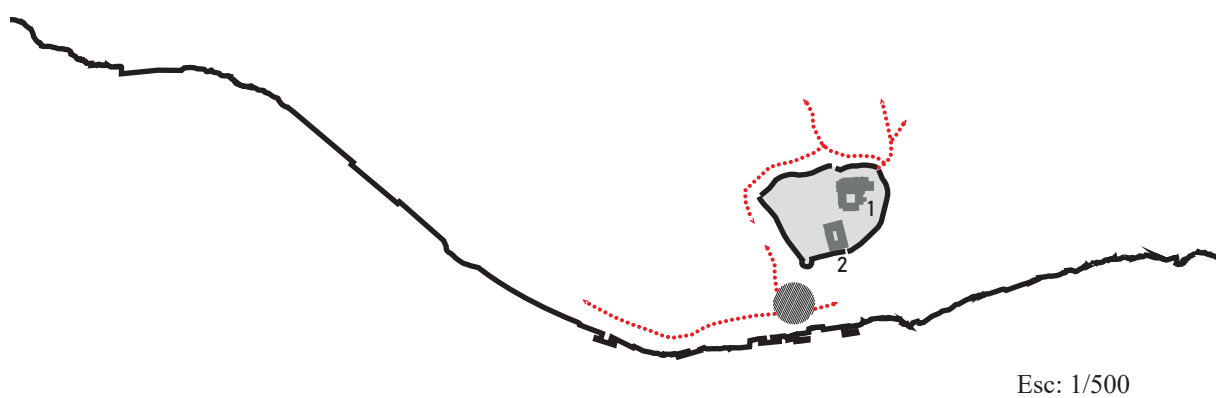
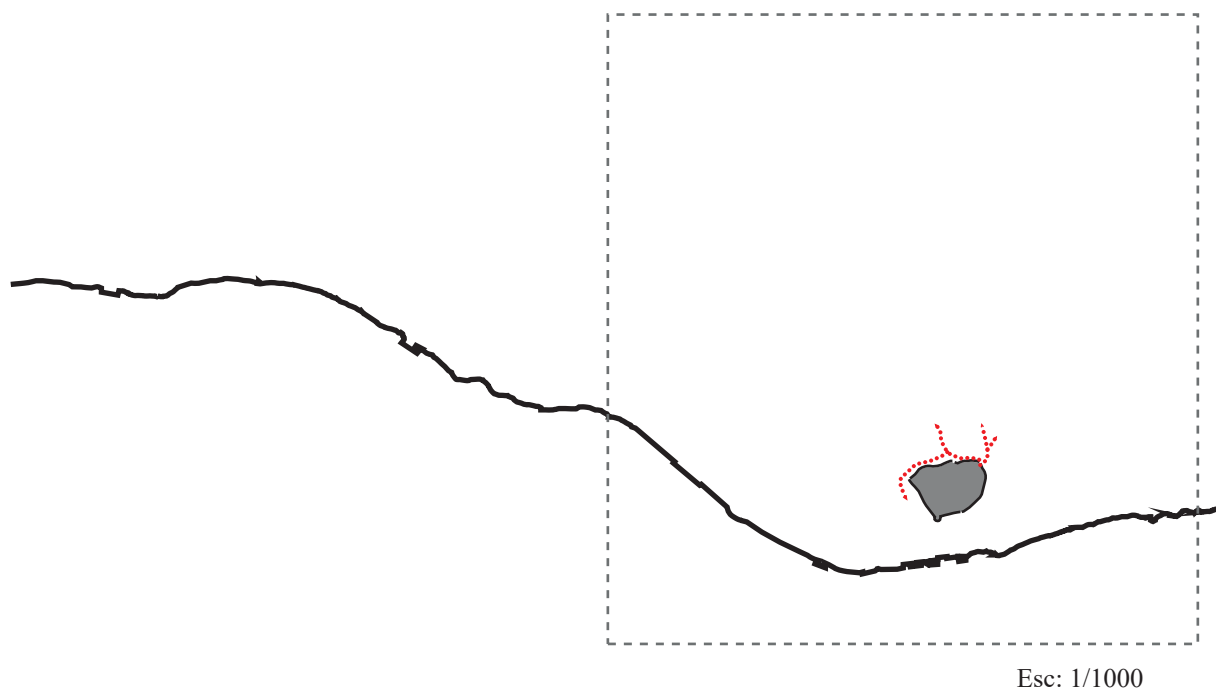
fig.5 – Rua das Flores



fig.6 – Rua de Santa Catarina

1 - ROSSA, Walter, “A urbe e o traço: uma década de estudos sobre o urbanismo português. Coimbra: Almedina”, Livraria Almedina, 2002, pag.242;

2 - REAL, Manuel Luís, TAVARES, Rui – “Bases para a compreensão do desenvolvimento urbanístico do Porto”. Povos e Culturas, nº 2. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa”, 1987, pag. 399;



Equipamentos:

- 1 Local da ermita (atual Sé Catedral)
- 2 Paço Episcopal

Planta do século XII:
Desenvolvimento do núcleo da Sé

No séc. XVI, Portugal entra em crise de sucessão, pela ausência de um sucessor direto ao trono português. O trono é sucedido por Filipe I, II de Espanha, que dá início à dinastia dos Filipes em Portugal, terminando no séc. XVII. Neste período ocorreram transformações sócioeconómicas na cidade, que geraram fluxos de desenvolvimento urbano. As reformas aplicadas ao setor mercantil, entre outras medidas, que vieram contribuir urbanisticamente, para algumas mudanças, tendo sido dada prioridade à continuação da urbanização das margens do Rio da Vila e ao eixo de ligação da zona ribeirinha à Porta dos Carros¹⁹. Neste contexto de urbanização da cidade, e no caso das margens do Rio da Vila, surgiram edificações que vieram alterar o panorama urbano. A construção dos **mosteiros de S. Bento de Avé Maria** em 1518, o **mosteiro de São Bento da Vitória** nos finais do século, o **farol do Anjo** em 1538, a **Torre da Marca** em 1542, sinalizando à navegação pela barra do Douro²⁰ e a Igreja de São João da Foz em 1546, constituindo uma importância para o desenvolvimento da povoação da Foz do Douro. São também abertos os eixos estruturantes de Santa Catarina e das Flores em 1521²¹. ver figura nº2

No séc. XVII, ainda sobre domínio espanhol por Filipe II, III de Espanha, dá-se um desenvolvimento espontâneo na cidade. Densificou-se o interior das muralhas com o aumento da população, e registou-se alguma expressão nas laterais das ruas de saída da cidade. Neste contexto, foram erguidos edifícios importantes, como a construção do primeiro **Tribunal da Relação** em 1607, e as **Igrejas; Das Carmelitas Descalças** em 1658 e dos **Congregados do Oratório** em 1680. Para aliviar a pressão urbana, surgiram os espaços verdes, de cariz público, sendo aberto o primeiro jardim, a Alameda-jardim da Cordoaria, plantada por iniciativa régia. Foram progressivamente requalificando locais com potencialidade para uso público, como os chafarizes no campo das hortas, de nossa senhora da batalha e o dos flamengos. Nos finais do século XVII, os espaços públicos assumem mais representativos e em maior quantidade do que no início do século. Procede-se à urbanização do Campo das Hortas e dos vários rossios presentes na cidade, seguindo o exemplo da Praça da Ribeira quanto a sua espacialidade. Contudo, os espaços públicos extramuros desenvolvem um papel importante na expansão da cidade, sendo elementos estruturantes para o desenvolvimento²².

19 - Ibi Idem, pag. 400;

20 - MOREIRA, Rafael, “Arquitectura: Renascimento e classicismo. In: PEREIRA, Paulo (Dir. de) – História da arte portuguesa. Lisboa: Temas e Debates, 1995-1999, vol. 2, pag. 303;

21 - OLIVEIRA, José Manuel Pereira de – “Espaço urbano do Porto: Condições Naturais e desenvolvimento”, Centro de estudos Geográficos Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1973, pp. 242-243;

22 - RAMOS, Luís A. De Oliveira, “História do Porto”, Porto Editora, 1994, pag.263;



fig.7 – Casa Museu Guerra Junqueiro



fig.8 – Igreja de Santo Ildefonso



fig.9 – Igreja da Misericórdia



fig.10 – Igreja de Nossa Senhora da Lapa



fig.11 – Igreja de Nossa Senhora do Terço



fig.12 – Igreja e Torre dos Clérigos



fig.13 – Antigo Tribunal da Relação

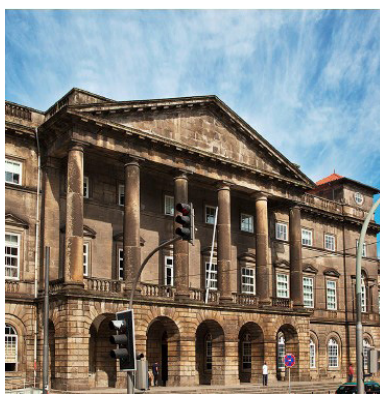


fig.14 – Hospital Santo António



fig.15 – Quartel de Santo Ovídio

No início séc. XVIII, a cidade encontra-se ainda confinada dentro das muralhas, com características medievais e com pouca expressão fora das muralhas em relação ao século anterior. Contudo é neste período que a cidade se vai transformar e avançar com mais presença para fora da muralha através do plano Almadino de João de Almada e Melo. O plano interveio para renovar a cidade e ordenar o seu crescimento, principalmente nas vias de principal acesso da cidade. Foram reestruturadas as Ruas de Cedofeita, de Santa Catarina, Rua Direita (atual Rua de Santo Ildefonso), do Reimão, (atual Avenida Rodrigues Freitas, dos Quartéis (atual Rua de D. Manuel II), a Calçada da Natividade, (atual Rua dos Clérigos), a Rua Nova das Hortas, seguindo conceitos de unidade urbana, onde se privilegia o conjunto arquitetónico e não o edificado isolado. Deste plano resultaram novas praças e ruas, como a praça de São Roque (entre a Rua do Souto e a Rua das Flores), a praça de Santo Ovídio, a renovação da praça da Ribeira, a abertura das ruas de São João e do Almada, com um perfil mais amplo e com passeios, formando um eixo longitudinal estruturante na cidade, desde a praça da Ribeira até a Praça de Santo Ovídio²³. Ao conjunto das intervenções do plano, juntam-se as várias obras e reconstruções do edificado, tais como o Palácio do Freixo, em meados do século, obras na capela-mor da Sé em 1729, a **Casa-Museu Guerra Junqueiro** em 1730, a **Igreja de Santo Ildefonso**, no cimo da rua Direita, em 1739, a reconstrução e fachada da Igreja da Misericórdia em 1748, a **Igreja da Nossa Senhora da Lapa** em 1755, a reconstrução da Igreja de Nossa Senhora da Vitória em 1755, a **Igreja da Nossa Senhora do Terço** em 1759, a **Igreja e Torre dos Clérigos** (1763); reconstrução do Tribunal da Relação em 1765, o início da construção do **Hospital de Santo António** em 1770 e a construção do Quartel de **Santo Ovídio**, em frente à Praça de Santo Ovídio²⁴. Nos finais do séc. XVIII, a cidade afirma-se fora das muralhas e expande-se progressivamente para as zonas periféricas. A muralha deixa de ter utilidade, sendo demolida gradualmente conforme a cidade se desenvolve²⁵.

No séc. XIX, a forma da cidade começa a transformar-se em relação aos períodos anteriores, suportada pela rua do Almada e pelas cinco vias de saída da cidade. Neste período, com base na análise das cartografias de 1813, 1839, 1865, 1892, definem-se três áreas para caracterizar as evoluções da estrutura urbana. A primeira área, compreendida entre a rua do Calvário, calçada dos Clérigos, largo Santo Ildefonso, a rua do Postigo Sol e o Douro. Uma outra área central alargada, compreendida entre as ruas de Cedofeita e Santa Catarina, tendo a praça da República como limite Norte. Por fim, a área periférica, estruturada pelas cinco vias de saída da cidade, Matosinhos, Viana do Castelo, Braga, Guimarães e Penafiel.

23 - ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira, “O Porto na Época dos Almadins: Arquitetura. Obras Públicas”, Faculdade de Letras do Porto, Porto, 1990, pág. 203;

24 - RAMOS, Luís A. De Oliveira, “História do Porto”, Porto Editora, 1994, pág. 381;

25 - FERRÃO, Bernardo José, “Projeto e Transformação Urbana do Porto na Época dos Almadins 1758/1813”, Edições FAUP, 1989, Porto, pág. 205;

A Planta de 1813, de George Balck, no interior do núcleo central identificam-se como estruturantes, as Ruas das Flores e de Belmonte com um traçado orgânico, e as ruas dos Ingleses (atual rua do Infante D. Henrique) e de S. João, com um desenho regular, afirmando-se a última como troço inicial que se prolonga através da Rua do Almada, eixo central de expansão da cidade do século XIX. Nas ruas novas, o edificado segue um parcelamento regular, utilizando elementos modelares que se repetem na composição das fachadas. Como refere Vítor Oliveira, para além das duas primeiras áreas (núcleo e área central alargada), destacam-se duas zonas onde se desenha uma malha ortogonal. Uma a Norte do Hospital de Santo António e outra corresponde ao Bonfim. A primeira zona é estruturada pelas ruas de Adolfo Casais Monteiro, do Rosário, de Miguel Bombarda e do Breiner. A segunda zona mais consolidada é estruturada pelas ruas de Santa Catarina, da Alegria, Formosa e Fernandes Tomás.²⁶ Ainda neste período, menciona-se a memória da ponte das barcas (1806-1809) e a construção da Real Academia Marinha e o Comércio da cidade do Porto (1807).²⁷

A planta de 1839, de Joaquim da Costa Lima, apresenta um conjunto de alterações relativamente à cartografia de 1813, para além da consolidação das duas zonas identificadas na planta anterior, contidas na área periférica. A planta permite identificar duas zonas de urbanização. Uma assenta no prolongamento da rua da Boavista para Poente, a outra localiza-se a Nascente da praça da República e estruturada pelas ruas Gonçalo Cristóvão e de Camões. A zona a Norte dos Hospital de Santo António traduz-se na edificação das ruas abertas no início do século. Na zona do Bonfim traduz-se pelo edificado na abertura da Rua Firmeza e pelo prolongamento das ruas de Fernandes Tomás e da Alegria.²⁸ Neste período salienta-se também a abertura do jardim de São Lázaro em 1834, a arborização da Praça Nova (atual Praça da Liberdade) em 1838 e a abertura ao público do **Mercado do Anjo** e do **Bolhão** em 1839.

A Planta de 1865, de Perry Vidal, apresenta no interior do núcleo central, a construção do Palácio da Bolsa, demarcando assim um novo centro financeiro e simbolizando o poder da associação comercial, criada em 1813. Na área periférica, regista-se evolução de três zonas identificadas anteriormente. Na zona norte do Hospital de Santo António, regista-se o prolongamento da Rua Adolfo Casais Monteiro, e a edificação quase completa dos eixos Nascente-Poente nas ruas do Breiner e de Miguel Bombarda. Na zona do Bonfim, identifica-se a abertura de duas novas ruas, Santos Pousada e Moreira, que vão cosendo a malha existente. Em terceiro, o prolongamento da rua da Boavista e a construção de um equipamento estruturante no extremo desse eixo, o **Hospital Militar**. Pode verificar-se que o ritmo

26 - OLIVEIRA, Vítor Manuel Araújo, “A Evolução das Formas Urbanas de Lisboa e Porto nos Séculos XIX e XX”, Porto, U.Porto editorial, 2013, pag.113;

27 - SILVA, Augusto Santo – A Burguesia Comercial Portuguesa e o Ensino da Economia – O exemplo da Escola do Porto (1837 - 1838) «Análise Social», nº 61-62, Lisboa, 1980, pag. 364-366;

28 - OLIVEIRA, Vítor Manuel Araújo, “A Evolução das Formas Urbanas de Lisboa e Porto nos Séculos XIX e XX”, Porto, U.Porto editorial, 2013, pag.114;

de construção do edificado não acompanha o ritmo de construção do traçado da Boavista. A quarta zona situa-se a Nascente da Praça de Santo Ovídio e não sofreu alterações significativas nos 16 anos que separam as duas plantas. Por último, regista-se a construção da **Alfândega** em 1840, a construção do **Palácio de Cristal** em 1865, na zona Ocidental da cidade, pontuando de forma decisiva o início da expansão para poente²⁹. Salienta-se também neste período, a inauguração da **Ponte Pênsil** em 1843 e a ligação ferroviária de Lisboa a Vila Nova de Gaia com terminal na estação das Devesas em 1864.

A Planta de 1892, de Augusto Teles Ferreira, representa a totalidade da cidade, incluindo a Foz. A área central alargada passa delimitar-se pelas Ruas de Cedofeita, Boavista, Antero de Quental, Constituição e Santos Pousada. Na área periférica é visível o desenvolvimento de dois eixos Nascente-Poente, a Avenida da Boavista (aberta até a Fonte da Moura em 1892) e a Rua da Constituição. No núcleo central, a Rua do Mouzinho da Silveira torna-se o principal eixo de comunicação entre a ribeira e a Praça da Liberdade. Relativamente às áreas periféricas em expansão, a Norte do Hospital de Santo António, encontra-se estabilizada, com os mesmos limites, enquanto na Lapa e Bonfim, continuou o desenvolvimento da malha. Na parte Oriental da cidade, constata-se o desenvolvimento de um conjunto de ruas de traçado radial em volta do Largo do Cemitério do Prado do Repouso e que constituem a estrutura base dessa área. Salienta-se também as várias estruturas que surgem no intervalo temporal, como a Inauguração do troço ferroviário da linha do Minho até às freguesias de Nine, na linha do Douro até Penafiel e a conclusão da ligação entre a estação da Boavista e a Póvoa de varzim em 1875. Regista-se ainda a inauguração da **Ponte D. Maria**, que permite a passagem do comboio para o Porto em 1877, a construção do Porto de Leixões em 1884-95, o ajardinamento da Praça do Infante D. Henrique em 1887 e a abertura do **Mercado Ferreira Borges**³⁰ (ver mapa n.º2).

29 - OLIVEIRA, José Manuel Pereira de – “Espaço urbano do Porto: Condições Naturais e desenvolvimento”, Centro de estudos Geográficos Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1973, pp. 330;

30 - SOUSA, Fernando de – Jornal de Notícias. A memória de um Século (1888-1988), Porto, 1989;

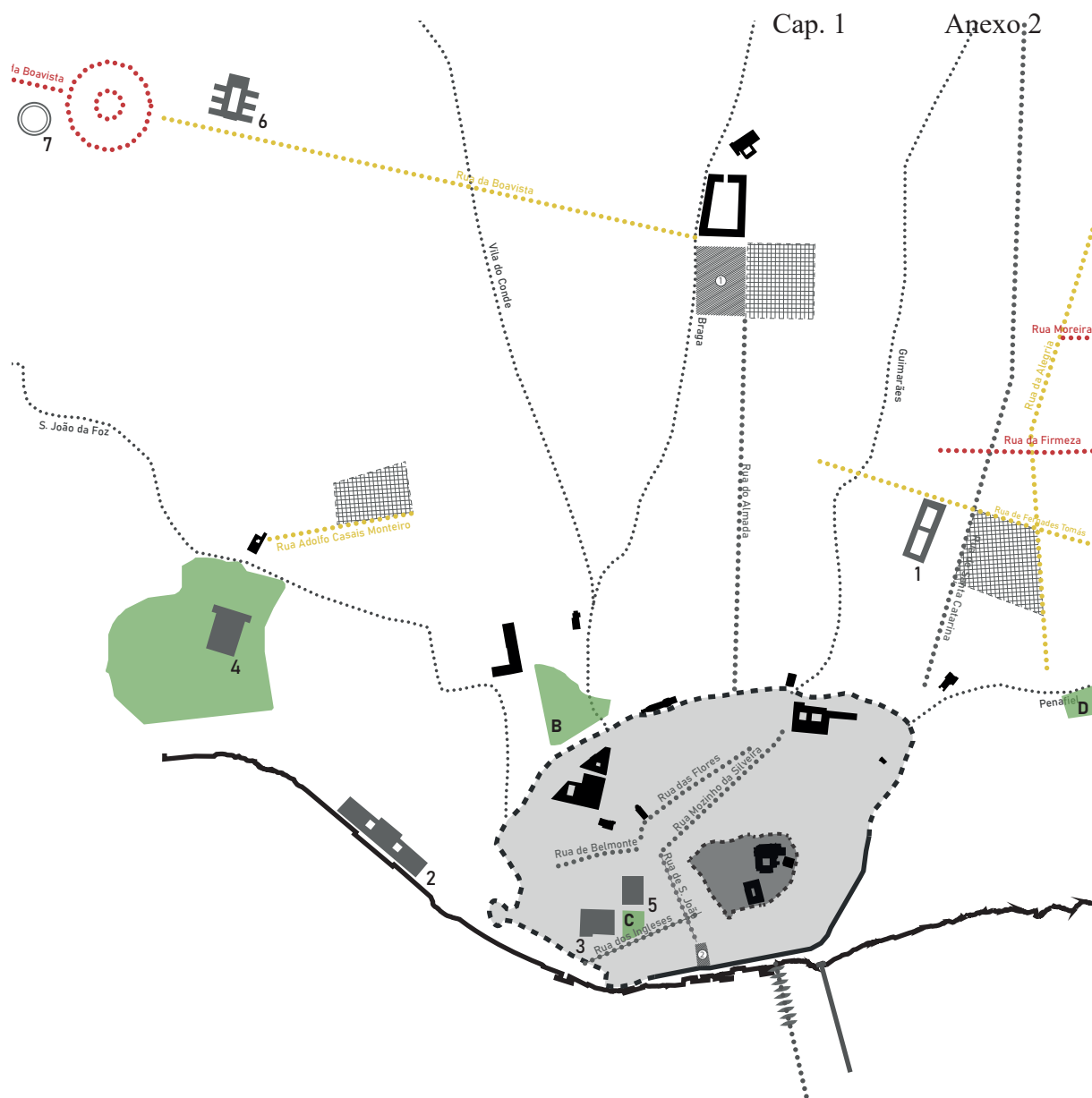
Notas:

- 4- - As populações ribeirinhas viram nos rios, elemento essencial, uma forma de comunicação e de comércio, destacando a sua navegabilidade)³¹. Sempre foi determinante para o desenvolvimento económico e sócio cultural das comunidades. Existem vestígios pré-históricos do homem na região do Porto, conforme constam diversos achados, de vários períodos, assinalando uma ocupação desde há muito tempo. Os vestígios de ocupação apontam uma implantação paradigmática, sobre pontos estratégicos, segundo a topográfica, em pontos salientes e remates de esporões, de altitude média, visando o controlo das bacias, em relação às zonas agrícolas e de exploração de recursos, de acesso a vias de comunicação e comercialização, construindo um sistema económico, que se adequa à excelência das condições observadas no Morro da Sé³².
- 6- - “Derivando do etnónimo os Calaicos (*Calaeci*) de um radical (*cal-*) assimilado do topónimo de um castro com esse nome (*Cale*)...³³, um posto intermédio na rota Norte-sul, de Lisboa (*ab Olisipone*) até Braga (*Bracara*), situado aproximadamente a 13 milhas de *Lancobriga* (Castro de Fiães, Santa Maria da Feira) e a 35 milhas de *Bracara* (Braga), ou seja, a 18 km e 48 km para o outro.
- 7- - Geograficamente define-se como morro da Pena Ventosa, embora seja mais comum Morro da Sé, derivado da implantação da Sé nesse alto).

31 - MORENO, Humberto Baquero, “A Navegabilidade do rio Douro nos séculos XVI e XVII, «Gaya», nº 5, Vila Nova de Gaia, 1990;

32 - CORRÊA, Mendes, “As Origens da Cidade do Porto” 1935, 2ª edição (revista e ampliada), pag.13;

33 - Ibi Idem, pag.83;



Esc: 1/500

Equipamentos:

- 1 Mercado do Bolhão
- 2 Alfândega
- 3 Palácio da Bolsa
- 4 Palácio de Cristal
- 5 Mercado Ferreira Borges
- 6 Hospital Militar Regional D. Pedro V
- 7 Real Coliseu Portuense

Jardins:

- A Jardins do Palácio de Cristal
- B Jardim da Cordoaria
- C Praça-Jardim dos Ingleses
- D Jardim de São Lazaro

Arruamentos:

Ruas estruturantes:

- Rua do Almada;
- Rua de Belmonte;
- Rua das Flores;
- Rua dos Ingleses
- (atual Rua do Infante D. Henrique)
- Rua Mozinho da Silveira;
- Rua de Santa Catarina;

Novos arruamentos:

- Av. da Boavista;
- Rua Moreira;
- Rua da Firmeza;
- Rua Santos Pousada;

Ruas prolongadas:

- Rua Adolfo Casais Monteiro;
- Rua da Alegria;
- Rua da Boavista;
- Rua de Fernandes Tomás;

Planta do século XIX:
Desenvolvimento do núcleo Fernandino

1.2- Desenvolvimento durante do Século XX

A cidade do Porto possui ao longo do tempo (especialmente no século XX), uma transformação profunda e acelerada. É neste período que a cidade projeta a sua identidade e transforma a leitura fragmentada, dispersa pelo território, numa urbanidade interligada, sem retirar a essência desses momentos urbanos. A ruralidade dominante transformou-se num aglomerado extenso.

“A cidade de ontem é hoje metrópole.” (Ramos, 1994)

1.2.1- Cidade

No início do século XX, pelos registos apontados pela planta de 1903, de M. Cortez, destaca-se a conclusão da Avenida da Boavista, “uma espécie de diretriz da urbanização portuense”³⁴, completando a ligação aberta pela rua da Boavista, implementado uma estrutura que progressivamente adquiriu importância no desenvolvimento da parte ocidental da cidade. Observam-se os desenvolvimentos a ocidente, com a abertura de novas ruas na Foz, tais como ruas do Molhe, de José de Carvalho e os arranjos da Rua de João de Deus. Entretanto, noutro contexto, são abertos os troços iniciais da rua do Dr. António Bernardino de Almeida, no lugar da Bouça. Na zona de Paranhos, são abertos um conjunto de arruamentos, tais como a rua de Costa e Almeida, entre a Praça de Nove de Abril e a de Campo Lindo, um troço parcial da rua da Aliança e parte intermédia da atual rua de Faria de Guimarães, bem como algumas ruas pequenas como a travessa de Antero de Quental, as ruas de Moreira da Assunção e de João de Oliveira e Ramos. Noutro contexto, entre a Foz e a Avenida da Boavista, avança-se com a abertura de uma série de ruas com ligação à avenida de Fernão Magalhães, tais como a rua de Barros Lima, até à interseção com a rua Nova de São Crispim (entretanto aberta). O mesmo sucedeu no contexto das Antas e Campanhã, com a abertura do troço terminal da rua das Antas, que liga com as ruas da Nau Trindade, de Cunha Espinheira e de Aires de Ornelas, bem como a retificação da parte terminal da rua do Falcão.³⁵ Neste período surgem na cidade os equipamentos de referência como, a **Estação de S. Bento** em 1916, o **Teatro de S. João** em 1920, os **Grandes Armazéns Nascimento** em 1928, a **Avenida dos Aliados** em 1917, o **Liceu Rodrigues Freitas** em 1932 e o **Edifício “A Nacional”** em 1924.

A partir dos registos da carta de 1937, realizada pela Câmara Municipal do Porto, para além dos arruamentos e dos espaços construídos, neste momento torna-se possível abandonar a ideia do Porto

34 - OLIVEIRA, José Manuel Pereira de – “Espaço urbano do Porto: Condições Naturais e desenvolvimento”, Centro de estudos Geográficos Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1973, pag.330-331;

35 - Ibi Idem, pag.330;

como um urbanismo fragmentado e pouco orgânico. Isto é, segundo José Oliveira, “a cidade procura ser um ambiente harmonioso”³⁶ para o homem poder: “*habitar, trabalhar, cultivar o corpo e espírito e circular*” (José Oliveira, 1973). Desta forma nas décadas de 1920 a 1940, pelos registos apontados pela planta de 1937, destaca-se a estruturação de eixos urbanos secundários com o intuito de promover o desenvolvimento de determinadas zonas. Refere-se a importância da conclusão da Avenida Marechal Gomes da Costa, que estabeleceu a ligação entre a Avenida da Boavista e São João da Foz e veio colmatar a falta de desenvolvimento lateral. Outros casos semelhantes acontecem na Avenida de Antunes Guimarães, ligando a Avenida da Boavista com o contexto a Norte da Avenida. Denota-se ainda o prolongamento da rua da Constituição até ao eixo da Avenida Fernão Magalhães e a abertura da Avenida dos Aliados, segundo o projeto de Barry Parker em 1915, onde o centro da cidade adquire uma perspectiva diferente, ganhando monumentalidade e protagonismo.³⁷ Neste período surgem os equipamentos de referência como, a **Casa de Serralves** em 1944, a **Brasileira** em 1925, o **Teatro Municipal do Rivoli** em 1932, a **Garagem “O Comércio do Porto”** em 1932, **Armazéns Frigorífico de Massarelos** em 1934, o **Liceu Alexandre Herculano** em 1934, o **Edifício da Antiga Faculdade De Medicina do Porto** em 1935, a **Cooperativa Pinheiro Manso** em 1935, a **Garagem Passos Manuel** em 1938, os, o **Coliseu do Porto** em 1940 e o **Bloco habitacional Duque de Saldanha** em 1941.

Nas décadas de 1940 a 1960, pelos registos cartográficos da carta militar de Portugal de 1948 e da planta 1960 da Câmara Municipal do Porto, a cidade vai-se expandindo em todas direções, tendo neste período ocorrido grande desenvolvimento com a criação novas manchas urbanas e estruturas de conexão com diversas cidades³⁸. Na planta de 1960 dá-se o desenvolvimento urbano da Foz, na continuação da malha com a Avenida da Boavista entra a Avenida Antunes Guimarães e a recentemente aberta rua de S. João de Brito. Neste período, como em muitos locais da cidade, surge uma nova realidade que irá marcar toda a paisagem urbana do Porto. A construção de habitação social (em altura), blocos isolados com quatro a cinco pisos, em galeria e com uma implantação que quebra a tradicional ligação entre espaço público e edificado. Estes bairros são dispostos segundo pontos chaves para o desenvolvimento equilibrado da cidade, como o caso do Bom Sucesso, sendo esta favorecido pelo tecido consolidado, e na Agra do Amial, do Outeiro e tantos outros, mais condicionados pela fraca continuidade dos tecidos. Nas imediações da Avenida da Boavista, salienta-se a estruturação do território, predominantemente residencial, localizado entre as ruas Guerra Junqueiro, António Cardoso e Campo Alegre. Na zona da Boavista é marcada neste período por um novo equipamento, o Mercado do Bom Sucesso, que centraliza

36 - Ibi Idem, pag.331;

37 - OLIVEIRA, Vítor Manuel Araújo de Oliveira, “A Evolução das Formas Urbanas de Lisboa e Porto nos séculos XIX e XX”, U.Porto Editorial, Porto, 2013, pag.117;

38 - Amorim, Maria Alexandra, “Porto: A cidade planeada – 1930/1980: permanência/ inovações no processo e formas urbanas”, Editora FEUP/FAUP, Porto 1998, pág.163;

o abastecimento de géneros. Refere-se ainda a conclusão da Avenida AIP e a correspondência com a rua de 5 de Outubro, fazendo a ligação da cidade ao porto de Leixões e ao Aeroporto. A estruturação da zona Norte junto ao Hospital de S. João, através das ruas Dr. António Bernardino e Dr. Roberto Frias, que ligam respetivamente à praça de 9 de abril e à rua de Costa Cabral. Na avenida Fernão Magalhães dá-se o seu prolongamento até à rua de Santa Justa e a realização da praça de Velázquez.³⁹

No desenrolar das décadas de 1960 a 1980, com a revolução de 1974, o campo da cultura e política adquirem importância. A política, definiu novas abordagens, e na cultura, com a pressão desaparecida, tirou-se partido das potencialidades.⁴⁰ O aumento da cultura média exprime-se a nível do desenvolvimento urbano, especialmente na **reabilitação de locais identificados na cidade**. A consciência de deficiências nacionais, derivada do surto emigratório, desencadeou uma atitude sobre a cidade, destacando a criação de equipas criadas para o planeamento urbano e regional, no seguimento aberto por Ezequiel Campos e Antão de Almeida Garret.⁴¹ O planeamento torna-se na ferramenta de resolução dos problemas “urgentes” da urbanização da cidade do Porto. O aprofundamento da compreensão urbana, identificando zonas precárias e potencialidades para solucionar as “falhas”. A consciência relativamente à estrutura e aos tecidos urbanos alterou-se desde o século XIX, observando-se a importância registada na planta de 1978, com a construção da **Ponte da Arrábida** em 1963 e o acesso ao Campo Alegre e com o Nó de Francos (mais um troço da VCI, estrutura viária em desenvolvimento).

A planta de 1978 do Gabinete técnico da Direção Geral do Planeamento, que antecede este período, representa a evolução da malha urbana com uma grande continuidade entre as diferentes realidades urbanas, na relação com o troço da avenida da Boavista, compreendido entre a avenida Antunes Guimarães e a recentemente aberta da rua de S. João de Brito, a zona Poente da cidade, a área central alargada e o núcleo central. No núcleo central (a Sul), seguindo o Plano Diretor de 1962 de Fernando Távora, sobre a zona da Ribeira/Barreiro, prepara-se o CURARB.⁴² Entendia o Centro Histórico com um valor patrimonial global que incluía, para além de valores históricos/arquitetónicos, uma realidade social e cultural para solucionar as várias situações de conflito e a irresolução existentes, com uma atuação concertada e coerente. A Poente, a importância das avenidas Antunes Guimarães e Marechal Gomes da Costa na estruturação desta parte da cidade, no surgimento de uma nova realidade, habitação social,⁴³ implantados em freguesias como Aldoar, Lordelo do Ouro, Ramalde, Paranhos ou Campanhã, muitas

39 - Ibi Idem, pág.118;

40 - RAMOS, Luís A. De Oliveira, “História do Porto”, Porto Editora, 1994, pag.81;

41 - GARRET, Antão de Almeida, “Plano Regulador da Cidade do Porto”, Editora Publicações da Câmara Municipal do Porto, Porto, 1952;

42 - Comissariado para a Renovação Urbana da Área de Ribeira/Barredo foi a entidade responsável pela recuperação e reabilitação do Centro Histórico do Porto, em Portugal, entre 1974 e 2003;

43 - Correspondente a uma mancha edificada relativamente aos bairros sociais construídos pela Câmara Municipal entre 1956-1966 – 6000 fogos espalhados por 16 bairros;

vezes em territórios vazios, sem continuidades. A Avenida da Boavista, para além das duas novas avenidas, salienta-se a estruturação de todo o território, entre as ruas Guerra Junqueiro, António Cardoso e Campo Alegre e assume-se como eixo estrutural consolidado até à Foz. O Campo Alegre vê a sua importância crescer enquanto eixo de ligação à Foz, mas sobretudo na articulação com a avenida da Boavista, na estruturação do tecido entre elas e com a ponte da Arrábida, no acesso à rotunda através da Rua de Gonçalo Sampaio, e do troço da VCI⁴⁴ (entre Poente e o nó de Francos). A conclusão da Avenida AIP e a correspondente articulação com a rua de 5 Outubro constituem a ligação da cidade ao porto de Leixões e ao aeroporto, potencializando o desenvolvimento da nova centralidade da Boavista⁴⁵. Retrata-se ainda a edificação da avenida AIP, densamente ocupada por edifícios industriais, estabelece relação natural com o tecido da Avenida Antunes Guimarães, que por sua vez se articula com os novos desenvolvimentos urbanos individuais. Nos finais dos anos 60, a Via Norte constitui-se como saída privilegiada da cidade em direção a Braga, movimento anteriormente conduzido pela rua do Amial, representando a perda de importância das cinco vias de saída da cidade na estruturação do território. Começaram a surgir novos centros culturais de conceção diversificada, tal como a casa de Serralves, com um novo propósito ligado a exposições e eventos dentro da propriedade. Deu-se um desenvolvimento na cultura, porém frágil. Neste desejo de uma cidade culta, o ensino dinamiza-se rapidamente⁴⁶, com a criação de Pólos universitários, seja em situação urbana consolidada, ou em zona de expansão.

Nas décadas de 1980 a 2000 constitui um período de transformação de mentalidade, para o pensamento de civilidade.⁴⁷ A análise produzida sobre as fragilidades e potencialidades da cidade permitiu que as práticas da urbanização se organizassem, com um plano de ação, visando melhor enquadramento dos vários momentos da cidade em transformação. No desenrolar das campanhas culturais e políticas, dos concursos e da crescente consciência social e urbana dos anos 80, o planeamento amadureceu e refletindo-se neste período na transformação urbana⁴⁸, servindo de base para o desenvolvimento urbano na primeira década do século XXI. A rapidez da evolução técnica e tecnologia obrigou a área urbana portuense a prosseguir numa renovação constante. Foram importantes para o desenvolver de uma coordenação concreta de projetos nacionais e internacionais. O desenvolvimento da cidade na época desenrolou-se a várias escalas: local, regional, e mundial, com o progredir equilibrado de atividades, que foram necessárias para a **produção de um ambiente urbano** atraente e suficientemente capaz de

44 - FIGUEIRO, Ricardo, “O Porto visto por Arquitectos: Algumas questões sobre a cidade” 1990, pag.3; - Via de Cintura Interna ao Porto: Anél infraestrutural viário que circunscrita a cidade do Porto e Vila Nova de Gaia, iniciada a sua construção a 1963 e terminada a 2007;

45 - OLIVEIRA, Vítor Manuel Araújo de Oliveira, “A Evolução das Formas Urbanas de Lisboa e Porto nos séculos XIX e XX”, U.Porto Editorial, Porto, 2013, pag.119;

46 - LOPES, João Teixeira, “A Cidade e a Cultura: Um estudo sobre práticas culturais urbanas”, Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto, 2000, pag.81;

47 - PERREIRA, Paula Cristina, “condição humana e condição urbana”, Edições Afrontamento, 2011, pag.21.

48 - RAMOS, Luís A. De Oliveira, “História do Porto”, Porto Editora, Porto, 1994, pag.598;

responder às problemáticas da época.

A cidade, segundo a planta de 1992 topográfica da Câmara Municipal do Porto, apresentava uma realidade distinta ao nível da mobilidade. A VCI realizada até ao nó das Antas, a A3 (ligação a Braga) e a A4 (ligação a Vila Real) conferem à cidade uma infraestrutura efetiva regional, organizando um conjunto de serviços de transportes e comércio internacionais. A parte ocidental da cidade é marcada pelo desenvolvimento em torno do Nó de Francos (vastos conjuntos residenciais normalmente construídos em altura e sem uma estrutura viária de suporte coerente), pelas urbanizações na parte final da avenida da Boavista (edifícios em altura e residências unifamiliares) e vastos conjuntos habitacionais em Aldoar. A zona da Boavista é marcada pela instalação do pólo universitário do Campo Alegre, nos terrenos próximos da Ponte da Arrábida com a **Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto** e o **pavilhão Carlos Ramos** em 1986, projetados pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira⁴⁹, a fundação da **Universidade Portucalense** em 1986 e da nova **Faculdade de Medicina Dentária** em 1988 e a **Casa das Artes** em 1991, projetado pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura⁵⁰. Na parte Nascente, a malha é estruturada pela Avenida de Magalhães, entretanto concluída, ligando o Campo 24 de Agosto à circunvalação na zona da Areosa.⁵¹ Na zona Poente da cidade surge uma nova ponte, a **Ponte de São João** em 1991, que vem substituir a ponte D. Maria Pia como infraestrutura ferroviária que transporta a linha do Norte sobre o Rio Douro até à cidade.⁵² Apresenta-se também a recuperação de estruturas e edifícios de épocas distintas, mais emblemáticos para cidade, como a estação de **São Bento**, o pavilhão nos jardins do **Palácio de Cristal**.

Em 1997, conforme a Carta Militar do Exército de 1992, já se encontra concluída a ligação da VCI à ponte do Freixo⁵³ (1995), possibilitando a passagem para Gaia. Contem oito nós, que articulam com as autoestradas A3/A4, a Via Norte, a Avenida AIP e um conjunto de ruas urbanas fundamentais. O parque da cidade, projetado pelo arquiteto paisagista Sidónio Pardal surge em 1993 como a grande estrutura verde do Porto⁵⁴, que se prolonga em 1997 até aos terrenos da feira popular (atualmente conhecido como queimódromo, onde se realizam eventos académicos das faculdades do Porto). Constitui assim um espaço privilegiado para uso coletivo, simbolizando a alteração de carácter dos espaços públicos no final do século XIX e XX. Os cidadãos assumiam como espaços públicos privilegiados, a rua, a praça ou o

49 - FERNANDES, Maria Eugénia Matos, “A Universidade do Porto e a Cidade: Edifícios ao longo da História”, Gráfica Maiadouro, 2007, pag.109;

50- RAMOS, Luís A. De Oliveira, “História do Porto”, Porto Editora, 1994, pag.590;

51- OLIVEIRA, Vítor Manuel Araújo de Oliveira, “A Evolução das Formas Urbanas de Lisboa e Porto nos séculos XIX e XX”, U.Porto Editorial, Porto, 2013, pag.120;

52- SOARES, Luís de Lousada, “A Ponte de S. João: Nova ponte ferroviária sobre o Rio Douro no Porto”, Ferrouro, ACE, Porto, 1991, pag. 36-37;

53- FERNANDES, José A.Rio, CHAMUSCA, Pedro e FERNANDES, Inês, “Avenida dos Aliados e Baixa do Porto: Usos e Movimentos”, Porto vivo, SRU, 1ª Edição, 2014, pag. 48;

54- PARDAL, Sidónio, “Parque da Cidade do Porto: Ideia e Paisagem”, CMP – Câmara Municipal do Porto, Porto, 1ª Edição, 2006, pag.17;

largo, passando a incluir-se nesta definitivamente nos grandes parques urbanos, os corredores verdes e as frentes marítimas ou fluviais.⁵⁵

A cultura e vontade de obter uma identidade urbana, no seguimento da década anterior, permanecem como fatores de transformação urbana e intervenção na cidade. Na continuação do CRUARB, intensifica-se as intervenções na década de 90. Entre 1990 e 1994, procedeu-se à requalificação da zona ribeirinha, entre a Nova Alfândega e o Largo de São Francisco (arranjo urbano do largo, das fachadas e arcadas e equipamentos públicos/sociais, como o Lavadouro de S. Nicolau e parque de estacionamento na plataforma da Alfândega, como estruturas de apoio à população. Regista-se também o arranjo urbano da praça da Ribeira e as fachadas até à Ponte D. Luís I, o novo parque de estacionamento e espaços comerciais da Praça de Lisboa e do passeio/jardim das Virtudes, que consolidam a zona envolvente⁵⁶. Entre 1994 e 2000, continuou-se a requalificação de fachadas em vários arruamentos, bairros e largos (bairro da Sé, rua dos Mercadores, rua das Flores e largo do Colégio). Na zona ribeirinha, procedeu-se ao arranjo urbanístico da Marginal, zona de Miragaia e do viaduto do Cais das Pedras; a construção de equipamentos públicos comerciais e culturais como o Ateliers para artistas, Lada, (junto ao Túnel da Ribeira, incorporado na imagem escharpa e do próprio túnel), o Grupo Musical de Miragaia, o Mercado de Levante de Sebastião (junto à Avenida da Ponte, colmatando a coesão urbana no seguimento do casario e a necessidade de um equipamento para comércio), a Casa dos 24 e o Museu da cidade, em frente à rua de Monchique.⁵⁷ Em 1996, o Centro histórico do Porto, das áreas mais antigas da cidade do Porto e de Vila Nova de Gaia é classificado como Património cultural da humanidade, correspondente ao tecido urbano marcado pelas origens medievais da cidade e incluindo territórios situados nas antigas freguesias da Sé, de São Nicolau, da Vitória e de Miragaia. Apesar de toda a evolução/reabilitação que ao longo dos tempos se deram no Centro Histórico do Porto, ainda hoje a observação do conjunto urbano se apoia no velho casco medieval que proporciona uma imagem de coerência e de homogeneidade. Sugere imutabilidade e permanência no tempo, constituindo assim um exemplar único de uma paisagem urbana dotada de identidade.⁵⁸ Ainda dentro da reabilitação de edifícios de expressão urbana, é requalificado o edifício da Alfândega em 1990-92, pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura, passando a ter um Centro de Congressos, o Museu de Transportes e Comunicações e a sede da Associação Museu de Transportes e Comunicações (AMTC), a reduperação do Mercado do Bolhão, em 1990-94, com o objetivo de preservar o património arquitetónico da envolvente e da logística do edifício, e a Estação de São Bento (1991-96), onde são requalificados os túneis de acesso à estação, os cais de embarque e toda a restante

55- OLIVEIRA, Vítor Manuel Araújo de Oliveira, “A Evolução das Formas Urbanas de Lisboa e Porto nos séculos XIX e XX”, U.Porto Editorial, Porto, 2013, pag.121;

56- CRUARB, “Porto Património Mundial III: CRUARB 25 anos de reabilitação urbana.”, CMP, Porto, 2000/2001, pag.25-33;

57- Ibi Idem, pag.33-46;

58- LOZA, Rui Ramos, “Porto Património Mundial”, Edição Câmara Municipal do Porto, CMP, Porto, 1ª Edição, 1998, pag. 27-35;

infraestrutura ferroviária⁵⁹.

São também referidos equipamentos como o Museu de arte contemporânea de Serralves em 1996-99, pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira.⁶⁰ Na transição do milénio, é realizada a Cimeira Ibero-Americana⁶¹, no Porto em 1998, no âmbito da globalização da cultura, educação e economia. O investimento na escolarização reflete-se com a conclusão das universidades: Instituto Português de Administração de Marketing do Porto, em 1990 (IPAMP), a Escola Superior de Enfermagem do Porto, em 1991 (ESEP), Escola Superior de Saúde de Santa Maria, em 1991 (ESSM), Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, em 1994 (ESMAE); Fernando Pessoa, em 1996 (UFP) e a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, em 1996(FAUP) projetada por Álvaro Siza Vieira⁶².

1.3- Desenvolvimento Urbano no Século XXI

A transição para o século XXI foi momento de concretização das vontades do final do século XX, na transformação da cidade nas várias escalas numa imagem mais próxima da atual. A vontade de dotar a cidade de melhores condições para acolher novas atividades, novas iniciativas e novos projetos que continuam a transformação da dinâmica urbana da cidade do Porto.⁶³

1.3.1- Cidade

Desta forma, no princípio do século, são criados programas como a Porto 2001, que vêm intervir diretamente na cidade, fase às novas centralidades que surgiam pela cidade.⁶⁴ No que respeita à intervenção no espaço público, as intenções correspondiam, essencialmente, à sua requalificação e ao reforço do seu carácter, à adaptação dos espaços de forma a suportarem funções presentes, às possíveis adaptações a novas exigências de circulação e tráfego, à identificação de áreas para instalação de equipamento e mobiliário urbano, mas também para a instalação de obras de arte de expressão pública e à identificação de obras em infraestruturas que melhorassem o funcionamento da cidade. No caso do edificado foi considerado necessário recuperar edifícios ao nível da fachada da rua, intervindo nos que

59- MARTINS, João; BRION, Madalena; SOUSA, Miguel; et al., “O Caminho de Ferro Revisitado. O Caminho de Ferro em Portugal de 1856 a 1996.” Lisboa: Caminhos de Ferro Portugueses, 1996;

60- BARATA, Paulo Martins, SILVA, Raquel Henriques e ALMEIDA, Bernardo Pinto, “Museu de Serralves: Álvaro Siza”, White & Blue, 1ª Edição, 2001, pag. 34;

61- SECIB – Secretaria de Cooperação Ibero-Americana;

62- FERNANDES, Maria Eugénia Matos, “A Universidade do Porto e a Cidade: Edifícios ao longo da História”, Gráfica Maiadouro, 2007, pag. 90-109;

63- CUNHA, P. S. “Apresentação. In Porto 2001: regresso à Baixa. Consulta para a elaboração do Programa de Requalificação a Baixa Portuense”. FAUP publicações, Porto, 2000, pag.11-12;

64- FERNANDES, J. A. R., Pinto, J. R., Chamusca. P. “Subúrbio, na relação entre planeamento e urbanização: o Porto na transição de século (XIX- XX e XX-XXI)”. In Actas do 1st International Meeting – Geography & Politics, Policies and Planning. Porto, 2013. pp. 319-331;

foram afetados na sua arquitetura e monumentalidade ao longo do tempo e intervindo também nos edifícios de grande dimensão propondo novas funções e novas utilizações. Algumas dessas intervenções e novos equipamentos são exemplo o Teatro Municipal Campo Alegre, em 2000, o redesenho da avenida da Ponte por Álvaro Siza, em 2001, a recuperação e projeto dos antigos paços do concelho (casa dos 24) pelo arquiteto Fernando Távora, em 2003⁶⁵, a reposição do elevador dos Guindais, com correspondência ao elétrico na alameda da rua Augusto Rosa; o redesenho da praça da Batalha, do largo 1º Dezembro e de uma praça de apoio na rua de Cimo de Vila e a requalificação das ruas 31 de Janeiro, Santo Ildefonso e rua Augusto Rosa, com mudanças no seu traçado para inclusão do elétrico e melhoria das condições pedonais.⁶⁶ O redesenho da avenida dos Aliados por Álvaro Siza, juntamente com a construção das estações de metro associadas, por Eduardo Souto de Moura, alterando os traçados viários e o redesenho do espaço público, em 2010, a intervenção da atual praça de Lisboa, como novo desenho urbano do espaço público em 2013 e as obras de recuperação do Mercado do Bolhão, em 2015⁶⁷.

Para além das intervenções referidas, destaca-se algumas intervenções e estruturas fora da zona central. A instalação do pavilhão da água no parque da cidade (edifício que representou o Porto na Expo98 em Lisboa), reconstruído totalmente em 2002 e a construção do Estádio do Dragão em 2003, substituindo o estádio das Antas, servindo de palco para os eventos do Euro 2004, onde Portugal foi anfitrião, a torre de escritórios do Burgo, projetado por Eduardo Souto de Moura em 2007, a Casa da Música, na Boavista, desenhada por Rem Koolhaas⁶⁸, em 2005, as novas instalações da FPCEUP, junto à residência universitária de Paranhos, no pólo 2 da universidade em 2005, projetado por Fernando Távora⁶⁹; e a intervenção na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, um edifício autónomo que aumentou a área disponível em 40%, projetado pelo arquiteto Alcino Soutinho em 2006.⁷⁰

Juntamente com o Programa Porto 2001, os programas do Metro do Porto e Polís, teve um papel importante na requalificação urbana do centro (mobilidade e imagem da cidade). A primeira linha inaugurada foi a ligação da Estação da Trindade a Senhor de Matosinhos (2002), sendo progressivamente expandida para outras zonas da cidade e área metropolitana. A rede de metro integra três tipos de abordagens para o seu traçado: o traçado de superfície em cidade, requalificando o espaço público existente e criando eixos em território consolidado, o traçado subterrâneo, intervindo nas áreas envolventes e

65- REAL, Manuel Luís, “A ponte e a Avenida: contradições urbanísticas no centro histórico do Porto”, CMP Editores, Porto, 2001, pag. 69;

66- DIAS, A. “Leste A - Batalha/Guindais. In Porto 2001: regresso à Baixa.” Consulta para a elaboração do Programa de Requalificação a Baixa Portuense, FAUP publicações Porto, 2000, pag. 190– 203;

67- Ibi Idem, pag.81;

68- DOMINGUES, Álvaro António Gomes, “Porto Património Mundial: 20 anos, 20 Imagens = Porto World Heritage: 20 years, 20 pictures = Porto Patrimoine mondial: 20 ans, 20 photos : 1996-2016, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2016, pag.34;

69- FERNANDES, Maria Eugénia Matos, “A Universidade do Porto e a Cidade: Edifícios ao longo da História”, Gráfica Maiadouro, 2007, pag.115;

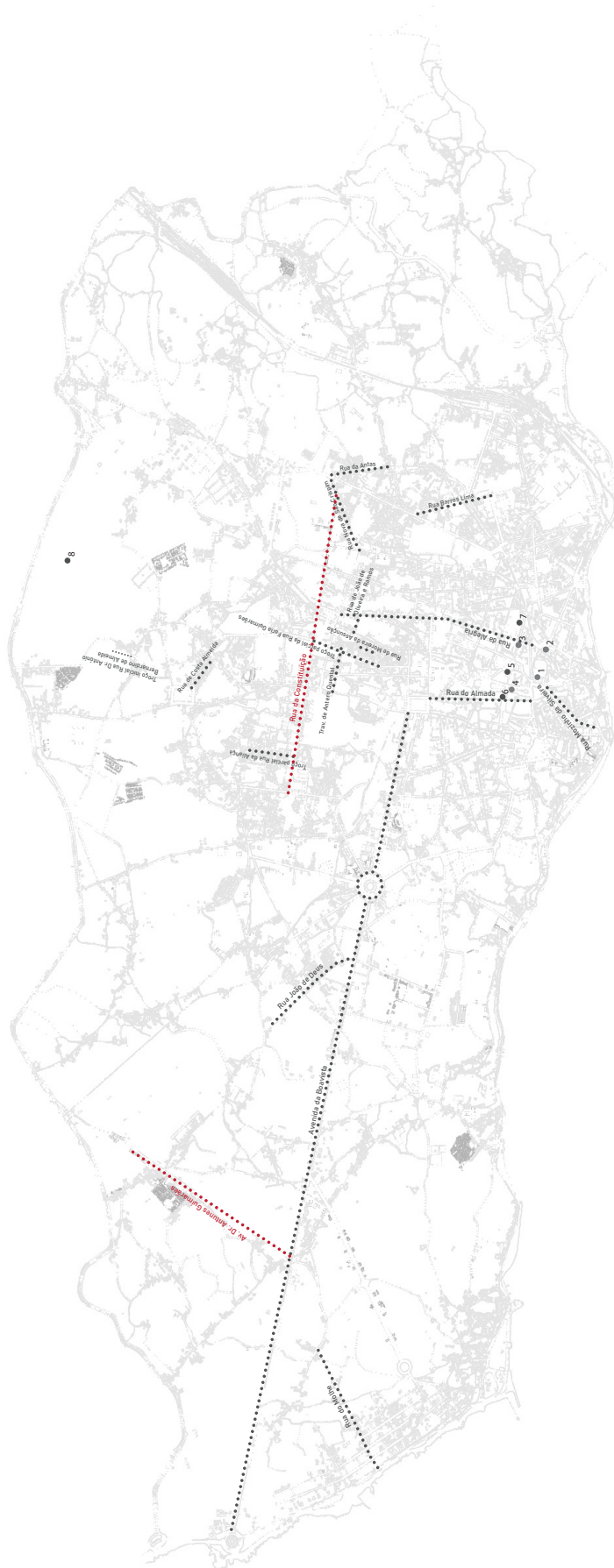
70- Ibi Idem, pag.127;

adjacentes aos acessos das estações subterrâneas e o traçado de superfície suburbano, aproveitando os antigos canais ferroviários. O centro do Porto surge como uma intervenção relevante do projeto, sendo a área onde mais linhas se cruzam e onde existiu maior qualificação de espaço público, intervindo nas envolventes de pontos importantes como a Trindade, a praça da Liberdade e a avenida dos Aliados ou Bolhão. A requalificação urbana dos espaços envolventes às estações passou pela organização do mobiliário urbano, a melhoria dos percursos pedonais, aumentando os passeios e libertando-os de possíveis obstáculos, a criação de espaços verdes e forte arborização a acompanhar o traçado das linhas; o reperfilamento de ruas e eliminação do estacionamento ao longo das faixas de rodagem; e a melhoria das condições de iluminação desde a sinalética à iluminação pública.⁷¹ O lançamento do programa Pólis⁷², permitindo otimizar a relação de proximidade entre o Parque da cidade e o Mar, criando um polo de lazer.⁷³ A Requalificação da frente marítima da cidade do Porto, associado à renovação da marginal de Matosinhos, dão corpo ao passeio Atlântico demarcado pela preocupação ambiental e de espaço público. A nível de infraestruturas, regista-se a construção de uma nova ponte, a ponte do Infante (2003), fazendo a ligação mais direta da zona de Campanhã a Vila Nova de Gaia, a integração do tabuleiro superior da Ponte D. Luís na linha D do Metro do Porto em 2005 e a conclusão da VCI em 2007, do lado de Vila Nova de Gaia em 2007.

71- PINHO, P., & Vilarés, M. “A Avaliação das Grandes Obras Públicas - O Caso do Metro do Porto. Porto”, FEUP Edições, Porto, 2009, pag.71;

72- Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das cidades;

73- CORREIA, Francisco Nunes, “Passeio Atlântico”, Editores Gabinete Programa Polis, Lisboa, 2002, pag.15



Equipamentos:

- 5 Teatro Municipal do Rivoli
6 Garagem “Comércio do Porto”
7 Coliseu do Porto
8 Hospital de São João

Sobreposição das Plantas de 1932 (cinzento) e 1937 (preto)



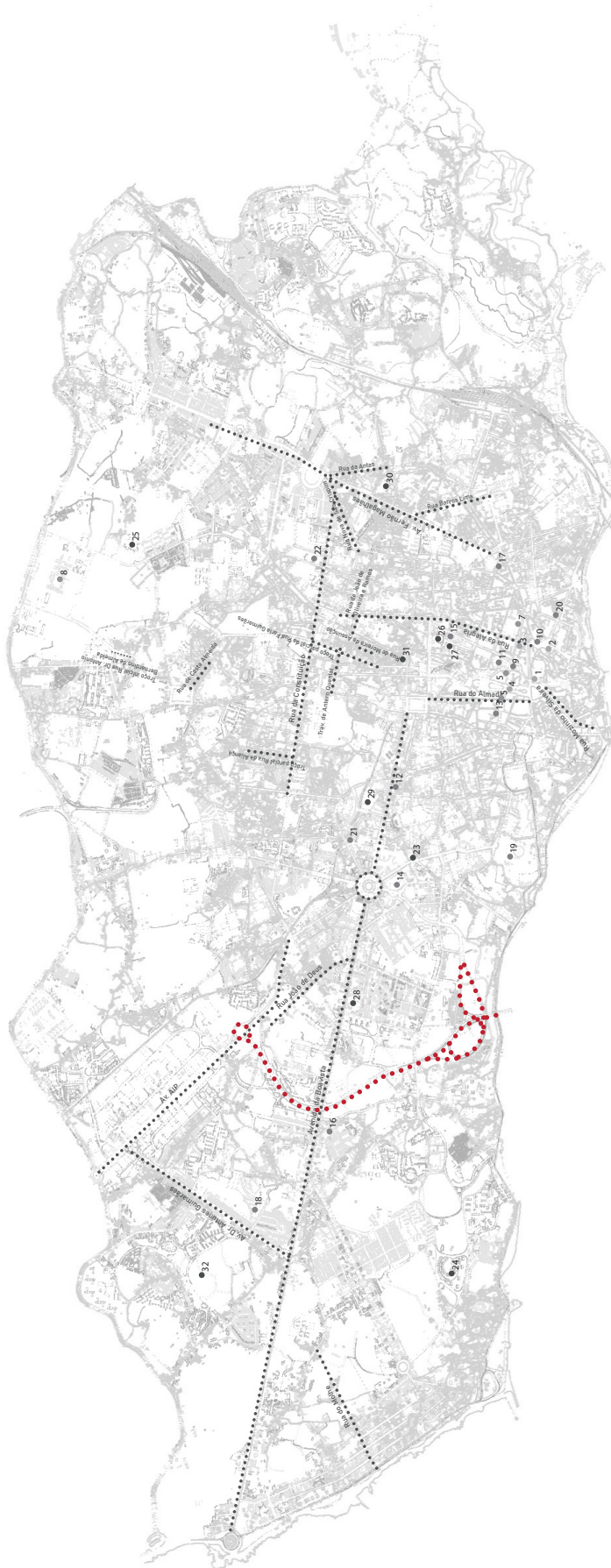
Equipamentos:

- 9 Edifício Rialto
- 10 Cinema Batalha
- 11 Palácio Atlântico
- 12 Edifício da Carvalhosa
- 13 Edifício Soares & Irmão
- 14 Mercado Bom Sucesso
- 15 Edifício DKW
- 16 Cooperativa “O Lar Familiar”
- 17 Edifício Ouro
- 18 Unidade Residencial de Ramalde
- 19 Palácio dos Desportos (Palácio de Cristal)
- 20 Edifício da União Elétrica Portuense
- 21 Edifício Parnaso
- 22 Parque Residencial do Luso

..... Arruamentos

..... Novos Arruamentos

Sobreposição das Plantas de 1937 (Cinzeno) e 1948 (preto)



Equipamentos:

- 23 Edifício Montepio
- 24 Conjunto Habitacional da Pasteleira
- 25 Faculdade de Economia
- 26 Silo-Auto
- 27 Hotel Dom Henrique
- 28 Sede Caixa Previdência
- 29 SAAL - Bouça
- 30 SAAL - Antas
- 31 SAAL - Leal
- 32 Cooperativa SACHE

..... Arruamentos

..... Novos Arruamentos

Sobreposição das Plantas de 1960 (Cinzento) e 1978 (preto)



Equipamentos:

- 33 Casa das Artes
- 34 Pavilhão Carlos Ramos
- 35 Faculdade de Arquitetura
- 36 Faculdade de Engenharia
- 37 Remodelação/Ampliação do MNSR.
- 38 Recuperação da Alfândega
- 39 Café do Caís
- 40 Casa dos 24
- 41 Biblioteca Almeida Garret
- 42 Museu de Arte Contemporânea de Serralves
- 43 Requalificação da Marginal do Douro
- 44 Passeio Atlântico
- 45 Funicular dos Guindais
- 46 Casa da Música

..... Arruamentos

..... Novos Arruamentos

Sobreposição das Plantas de 1978 (Cinzeno) e 1992 (preto)



Equipamentos:

- 47 Edifício Oficinas + Moradias da Boavista
- 48 Edifício e Torre do Burgo
- 49 Escola Sec. García de Orta
- 5 I3S - Instituto de Inovação e Investigação em Saúde

..... Arruamentos

..... Novos Arruamentos

Sobreposição das Plantas de 1997 (Cinzento) e 2003 (preto)

Equipamentos selecionados:

A seleção dos equipamentos em destaque neste capítulo resulta de um conjunto representativo do levantamento realizado a partir de bibliografias, guias de arquitetura, de arquitetura moderna, etc. A seleção dos equipamentos é definida após o cruzamento dessas bibliografias, sendo compilado conjuntos de elementos técnicos dos equipamentos que contem informação e desenhos que suportam a análise.

No conjunto identificado desenvolve-se uma análise segundo parâmetros observando a relação do equipamento e da cidade. Deste modo, respondendo aos princípios estabelecidos, instituíram-se vários critérios que estruturam a análise.

Os critérios referem-se ao **programa**, correspondente à função de cada equipamento (habitação; comércio; serviço; lazer; infra-estruturas), possibilitando percepção das funções ao longo do tempo. Refere a **escala** do equipamento de modo a compreender potências dinâmicas na alteração de escala, associada aos programas ao longo das décadas analisadas.

Importa compreender a **linguagem arquitetónica**, a qual é considerado a expressão do edificado/morfologia. São analisados os aspetos da materialidade/expressão, que definem a plasticidade do equipamento, bem como a questão da visibilidade/enquadramento no período/década em questão.

Refere-se ainda o parâmetro da **inserção urbana**, no qual é considerado o nível de relação entre o equipamento e o ambiente urbano (cidade), bem como o estado urbano da envolvente em que se insere, com o objetivo de compreender o seu desenvolvimento. Neste caso, procedeu-se à análise relativa à importância/influência na evolução da malha urbana.

A	Guia da arquitectura moderna : Porto, 1925-2002 – Fátima Fernandes
B	Guia de arquitetura do Porto : do movimento moderno à atualidade, 1942 -2017 – João Paulo Rapagão
C	Porto 1901-2001 : guia de arquitectura moderna - Alexandre Alves Costa
D	Guia de arquitetura: Norte e Centro de Portugal - Nuno Campos
F	IAPXX 20 -Nuno Portas

Décadas	Obra (Arquiteto)	Programa	A	B	C	D	F
1900-1920	1901-16 – Estação de S. Bento – (Marques da Silva)	Infraestrutura			X		
	1902-04 - Casa Ricardo Severo – (Ricardo Severo)	Habitação					X
	1905 – Bairro operário “Monte Pedral” – (Marques da Silva)	Habitação					X
	1910-20 – Teatro de São João – (Marques da Silva)	Lazer	X	X	X		
	1914-28 – Armazéns Nascimento – (Marques da Silva)	Comércio	X		X		
	1915 – Avenida dos Aliados – (Barry Parker)	Infraestrutura			X	X	
	1918-32 – Liceu Rodrigues de Freitas – (Marques da Silva)	Serviço			X		C
	1919-24 – Edifício “A Nacional” – (Marques da Silva)	Serviço					X
1920-1940	1923-28 – Caixa Geral de Depósitos do Porto – (Pardal Monteiro)	Serviço					X
	1925-44 – Casa de Serralves – (Marques da Silva)	Habitação	X		X		
	1925 – A Brasileira – (Francisco Oliveira Ferreria)	Comércio					X
	1929-32 – Teatro Municipal do Rivoli – (Jorge Brito)	Lazer	X	X		X	
	1930-1938 – Garagem Passos Manuel – (Mário Abreu)	Serviço	X				
	1930 – Garagem “Comércio do Porto” – (Rogério de Azevedo)	Serviço	X			X	
	1931 – Antiga Loja “Pinto Camiseiro” – (Jorge Manuel Viana)	Comércio	X				
	1932 – Farmácia Vitália – (Amoroso Lopes/ Manuel Marques)	Comércio	X				
	1933-36 – Armazéns Cunhas – (Amoroso Lopes/ Coelho Freitas/ Manuel Marques)	Comércio	X				
	1933-59 – Hospital de São João (Hermann Distel)	Serviço	X			X	
	1934 – Armazéns Frigoríficos de Massarelos – (Januário Godinho)	Comércio	X				
	1934 – Laboratórios Pasteur – (Keil do Amaral)	Comércio	X				
	1934 – Liceu Alexandre Herculano – (Marques da Silva)	Serviço			X		
	1935 – Edifício da Antiga Faculdade de Medicina do Porto – (Rogério de Azevedo)	Serviço	X				
	1935 – Cooperativa do Pinheiro Manso – (Arménio Losa/ Cassiano Barbosa)	Habitação	X				
	1935-39 – Casa Mário Bernardes Perreira – (Jorge Manuel Viana)	Habitação					X
	1937-41 – Bloco de habitação Duque de Saldanha – (Câmara Municipal do Porto)	Habitação					A
	1938-40 – Coliseu do Porto – (Cassiano Branco/ Júlio de Brito/ Mário Abreu)	Lazer	X		X		X
	1939-40 – Edifício de habitação e comércio – (ARS-arquitetos)	Habitação	X				
	1942-44 – Prédio Rendimento Adão Polónia – (ARS-arquitetos)	Habitação	X				
1940-1960	1942 – Edifício António Soares Marinho – (Rogério de Azevedo)	Habitação	X				
	1942-44 – Edifício Rialto (Rogério de Azevedo)	Habitação	X	X		X	
	1942-45 – Edifício de Habitação e Comércio – (Manuel Passos/ Eduardo Martins)	Habitação					X
	1944-47 – Cinema Batalha – (Artur Andrade)	Lazer	X	X	X		
	1944-50 – Praça D. João e Palácio Atlântico – (ARS-arquitetos)	Serviço	X				
	1945 – Hotel Infante Sagres - (Rogério de Azevedo)	Lazer	X				
	1945-51 – Palácio Atlântico – (ARS Arquitetos)	Serviço	X	X	X		
	1945-50 – Edifício da Carvalhosa – (Arménio Losa/ Cassiano Barbosa)	Habitação	X	X	X		X
	1949-54 – Edifício Soares & Irmão – (Arménio Losa/ Cassiano Barbosa)	Habitação	X	X	X		X
	1949-52 – Mercado do Bom Sucesso – (ARS-arquitetos)	Comércio	X	X			X
	1950-53 – Edifício DKW – (Arménio Losa/ Cassiano Barbosa)	Habitação	X	X	X		
	1950 – Cooperativa “O Lar Familiar” – (Mário Bonito)	Habitação	X	X	X	X	X

	1950-52 – Edifício Caixa de Previdência da Indústria Têxtil – (Germano de Castro)	Serviço		X			
	1950-54 – Edifício Ouro – (Mário Bonito)	Habitação	X	X	X		X
	1951-60 – Unidade Residencial de Ramalde – (Fernando Távora)	Habitação	X	X			X
	1951-55 – Palácio dos Desportos (Palácio de Cristal) – (José Carlos Loureiro)	Lazer	X	X	X	X	X
	1952-63 – Ponte da Arrábida – (Edgar Cardoso)	Infraestrutura		X			
	1953-61 – Estação da União Elétrica Portuguesa – (Januário Godinho)	Serviço	X	X			X
	1953-55 – Edifício Costa Cabral – (Viana de Lima)	Habitação	X	X			X
	1953-55 – Edifício de Habitação e Comércio – (Francisco Pereira da Costa)	Habitação	X	X			
	1954 – Lar S. José de Cluny – (Eduardo Iglésias/ Francisco Pereira da Costa)	Serviço	X	X			
	1954-56 – Edifício Parnaso – (José Carlos Loureiro/ Luís Pádua Ramos)	Habitação	X	X	X		X
	1956 – Escola Primária Feminina – (Alexandre de Sousa/ Câmara Municipal do Porto)	Serviço	X		X		
	1958 – Escola Primária do Cotovelo – (Lúcio Miranda/ Câmara Municipal do Porto)	Serviço	X		X		
	1958 – Edifício Bayer – (Márcio Freitas)	Comércio	X	X			
	1959-63 – Parque Residencial do Luso – (José Carlos Loureiro/ Luís Pádua Ramos)	Habitação	X	X	X		
	1959-99 – Parque Residencial da Boavista – (Agostinho Ricca/ João Seródio/ José Magalhães Carneiro)	Habitação	X	X			
	1960-70 – Edifício do Jornal Notícias – (Márcio Freitas)	Serviço			X		
1960-1980	1960-61 – Edifício de habitação Montepio Geral	Habitação	X	X	X		
	1960-63 – Cooperativa de Lordelo do Ouro – (Álvaro Siza Vieira/ Alexandre Alves Costa)	Habitação		X			
	1960-65 – Escola Primária do bairro da Fonte da Moura – (Alexandre Sousa/ Câmara Municipal do Porto)	Serviço			X		
	1961 – Edifício Hoechst – (Manuel Fernandes de Sá)	Habitação	X	X			
	1961-73 – Conjunto da Pasteleira – (Alberto Rosmaninho/ Rogério Barroca)	Habitação	X	X	X	X	
	1961-74 – Faculdade de Economia da Universidade do Porto – (Viana de Lima)	Serviço	X	X	X	X	
	1963-94 – Igreja de Cedofeita – (Eugénio Alves de Sousa)	Lazer	X				
	1963-2009 – Escola Francesa do Porto – (Carlos Carvalho Dias/ Luiz Cunha/ Manuel Marques de Aguiar)	Serviço	X	X			
	1964 – Silo-Auto – (Alberto Pessoa/ João Abel Bessa)	Serviço	X	X			X
	1964 – Blocos Residenciais da Pasteleira – (Sérgio Fernandez/ Pedro Ramalho)	Habitação	X	X	X	X	X
	1964-73 – Centro de Caridade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – (Luiz Cunha)	Serviço		X			
	1966-72 – Igreja Paroquial do Carvalhido – (Luiz Cunha)	Lazer		X			
	1966-74 – Hotel D. Henrique – (José Carlos Loureiro)	Lazer	X	X	X		
	1968-78 – Sede da Caixa de Previdência – (Arménio Losa)	Serviço	X	X	X		X
	1968-72 – Edifício dos Serviços Peugeot – (Eugénio Alves de Sousa)	Serviço	X				
	1969 – Edifício Miradouro – (David Moreira/ Maria José Marques da Silva)	Habitação	X		X		
	1970-80 – Confeitaria Cunha – (Joaquim Bento de Almeida/Victor Palla)	Comércio		X			
	1970-82 -Edifício Mutual – (José Pulido Valente/ Ricardo Figueiredo)	Serviço	X				
	1972-73 – Central Telefónica do Bonfim (ampliação) – (Jorge Gigante)	Serviço	X	X			
	1973-77 – SAAL -Bouça – (Álvaro Siza Vieira)	Habitação	X	X	X	X	
	1974-76 – SAAL -Zona das Antas – (Pedro Ramalho)	Habitação	X	X	X		
	1974-77 – SAAL -Leal – (Sérgio Fernandez)	Habitação	X	X			X
	1974-77 – SAAL -São Victor – (Álvaro Siza)	Habitação		X	X		
	1974-2003 – Plano Geral de Reabilitação da Ribeira/Barredo – (CRUARB/ Fernando Távora)	Infraestrutura		X			
	1975-79 – Igreja de Nossa Senhora da Boavista – (Agostinho Ricca)	Lazer	X			X	
	1978-90 – Edifício dos TLP – (Joaquim Bento Lousan)	Habitação		X			

1980-2000	1979 – Conjunto habitacional da Cooperativa SACHE – (Manuel Correia Fernandes)	Habitação	X	X		X	X
	1981-91 – Casa das Artes – (Eduardo Souto de Moura)		X	X	X	X	X
	1982-2002 – Parque da Cidade – (Sidónio Pardal)	Infraestrutura		X			
	1984-91 – Ponte de São João – (Edgar Cardoso)	Infraestrutura		X			
	1985-86 – Pavilhão Carlos Ramos – (Álvaro Siza Vieira)	Serviço		X			X
	1984-99 – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto – (Álvaro Siza Vieira/ Adalberto Dias)	Serviço	X	X	X	X	X
	1987-2001 – Marginal do Douro e Atlântico – (conjunto de arquitetos)	Infraestrutura		X			
	1988-92 – Posto de Limpeza Urbana 2 – (Maria João Rebelo Lima)	Serviço	X				
	1988-2000 – Residência Universitária do Campo Alegre (Noé Diniz)	Habitação	X	X			X
	1988-98 – Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto – (Luís Ramalho/ Pedro Ramalho)	Habitação	X	X		X	
	1989-92 – Edifício para consultórios médicos e clínica – (João Seródio)	Serviço	X				A
	1989-92 – Centro Social dos Guindais – (Figueiredo Melo/ Jorge Gigante)	Serviço	X				A
	1989-95 – Cooperativa de habitação de Massarelos – (Francisco Barata Fernandes/ Manuel Fernandes de Sá)	Habitação	X	X		X	
	1989-92 – Lavadouros e balneários de S. Nicolau – (João Paulo Providência/ Rosário Abreu)	Serviço	X	X	X	X	
	1990-98 – Edifício de habitação da Boavista – (Álvaro Siza Vieira/ António Madureira)	Habitação	X		X		
	1990-2001 – Remodelação e ampliação do Museu Nacional de Soares dos Reis – (Fernando Távora)	Lazer	X		X		
	1990-93 – Associação dos Arquitetos Portugueses – (Helena Rente/ José Carlos Portugal/ Tiago Falcão)	Serviço	X				
	1991-93 – Escritório de Arquitetura – (Jorge Lopes Rodrigues)	Comércio	X				
	1991-98 – Edifício de Habitação da Boavista – (Álvaro Siza/ Carlos Castanheira)	Habitação				X	
	1991-99 – Biblioteca/Ludoteca Infantil – (Paula Santos)	Serviço	X			X	
	1993-98 – Escritório de Arquitetura e Engenharia – (Álvaro Siza Vieira)	Comércio	X			X	
	1993-2001 – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – (Fernando Távora)	Serviço	X				
	1993-2000 – Requalificação da Viela do Anjo – (António Barbosa/ Pedro Guimarães)	Serviço	X	X	X		
	1993-94 – Recuperação do edifício da Alfândega do Porto – (Eduardo Souto de Moura)	Serviço	X	X		X	
	1993-95 – Instituto das Comunicações de Portugal – (João Álvaro Rocha/ José Gigante)	Serviço	X	X		X	
	1993-96 – Atelier para artistas na Lada – (Virgínio Moutinho)	Comércio	X	X	X	X	
	1994 – Café do Cais – (Cristina Guedes/ Francisco Vieira Campos)	Comércio	X	X		X	
	1995-96 – Edifício da Bolsa de Valores do Porto – (Alcino Soutinho)	Serviço	X				
	1995-2002 – Casa os 24 – (Fernando Távora)	Lazer	X	X		X	
	1995-2001 – Biblioteca Almeida Garret – (José Manuel Soares)	Serviço	X	X		X	X
	1995-98 – Planetário e Centro de Astrofísica do Porto – (José Manuel Soares)	Serviço	X	X		X	
	1995-2003 – Reabilitação do Palácio do Freixo – (Fernando Távora/ Bernardo Távora)	Lazer		X	X		
	1996-98 – Pavilhão da Água – (Alexandre Burmester/ João Carlos Gonçalves)	Lazer	X				
	1996-99 – Museu de Arte Contemporânea de Serralves – (Álvaro Siza Vieira)	Lazer	X	X	X	X	
	1996-98 – Pavilhão de oficinas da FBAUP – (Cristina Guedes/ Francisco Vieira Campos)	Serviço	X				
	1997-2001 – Teatro Municipal do Campo Alegre – (Rogério Cavaca)	Lazer	X				
	1997-2002 – Requalificação da Marginal do Douro – (Manuel Fernandes de Sá/ Francisco Barata)	Infraestrutura	X	X	X		
	1997-2001 – Centro Português de Fotografia – (Eduardo Souto de Moura)	Lazer		X			
	1998 – Casa do Cinema Manoel de Oliveira – (Eduardo Souto de Moura)	Lazer	X	X			

	1998-2002 – Edifício de comércio e habitação Sátira, Design – (Paula Santos)	Habitação	X				
	1998-2004 – Centro de Sangue e da Transplantação do Porto – (Nuno Mateus/ José Mateus (ARX))	Serviço		X		X	
	1998-2004 – Complexo Habitacional Quinta das Sedas – (Alcino Soutinho)	Habitação		X			
	1999-2002 – Passeio Atlântico – (Manuel Solà-Morales)	Infraestrutura	X		X	X	
	1999-2003 – Funicular dos Guindais – (Adalberto Dias)	Infraestrutura		X		X	
	1999-2005 – Casa da Música – (Rem Koolhaas)	Lazer	X	X		X	
	1999-2004 – Estádio do Dragão – (Manuel Salgado/ Jorge Estriga)	Serviço		X		X	
	1999-2005 – UCP- Edifício Paraíso e Cantina – (Álvaro Siza Vieira)	Serviço		X			
	1999-2015 – Palácio do Bolhão – (José Gigante)	Lazer		X			
2000-2020	2000-01 – Recuperação e adaptação do Claustro do Mosteiro de S. Bento da Vitória – (Luís Soares Carneiro)	Lazer	X	X		X	
	2000-07 – Edifício Oficinas da Boavista – (Eduardo Souto de Moura)	Comércio		X		X	
	2001-07 – Edifício de Habitação “Casas brancas” – (Adalberto Dias)	Habitação		X		X	
	2002-08 – Centro Comunitário de São Cirilo – (Nuno Valentim)	Serviço		X		X	
	2002-06 – Private Banking BES – (António de Portugal/ Manuel Maria Reis)	Serviço		X		X	
	2003-07 – Edifício Burgo – (Eduardo Souto de Moura)	Serviço		X		X	
	2005-09 – Lar Margarida Lisboa Residência Rainha Santa Isabel – (Francisco Machado Lima/ Pedro Cardoso)	Serviço				X	D
	2006-08 – Restaurante Buhle – (Alexandre Teixeira Silva/ Miguel Ribeiro de Sousa)	Lazer				X	D
	2006-09 – Edifício da Vodafone – (Barbosa & Guimarães)	Serviço				X	D
	2006-09 – Sede de Ferreira Construções – Requalificação – (João Carrilho da Graça)	Comércio		X			B
	2007-08 – Ampliação /Reabilitação Escola Séc. Soares dos Reis – (Carlos Prata)	Serviço		X		X	B-D
	2007-09 – Ampliação/Reabilitação da Escola Séc. Rodrigues de Freitas – (Manuel Fernandes de Sá)	Serviço		X			
	2007-09 – Atelier des Créateurs – (Nuno Valentim)	Comércio		X			
	2007-10 – Escola Secundária Garcia de Orta- Reabilitação – (Ricardo Não Gordon)	Serviço		X			
	2007-11 – Edifício MPA – (Paulo Lousinha)	Habitação					
	2008-10 – PE- Edifício de Habitação Social – (Atelier Loza)	Habitação					
	2008-11 – Centro Escolar São Miguel de Negovilde – (AVA-Architects)	Serviço		X			
	2008-11 – Escola Básica do Padrão da Légua – (Nuno Brandão Costa)	Serviço		X			
	2009-15 – i3S -Instituto de Inovação e Investigação em Saúde – (João Pedro Serôdio)	Serviço		X			
	2009 – Molhes do Douro – (Carlos Prata)	Serviço				X	
	2014-15 – Ordem dos Arquitectos (SRN) – (NPS Arquitectos)	Serviço					X

2.- Equipamentos: Geradores de Urbanidade e construtores de Cidade.

Introdução:

Neste segundo capítulo, focamo-nos na análise de um conjunto de equipamentos selecionados, na relação com a cidade. Metodologicamente a estrutura deste capítulo divide-se em três subcapítulos – Décadas de 1930-1960, Décadas de 1960-1990 e Décadas de 1990-2020 – de forma a controlar o estudo. Para tal procede-se a uma análise dos equipamentos, da qual foi necessário determinar parâmetros que permitissem uniformizar e sintetizar o estudo e controlar a densidade de fatores/características que são abordadas. Em paralelo à análise escrita, seguem em anexo e junto ao texto, pequenos esquemas e fichas técnicas que descrevem o programa, a organização interior e a linguagem arquitetónica, bem como desenhos, fotografias e plantas dos respetivos equipamentos.

“(...) trata-se de intervir fora das condicionantes perfeitamente consolidadas, com equipamentos capazes de mobilizar a urbanidade.”¹

Domingos Tavares, 13 fevereiro (2017)

Considera-se que o equipamento constitui *“um acontecimento na formação urbana”²*, como indica Aldo Rossi, que marca uma época e permanece no tempo, transformando-se num programa até formar uma parte de cidade. São obras que assinalam uma nova formação, um novo acontecimento na história urbana que determinam, ou influenciam o processo de desenvolvimento urbano. Como indica Domingos Tavares, estas arquiteturas são capazes de mobilizar os aspetos urbanos para o contexto em que se inserem, capacitando o espaço urbano de ferramentas arquitetónicas importantes para a sua estruturação. É nesta lógica que se procede a seguinte análise.

2.1- Década de 1930-1960 – Centralizadores/Dinamizadores Urbanos

Entre as décadas de 1930 a 1960 regista-se, segundo o levantamento cruzado das fontes bibliográficas, quarenta e três novos equipamentos. Destacam-se dezasete equipamentos em termos de novidade para o desenvolvimento urbano que nos cumprirá atender.

1 -TAVARES, Domingos, Entrevistado por Gonçalo Furtado, Porto, 13 Feb, 2017;

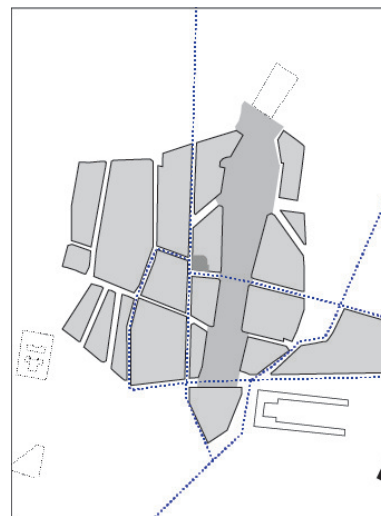
2 - ROSSI, Aldo, (2018), “Arquitetura da cidade”, Lisboa, Editora 70 pág. 151;

2.1.1- Década de 1930-1940

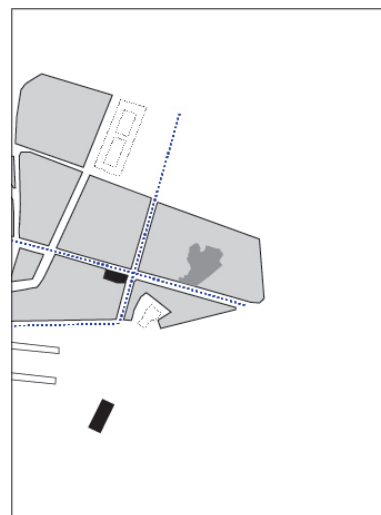
Neste primeiro período, iremos aproveitar para estruturar uma base de observações que irá surgir nas várias épocas, apontando alterações ligeiras relativas à relação entre equipamento-cidade.

O primeiro equipamento é a Garagem “O Comércio do Porto” em 1930-1932 (ficha E.1) projetado pelo arquiteto Rogério de Azevedo. Corresponde a edifício novo e insere-se no contexto urbano de Vitória, consolidado, num território entre o eixo viário dos Almadas, a Avenida dos Aliados e as ruas de Elísio de Melo e de Ramalho Ortigão³. O Edifício quanto ao programa corresponde a **Serviço** e tem uma área aproximada de 7 900 metros quadrados. O projeto implanta-se numa zona densamente construída mantendo a continuidade e cria destaque na leitura visual. Quanto à escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Quanto à linguagem do edifício (ver ficha E.1) caracteriza-se pela **estética moderna**, assumindo destaque no contexto envolvente. A abordagem plástica e formal contrasta com a leitura visual⁴.

O segundo equipamento é o Hospital de São João em 1933-1959 (ficha E.2) projetado pelo arquiteto Hermann Distel. Corresponde a edifício novo e insere-se no contexto urbano de Paranhos, fragmentado, num território entre o eixo viário da Circunvalação e das ruas Dr. Plácido da Costa, Dr. António Bernardino de Almeida e Roberto Frias.⁵ O edifício quanto ao programa, corresponde a **Serviço** e tem uma área aproximada de 75 mil metros quadrados. O projeto implanta-se numa zona pouco urbanizada e destaca-se na paisagem próxima. Quanto à escala da



Des.1 – Esquema do Garagem “O Comércio do Porto”



Des.2 – Esquema do Coliseu do Porto

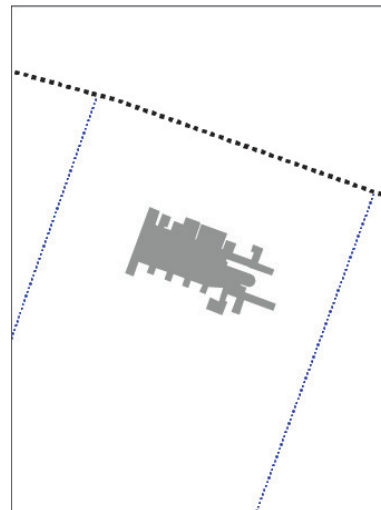
3 - COSTA, Ana Alves, “Rogério de Azevedo”, Vila do Conde, editora Verso da História, 2013, pag.54-58;

4 - COSTA, Ana Alves “ Projecto e Circunstância: A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo”, [Tese de Doutoramento, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto], Porto, Editora FAUP, pag. 234-236;

5 - CAPELA, Inês Catarina (2016) “Sinalética do Hospital de São João: relatório de estágio curricular na empresa A Transformadora” [Dissertação de mestrado, Faculdade de belas-artes do Porto], Porto, Editor FBAUP, pag.60;

intervenção é classificável pela **macro escala**, relativamente à dimensão/área. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.2) caracteriza-se pela **estética moderna**, assumindo total destaque num contexto de vazio urbano. A bordagem plástica e formal assume também destaque, dada a escala do edificado.⁶

O terceiro equipamento é o Coliseu do Porto em 1938-1941 (ficha E.3), projetado pelos arquitetos Cassiano Branco, Júlio José de Brito e Mário Abreu. Corresponde a um edificado novo. O edifício insere-se no contexto urbano de Santo Ildefonso, em consolidação, num quarteirão definido pela rua Passos Manuel, Santa de Catarina, Formosa e da Alegria. A envolvente é composta por habitação, comércio (que variam entre dois e seis pisos). O edifício quanto ao programa, corresponde a **Lazer** e tem uma área aproximada de 14 500 metros quadrados. O projeto resolve um grande vazio no quarteirão e destaca-se das volumetrias envolventes⁷. A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Quanto à linguagem do edifício (ver ficha E.3) caracteriza-se pela **estética moderna** e destaca-se da envolvente próxima. A abordagem plástica e forma permite criar dinâmicas, nomeadamente na variedade de soluções no alçado, que transformam a leitura urbana no contexto próximo.⁸



Des.3 – Esquema do Hospital de São João

2.1.2- Década de 1940-1950:

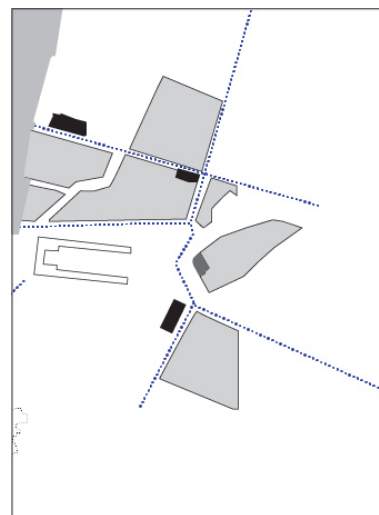
Em relação à década de 1930/140, apontam-se alterações na relação do equipamento com o desenvolvimento urbano. Em termos de equipamentos, estes adotam uma característica diferente, apontando relações de dinamismo com ambiente urbano em expansão, que nos caberá analisar.

6- Centenário U. Porto, (2011) “Inauguração do Hospital de São João” (https://centenario.up.pt/ver_momento47e8.html?id_momento=48)

7 - BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

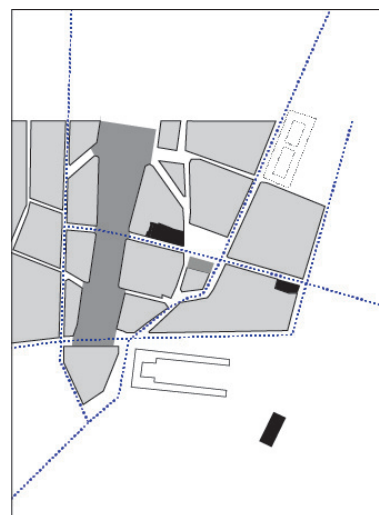
8 - PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.325-335;

O quarto “equipamento” é o Cinema Batalha em 1944-1947 (ficha E.4), projetado pelo arquiteto Artur Andrade. Corresponde a um projeto de edifício novo, mesmo que anteriormente tenha existido o Salão “High-Life da Batalha”⁹ e insere-se no contexto urbano da Sé, consolidado, num quarteirão definido pela praça da Batalha, a rua de Santo Ildefonso, do Campinho e entre Paredes. A envolvente é composta por habitação (de quatro a seis pisos), comércio, lazer e serviços. O edifício quanto ao programa, corresponde a **Lazer** e tem uma área aproximada de 3 mil metros quadrados. O projeto resolve a situação em gaveto e enquadra-se nas volumetrias envolventes, tendo destaque no desenho da fachada.¹⁰ A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. A intervenção permite dinamizar toda a envolvente, sobretudo a praça da Batalha, na qual o cinema faz frente. Quanto à linguagem do edifício (ver ficha E.4) caracteriza-se pela **estética moderna**, e pela forma dinâmica que a fachada possui. A abordagem plástica e formal, com a utilização da curva como expressão cria dinâmica à praça da Batalha, bem como o restante contexto.



Des.4 – Equema do Cinema Batalha

O quinto “equipamento” é o Edifício Rialto em 1942-1944 (ficha E.5), projetado pelo arquiteto Rogério de Azevedo. Corresponde a edifício novo e insere-se no contexto de Santo Ildefonso, consolidado, num quarteirão definido pelas ruas Passos Manuel, Sá da Bandeira, do Bonjardim e pela Praça Dom João I. A envolvente é composta por habitação (de quatro a oito pisos), pequeno comércio, lazer (Teatro do Rivoli e Coliseu do Porto) e serviço. O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Habitação** e tem uma área aproximada de 4 700 metros quadrados. O projeto resolve a situação de duplo gaveto e destaca-se das volumetrias envolventes. A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**,



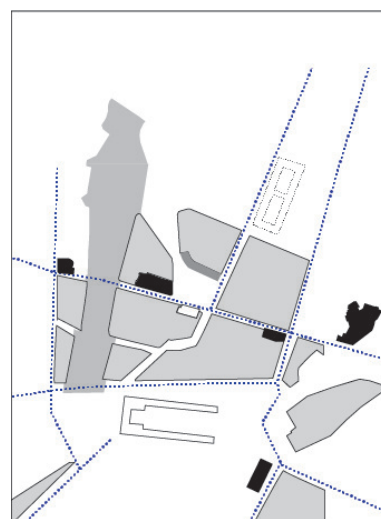
Des.5 – Equema do edifício Rialto

9 - CARDOSO, Ana Rita (2008) “Ensaio fílmico sobre o Cinema [Batalha]” [Dissertação de mestrado, faculdade de belas-artes do Porto] Porto, Editor FBAUP, pag.50-61;

10 - FERREIRA, Diana Sofia (2018) “Cinema Batalha: memória, conhecimento e inovação: proposta de um sistema de identidade dinâmico” [Dissertação de mestrado, faculdade de belas-artes do Porto] Porto, Editor FBAUP, pag.35-41;

relativamente à dimensão/área.¹¹ O edifício quebra totalmente a horizontalidade existente, pontuando a envolvente, tornando-se um ponto de referência visual e local. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.10) caracteriza-se pela **estética moderna**, muito presente na obra do arquiteto. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas na leitura urbana que, neste caso, pontua a paisagem da cidade com um “arranha céus”.¹²

O sexto “equipamento” é o Palácio Atlântico em 1945-1951 (ficha E.6), projetado pelo grupo ARS arquitetura. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Santo Ildefonso, consolidado, num quarteirão definido pelas ruas Sá da Bandeira, Formosa e do Bonjardim e pela praça Dom João I. A envolvente é composta por habitação (de quatro a dez pisos), pequeno comércio, lazer (Teatro do Rivoli e Coliseu do Porto) e serviço. O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Serviço** e tem uma área aproximada de 15 200 metros quadrados. Quanto à escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área, contudo, a densidade volumétrica permite ao edifício ganhar dimensão e se projetar para uma escala intermédia. Desta forma, o Palácio completa e define a Praça Dom João I, e compete, a nível de escala com o edifício em frente do Rialto¹³ e relaciona-se, numa leitura mais alargada, com a escala do Coliseu do Porto. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.6), caracteriza-se pela **estética e abordagem moderna**. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas na leitura urbana, bem como na composição do contexto próximo ao definir a praça.



Des.6 – Equema do Palácio Atlântico

O sétimo “equipamento” é o Bloco da Carvalhosa 1945-50 (ficha E.7), projetado pelo arquiteto Arménio Losa e Cassiano

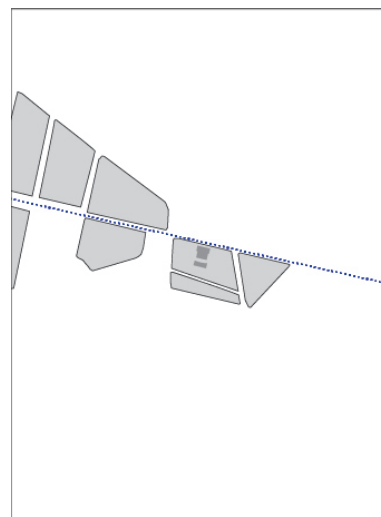
Barbosa. Corresponde a um projeto de edificado novo e insere-se

11 - COSTA, Ana Alves (2015) “Projeto e circunstância: A coerência na diversidade da obra de Rogério de Azevedo” [Tese de doutoramento, faculdade de arquitetura do Porto] Porto, Editor FAUP, pág. 267-269;

12 - COSTA, Ana Alves (2013) “Rogério de Azevedo”, Editora Verso da História, Porto, pág.75-81;

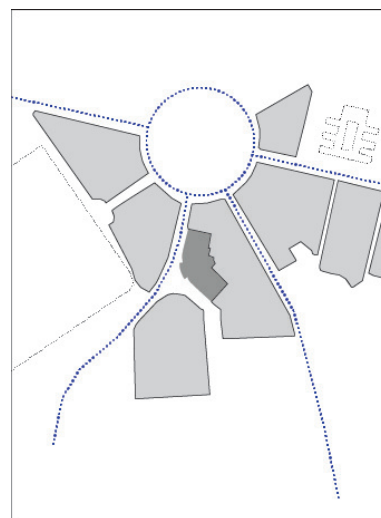
13 - (1951) “A Praça D. João I e o seu ‘Palácio Atlântico’”, Porto – 3 mapas

no contexto urbano de Cedofeita, em consolidação, num quarteirão definido pelas ruas da Boavista, de Aníbal Cunha, da Igreja de Cedofeita e de Cedofeita. A envolvente é composta habitação (entre dois a oito pisos) e comércio de pequena escala. No entanto, não segue o alinhamento dos edifícios existente, fazendo um pequeno recuo, onde resolve, através da solução projetual, a transição do espaço de rua para o bloco, bem como a problemática da habitação no rés-do-chão.¹⁴ O edifício quanto ao programa, corresponde a **Habitação** e tem uma área aproximada de 3 700 metros quadrados. A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala** relativamente à dimensão/área. Quanto à linguagem do edifício (ver ficha E.7), caracteriza-se pela **estética moderna**. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas na leitura urbana, bem como na composição espacial do espaço urbana, devido ao recuo.



Des.7 – Equema do edifício da Carvalhosa

O oitavo “equipamento” é o Mercado do Bom Sucesso 1949-1952 (ficha E.8), projetado pelo grupo de arquitetura ARS. Corresponde a edifício novo e insere-se no contexto urbano de Massarelos, fragmentado, num quarteirão definido pelas ruas de Gonçalo Sampaio e Júlio Dinis e pela rotunda da Boavista. A envolvente corresponde a um vazio urbano, marcado pelo equipamento. O edifício quanto ao programa, corresponde a **Comércio** e tem uma área aproximada de 10 mil metros quadrados. A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Contudo, a expressão volumétrica permite criar uma leitura intermédia, sobretudo na época, tendo em conta a altimetria do contexto. Neste sentido, o Mercado surge como dinamizador de escala e do local, arrastando consigo a projeção urbana, que neste período, em relação à Boavista e sobretudo ao Campo Alegre, se representava por vários aglomerados de edifício de pequena escala. Quanto à linguagem do edifício (ver ficha E.8), caracteriza-se pela **estética**



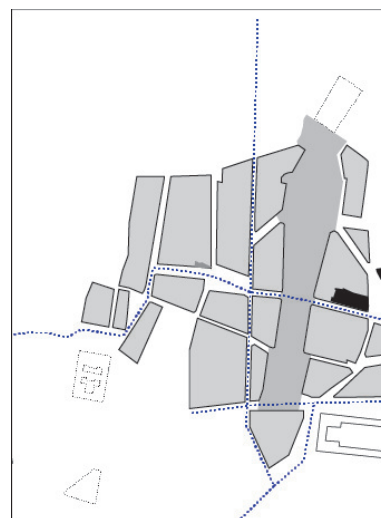
Des.8 – Equema do Mercado Bom Sucesso

moderna. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas na

14 - NEVES, António (2015) “Arménio Losa e Cassiano Barbosa, arquitectura no segundo pós-guerra: arquitectura moderna, nacionalismo e nacionalização” [Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Arquitetura do Porto], Porto, pág. 196-198;

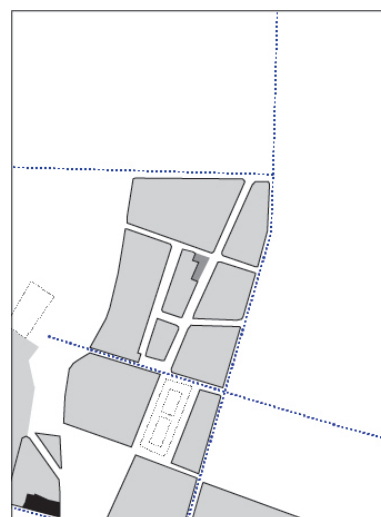
leitura urbana, refletindo-se sobretudo na sua forma curvilínea e na grande cobertura de betão que cobre o espaço.

O nono “equipamento” é o edifício Soares & Irmão 1949-1954 (ficha E.9) projetado pelos arquitetos Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Vitória, consolidado, num quarteirão definido pelas ruas de Ceuta (recém aberta), da Picaria, da Conceição e de José Falcão.¹⁵ A envolvente é composta por habitação (de dois a oito pisos), comércio de pequena escala, serviço (garagem “O comércio do Porto”) e lazer (Hotel Infante Sagres). O edifício quanto ao programa corresponde a **Habitação** e tem uma área aproximada de 5 200 metros quadrados. O projeto resolve uma situação de gaveto, entre a rua de Ceuta com a rua da Picaria. Contudo é uma situação de gaveto particular, onde o gaveto é dividido na diagonal em duas parcelas.¹⁶ A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.9), caracteriza-se pela **estética moderna**. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas na leitura urbana que neste caso de caracteriza ao longo da rua de Ceuta, como característica geral.



Des.9 – Equema do edifício Soares & Irmão

O décimo “equipamento” é o edifício DKW em 1950-1954 (ficha E.10), projetado pelos arquitetos Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Santo Ildefonso, em consolidação, num quarteirão definido pelas ruas de Sá da Bandeira, Guedes de Azevedo, do Bolhão e da Firmeza. A envolvente é composta por habitação (de cinco a oito pisos), pequeno comércio, lazer e serviço. O edifício quanto ao programa, corresponde a **Habitação** e tem uma área aproximada de 10 mil metros quadrados. O projeto resolve a situação de gaveto, no cruzamento de Sá da Bandeira e Guedes de Azevedo e enquadra-se



Des.10 – Equema do DKW

15 - SOUSA, João Filipe (2006) “Rua de Ceuta: estudo dos planos e do objeto” [trabalho académico, faculdade de arquitetura do Porto] Porto, Editor FAUP, pág.28-30;

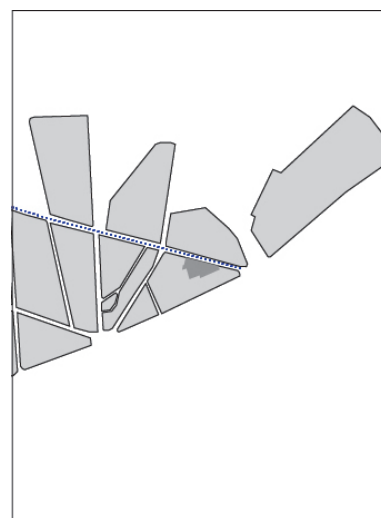
16 - Ibi Idem, pag.30-35;

nas volumetrias envolventes.¹⁷ A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Quanto à linguagem do edificado, caracteriza-se pela **estética moderna**, presente nas obras dos arquitetos Arménio Losa e Cassiano Barbosa. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas na leitura urbana, nomeadamente na composição formal dos pisos inferiores.

2.2.3- Década de 1950-1960

Em relação à década de 1940/1950, apontam-se grandes alterações na relação do equipamento com o desenvolvimento urbano. Em termos de equipamentos, estes adotam uma característica mais dinamizadora do contexto urbano em desenvolvimento, apresentando apontando relações de coesão e estruturação com ambiente urbano em expansão, que nos caberá analisar.

O décimo primeiro “equipamento” é o Edifício Ouro em 1950-1954 (ficha E.11), projetado pelo arquiteto Mário Bonito. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano do Bonfim, consolidado, num quarteirão definido pelas ruas Fernandes Tomás, de Coelho Neto e de Santo Ildefonso. A envolvente é composta por habitação (que variam entre três e seis pisos), comércio e serviços de pequena escala, e o Tribunal Administrativo do Norte. O edifício quanto ao programa, corresponde a **Habitação** e tem uma área aproximada de 5 700 metros quadrados. O projeto resolve um vazio urbano enquadrando-se e criando destaque das volumetrias envolventes.¹⁸ A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala** relativamente à dimensão/área. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.11), caracteriza-se pela **estética moderna**. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas e resolver situações urbanas, colmatando o vazio urbano numa leitura de continuidade



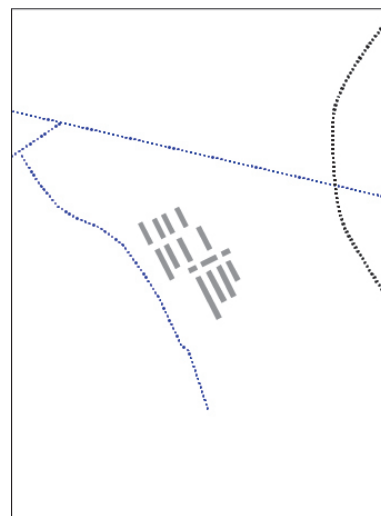
Des.11 – Equema do edifício Ouro

17 - BARBOSA, Branca Oliveira (2014) “Reflexos do movimento moderno no edifício DKW de Arménio Losa e Cassiano Barbosa”, [Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura do Porto], Porto, pág.25-30;

18 - RIBEIRO, Helder Casal (2012) “A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60” [Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Arquitetura do Porto], Porto, pág.201/445-461;

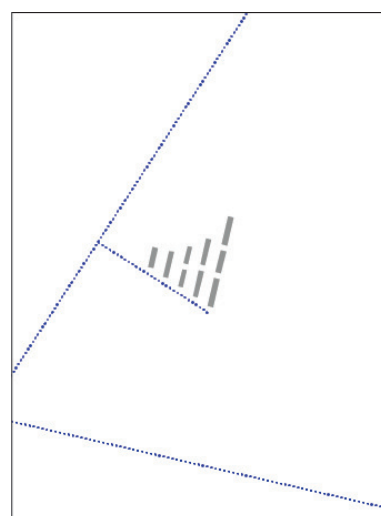
urbana.

O décimo segundo “equipamento” é a Cooperativa “O Lar Familiar” em 1950-1955 (ficha E.12), projetado pelo arquiteto Mário Bonito. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Lordelo do Ouro, fragmentado, num quarteirão estruturado por uma malha regular de habitações de dois pisos, organizados em banda (por influência da Carta de Atenas, define unidade quarteirão com um espaço público envolvente hierarquizado). A envolvente é composta por habitação de pequena escala e grandes vazios urbanos.¹⁹ O projeto, quanto ao programa, corresponde a **Habitação** e tem, uma área de intervenção aproximada de 20 mil metros quadrados. A escala da intervenção é classificável pela **escala intermédia**, relativamente à dimensão/área. A intervenção estrutura parta da freguesia de Lordelo do Ouro que apenas se associa à cooperativa, dado que a malha não se prolonga em nenhum contexto. Quanto à linguagem do conjunto (ver ficha E.12), caracteriza-se pela **estética moderna**, característica da formação do arquiteto Mário Bonito. A abordagem plástica e formal simples permite criar uma leitura coesa da intervenção, influenciada pelo facto de ser uma proposta num quarteirão desenhado.



Des.12 – Equema da Cooperativa “O Lar Familiar”

O décimo terceiro “equipamento” é a Unidade Residencial de Ramalde em 1951-1960 (ficha E.13), projetado pelo arquiteto Fernando Távora. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Ramalde, fragmentado, num contexto definido pela avenida Dr. Antunes Guimarães e pela rua Dr. Vasco Valente. A envolvente é composta por habitação de pequena escala e grandes vazios urbanos. A unidade, quanto ao programa, corresponde a **Habitação** e tem uma área aproximada de 18 mil metros quadrados. O projeto é de grande importância pois é a primeira intervenção do tipo a uma escala alargada na cidade do Porto. O projeto possui

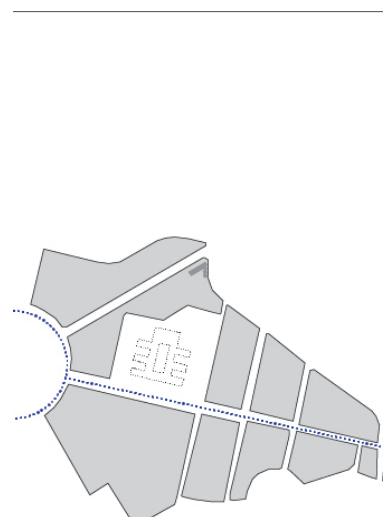


Des.13 – Equema da Unidade de Ramalde

19 - ROCHA, Marta (Ed.) & GONÇALVES, Eliseu (Ed.) (2019) “Bairro de moradias económicas da cooperativa, o Lar Familiar = Affordable housing estate of the cooperative, o Lar Familiar: Mário Bonito, Porto, 1950-1962”, Editora FAUP, Porto.

relações com o Bairro de Alvalade (1942), na relação de destaque do ambiente urbano, de modo a criar uma ambiência própria e controlada. O conjunto é definido como bom exemplo da aplicação dos princípios da Carta de Atenas, com a articulação dos volumes com eixos pedonais e espaços ajardinados, diferenciados dos eixos viários de acesso as barras.²⁰ A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Contudo, a leitura neste caso deve ser entendida por intermédia, tendo em conta a importância na definição urbanística do local e do contexto em que se insere. Quanto à linguagem do conjunto (ver ficha E.13), caracteriza-se pela **estética moderna**. A abordagem plástica e formal deriva da aplicação dos conceitos modernos de organização urbana.²¹

O décimo quarto “equipamento” é o Edifício Parnaso em 1954-1956 (ficha E.14), projetado pelo arquiteto José Carlos Loureiro. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Cedofeita, consolidado, num quarteirão definido pela avenida da Boavista, pela rua de Nossa Sra. de Fátima, de Oliveira Monteiro e de Dr. Carlos Cal Brandão. A envolvente é marcada por habitação (de dois a sete pisos), pequeno comércio e serviços (Hospital Militar Rei D. Pedro V). O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Habitação**, no entanto também possui Serviço, nomeadamente a escola de música Parnaso, (do músico Fernando Correia de Oliveira, proprietário da obra) e tem uma área aproximada de 3 600 metros quadrados. O projeto resolve uma situação de gaveto, fazendo a transição de contexto através das altimetrias/ tipologias dos volumes.²² A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.14), caracteriza-se pela **estética moderna**, presente e muito característica da obra de José Carlos



Des.14 – Equema do edifício Parnaso

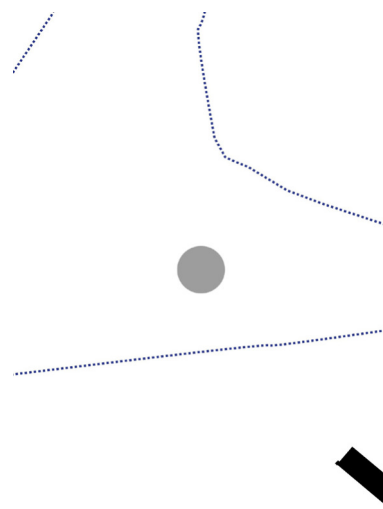
20 - TÁVORA, Fernando (1993) “Fernando Távora”, Editora Blau, Lisboa, pág.54-55;

21 - VASCONCELOS, Diana da Silva (2009) “Um bairro moderno no Porto: o bairro de Ramalde de Fernando Távora” [trabalho académico, faculdade de arquitetura do Porto] Porto, Editor FAUP, pág.52-55;

22 - ESTEVES, Mónica Filipa (2015) “Edifício Parnaso: intervenção em arquitetura do movimento moderno” [Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura do Porto], Porto, pág.141-151;

Loureiro. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas na leitura urbana, respetivamente na transição volumetria no gaveto, de uma leitura relacionada com a avenida para uma rua secundária.²³

O décimo quinto “equipamento” é o Pavilhão dos Desportos em 1951-1954 (ficha E.15), projetado pelo arquiteto José Carlos Loureiro. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Massarelos, consolidado, num contexto particular, dentro dos jardins do Palácio de Cristal. O pavilhão foi definido que se implantaria no Palácio de Cristal, implicando que este fosse desmantelado. A envolvente é composta por habitação (dois a cinco pisos), pequeno comércio, serviços e lazer (Museu Nacional Soares dos Reis). O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Lazer** e tem uma área aproximada de 6 mil metros quadrados. O projeto resulta da necessidade de criar um recinto que receba o Campeonato do Mundo de hóquei de 1953, tendo sido realizada apenas a arena, sendo completado após o mundial.²⁴ A escala da intervenção é classificável pela pequena escala, relativamente à dimensão/área. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.15), caracteriza-se pela **estética moderna**. A abordagem plástica e formal permite criar uma dinâmica diferente ao jardim, naturalmente diferente da do antigo Palácio, e da paisagem urbana do Porto.²⁵



Des.15 – Equema do Pavilhão dos Despor-

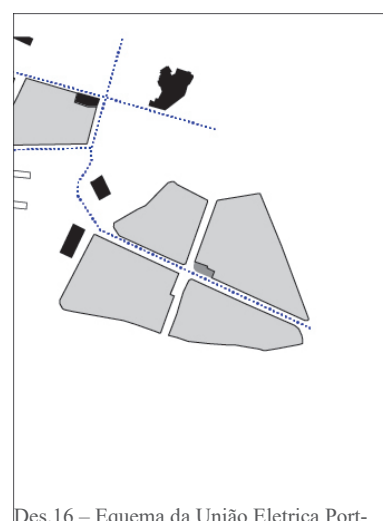
O décimo sexto “equipamento” é o Edifício da União Elétrica Portuense em 1953-1961 (ficha E.16), projetado pelo arquiteto Januário Godinho. Corresponde a uma reabilitação/construção de edificado novo e insere-se no contexto urbano do Bonfim, consolidado, num quarteirão definido pelas ruas de Alexandre Herculano, do Duque de Loulé e das Fontainhas. A envolvente é composta por habitação (que varia entre dois e oito pisos), e comércio de pequena

escala O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Serviço** e tem

23 - COSTEIRA, Luís Pinto (2021) “José Carlos Loureiro: arquitetura e paisagem urbana” [Dissertação de mestrado, faculdade de arquitetura do Porto] Porto, Editor FAUP, pág.21-34;

24 - COSTA, Nuno Brandão, & LOUREIRO, Luís Pinheiro (2013) “J. Carlos Loureiro”, Editora Verso da História, Porto, pág. 35-37;

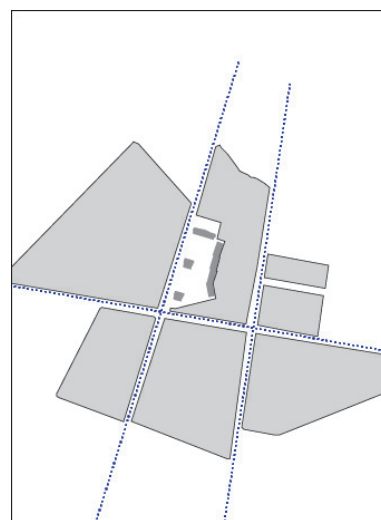
25 - LOUREIRO, José Carlos “Reabilitação do Pavilhão dos Desportos – Porto” Porto, SOB – Sebentas d’Obra, pág.33-36;



Des.16 – Equema da União Elétrica Portuense

uma área aproximada de 4 mil metros quadrados. O projeto resolve uma situação de gaveto através da pré-existência, no cruzamento da Alexandre Herculano com Duque de Loulé e enquadra-se nas volumetrias envolventes.²⁶ Caracteriza-se pelo diálogo entre duas abordagens arquitetónicas, da preexistência com o novo volume moderno, pragmático e rigoroso. A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.16), caracteriza-se pela **dualidade de linguagens**, característica deste projeto, dada a situação da preexistência. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas na leitura estética do contexto sem que se perca a ideia de continuidade.

O décimo sétimo “equipamento” é o Parque Residencial do Luso em 1959-1963 (ficha E.17), projetado pelo arquiteto José Carlos Loureiro. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano do Bonfim, em consolidação, num quarteirão definido pelas ruas da Constituição, da Alegria, Professor Correia de Araújo e Professor de Jesus Caraça. A envolvente é composta por habitação (de dois a cinco pisos) e pequeno comércio. O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Habitação** e tem uma área aproximada de 27 700 metros quadrados. O projeto resolve uma situação de gaveto, no cruzamento da Constituição com a Alegria. O Conjunto divide-se em duas tipologias volumétricas, bloco e torre, sendo que as torres se encontram no eixo viário da Alegria e os blocos recuam e implantam-se no interior do lote, junto a um acesso secundário.²⁷ A escala da intervenção é classificável por **intermédia**, relativamente à dimensão/área. As várias escalas que o conjunto contém dão uma leitura urbana coesa com o contexto. A abordagem plástica caracteriza-se pela **abordagem moderna** e permite uma dinâmica diferente na envolvente, dada pelos planos torcidos e a vibrância dos materiais.



Des.17 – Equema do parque residencial do Luso

26 - LAMEIRA, Gisela (2013) “Januário Godinho, 1910-1990”, Editora Verso da História, Vila do Conde, pág. 16-20;

27 - COSTA, Nuno Brandão, & LOUREIRO, Luís Pinheiro (2013) “J. Carlos Loureiro”, Editora Verso da História, Porto, pág. 52-57;

Em resumo, dos dezasete equipamentos, relativamente ao seu programa, nove correspondem a Habitação (edifício da Carvalhosa, edifício Soares & Irmão, DKW, edifício Ouro, cooperativa “O Lar Familiar”; Rialto; Unidade de Ramalde; edifício Parnaso e Parque do Luso), três a Lazer (Coliseu do Porto, Cinema Batalha e Pavilhão do Desportos), quatro a Serviço (garagem “Comércio do Porto, Hospital de São João, Palácio Atlântico e edifício da União Elétrica Portuense) e um a Comércio (Mercado do Bom Sucesso). Estes equipamentos correspondem a várias situações projetuais. O Cinema Batalha e o edifício da União Elétrica Portuense constituem uma reabilitação/projeto e os restantes catorze equipamentos correspondem a novo edificado. Quanto à escala dos equipamentos, observa-se que dois correspondem a uma intervenção de escala intermédia (cooperativa “O Lar Familiar” e Parque Residencial do Luso), capazes de estruturar o contexto envolvente. Catorze correspondem a uma intervenção de pequena escala (garagem “Comércio do Porto”, o Coliseu do Porto, o Cinema Batalha, o Palácio Atlântico, os edifícios da Carvalhosa e Soares & Irmão, o Mercado do Bom Sucesso, o DKW, edifício Ouro, edifício Parnaso, pavilhão dos Desportos, edifício da União Elétrica Portuense e Unidade Residencial de Ramalde), sendo este último equipamento possui uma leitura intermédia, relativamente ao plano, à sua inserção urbana. Relativamente à linguagem dos seis equipamentos, todos seguem a mesma abordagem da linguagem moderna, muito relacionada com o período em que foram construídas, sendo que cada um com as suas especificidades, sendo que o Edifício da União Elétrica Portuense, tem a particularidade de integrar um edificado neoclássico. Quanto à inserção urbana, os equipamentos selecionados encontram-se fora do contexto centro da cidade, em situações diversas, sendo que em contextos em consolidação (Lapa; Batalha; Bonfim) ou em contextos de transformação urbana maioritariamente (Boavista; Lordelo; Ramalde). Relativamente à relação com o espaço urbano, os equipamentos dividem-se em “centralizadores e dinamizadores”. Ou seja, os equipamentos inseridos nos contextos urbanos do centro da cidade, que corresponde às décadas de 1930-1940, têm um papel de centralizar programas e completar a estrutura existente, fixando fluxos de mobilidade criando uma rede de relações. Os equipamentos inseridos no contexto periférico mais próximo ao centro, que corresponde às décadas de 1940-1960, têm uma característica dinamizadora, localizados em contexto em desenvolvimento, acelerando o processo de urbanização/consolidação.

E.1 - Garagem “O Comércio do Porto”

Anexo

Data do projeto: 1930 - 1932	Arq. : Rogério de Azevedo	Programa: Serviço	Loc. cruzamento da r. do Almada com Elísio de Melo
------------------------------	---------------------------	-------------------	--

1.1- Programa:

Em 1930, Rogério de Azevedo projeta a Garagem de “O Comércio do Porto”. O programa corresponde a serviço e organiza-se em sete pisos, quatro dos quais serviam a garagem e, sobre estes, com entradas independentes nos topos do edificio, três pisos de escritórios. As rampas helicoidais, permitem a continuidade visual do espaço desde a cave até ao quarto piso. Nos pisos dos escritórios, as salas organizam-se em ambos os topos, com um longo corredor central, sendo que no ponto do gaveto, se encontra as escadas marcadas pelo desenho delicado de uma claraboia. O programa escolhido surge do panorama dos anos 30, onde garagens, estações de serviço e salas de espetáculo representam o progresso transformador de viver o quotidiano, que na cidade se identificavam com o modo de estar moderno.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

A volumetria é dinâmica, com a diferença de altura entre a garagem e os pisos de escritório. A composição simétrica baseia-se na diagonal do gaveto, cujo eixo de marcação é marcado pelo expressivo pilar central que separa a entrada e saída dos veículos e se prolonga visualmente pela chaminé de ventilação, que é circular. As fachadas são marcadas com a saliência dos dois primeiros pisos, rasgados por vãos horizontais, e ganham autonomia em relação ao plano de fachada dos pisos da garagem, e o último piso rematado com o recuo da fachada, e pelo aparecimento da estrutura que quebra a continuidade da leitura horizontal.



Material Gráfico

Fig.4 - Alçado principal (rua do Almada)

Fig.2 - Corte diagonal;

Fig.1 - Planta de rés-do-chão;

Fig.2 - Planta dos pisos de escritório

Fig.3 - Alçado lateral (Elísio de Melo);

Fontes

Fontes bibliográficas:

- 1-
- 2-

Fontes de imagens/desenhos:

- Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1933 - 1959

Arq. : Hermann Distel

Programa: Serviço

Loc. estrada da Circunvalação (junto ao nó com a A3

1.1- Programa:

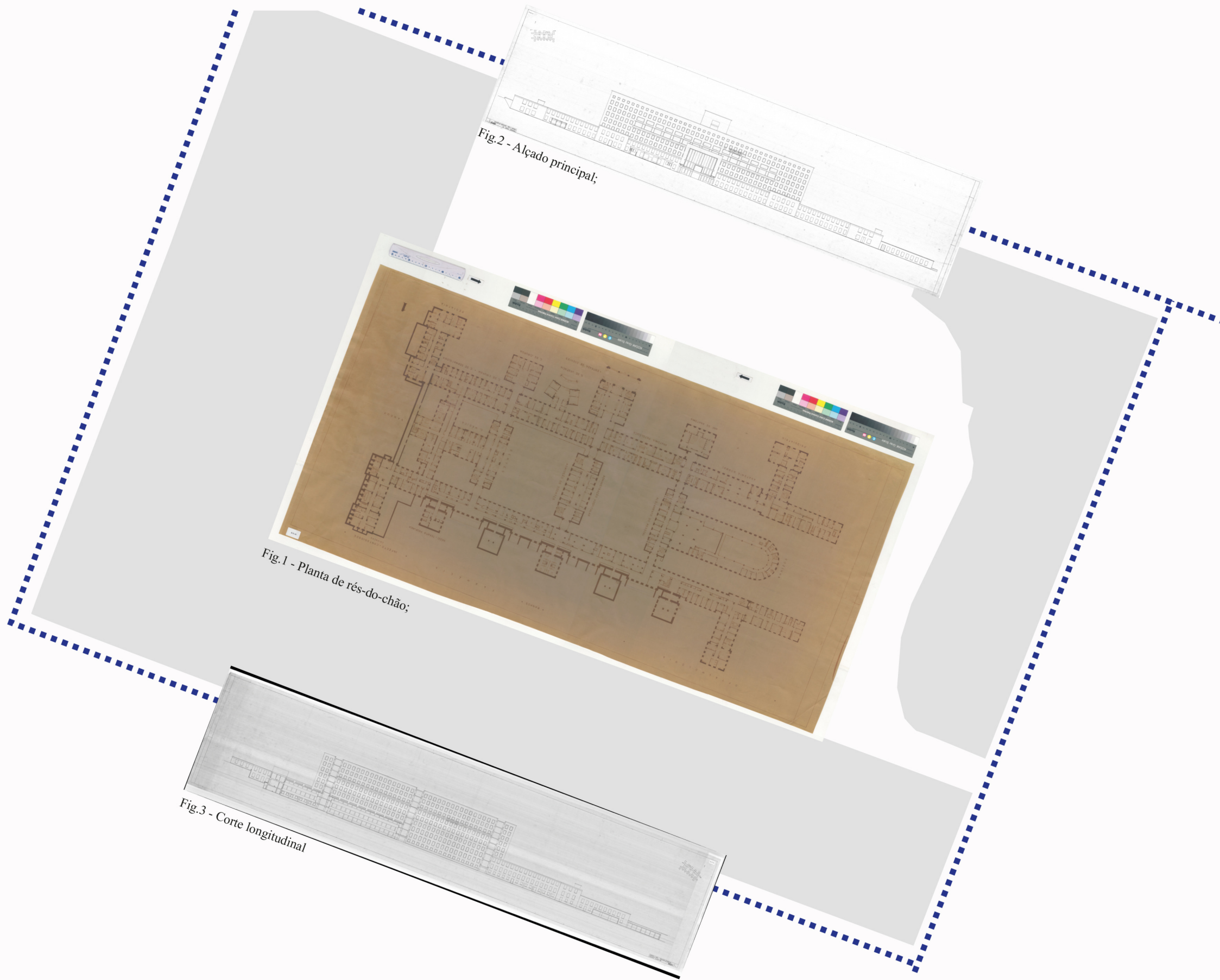
Em 1955, Hermann Distel projeta o Hospital de São João. O programa corresponde a serviço e organiza-se em nove pisos. O programa hospitalar e escolar (medicina) organizam-se nos vários pisos. O programa escolhido surge na necessidade de contruir no Porto e em Lisboa, Hospitais escolares, que dessem formação e resposta às necessidades de saúde dos grandes centros urbanos¹.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

A volumetria é dinâmica, com a diferença de altura entre os vários “braços” que se conectam com o edificio principal. A composição simétrica é realizada a eixo do volume principal. As fachadas são marcadas por uma grelha rigoreosa de vãos verticais que dinamizam os planos lisos, bem como a saliencia dos vários “braços”, que seguem a mesma lógica de alçado.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1- Centenário U. Porto, (2011) “Inauguração do Hospital de São João” (https://centenario.up.pt/ver_momento47e8.html?id_momento=48)Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Quis ipsum suspendisse ultrices gravida. Risus commodo viverra maecenas accumsan lacus vel facilisis.

2-

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1938 - 1940

Arq. : Cassiano Branco

Programa: Lazer

Loc. rua Passos Manuel

1.1- Programa/Organização:

Em 1938-1940, Cassiano Branco projeta o Coliseu do Porto. O programa corresponde a lazer e organiza-se em

1.2- Linguagem Arquitetónica:

A volumetria é dinâmica, com a diferença de altura entre os vários “braços” que se conectam com o edifício principal. A composição simétrica é realizada a eixo do volume principal. As fachadas são marcadas por uma grelha rigoreosa de vãos verticais que dinamizam os planos lisos, bem como a saliência dos vários “braços”, que seguem a mesma lógica de alçado.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1944 - 1947

Arq. : Artur Andrade

Programa: Lazer

Loc. praça da Batalha

1.1- Programa:

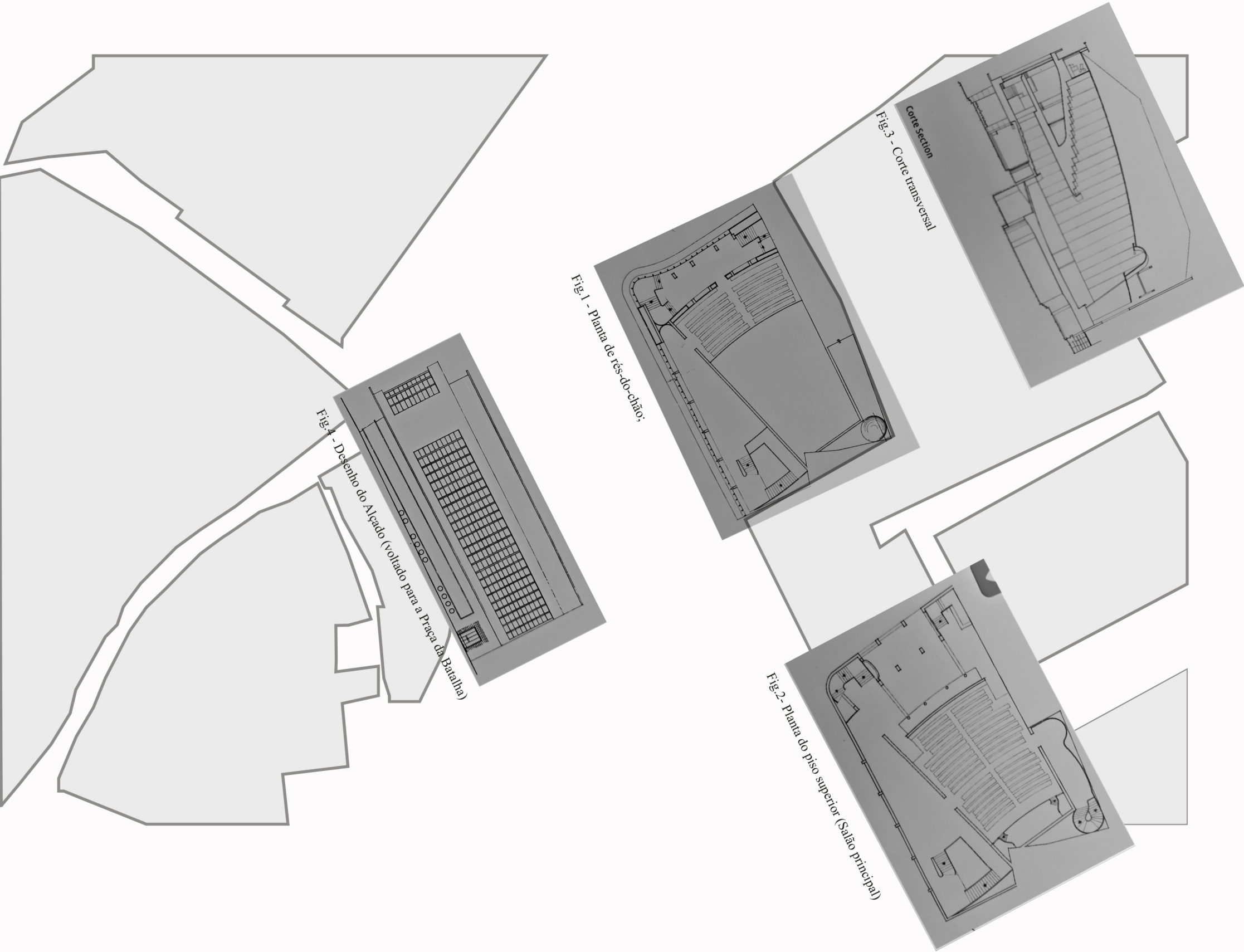
Entre 1944 e 1947, Artur Andrade projeta o Cinema Batalha. O programa corresponde a lazer e organiza-se em quatro pisos, sendo um em cave e outro recuado. Possui duas salas de projeção, vários foyers que articulam os espaços, dois bares e um restaurante. Destaca-se no seu interior a sala maior, que acolhe até 950 lugares distribuídos por plateia, tribuna e balcão.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edificado caracteriza-se pela sua forma, na resposta à situação urbana de gaveto, que cria uma fachada curva de grande dinamismo, que dialoga com a forma irregular da praça da Batalha. No interior, a dinâmica material demonstra uma capacidade de pormenorização, capaz de integrar formas curvas e vários materiais, alternando a linguagem de determinadas peças consoante o piso (candeeiros), diversificando as combinações de revestimentos no edifício.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

1.1- Programa/Organização:

Em 1942, Rogério de Azevedo projeta do Edificio Rialto. O programa do edificio corresponde a Habitação e organiza-se em 10 pisos, 9 acima da cota da rua e 1 em cave, sendo que os volumes voltados para a rua do Bonjardim e de Sá da Bandeira são mais baixos (3 pisos). A entrada no edificado é feita ao eixo com a fachada principal, pelos acessos verticias, que destribuem para os vários pisos “tipo”. No piso de rés-do-chão, apesar de ser um edificio de habitação, possui vários espaços de comércio, que comunica com uma galeria aberta para a Praça Dom. João I.

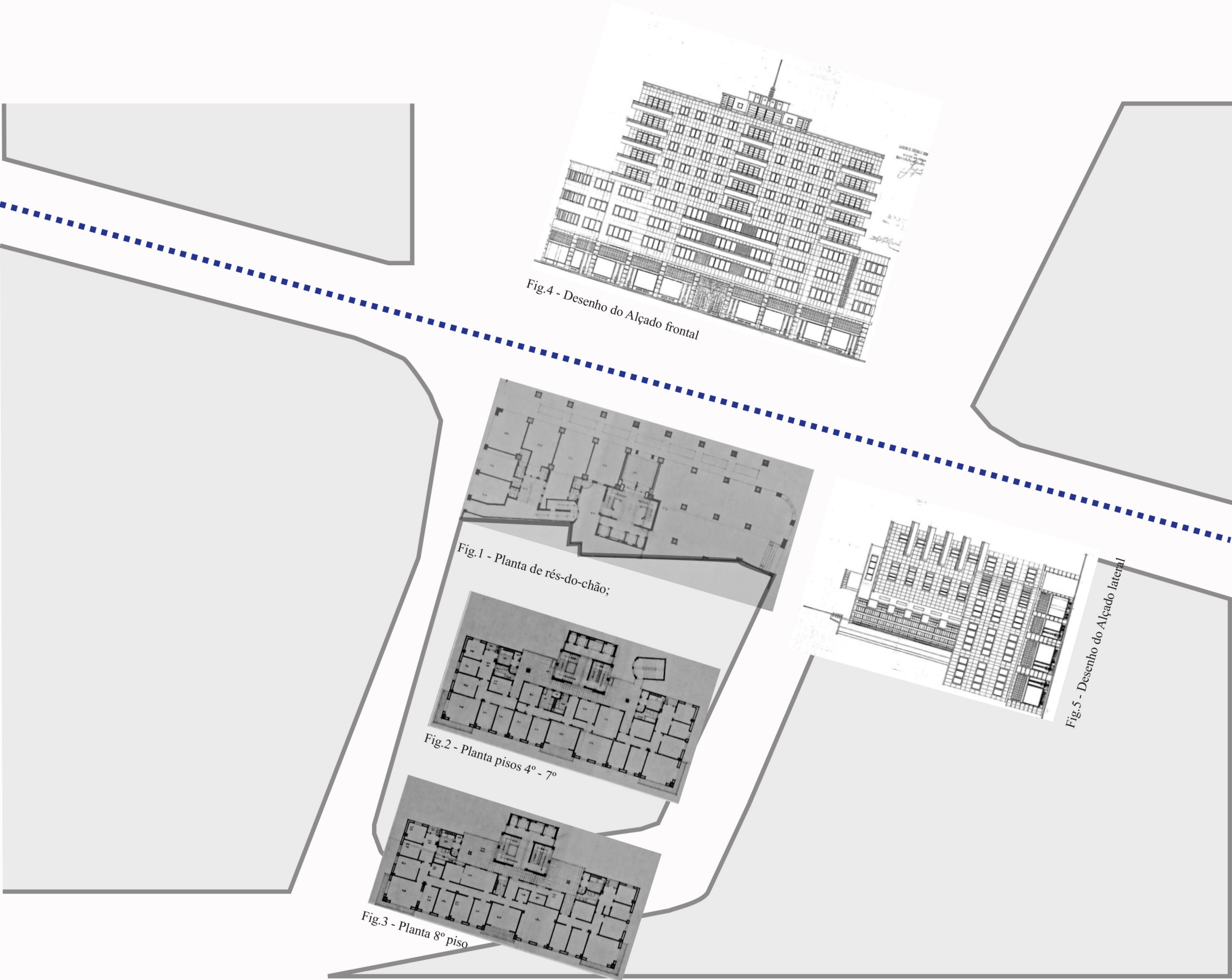
1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edificio remata o quarteirão onde se insere. A volu- metria é compacta e maciça, dinamizada pela composição dos vãos, horizontais até ao 3º piso e verticias até ao 9º pis, da fachada principal, que quebra o plano liso, através das varandas a eixos e nos topos. Os planos voltados para a rua do Bonjardim e Sá da Bandeira são inferiores e de escala semelhante. As fachadas seguem a mesma lógica do alçado principal.

A plasticidade do projeto recorre à composição de elementos revestidos a pedra e pelos planos lisos rebocados que se elevam no contexto da cidade.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1944 - 1950

Arq. : ARS Arquitetos

Programa: Serviço

Loc. praça D. João I

1.1- Programa:

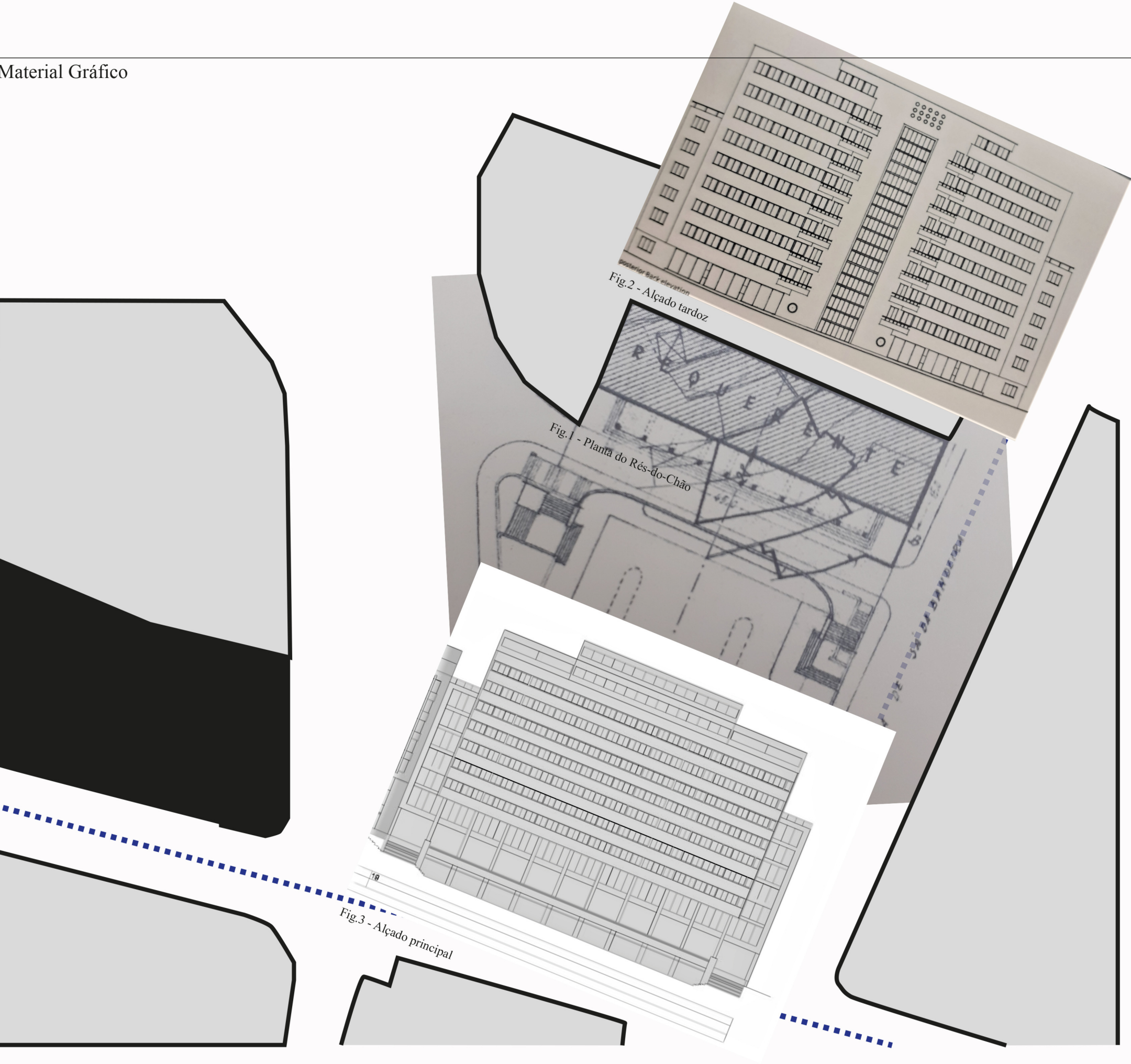
Entre 1944 e 1950, os arquitetos ARS arquitetos, projetam o edifício Atlântico. O programa corresponde a comércio e organiza-se em nove pisos. Nos pisos inferiores encontram-se a garagem e os restantes sete pisos destinam-se a escritórios. O acesso principal é feito através do pórtico nos pisos recuados, albergando alguns serviços e comércio. O edificado veio a ter um papel importante na definição da praça de D. João I, juntamente com o teatro municipal do Rivoli e com o edifício Rialto.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício implanta-se em relação à praça, fechando a composição entre os outros edifícios. A volumetria é compacta, dinamizada pelo pórtico nos pisos inferiores e pelo recuar do último piso e cobertura. Os vários planos de fachada são desenhados segundo algumas influências de Le Corbusier, nomeadamente as janelas horizontais e a afirmação dos pilotis. A plasticidade do projeto recorre à composição entre o betão e o embasamento em pedra no exterior, juntamente com o metálico das caixilharias.



Material Gráfico

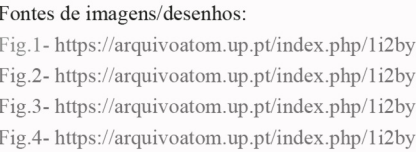


Fontes

Fontes bibliográficas:

1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.



Data do projeto: 1945 - 1950

Arq. : Arménio Losa e Cassiano Barbosa

Programa: Habitação

Loc. rua da Boavista

1.1- Programa:

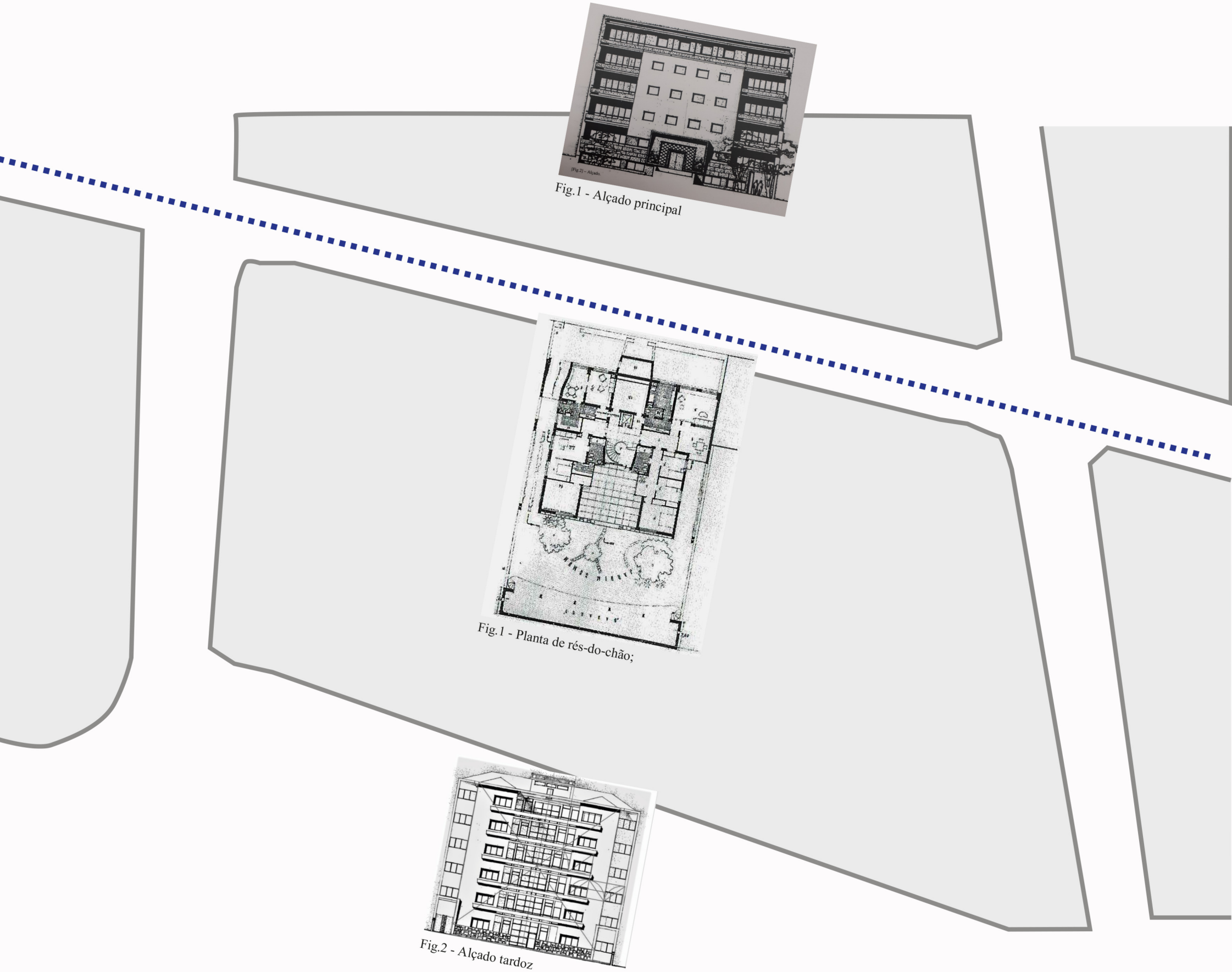
Entre 1945 e 1950, Arménio Losa e Cassiano Barbosa projectão o edifício da Carvalhosa. O programa corresponde a habitação e organiza-se em seis pisos. O acesso principal é feito ao centro da fachada, fazendo ligação com os acessos verticais no centro da composição, e o pátio. Tem ainda um acesso lateral para viaturas fazendo a ligação com a garagem no tardo do lote e um espaço livre com acessos de ambas as entradas (central e lateral).

1.2- Linguagem Arquitetónica:

A volumetria é compacta, dinamizada pelo desenho das varandas que quebram o plano liso central. A fachada é trabalhada segundo linhas simples e racionais dividida em três partes, os topos e a zona central. Nos topos é utilizado várias porta-janela, acentuando a horizontalidade, e que no último piso se prolonga em toda a frente. No centro, a fachada é trabalhada num plano quadrangular liso, numa grelha pontilhada com janelas, apenas quebrada pela entrada. A plasticidade do projeto utiliza os planos lisos brancos com as caixilharias metálicas.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig. 1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig. 2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig. 3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

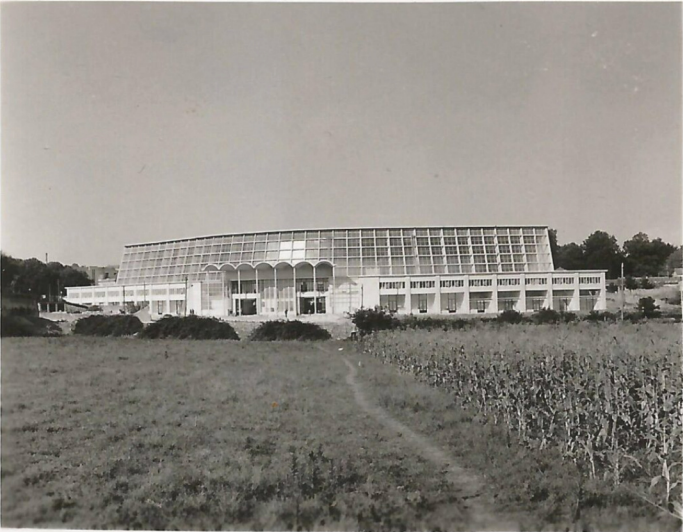
Fig. 4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

1.1- Programa:

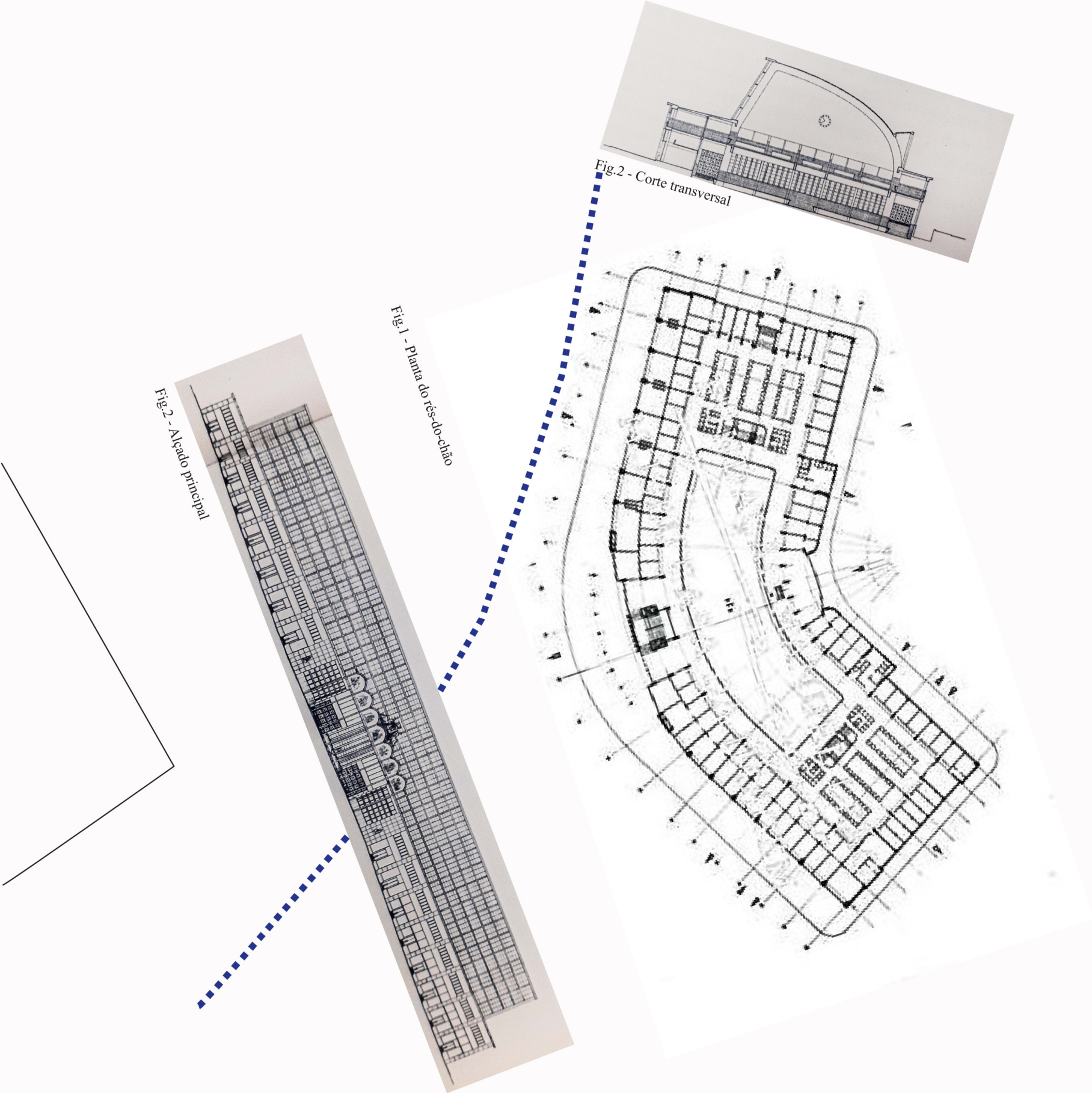
Entre 1949 e 1952, o atelier ARS- arquitetos projeta o Mercado do Bom Sucesso. O programa corresponde a comercio e organiza-se em trs pisos, distribuindo no piso -1, o parque de estacionamento (aproveitando o declive natural do terreno) zona de mercado com lojas na periferia e espao amplo ao centro, e uma galeria de restaurao com abertura para o espao amplo. Na entrada encontra-se os acessos ao rs-do-chao e galeria.

1.2- Linguagem Arquitetnica:

O edificio toma a forma em “V” aberto, definindo um eixo de simetria central que organiza os trs pavilhes. A volumetria dinmica, com o desenho da nave longitudinal, que de um lado tem um plano envidraado marcado pela mtrica estrutural dos arcos em betao, e no outro opaco (refletindo a luz que entra pelo envidraado). O plano da galeria de lojas voltadas para a rua resolve o confronto urbano, libertando a restante composio. A fachada segue uma linguagem simples e simtrica, marcada pela cobertura abobada sobre colunas na entrada. A plasticidade do projeto trabalha com o betao, o vidro e os remates em pedra na fachada interior.



Material Grfico



Fontes

Fontes bibliogrficas:
1- BARTOLO, Jos “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifcio”, Casal de Cambra, Caleidoscpio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:
Fig. 1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig. 2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig. 3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig. 4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1949 - 1954

Arq. : Arménio Losa e Cassiano Barbosa

Programa: Habitação

Loc. r. de Ceuta

1.1- Programa:

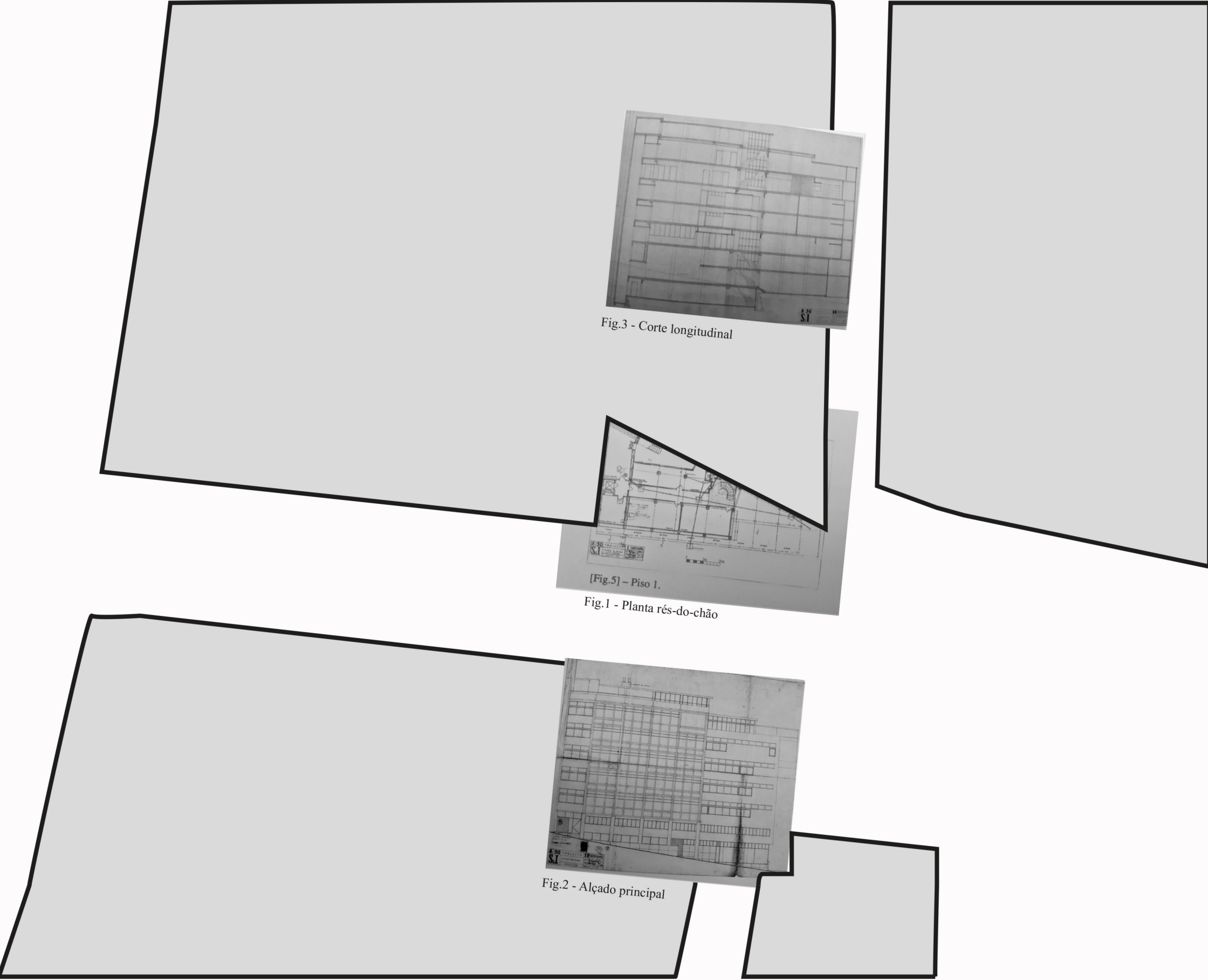
Entre 1944 e 1950, Arménio Losa e Cassiano Barbosa projetam o edifício Soares & Irmão. O programa corresponde a habitação e organiza-se em oito pisos. O rés-do-chão é uma loja, parcialmente enterrada. Os dois pisos acima do rés-do-chão correspondem a escritório, e os restantes cinco pisos, são habitações, sendo o quarto e quinto pisos, duas habitações (uma por piso) e os restantes três pisos corresponde a uma habitação em duplex, sendo o último piso uma cobertura em terraço. O edifício contém duas entradas, uma para as habitações e outra para os escritórios.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício caracteriza-se pela sua fachada, com referências da face norte do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro (Lúcio Costa e outros, 1937-43), trabalhada com um “brise-soleil” extenso, conjugado com os grandes envidraçados. Junto à entrada para os escritórios, encontra-se uma parede com um mural de Augusto Gomes.



Material Gráfico

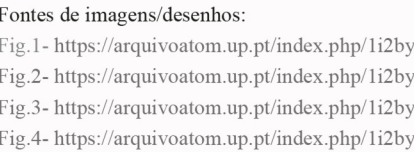


Fontes

Fontes bibliográficas:

1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.



Data do projeto: 1950 - 1953

Arq. : Arménio Losa e Cassiano Barbosa

Programa: Habitação

Loc. r. de Sá da Bandeira e Guedes de Azevedo

1.1- Programa:

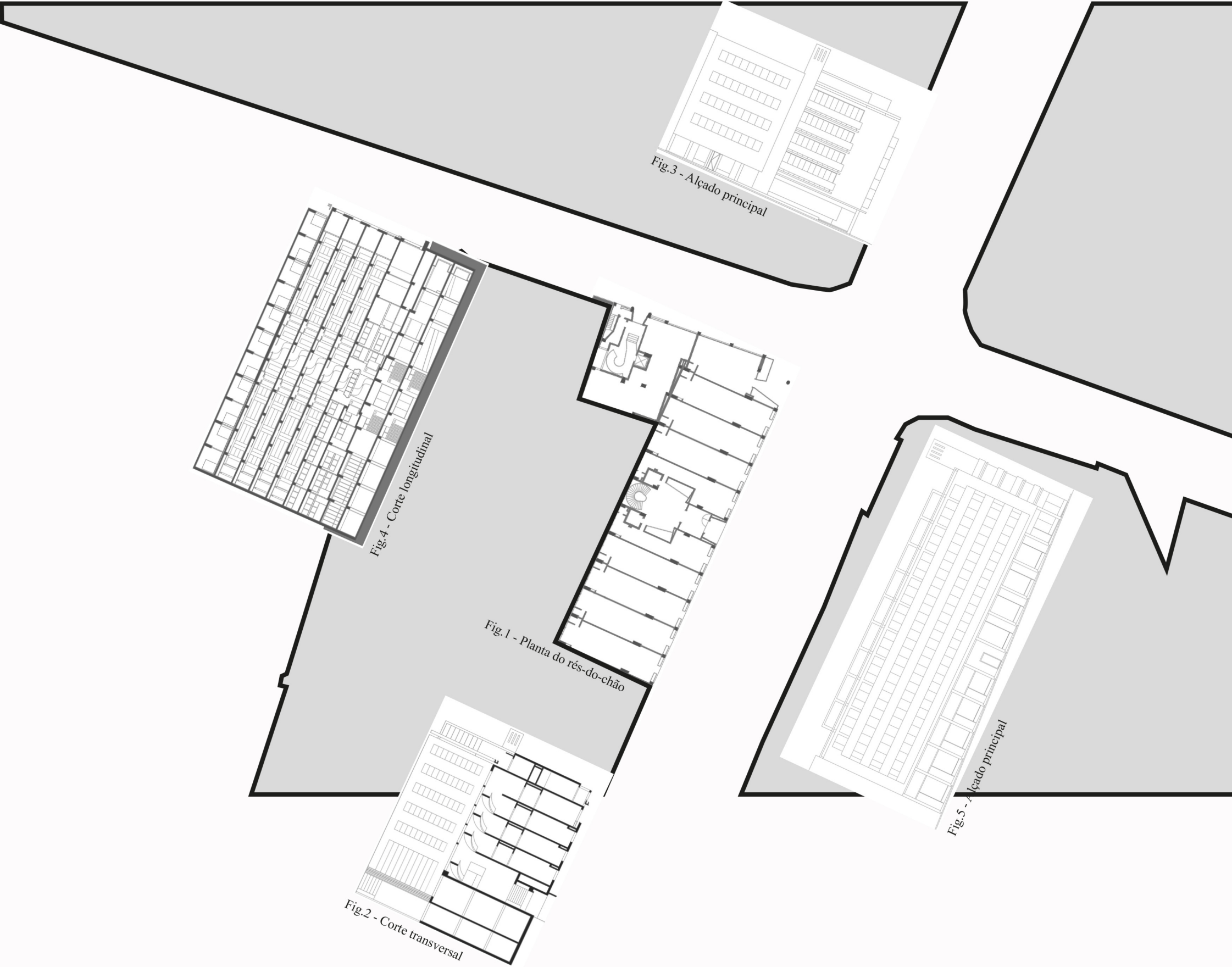
Entre 1950 e 1953, Arménio Losa e Cassiano Barbosa projectão o edifício DKW. O programa corresponde a habitação e comércio e organiza-se em oito pisos, (dois pisos subterrados e seis acima da cota da rua). Os pisos inferiores são destinados a comércio e escritórios, no rés-do-chão e primeiro respetivamente e nos restantes pisos são destinados a habitação. O cambio programático de escritório para habitação permite jogar com a estrutura, bem como o avanço do piso de escritório na fachada, que confere ao rés-do-chão comercial um carater de galeria. O acesso é realizado ao centro, através da “galeria”.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício colmata uma das últimas parcelas da rua Sá da Bandeira. A volumetria é compacta, dinamizada pelo avanço do 1º piso e pela galeria que proporciona, pela solução arquitetónica ao declive da rua e pelo recuo do último piso e cobertura. Os vários planos de fachada são desenhados segundo uma métrica do programa interior, permitindo criar um ritmo e altera soluções de fachada. A plasticidade do projeto recorre à composição entre o betão/tijolo pintado e o embasamento em pedra no exterior, juntamente com o metálico das caixilharias e gradeamentos



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1950 - 1954

Arq. : Mário Bonito e Rui Pimentel

Programa: Habitação

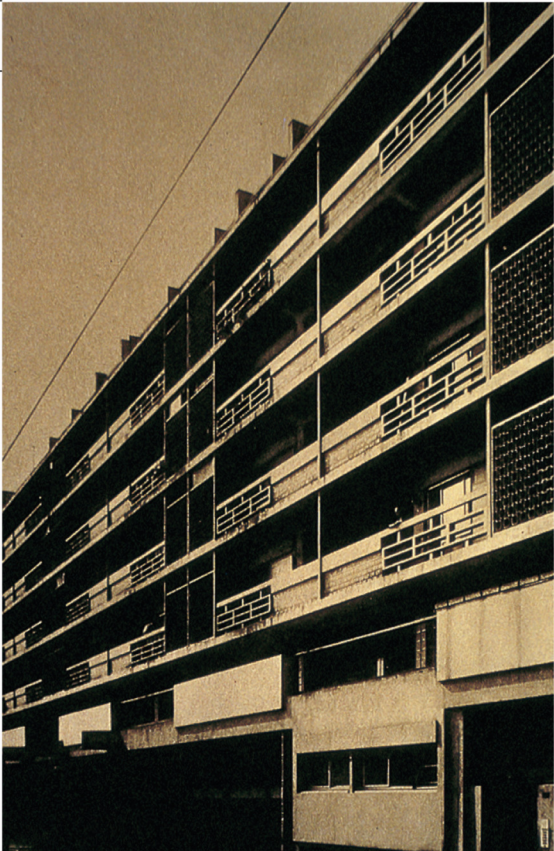
Loc. r. Fernandes Tomás

1.1- Programa:

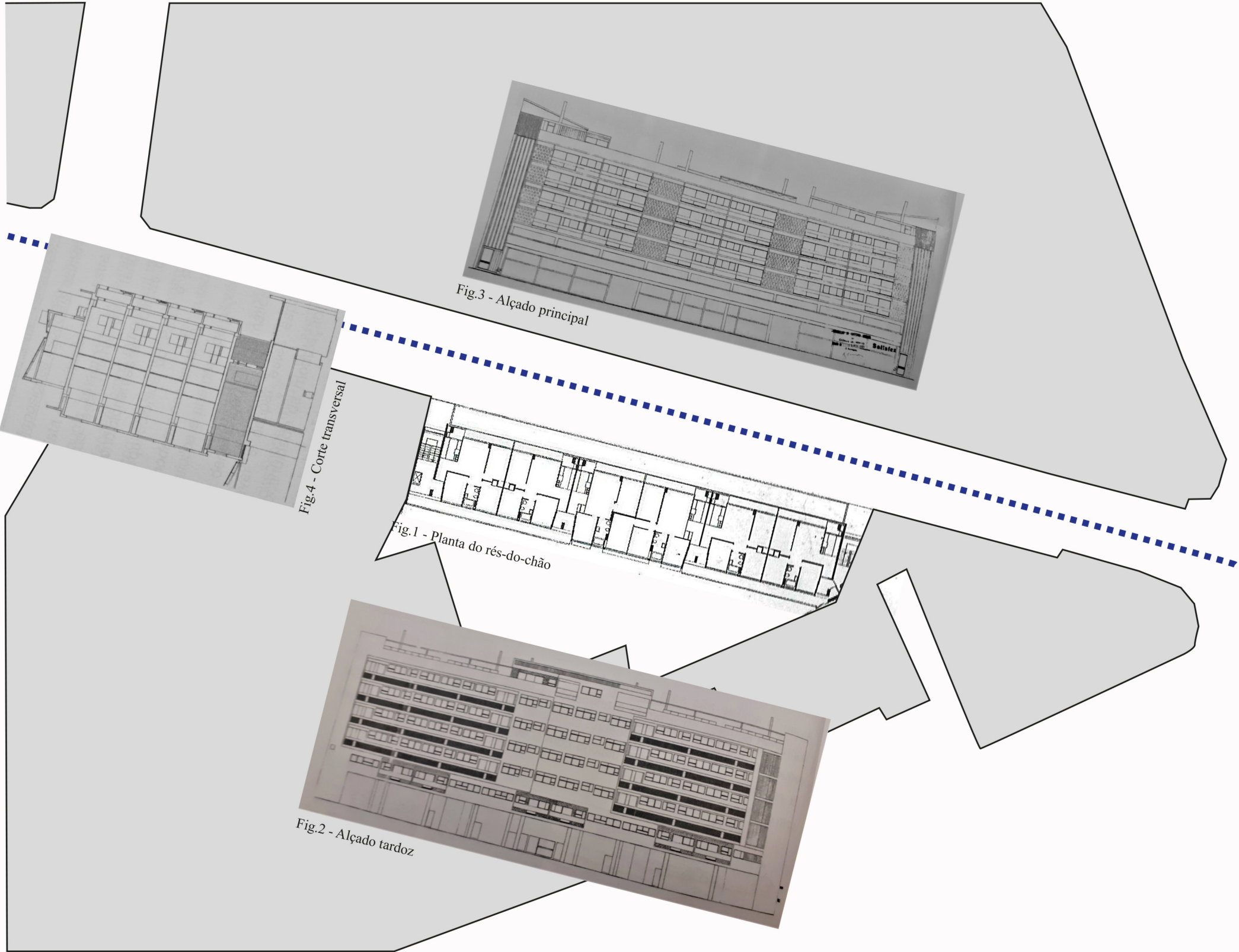
Entre 1950 e 1954, Mário Bonito e Rui Pimentel projectão o edifício do Ouro. O programa corresponde a habitação e comércio e organiza-se em seis pisos. No rés-do-chão possui o comércio e oficinas, com pé-direito duplo rematando a continuidade das fachadas existentes, e nos restantes cinco pisos contam habitação. As entradas no edificado fazem-se pelos dois acessos verticais localizados nos topos, com a distribuição trabalhada em galeria no alçado tardoz.

1.2- Linguagem:

O edifício no rés-do-chão toma a forma do lote, e no corpo das habitações segue uma volumetria retangular. A fachada é trabalhada em dois momentos, a base e os pisos de habitação. Na base, a fachada recua em relação à estrutura, libertando os planos de parede, que permitem os jogos de envidraçado. Nos pisos de habitação, trabalha-se por módulos, tendo uma métrica: semipermeável (cozinha); permeável (sala); permeável (quarto), que criam a dinâmica da fachada. A plasticidade do projeto é feita através da combinação do tijolo (na guarda das varandas e na zona semipermeável da cozinha), das caixilharias de vidro (sobre influencia do estilo internacional) e do betão.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1950 - 1955	Arq. : Mário Bonito	Programa: Habitação	Loc. r. de Raimundo de Macedo, Carlos Dubini e Dr. Aires Borges
------------------------------	---------------------	---------------------	---

1.1- Programa:

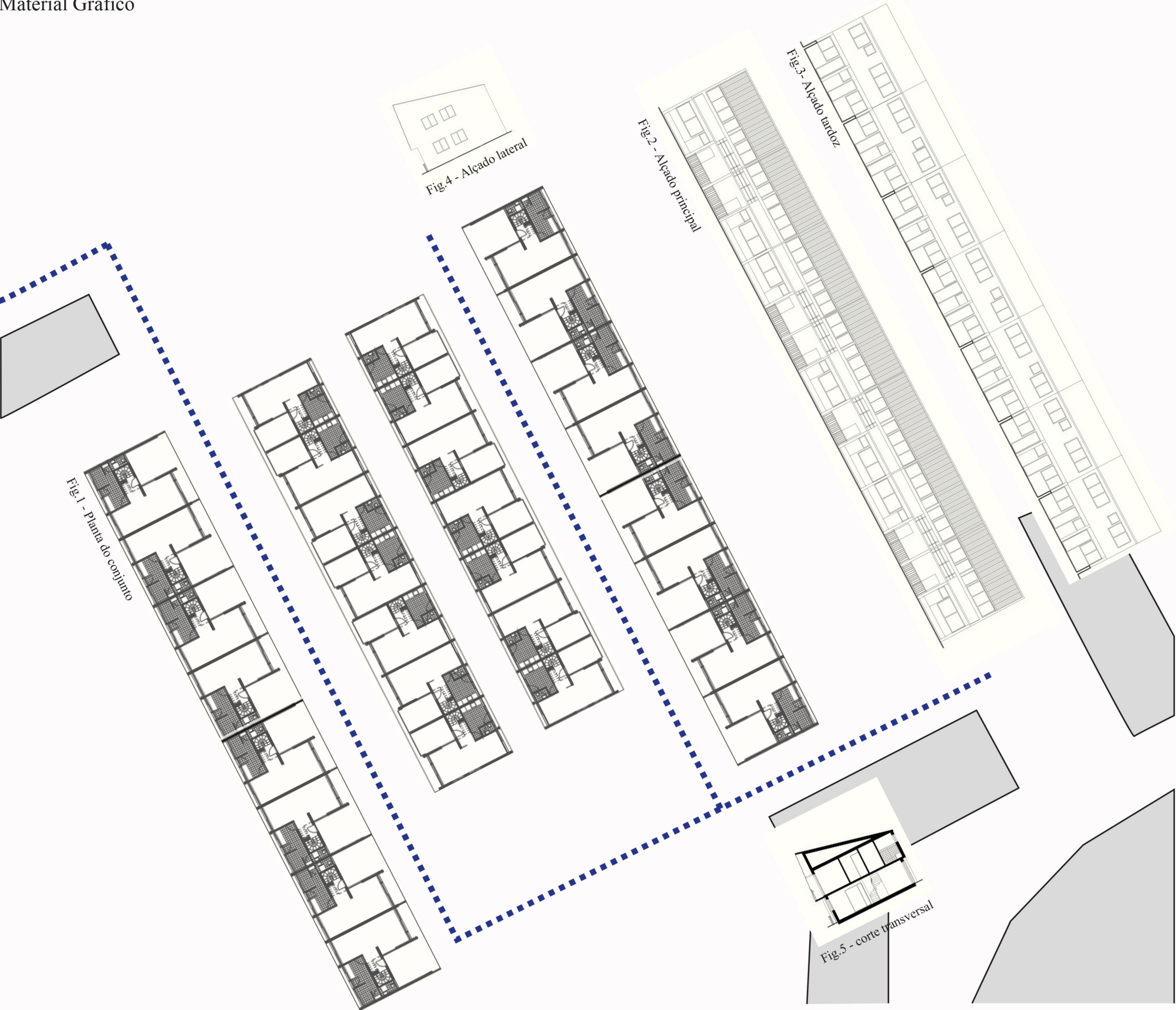
Entre 1950 e 1955, Mário Bonito projeta a Cooperativa “O Lar Familiar). O programa corresponde a habitação e organiza-se em vários blocos habitacionais de três pisos, (dois pisos acima do solo e um em cave). O bairro organiza-se segundo uma malha ortogonal de quarteirões com um praça central ajardinada. Cada habitação possui um quintal no tardo, para além dos três pisos referidos. A cobertura é de uma água, com inclinação para o interior do quarteirão.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O bairro enquadra-se entre o contexto da Avenida da Boavista e Serralves. A composição geométrica do bairro permite contrastar e colmatar com a envolvente mais orgânica. O conjunto caracteriza-se pelas abordagens construtivas, nomeadamente na cobertura de uma água, com inclinação para o interior do quarteirão, fazendo com que a fachada para a rua ganhe dimensão e um carater maior. A plasticidade do projeto recorre à composição de materiais acessíveis, como o tijolo, caixilharia metálica e chapeamento ondulado, sendo referencia á linguagem do grupo de Arquitetos Modernos do Porto.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1951 - 1960

Arq. : Fernando Távora

Programa: Habitação

Loc. r. Areão de Lacerda e Dr. Vasco Valente

1.1- Programa:

Entre 1951 e 1960, Fernando Távora projeta a Unidade Residencial de Ramalde. O programa corresponde a habitação e é planeado segundo os conceitos da Carta de Atenas. Este conjunto residencial traduz-se no primeiro conjunto habitacional de cariz social no Porto. A implantação orientada nascente-poente foi determinante para a composição geométrica dos volumes horizontais posicionados segundo grelhas. O elemento base de composição urbana é constituído um bloco de três pisos com acessos centrais e distribuição esquerdo direito.

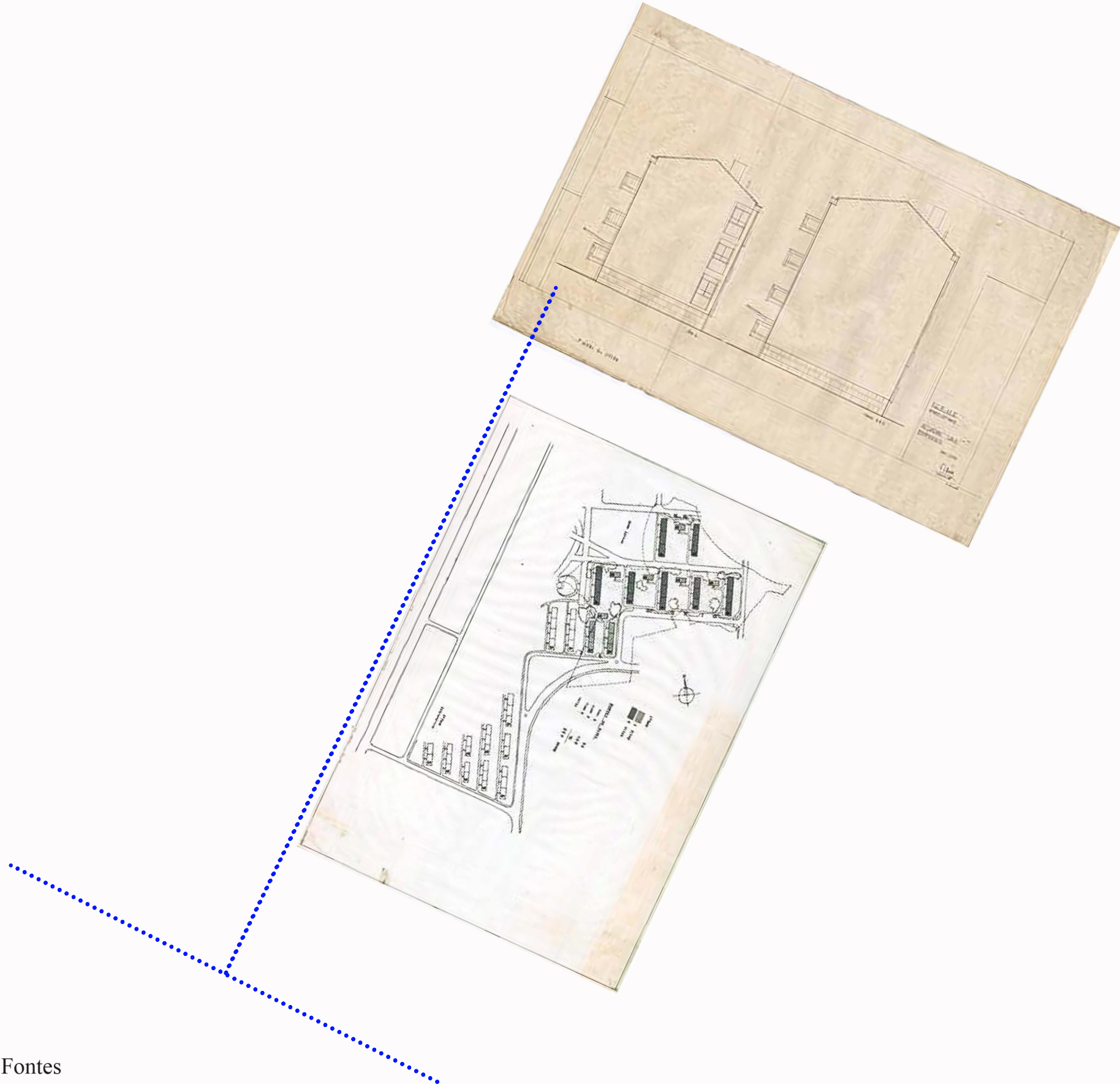
1.2- Linguagem Arquitetónica:

Os edifícios correspondem a volumetrias geométricas, desenhados segundo linhas simples. O alçado principal é marcado pela métrica dos vãos e das varandas, sendo que no tramo central (correspondendo à caixa de escadas) é marcado por uma pala ligeiramente moldada, atribuindo plasticidade ao plano de fachada. No alçado tardo, a fachada é marcada pela métrica dos vãos, mas sem varandas. A base dos volumes é revestida por um rodapé em granito.

A materialidade do edifício é realizada através do granito, das caixilharias em madeira e do reboco pintado a branco.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1954 - 1956

Arq. : José Carlos Loureiro

Programa: Habitação e Serviço

Loc. r, de Nossa Sra. de Fátima e de Oliveira Monteiro

1.1- Programa:

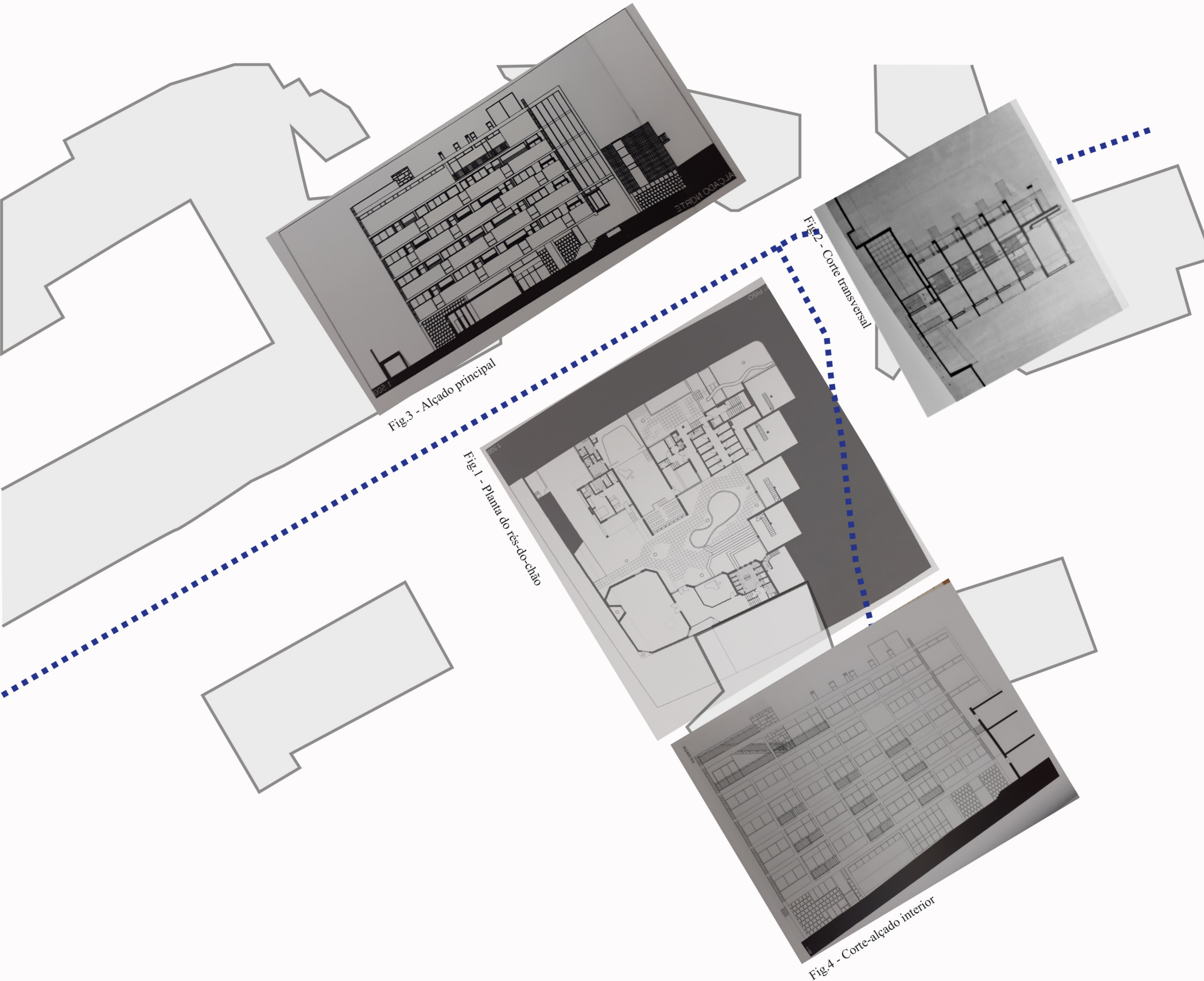
Entre 1954 e 1956, José Carlos Loureiro projeta o edifício Parnaso. O programa corresponde a habitação e serviço e organiza-se em seis pisos, (um em cave e cinco acima da cota da rua). O piso inferior corresponde à escola de música Parnaso, voltada para um jardim central. No rés-do-chão possui um conjunto de habitações e comércio e os restantes pisos são destinados a habitação. O cambio programático confere complexidade na relação entre os diferentes ambientes, que se ligam pelo jardim, bem como o jogo de fachadas, resolvendo aspetos do contexto, nomeadamente a ortogonalidade da fachada principal e do recuo em espinha da fachada lateral seguindo a rua. O acesso ao edifício é feito por uma ponte, dado o afastamento à rua.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício enquadra-se num lote em gaveto e adapta-se à situação urbana aquando necessário. A volumetria é diversificada, dinamizada pela adaptação ao contexto, tendo volumes de seis pisos e outros de dois pisos (acima da cota da rua). A fachada do volume principal é desenhada pelas galerias de acesso, e pelo jogo de sombras que esta cria. A fachada lateral é caracterizada pelo recuar em espinha dos volumes, criando pequenos jardins frontais. A plasticidade do projeto recorre à composição entre o tijolo, alvenaria pintada e caixilharia metálica, bem como os espaços orgânicos, criando um contraste de cor e materialidade



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1951 - 1955

Arq. : José Carlos Loureiro

Programa: Lazer

Loc. jardins do Palácio de Cristal

1.1- Programa:

Entre 1951 e 1955, José Carlos Loureiro projeta o Pavilhão que adotará o nome de Palácio de Cristal. A Câmara Municipal do Porto determinou a demolição do antigo Palácio de Cristal, com o objetivo de erguer um edifício que recebesse o campeonato do mundo de hóquei patins de 1952. O pavilhão assume a forma circular e implanta-se no antigo jardim, possuindo um diâmetro superior a 90 metros. No piso térreo, o recuo dos grandes envidraçados permitem criar uma galeria exterior coberta, a acompanhar a galeria interior. Estas plataformas exteriores resolvem a transição entre o edifício e os jardins.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício adapta a forma do recinto circular criando uma composição radial, em torno do mesmo. A volumetria é dinâmica, devido aos grandes arcos de betão armado fornham e suportam a cúpula, que aparece elevada e integrada na envolvente e ao recuo dos planos de fachada para criar as galerias exteriores. A estrutura assume-se na relação com o solo e tem presença em todo o espaço interior. A cobertura é perfurada por 700 óculos que iluminam o recinto.



Material Gráfico

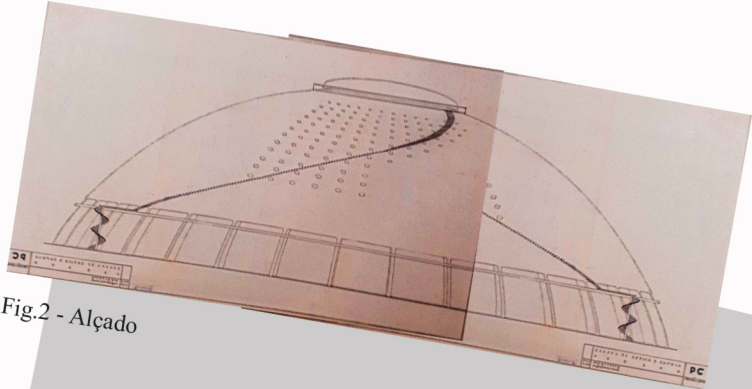


Fig.2 - Alçado

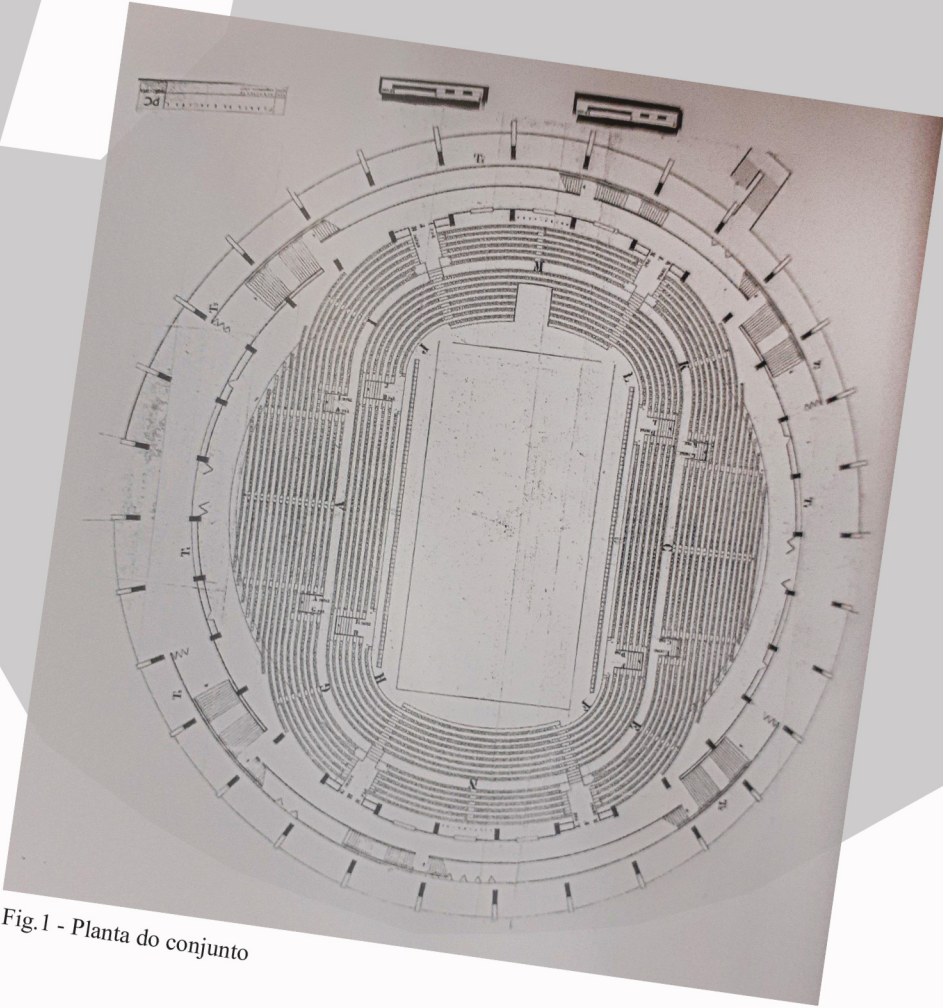


Fig.1 - Planta do conjunto

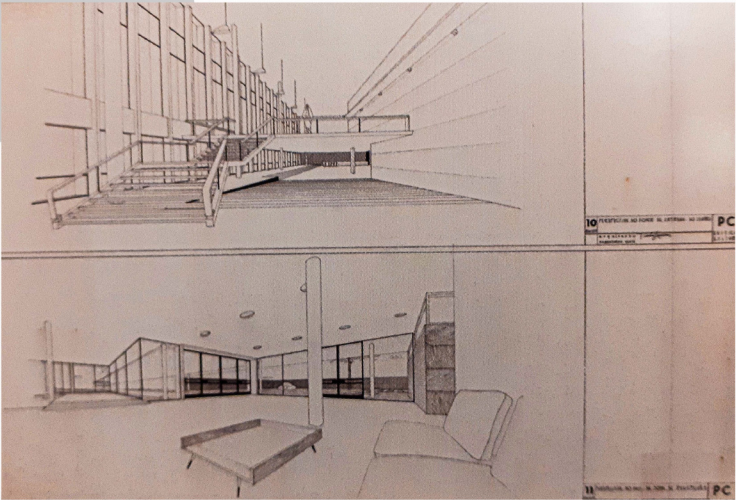


Fig.3 - Desenhos perspéticos do interior

Fontes

Fontes bibliográficas:

1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1953 - 1961

Arq. : Januário Godinho

Programa: Serviço

Loc. r. Alexandre Herculano e Duque de Loulé

1.1- Programa:

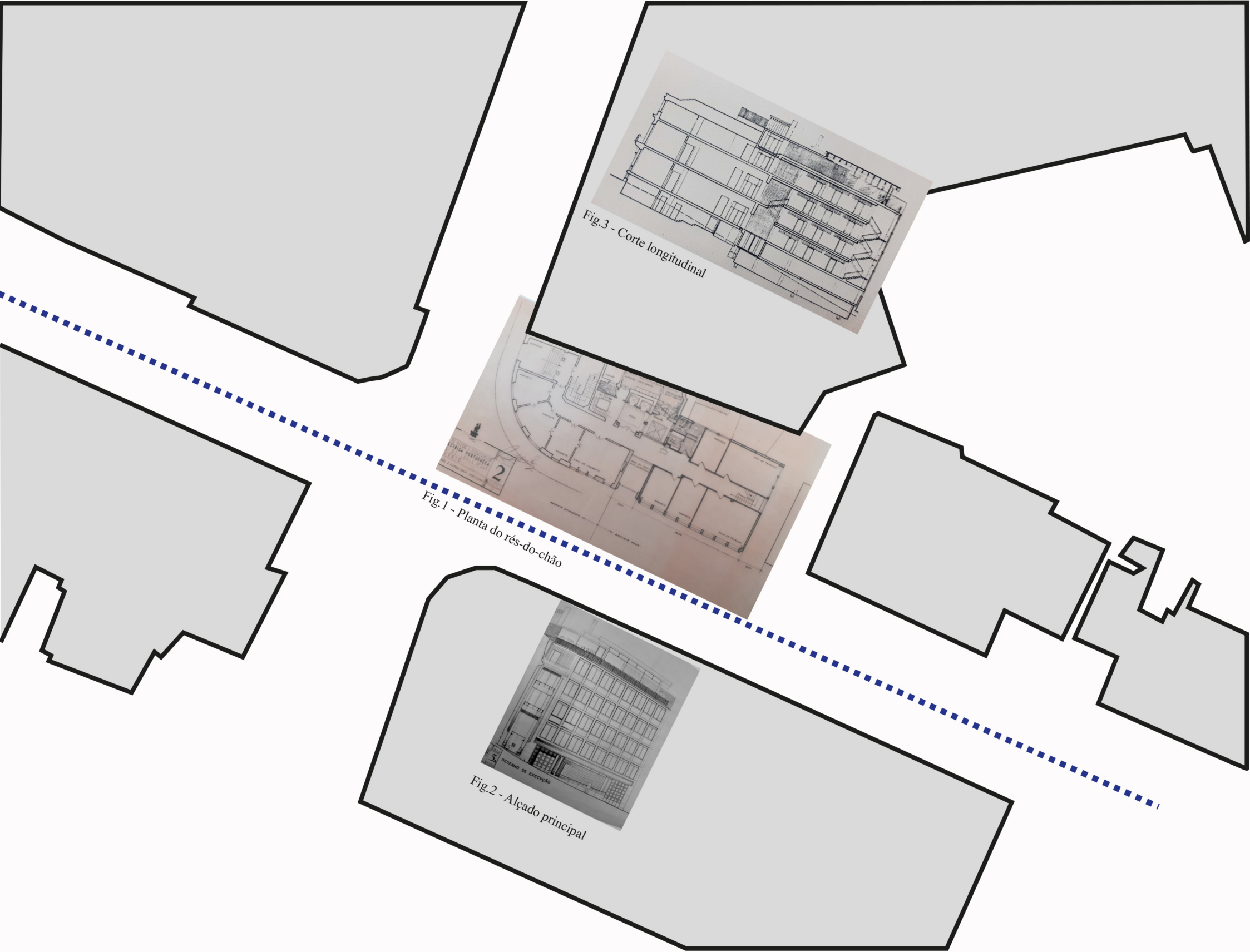
Entre 1953 e 1961, Januário Godinho projeta a Estação da União Elétrica Portuguesa. O programa corresponde a serviço e organiza-se em seis pisos. O rés-do-chão contém um vestíbulo e os acessos verticais. Nos pisos superiores encontram-se escritórios, gabinetes e serviços administrativos centrais. No piso de cobertura continha um restaurante e uma cafeteria dos serviços

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício adapta-se à forma do lote tirando partido da envolvente urbana. A volumetria é compacta, dinamizada pela fachada e pela cobertura. O desenho do alçado principal (voltado para a rua Alexandre Herculano) segue linhas claras e geométricas, marcada pelo ritmo das aberturas, maximizando a entrada de luz e ar. O desenho da cobertura é inspirado pelo dispositivo corbusiano “terraço-cobertura”, sendo um espaço com utilidade e expressão própria na composição geral.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1959 - 1963

Arq. : José Carlos Loureiro

Programa: Habitação

Loc. r. da Alegria

1.1- Programa:

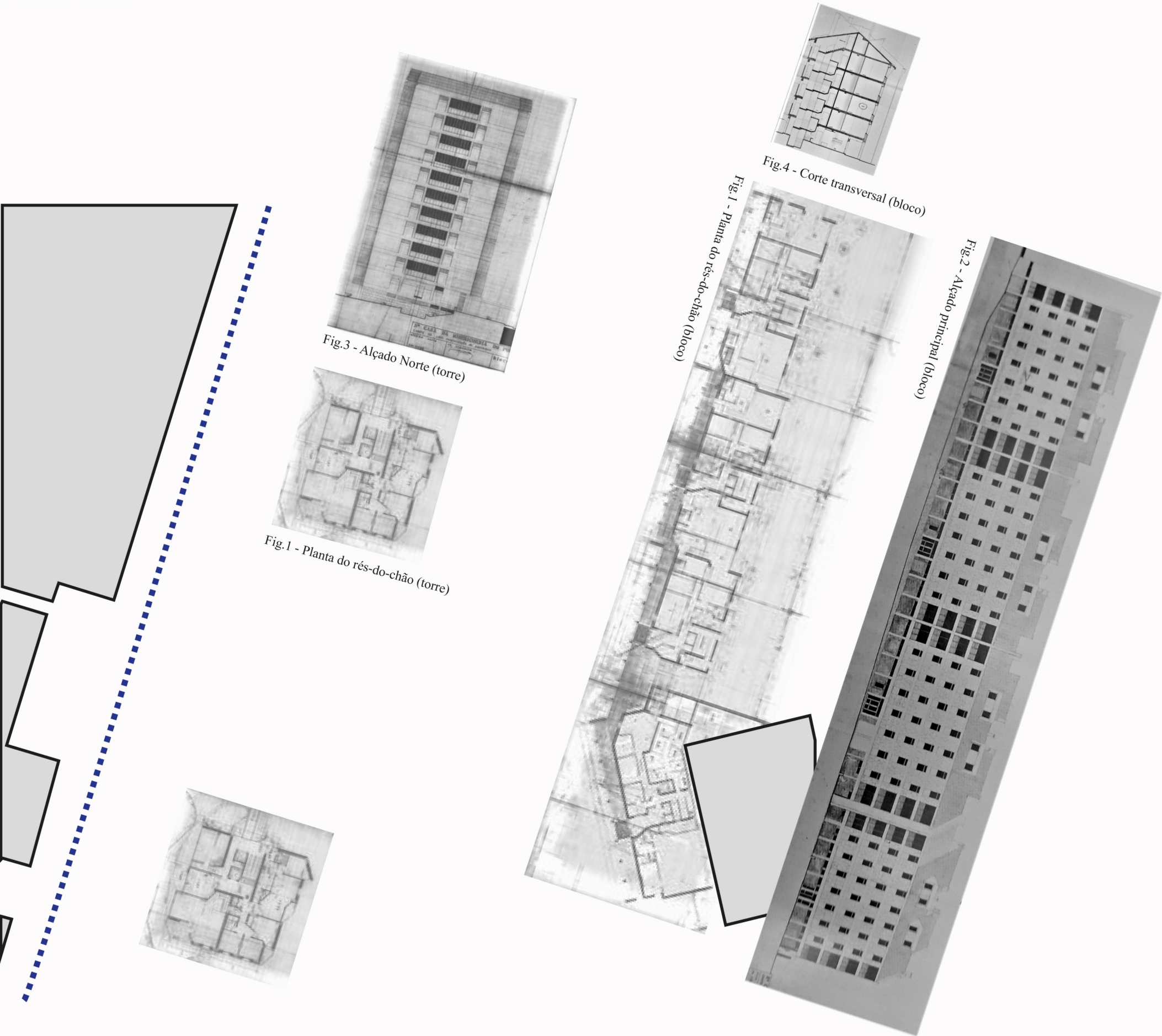
Entre 1959 e 1963, José Carlos Loureiro projeta o Parque Residencial do Luso. O programa corresponde a habitação e organiza-se em vários volumes, com diferentes alturas (entre seis pisos e onze pisos. O conjunto tem como ponto de partida, os conceitos da Carta de Atenas (construção isolada, intercalada com jardins contínuos), contudo, desenvolve uma identidade característica, desligada da identidade ortodoxa modernista. O desenho dos pisos de rés-de-chão que resolvem e acompanham o movimento sinuoso do terreno fazem a transição para os volumes em torre. Quanto aos acessos, estes são feitos mediante o volume, sendo que nas torres é feito ao centro da composição e nos volumes horizontais é feito em quatro pontos, segundo a métrica da organização interior.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O conjunto enquadra-se na transição entre a zona da Baixa da cidade e a Antas. As volumetrias são diversificadas, dinamizada pelo expressivo desenho das fachadas e do dinamismo dos pisos de rés-do-chão, no diálogo com o terreno e com os vários volumes. Os traçados regulares contrastam com os traçados volumétricos, criando uma identidade distinta da expressão moderna. A plasticidade do projeto recorre à composição entre o betão/tijolo, das grades metálicas simples e sobretudo no reavivar do azulejo como revestimento de intenso valor plástico.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

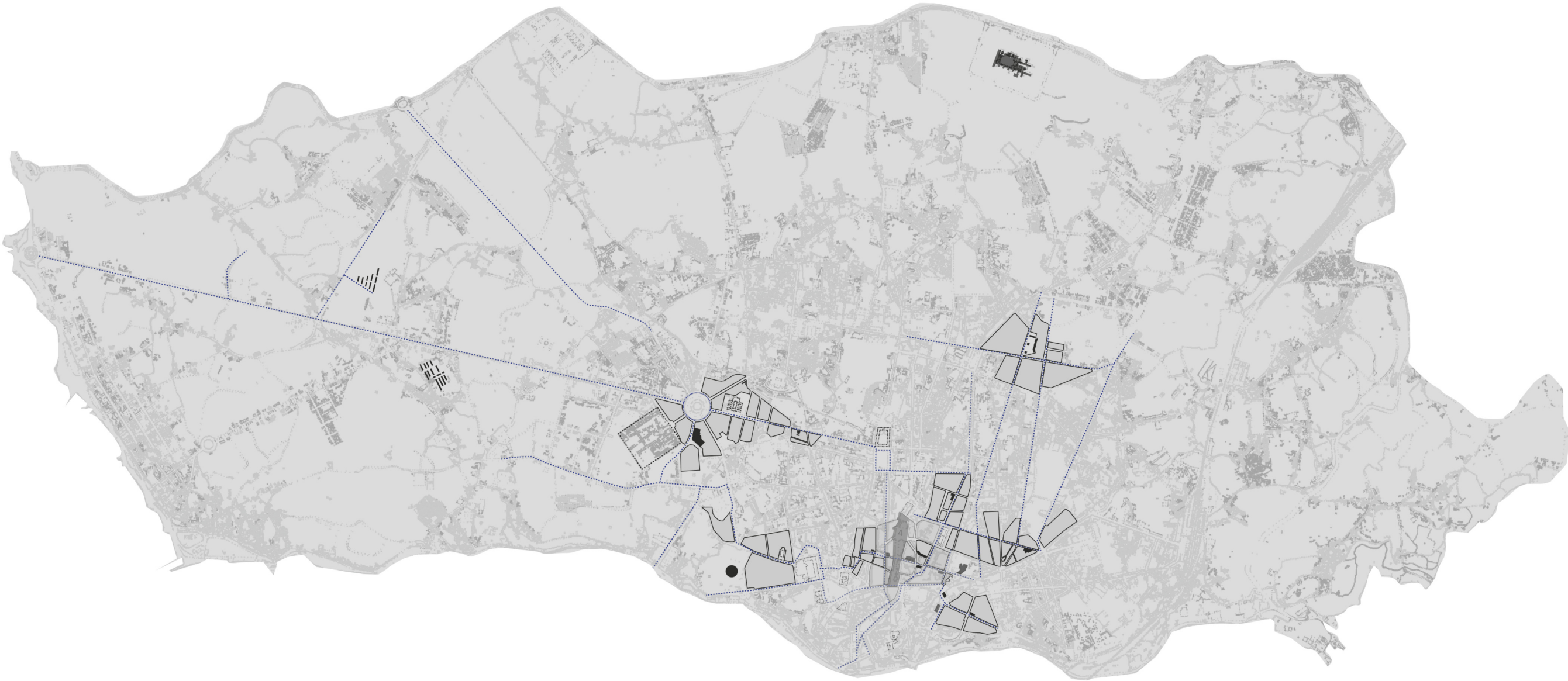
Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>



Esc: 1/6000

Equipamentos:

- 1- Garagem “O Comércio do Porto”
- 2- Coliseu do Porto
- 3- Hospital de São João
- 4- Cinema Batalha
- 5- Edifício Rialto
- 6- Palácio Atlântico
- 7- Edifício da Carvalhosa
- 8- Mercado Bom Sucesso
- 9- Edifício Soares e Irmão
- 10- Edifício DKW
- 11- Edifício Ouro
- 12- Cooperativa “O Lar Familiar”
- 13- Unidade de Ramalde
- 14- Edifício Parnaso
- 15- Pavilhão dos Desportos (P. Cristal)
- 16- Edifício da União Elec. Portuense
- 17- Parque Residencial do Luso

Sobreposição das Plantas de 1937 (cinzento)-1948 (preto)

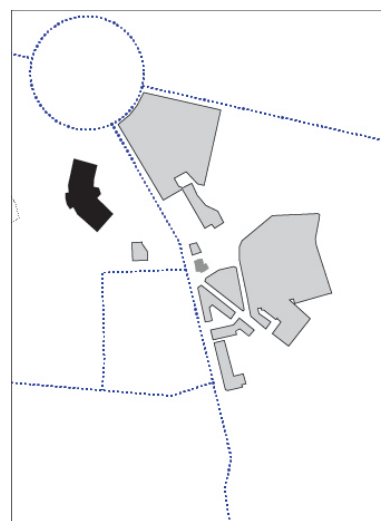
2.2-Décadas de 1960-1990 – “Transformadores/Reformuladores”

Nas décadas de 1960 a 1990 regista-se, segundo o levantamento cruzado das fontes bibliográficas, quinze novos equipamentos. Destacam-se catorze equipamentos em termo de novidade para o desenvolvimento urbano que nos cumprirá atender.

2.2.1- Década de 1960-1970

Em relação à década de 1950/1960, apontam-se grandes alterações no desenvolvimento urbano. Em termos de equipamentos, entende-se que surgem em maior relação com o desenvolvimento da cidade, intervindo em contexto consolidados e em zonas de desenvolvimento/expansão, possuindo uma área/escala identica, que nos caberá analisar.

O primeiro “equipamento” é o Edifício Montepio em 1960-1961 (ficha E.18), projetado pelo arquiteto Agostinho Ricca. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Massarelos, em consolidação, num quarteirão definido pelas ruas de Júlio Dinis, da Saudade, da Paz e de São Paulo. A envolvente é composta por habitação (de quatro a seis pisos), pequeno comércio e serviço (Liceu Rodrigues de Freitas e Hospital Militar Rei D. Pedro V). O conjunto, quanto ao programa, corresponde a **Habitação** e tem uma área aproximada de 11 mil metros quadrados. O projeto resolve uma situação de gaveto e destaca-se das volumetrias envolventes. A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Contudo, dado que o volume é construído em altura, possui uma leitura mais expressiva no local, associado também à dinâmica formal do edifício.²⁸ Quanto à linguagem do conjunto (ver ficha E.18), caracteriza-se pela **estética moderno-contemporânea**. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas na leitura urbana. O destaque altimétrico e formal influência



Des.18 – Equema do Edifício Montepio

28 - GONÇALVES, José Fernando (2013) “Agostinho Ricca, 1915-2010”, Editora Verso da História, Vila do Conde, pág.42-47;

a leitura horizontal do contexto na época, permitindo nas décadas seguintes transitar para tipologias mais densas ou similares.²⁹

O segundo “equipamento” é o Conjunto Habitacional da Pasteleira (Torres Vermelhas) em 1961-1973 (ficha E.19), projetado pelos arquitetos Pedro Ramalho, Rogério Barroca e Sérgio Fernandez. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano da Foz do Douro, fragmentado, num território definido pelas ruas de Diogo Botelho, Fernão Lopes, Bartolomeu Velho e Gomes de Eanes de Azurara. A envolvente é composta por habitação de pequena escala, o conjunto da Pasteleira Norte, pequeno comércio e alguns vazios urbanos. O conjunto, quanto ao programa, corresponde a **Habitação** e tem uma área aproximada de 55 mil metros quadrados. O conjunto divide-se em duas tipologias volumétricas, o bloco e a torre. As torres implantam-se no eixo viário de Diogo Botelho, e os blocos implantam-se junto ao centro do quarteirão e junto das restantes ruas que delimitam o conjunto.³⁰ A escala do conjunto é classificável pela **macro escala**, relativamente à dimensão/área. A diversidade tipológica (banda/torre) que fazem a transição da envolvente (banda) e marcam o território (torre), tendo impacto no contexto entre a foz e a avenida da Boavista, na produção de blocos/torres de grande densidade. Quanto à linguagem do conjunto (ver ficha E.19), caracteriza-se pela **estética moderno-contemporânea** e pela diversidade de soluções, quer tipológicas, quer quanto aos materiais. A abordagem plástica e formal permite marcar o território em desenvolvimento e alterar a leitura da paisagem urbana.³¹



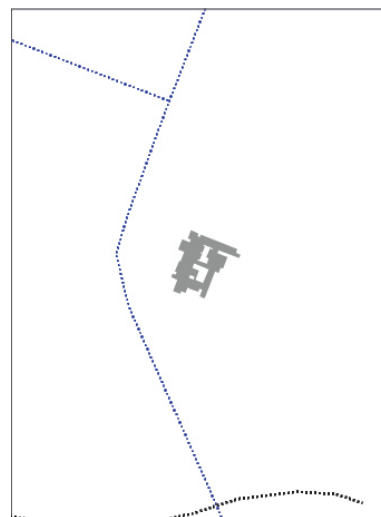
Des.19 – Equema da Conj. Habitacional da Pasteleira

29 - RICCA, Agostinho “Agostinho Ricca: arquitetura, obra, desenho = architecture, work, design” Lisboa, Uzina Books, pág. 18-25;

30 - PIMENTA, Ana Rita (2012) “O conjunto habitacional das torres vermelhas da Pasteleira” [Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura do Porto] Porto, pág.81-107;

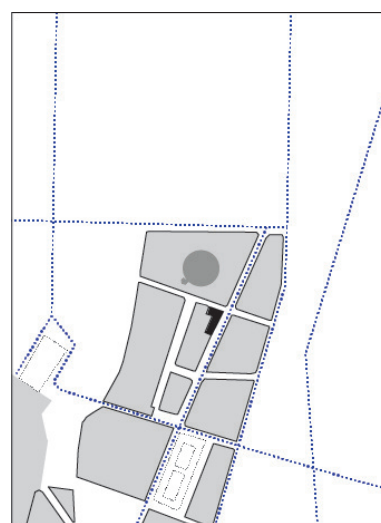
31 - ROCHA, Marta, GONÇALVES, Eliseu & Silva, Sérgio Dias (2019) “Bairro da Pasteleira, conjunto habitacional das torres vermelhas = Pasteleira housing estate, torres vermelhas housing complex: João Serôdio, Luís Almeida d’Eça e Rui Paixão, 1966-1972” Porto, Editor FAUP, pág.3;

O terceiro “equipamento” é a Faculdade de Economia da Universidade do Porto em 1961-1974 (ficha E.20), projetado pelo arquiteto Viana de Lima. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Paranhos, fragmentado, num território definido pelas ruas Roberto Frias, pelo bairro do Outeiro e pelos terrenos desocupados entre a faculdade e o Hospital de São João. A envolvente é composta por habitação (de dois a quatro pisos – bairro do Outeiro) e por vazios urbanos. O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Serviço** e tem uma área aproximada de 16 400 metros quadrados. O projeto resolve a organização formal dos espaços e a sua sucessão, interligados em torno de dois pátios centrais.³² A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Volumetricamente faz a transição de escala dos edifícios mais altos do bairro do Outeiro, em que décadas mais tarde se transformará num pólo universitário, com edificações de escala idêntica ou superior. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E. 20), caracteriza-se pela **estética moderna**, muito influenciada pela estética do betão aparente em obras de Le Corbusier. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas na leitura urbana, nomeadamente no contraste com o bairro do Outeiro.



Des.20 – Equema da Faculdade de Economia

O quarto “equipamento” é o Silo Auto em 1961-1964 (ficha E.21), projetado pelos arquitetos Alberto Pessoa e João Abel Bessa. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Santo Ildefonso, em consolidação, num quarteirão definido pelas ruas Guedes de Azevedo, do Bonjardim, Gonçalo Cristóvão e Sá da Bandeira. A envolvente é composta por habitação (de dois a nove pisos) e comércio. O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Serviço** e tem uma área aproximada de 34 500 metros quadrados. O projeto implanta-se no centro do lote e define-se pelo programa do automóvel, cuja volumetria se conforma em torno dos acessos, e pela volumetria dinâmica, que albergava inicialmente programa

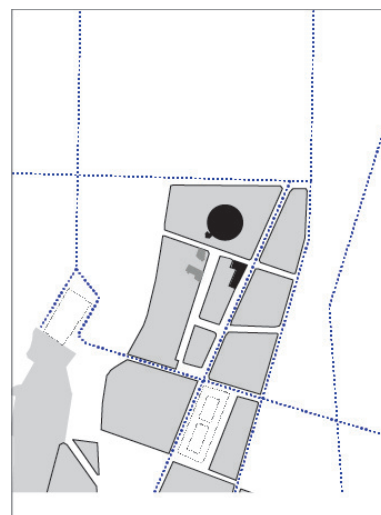


Des.21 – Equema do Silo-Auto

32 - SECCA, Amândio Fernandes (Coord.) (1996) “Viana de Lima: arquiteto 1913-1991”, Editora Árvore, Porto, pág. 152-155;

diverso.³³ A escala da intervenção é classificável por **intermédia**, relativamente à dimensão/área. O edifício destaca-se da leitura da envolvente da zona centro da cidade e equipara-se aos volumes do eixo de Gonçalo Cristóvão e de Sá da Bandeira (perto do final do troço). Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.21), caracteriza-se pela **estética contemporânea**, tirando partido do betão aparente, aliada à organização formal das rampas de acesso do automóvel. A abordagem plástica e formal produz um contraste entre os cheios e vazios das rampas e com a profundidade, que proporciona um jogo de luz e sombra bastante contrastante.

O quinto “equipamento” é o Hotel Dom Henrique 1966-1974 (ficha E.22), projetado pelo arquiteto José Carlos Loureiro. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Santo Ildefonso, em consolidação, num quarteirão definido pelas ruas Guedes de Azevedo, do Bonjardim, do Bolhão e Fernandes de Tomás. A envolvente é composta por habitação (de dois a nove pisos), pequeno comércio e serviço (Silo-Auto). O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Lazer** e tem uma área aproximada de 16 400 metros quadrados. O projeto resolve uma situação de gaveto, no cruzamento de Guedes de Azevedo e a do Bolhão e destaca-se das volumetrias envolventes através da torre.³⁴ A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. A torre marca a cidade e todo o contexto envolvente, num período em que a tipologia surge com mais regularidade. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.22), caracteriza-se pela **estética moderna**, característica já referenciada do arquiteto José Carlos Loureiro. A abordagem plástica e formal permite alterar a dinâmica da leitura urbana, através da volumetria complexa da torre que altera o skyline da cidade.³⁵



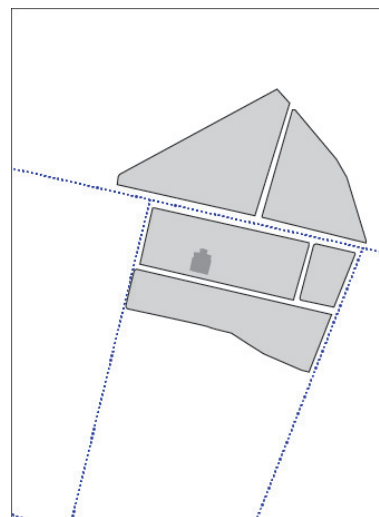
Des.22 – Equema do Hotel D. Henrique

33 - Porto Ágora Cultura e Desporto (2022) “Silo-Auto”, Porto (<https://www.agoraporto.pt/parques-municipais/silo-auto>)

34 - COSTA, Nuno Brandão, & LOUREIRO, Luís Pinheiro (2013) “J. Carlos Loureiro”, Editora Verso da História, Porto, pág. 64-67;

35 - COSTEIRA, Luís Pinto (2021) “José Carlos Loureiro: arquitetura e paisagem urbana” [Dissertação de mestrado, faculdade de arquitetura do Porto] Porto, Editor FAUP, pág.91-97;

O sexto “equipamento” é a Sede Caixa Previdência em 1968-1978 (ficha E.23), projetado pelos arquitetos Arménio Losa e Alfredo Matos Ferreira. Corresponde a um projeto de reabilitação e insere-se no contexto urbano de Lordelo do Ouro, consolidado, num quarteirão definido pelas ruas de António Cardoso, António Patrício e António José da Costa. A envolvente é composta por habitação (de dois a nove pisos), comércio de pequena escala e serviço. O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Serviço** e tem uma área aproximada de 27 mil metros quadrados. O projeto implanta-se num lote voltado para a António Patrício, na zona central do quarteirão, e caracteriza-se pela adaptação do projeto inicial, realizado por outro arquiteto, cujo plano previa a projeção de um edifício de habitação, sendo reformulado para escritórios.³⁶ A escala do edificado é classificável por **intermédia**, relativamente à dimensão/área, que contrasta com o casario relativo ao contexto de António Patrício e com a própria avenida da Boavista, em processo de densificação urbana. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.23), caracteriza-se pela **estética moderno-contemporânea**. A abordagem plástica implementada sobre a pré-existência permite criar dinâmicas no contexto, através dos vãos horizontais e da estrutura quebra-sol, que caracteriza o edifício³⁷.



Des.23 – Equema da Sede Previdência

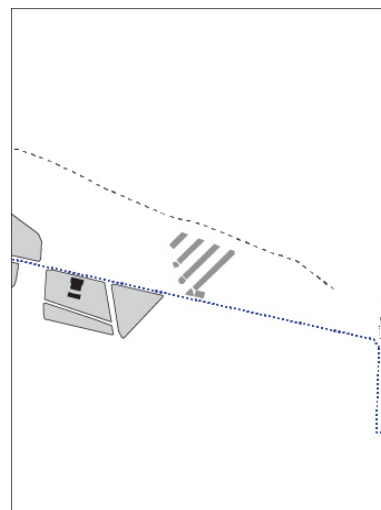
2.2.2- Década de 1970-1980:

Em relação à década de 1960/1970, não se apontam grandes alterações no sentido do desenvolvimento urbano. Em termos de equipamentos este continuam a mesma lógica da década passada, que nos caberá analisar.

36 - MORAIS, Christopher Gameiro (2010) “Arménio Losa e a habitação coletiva na década de 50 no Porto” [Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura do Porto], Porto, pág.55;

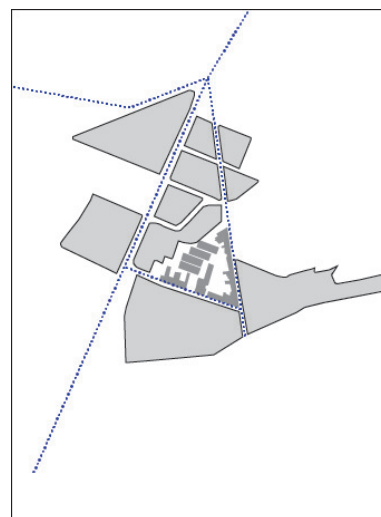
37 - TOUSSANT, Michel & RAPAGÃO, João Paulo (2018) “Guia de arquitetura do Porto: do movimento moderno à atualidade, 1942 2017”, Edição A+A Books, Lisboa.

O sétimo “equipamento” é o um projeto do processo SAAL, da Bouça em 1973-1977 (ficha E.24), projetado pelo arquiteto Álvaro Siza. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Cedofeita, consolidado, num quarteirão definido pelas ruas da Boavista, das Águas Férreas e do Melo, bem como pela antiga linha ferroviária (atualmente utilizada pelo metro). A envolvente é composta por habitação (de dois a 6 pisos), comércio de pequena escala e a linha ferroviária. O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Habitação** e tem uma área aproximada de 28 800 metros quadrados. O projeto caracteriza-se pela abordagem projetual à situação urbana delicada, nomeadamente à necessidade de trabalhar o confronto/coabitação com a linha, bem como o enquadramento que quebra a lógica do casario, na transição para o lote.³⁸ A escala da intervenção é classificável por **intermédia** e enquadra-se com as volumetrias envolventes. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.24), caracteriza-se pela **estética contemporânea**, e pela abordagem muito pessoal do arquiteto. A característica plástica e formal do projeto permite criar dinâmicas urbanas, mantendo uma leitura de continuidade, criando destaque através da cor e da manipulação das formas.³⁹



Des.24 – Equema do SAAL da Bouça

O oitavo “equipamento” pertence ao processo SAAL, na zona das Antas em 1974-1976 (ficha E.25), projetado pelo arquiteto Pedro Ramalho. Corresponde a uma reabilitação/edificado novo e insere-se no contexto urbano de Campanhã, consolidado, num território definido pela avenida de Fernão Magalhães e pelas ruas de Dr. Alberto de Aguiar, Cunha Espinheira e das Antas. A envolvente é composta por habitação (de dois pisos a seis pisos), comércio de pequena escala e lazer (estádio das Antas). O conjunto, quanto ao programa, corresponde a **Habitação** e tem uma área aproximada de 7 100 metros quadrados. O projeto caracteriza-se pela reabilitação



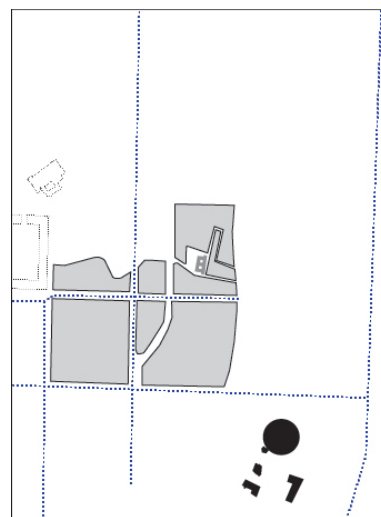
Des.25 – Equema do SAAL das Antas

38 - SILVA, Helena Sofia & SANTOS, André (2011) “Álvaro Siza, 1932-...”, Editora Quid-Novi, Vila do Conde, pág.34-37;

39 - MACHADO, Idalina (2012) “Lutas sociais, habitação e quotidiano: análise da génese e estruturação do Bairro da Bouça na cidade do Porto (do SAAL à solução cooperativa) Porto, pág. 15-20;

do casario com frente para a rua das Antas e de Dr. Alberto de Aguiar e pelo projeto de habitação em banda de casas com dois pisos, de baixa renda, no interior do bairro.⁴⁰ A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, enquadrada dentro do bairro, com volumetrias de baixa densidade. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.25), caracteriza-se pela conjugação de aspetos **moderno-contemporâneos** com a construção **tradicional**. A abordagem plástica e formal é definida pela construção tradicional e pelos materiais de baixo custo possibilitando assim conceber uma espacialidade melhor do casario.⁴¹

O nono “equipamento”, ainda no processo do SAAL, é a operação de Leal em 1974-1977 (ficha E.26), projetado pelo arquiteto Sérgio Fernandez. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Santo Ildefonso, consolidado, num bairro definido pelas ruas de João das Regras, de Fonseca Cardoso, de Olivença e do Bonjardim, sendo que o projeto se encontra numa rua que quebra o bairro em duas partes (rua das Musas). A envolvente é composta por habitação (de dois a quatro pisos), comércio de pequena escala e serviço (Quartel de Santo Ovídio). O conjunto, quanto ao programa, corresponde a **Habitação** e tem uma área aproximada de 1 400 metros quadrados. O projeto segue a mesma lógica dos processos SAAL, sendo proposto habitação de baixo custo, quer de construção, quer de renda, mantendo uma característica unitária no processo todo.⁴² A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, associada ao casario de pequena dimensão e enquadra-se na escala do contexto envolvente. Quanto à linguagem do edificado, segue a mesma lógica aplicada na operação da zona das Antas (**moderno-contemporâneos e tradicional**). Desta forma, o conjunto define-se pela projeção de um bloco de habitações em banda, separadas por pátios centrais, construídas com base no



Des.26 – Equema do SAAL de Leal

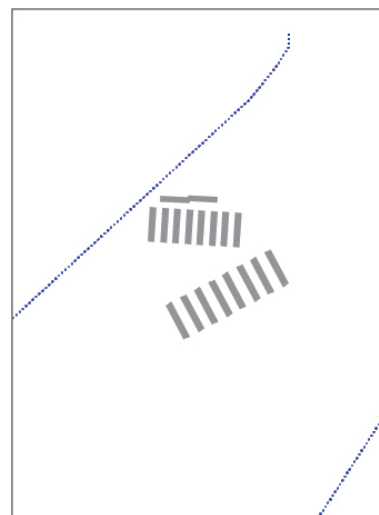
40 - BANDEIRINHA, José António (2007) “O Processo SAAL e a arquitetura no 25 de Abril de 1974”, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, pág.424-425;

41 - COSTA, Ana Alves & FERNANDEZ, Sérgio (2020) “Cidade Participada: arquitetura e democracia: Antas, Pedro Ramalho”, Tinta da China, Lisboa, pág.70-80;

42 - Ibi Idem, pág. 88-90;

tradicionalismo articulando com as formas modernas, nomeadamente no trabalhar das coberturas de águas voltadas para dentro do pátio.

O décimo “equipamento” é a Cooperativa Habitacional SACHE em 1979-1989 (ficha E.27), projetado pelo arquiteto Manuel Correia Fernandes. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Aldoar, fragmentado, num território definido pelas ruas de Jornal de Notícias, de Moçambique e pela rua que cruza a composição de Robert Auzelle, dividindo o quarteirão em duas parcelas de grande dimensão. A envolvente é composta por habitação (dois a quatro pisos) e um grande vazio urbano. O conjunto, quanto ao programa, corresponde a **Habitação** e tem uma área aproximada de 44 850 metros quadrados. O projeto resolve um vazio urbano existente e organiza-se em duas tipologias formais, casas em banda com pátio voltado para o logradouro e por uma barra horizontal em galeria.⁴³ A escala da intervenção é classificável pela **macro escala**, relativamente à dimensão/área tendo capacidade de organizar o território envolvente à proposta, como estrutura matriz, sendo que, no território onde se insere, a malha urbana organiza-se de forma mais orgânica, contemplando várias escalas e níveis de densificação. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.27), caracteriza-se pela **estética contemporânea**. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas na leitura urbana, através da uniformidade do conjunto mantendo a materialidade coerente bem como no uso de várias tipologias, criando sensações de escala diferenciável.⁴⁴



Des.27 – Equema da Cooperativa SACHE

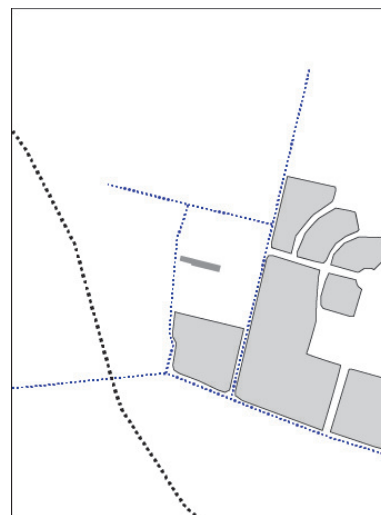
2.2.3- Década de 1980-1990:

Em relação à década de 1970/1980, apontam-se alterações no desenvolvimento urbano. m termos de equipamentos este continuam a mesma lógica da década passada, que nos caberá analisar.

43 - FERNANDES, Manuel Correia (2015) “Frente e Verso, documentos, periódicos de construção 02: Edifício de habitação coletiva, cooperativa SACHE, 1ª fase”, Porto, Desdobrável Frente e Verso;

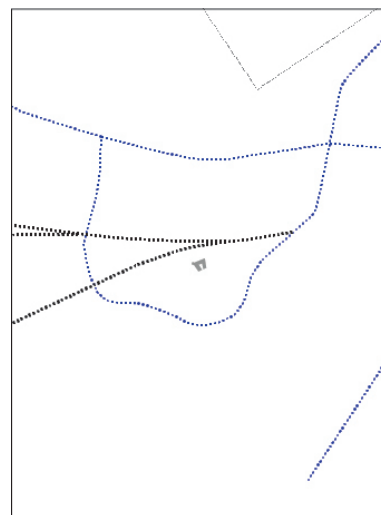
44 - SILVA, Elis Duarte (2013) “O papel do arquiteto na assistência técnica de obras: um estudo de caso no sache Serralves na cidade do Porto, em Portugal”, Porto, Editor FAUP, pág.45-51;

O décimo primeiro “equipamento” é a Casa das Artes em 1981-1991 (ficha E.28), projetado pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Lordelo do Ouro, em consolidação, num quarteirão definido pelas ruas de Campo Alegre, Ruben A, Robert Smith e de António Cardoso. A envolvente é composta por habitação (dois a quatro pisos) e pela via rápida entre a ponte da Arrábida e a avenida AEP. O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Lazer** e tem uma área aproximada de mil metros quadrados. O projeto implanta-se dentro do lote correspondente à Casa Allen. Desta forma, a proposta caracteriza-se pelo respeito e vontade de não obstruir ou perturbar o jardim, de se esconder através de um muro de pedra que delimita o projeto e o jardim, no limite do lote.⁴⁵ A escala da intervenção, é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.28), caracteriza-se pela **estética contemporânea** e pelo modo característico de projetar do arquiteto. A abordagem plástica e formal não se sobrepõe ao contexto onde se insere (casa Allen e jardim) mantendo a identidade inicial.



Des.28 – Equema da Casa das Artes

O décimo segundo “equipamento” é o Pavilhão Carlos Ramos em 1985-1986 (ficha E.29) projetado pelo arquiteto Álvaro Siza. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Massarelos, em consolidação, nos jardins de uma propriedade antiga, que passou a fazer parte da Faculdade, sendo também alvo de reabilitação, entre a Via panorâmica Edgar Cardoso e os acessos do Nó do Campo Alegre com a VCI. O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Serviço** e tem uma área aproximada de 660 metros quadrados. O projeto caracteriza-se pela sua implantação e pela abordagem formal face ao jardim, respeitando a atmosfera e a pré-existência, quer da casa, quer do jardim, criando relações com



Des.29 – Equema do Pavilhão Carlos

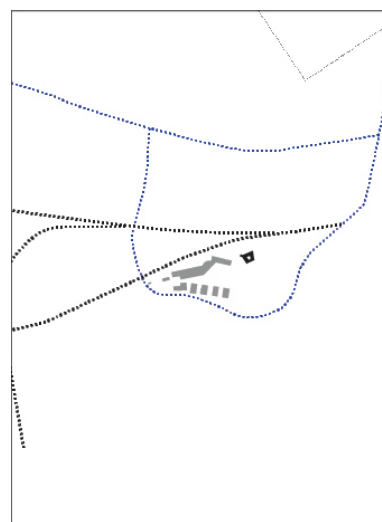
ele e com a volumetria.⁴⁶ A escala da intervenção é classificável

45 - MOURA, Souto de (2015) “1980-2015” Neuss: Stiftung Insel Hombroich. Catálogo de uma exposição, Editora BDA (Bund Deutscher Architekten), Neuss, pág. 95;

46 - PIQUERAS, Norberto (Coord.) (2003) “Álvaro Siza y la arquitectura universitaria”,

pela **pequena escala**, com a proximidade com a escala humana e a própria integração da volumetria dentro do jardim, adequando-se e respeitando o contexto. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.29), caracteriza-se pela **estética contemporânea** e pelo modo de projetar do arquiteto. A abordagem plástica e formal permite criar relações com a arquitetura, com o contexto e no futuro com a envolvente contruída.

O décimo terceiro “equipamento” é a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto em 1984-1999 (ficha E.30) projetado pelo arquiteto Álvaro Siza. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Massarelos, em consolidação, no território definido pela Via panorâmica Edgar Cardoso e os acessos do Nó do Campo Alegre. O conjunto, quanto ao programa, corresponde a **Serviço** e tem uma área aproximada de 12 100 metros quadrados. O conjunto caracteriza-se pela composição dinâmica dos vários elementos em volta de um pátio central, com a pontualidade das várias torres e do corpo principal, segundo alinhamentos que se seguem em planta de situações urbanas existentes.⁴⁷ A escala da intervenção, é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Contudo, dada implantação dispersa em vários volumes em torno de um grande espaço, possibilita uma leitura intermédia. Além disso, a arquitetura das torres, na paisagem geral da margem, enquadra-se com a linguagem do casario, apesar da diferença de escalas. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.30), caracteriza-se pela **estética contemporânea**. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas na leitura urbana. Os vários volumes possuem relações entre si, com diferenças que distinguem os vários momentos, tanto na materialidade (granito-mármore), como nos vãos, palas, cheios e vazio, que hierarquizam toda a composição.⁴⁸



Des.30 – Equema da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Editora Universitat de València, València, pág.51-53

47- SILVA, Helena Sofia & SANTOS, André (2011) “Álvaro Siza Vieira”, Editora Quidnovi, Vila do Conde, pág.44-47;

48 - FERNANDES, Maria Eugénia Matos, “A Universidade do Porto e a Cidade: Edifícios ao longo da História”, Gráfica Maiadouro, 2007, pag.60;

O décimo quarto “equipamento” é o Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto em 1988-1998 (ficha E.31) projetado pelos arquitetos Luís Ramalho e Pedro Ramalho. Corresponde a edifício novo e insere-se no contexto urbano de Paranhos, no território definido pelas ruas Frei Vicente da Soledade e Castro, pela VCI e o Nó com a A3 e pelo Hospital São João. A envolvente é composta pelo hospital de São João, pela faculdade de Economia e por um grande vazio urbano. O edificado, quanto ao programa, corresponde a **Serviço** e tem uma área aproximada de 90 mil metros quadrados. O edifício caracteriza-se pelos vários volumes verticais associados a corpos horizontais que unificam ambas as alas, e por elementos singulares, nos topos.⁴⁹ A escala da intervenção é classificável pela **macro escala**, relativamente à dimensão/área. É comparável à escala do Hospital, como elemento de grande densidade construída, que alberga uma quantidade elevada de programas. O projeto enquadra-se na macro-estrutura junto do nó da A3 com a VCI, bem como na estruturação do atual polo universitário. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.31), caracteriza-se pela **estética contemporânea**. A abordagem plástica e formal permite dinamizar o território envolvente. O conjunto destaca-se pela implantação e pela leitura volumétrica, que se adequam ao local e à circunstância urbana.⁵⁰

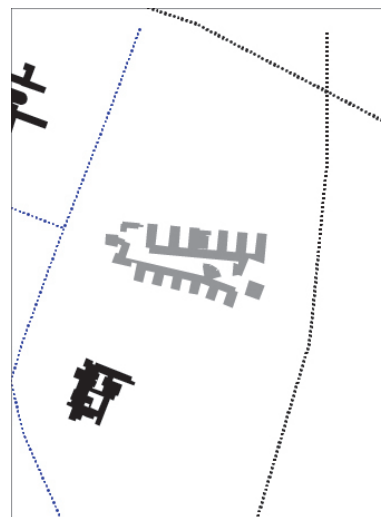


fig.31 – Equema da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

49 - PONTE, Sara, (Ed.) (2007) “FEUP: o projeto e a obra”, Editora U.Porto, Porto.

50 - FERNANDES, Maria Eugénia Matos, “A Universidade do Porto e a Cidade: Edifícios ao longo da História”, Gráfica Maiadouro, 2007, pag.80;

Em resumo, os catorze equipamentos, relativamente ao seu programa, seis correspondem a Serviço (Faculdade de Economia, Silo-Auto, sede Caixa Previdência, Pavilhão Carlos Ramos; Faculdade de Arquitetura e Faculdade de Engenharia), dois correspondem a Lazer (hotel D. Henrique e Casa das Artes) e seis correspondem a Habitação (edifício Montepio, o conjunto da Pasteleira, os projetos SAAL da Bouça, Leal e Antas, o conjunto habitacional da Cooperativa SACHE). Estes equipamentos correspondem a novos edifícios que surgem na cidade, tirando as particularidades da intervenção do Pavilhão Carlos Ramos, onde é reabilitado o casario existente. Quanto à escala dos equipamentos, observa-se que oito correspondem a uma intervenção de pequena escala (faculdade de Economia do Porto, hotel D. Henrique, o SAAL das Antas e de Leal, Casa das Artes, Pavilhão Carlos Ramos e Faculdade de Arquitetura do Porto), dada a área construída, sendo que o último também é possível fazer uma leitura na escala intermédia, pela capacidade de estruturar o contexto envolvente. Três equipamentos enquadram-se na escala intermédia (Silo-Auto, Sede Caixa Previdência e o SAAL da Bouça. Os restantes três equipamentos (Conjunto da Pasteleira, Cooperativa SACHE e Faculdade de Engenharia integram-se na macro escala, que estruturam parte do território onde se inserem, juntamente com o Hospital São João. Relativamente à linguagem, quatro equipamentos, as abordagens divergem, no entanto, enquadram-se na linguagem contemporâneas. Quanto à inserção urbana, os equipamentos selecionados encontram-se fora do contexto centro da cidade, em situações diversas, sendo que em contextos em consolidação (Paranhos/Asprela) ou em contextos de transformação urbana maioritariamente (Campo Alegre), relativamente ao contexto ligado à inserção das faculdades.

Data do projeto: 1960 - 1961

Arq. : Agostinho Ricca

Programa: Habitação

Loc. r. de Júlio Dinis

1.1- Programa:

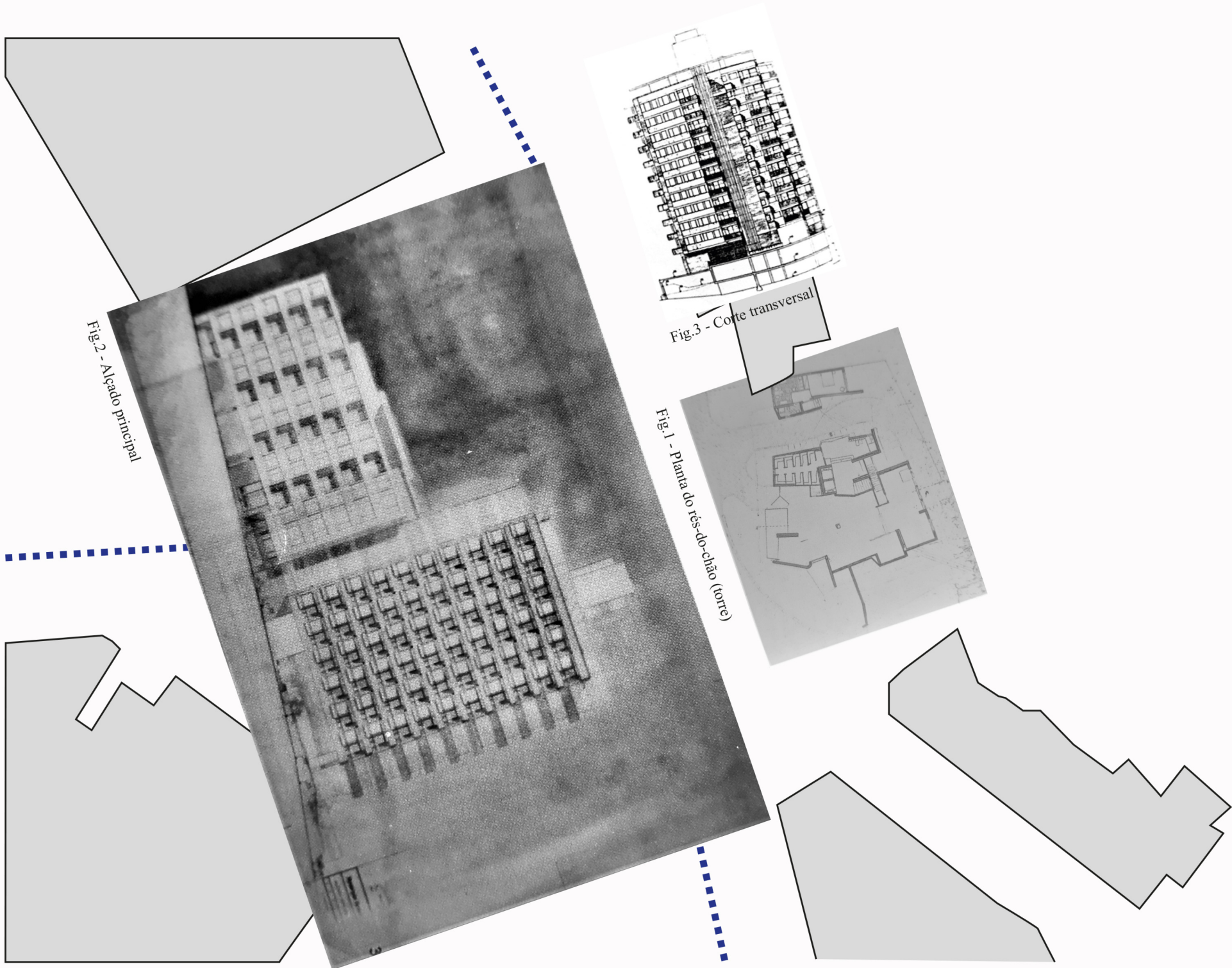
Entre 1960 e 1961, Agostinho Ricca projeta o Edifício do Montepio. O programa corresponde a habitação e organiza-se em 13 pisos, todos acima da cota da rua, aproveitando o desnível. O desenho do pisos de rés-de-chão resolve e acompanham a transição de cotas, permitindo que a garagem seja realizada pela rua de São Paulo. O acesso ao edifício é realizado no gaveto, a eixo com as varandas que resolvem essa situação urbana, que depois se distribui num acesso vertical a eixo da composição. O volume faz a transição de escala dos volumes da rua de Júlio Dinis, nomeadamente no contexto perto da Praça da Galiza.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O conjunto enquadra-se na transição entre a zona da Baixa e a Praça da Galiza. A volumetria é bastante dinamizada pelo expressivo desenho das fachadas. As torções aplicadas à forma do edifício, juntamente com a expressão . A plasticidade do projeto recorre à composição entre o betão/tijolo, bem como pelos vãos envidraçados em caixilharia branca, e sobretudo na utilização do dinamismo formal para o contraste de luz e sombra.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1958 - 1961-73	Arq. : Rogério Barroca, Pedro Ramalho Sérgio Fernandez	Programa: Habitação	Loc. r. Diogo Botelho, Fernão Lopes e Gomes Eanes de Azurara
---------------------------------	---	---------------------	---

1.1- Programa:

Entre 1958 e 1973, a Camara Municipal do Porto e os arquitetos Rogério Barroca, Pedro Ramalho e Sérgio Fernández projetaram o conjunto Habitacional da Pasteleira (Sul e Norte). O programa corresponde a habitação e corresponde a duas intervenções. Ambas as propostas são semelhantes na sua essência morfológica, contudo na parte Sul as tipologias são maiores e a volumetria varia entre seis e quinze pisos, já em torre, e a Norte, as tipologias são menores e possuem cinco pisos. Na parte Sul, destaca-se o bloco E, pelo desenho da zona comum, sendo feita a distinção, através de mudança de cota, da zona de estar e da zona de refeição, tendo ainda uma relação especial com a varanda. Na parte Norte, caracteriza-se pelo exemplo dos princípios de cidade moderna, embora em certos aspetos, como a implantação em pilotis não esteja equacionada no conjunto.

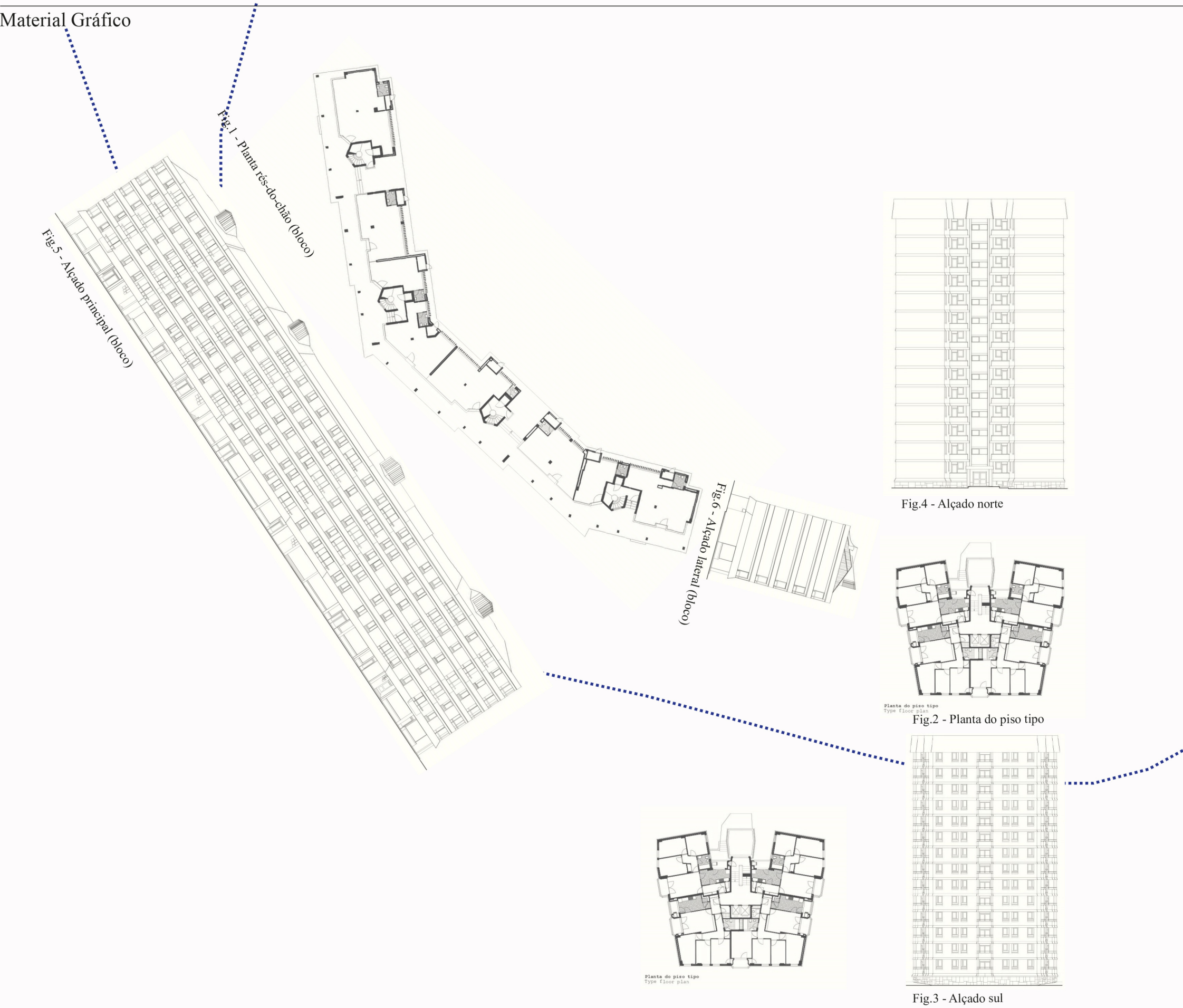
1.2- Linguagem Arquitetónica:

O conjunto insere-se entre o contexto da zona de Serralves e a Foz. As volumetrias do conjunto variam consoante a zona (Norte ou Sul), sendo que a Norte é mais compacto, com planos de fachada ritmados com marquises ou pelos acessos. A Sul é mais dinâmica, através das varandas nos vários alçados e da cobertura numa só água. A plasticidade do projeto varia do conjunto Norte para o conjunto Sul. A Norte, a materialidade está associada aos escassos recursos financeiros, sendo utilizados materiais de menor custo. A Sul, a materialidade traduz uma situação diferente, sendo utilizados materiais mais qualificados, como o betão e o próprio tijolo à vista.



no conjunto.

Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

- Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
- Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
- Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
- Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

1.1- Programa:

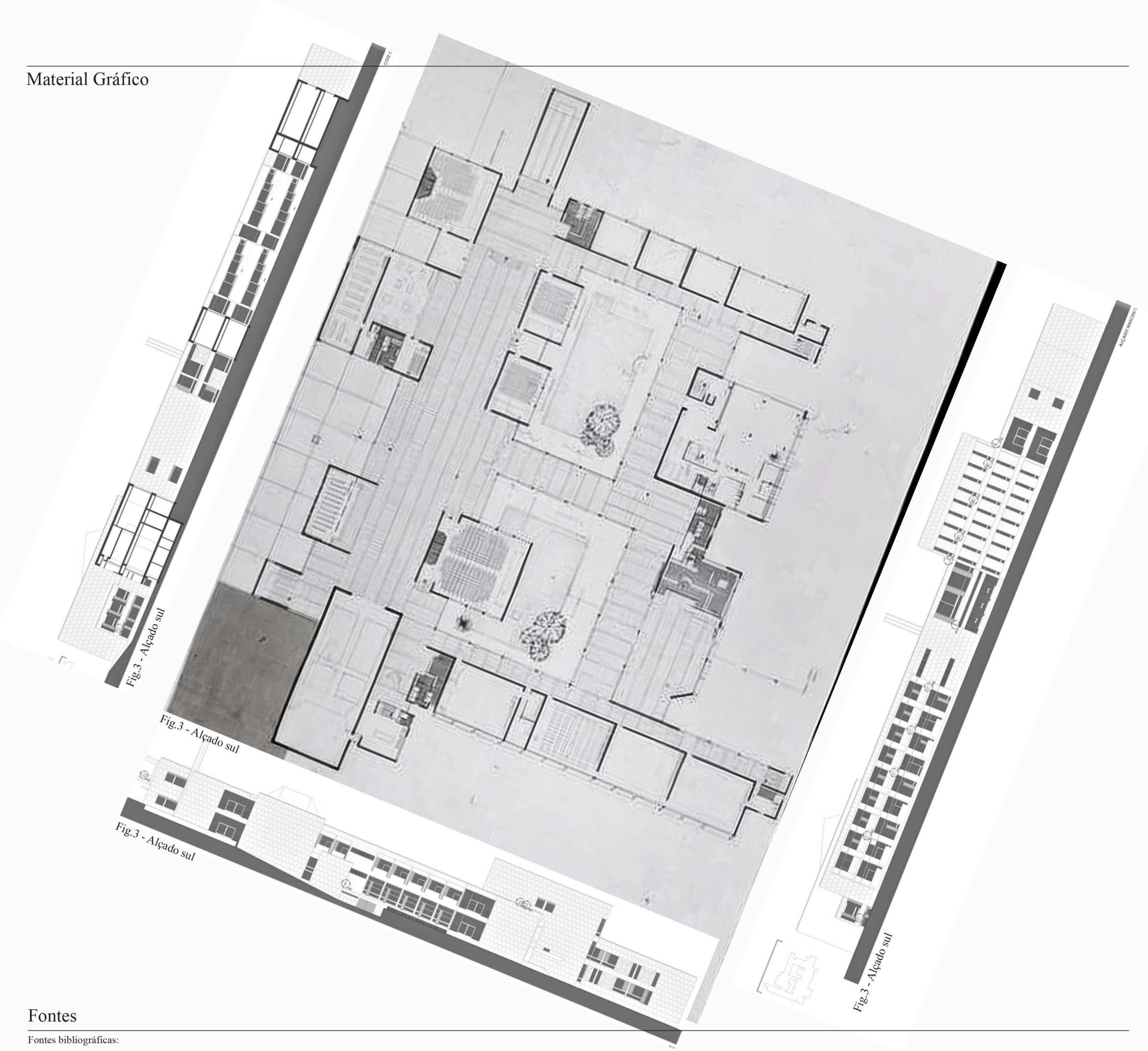
Entre 1970 e 1982, Viana de Lima projeta a Faculdade de Economia da Universidade do Porto. O programa corresponde a serviço e organiza-se em três pisos. No rés-do-chão dispõem de um espelho de água, junto de uma das entradas, do grande átrio de distribuição, de dois auditórios (um junto do espelho de água e outro junto de um dos pátios interiores, ocupando os dois pisos) e salas de aula e serviços académicos (voltados para o outro pátio interior). O primeiro piso é semelhante ao rés-do-chão. A biblioteca é o único volume que tem os três pisos.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício é composto por uma volumetria robusta e dinâmica, que corresponde à associação de várias formas autónomas que se relacionam. Cada zona autónoma tem a sua fachada exterior, quer seja por questões de orientação, ou pelo seu desenho interior, como o exemplo da biblioteca, cuja fachada é composta por lâminas verticais em diagonal ao plano de parede, que criam um jogo de sombras bem acentuado. Outro caso é o do auditório principal que é iluminado pelo desenho da cobertura que se eleva para captar a luz de Norte. A plasticidade do edifício é trabalhada sobre placas de granito que cobrem todas as superfícies.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1961 - 1964	Arq. : Alberto Pessoa e João Bessa	Programa: Serviço	Loc. r. Gonçalo Cristovão e de Guedes de Azevedo
------------------------------	------------------------------------	-------------------	--

1.1- Programa:

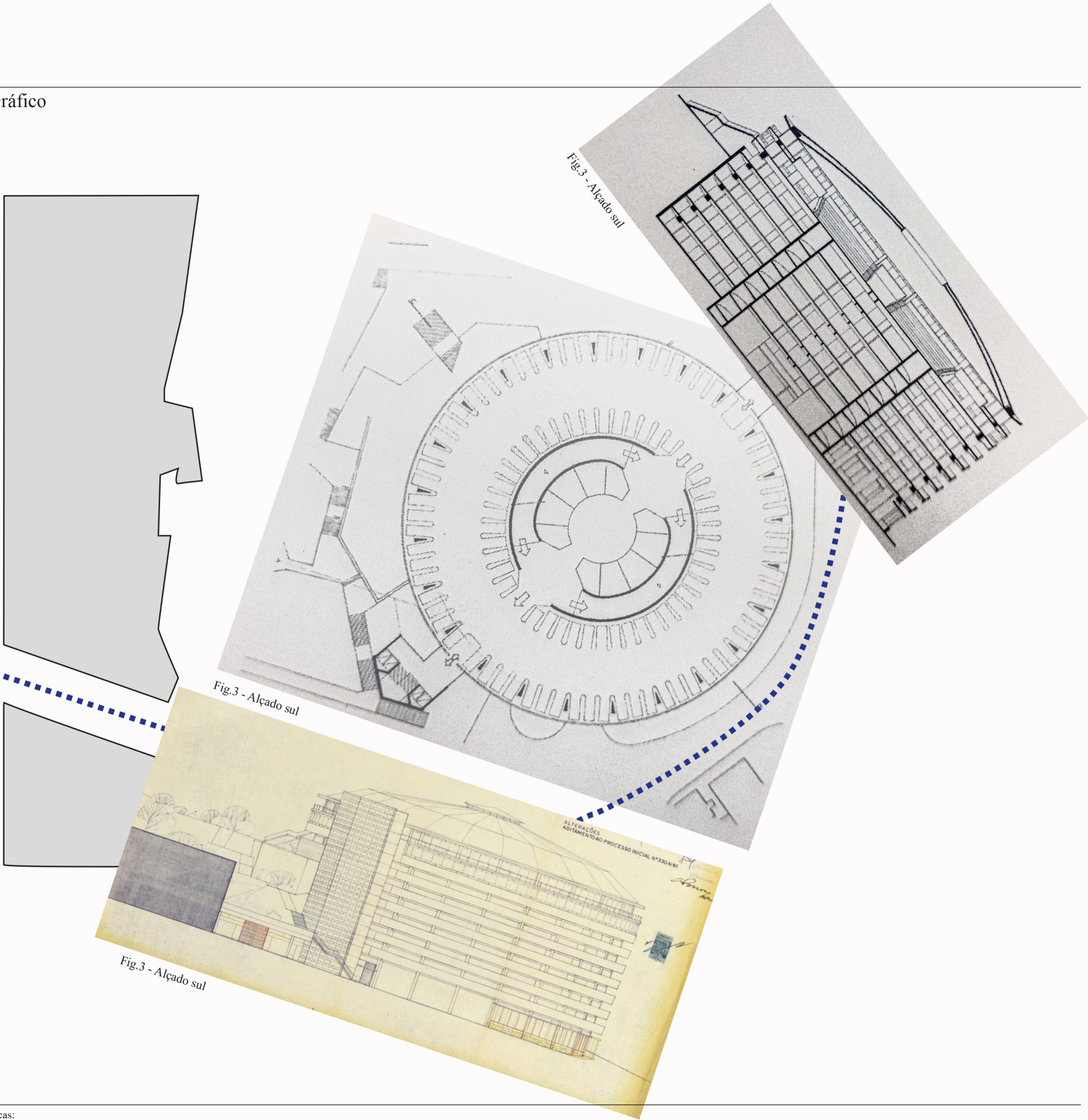
Entre 1964, Alberto Pessoa e João Abel Bessa projectão o Silo-Auto. O programa corresponde a serviço e organiza-se em oito pisos, oferecendo cerca de 850 lugares de estacionamento  baixa da cidade. A rampa na fachada trabalha a dialética estrutural conectando todo o conjunto. Contudo, o edifício que se projetou, não se encontra concluido segundo o projeto inicial, que previa para a cobertura, uma zona de terraço que albergasse um restaurante e um ringue de hóquei. As entradas são feitas em duas zonas, pela rua Gonçalo Cristóvão e pela rua Guedes Azevedo, contendo este uma torre de acessos verticais.

1.2- Linguagem Arquitetnica:

O edifício adota a linguagem da rampa helicoidal. A composição é marcada por dois volumes. O volume de estacionamento é marcado pela rampa que trabalha a dialética estrutural em conjunto com o betão aparente, criando o aspeto bruto, mas elegante de todo a obra. O outro, correspondente aos acessos verticais, possui fachadas cegas (com função construtiva), apenas com janelas no acesso ao estacionamento, servindo tmbm de superfície comunicativa do serviço.

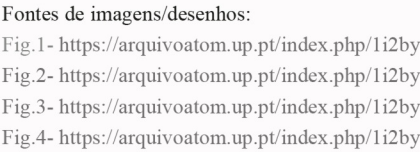


Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artificio”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.



Data do projeto: 1966 - 1974 Arq. : José Carlos Loureiro Programa: Lazer Loc. r. Guedes de Azevedo e do Bolhão

1.1- Programa:

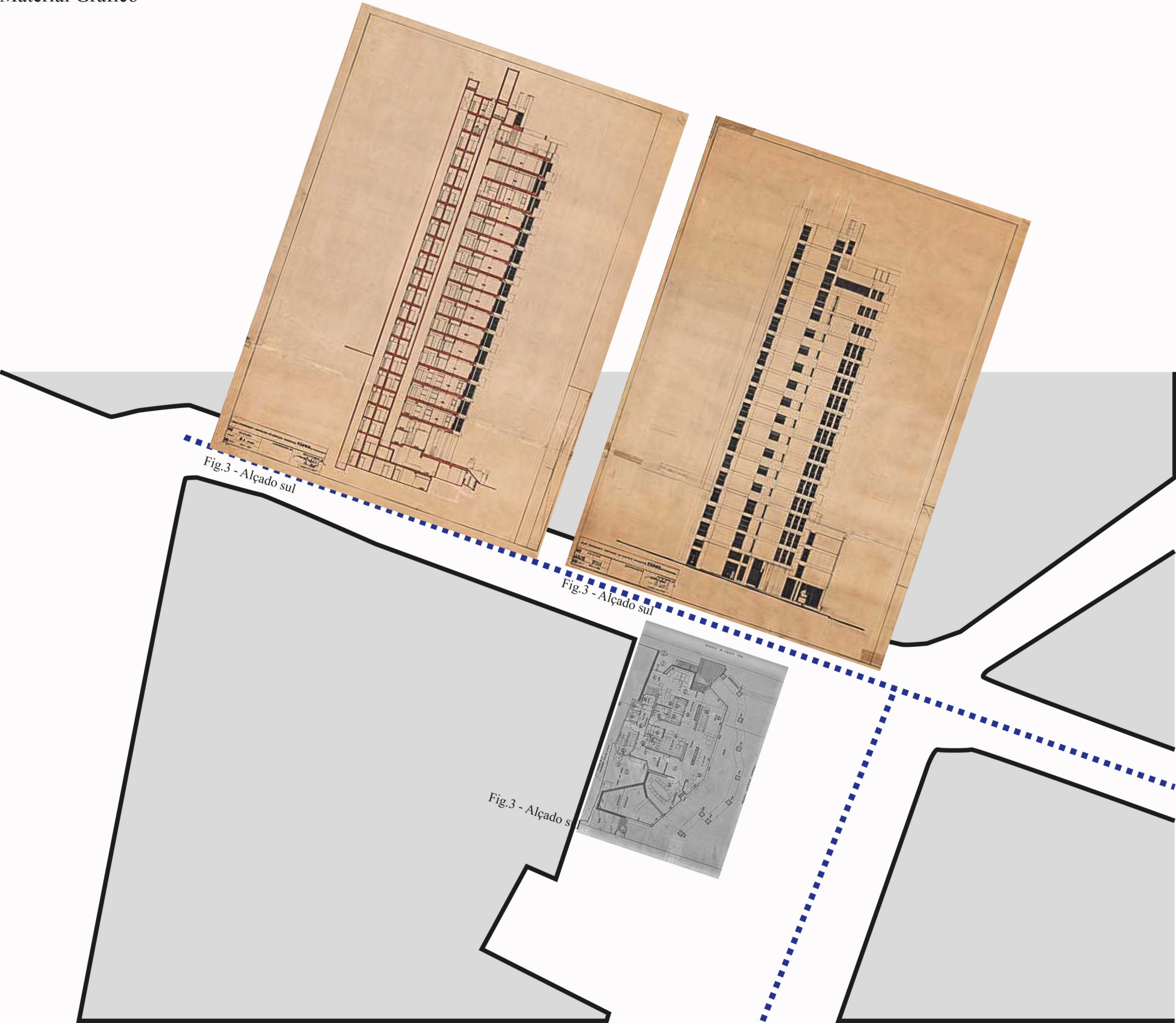
Entre 1966 e 1974 José Carlos Loureiro projeta o Hotel D. Henrique. O programa corresponde a lazer (contendo ainda uma zona de comércio e serviços), e organiza-se em vários volumes. O foyer de entrada prolonga-se devido à transparência da plataforma, a partir da cota da rua, sendo filtrada por uma galeria, que se define pelos pilares da estrutura, e pelo plano envidraçado da zona de receção interior. Quanto aos pisos dos quartos, devido à liberdade estrutural e à forma em leque, permitem o desenho de oito quartos e suites diferenciados, oferecendo uma variedade tipologia ao hotel. Os últimos três pisos, sofrem uma nova variação, visível na composição exterior, permitindo albergar espaços de terraços, restaurante, bar e cozinha.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício adota um conjunto de formas seguindo o lote. A volumetria do edifício de escritórios é compacta e marcada pela repetição das janelas e pelo desenho do rés-do-chão, (sobre pilotis) e pela cobertura. A torre é desenhada em leque assinalando o encontro entre as duas ruas e acentua a verticalidade da construção. Através desta conceção estrutural do betão, associada à construção em altura, permite uma liberdade de composição piso a piso, traduzindo-se numa riqueza formal e da relação com o exterior, organizados sequencialmente na verticalidade da construção.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:
Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1968 - 1978

Arq. : Arménio Losa, Alfredo Ferreira
Beatriz Madureira

Programa: Lazer

Loc. r. António Patrício

1.1- Programa:

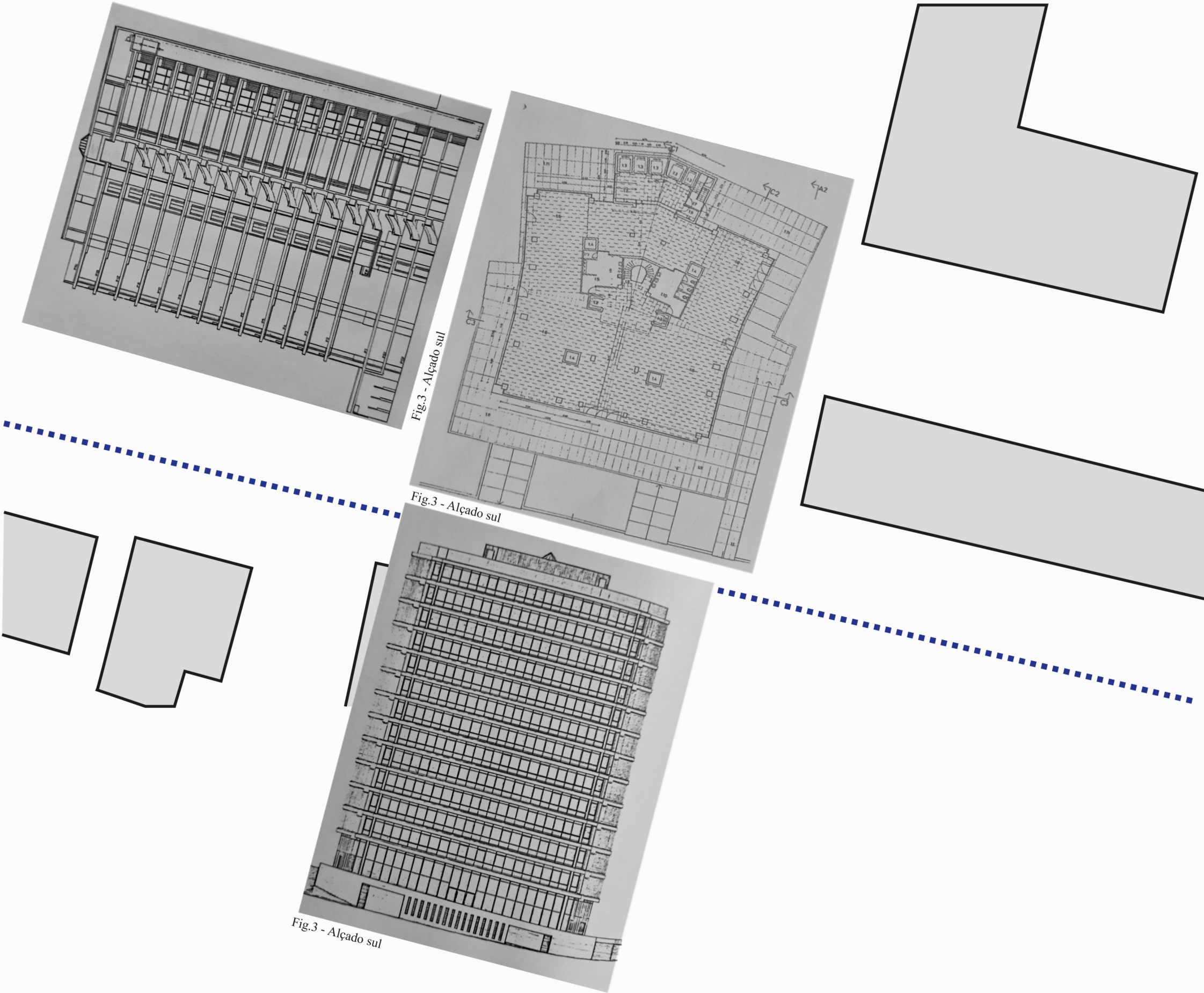
Entre 1968 e 1978, Arménio Losa, Alfredo Ferreira e Beatriz Madureira projectam a Sede Caixa Previdência (atual Centro Distrital do Instituto da Segurança Social). O programa corresponde a serviços e organiza-se em dezassete pisos, (entre um e dois pisos subterrados, dependendo da cota da rua, e quinze/dezasseis acima da cota da rua). Os pisos em cave correspondem a garagem, nos pisos inferiores contém o átrio e o refeitório. Os restantes pisos correspondem a escritório e um auditório, no último piso. Inicialmente destinado para habitação, foram adicionados novos acessos verticais e infraestrutura de apoio, tendo a escada um papel dinamizador no interior.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício enquadra-se no contexto da Avenida da Boavista. A volumetria é compacta, dinamizada pelos trabalhos nos pisos inferiores na relação com terreno. Os vários planos de fachada são desenhados segundo uma grelha de envidraçados, sendo que os alçados nascente e poente são preenchidos com lâminas verticais manipuláveis, e o alçado principal é ritmado com horizontalidade, criando um ritmo de soluções de fachada. A plasticidade do projeto recorre à composição entre o betão aparente e os elementos metálicos, seja as lâminas verticais, seja a caixilharia.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1973 - 1977 Arq. : Álvaro Siza Viera Programa: Habitação Loc. r. das Águas Férreas

1.1- Programa:

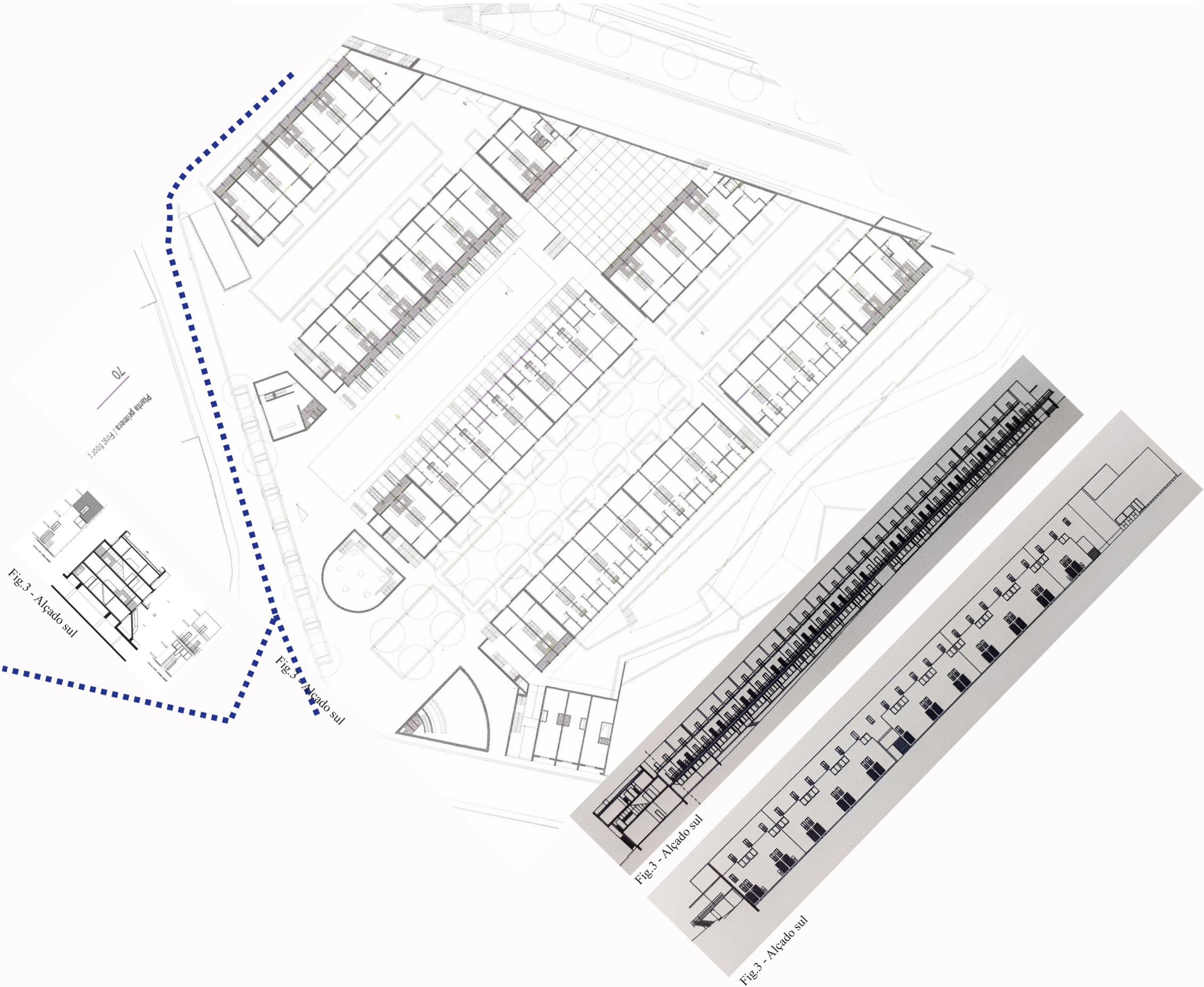
Entre 1973 e 1977, Álvaro Siza projeta o complexo residencial SAAL da Bouça. Depois da revolução de 1974, as condições de vida deterioraram bastante. Os residentes locais, organizaram uma comissão de moradores e reivindicaram o terreno e o projeto, inscrevendo-o no plano de emergência SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local). O programa corresponde a habitação e organiza-se em quatro volumes. O acesso aos edifícios é feito através de escadas individuais exteriores, para o primeiro e segundo piso, sendo que para o terceiro é feito por uma galeria. Esta última seria ligada, no extremo norte do conjunto, a uma passagem bem murada, junto ao caminho de ferro, tendo a função de proteger do ruído e conferir privacidade e coesão ao conjunto. No lado da rua da Boavista, na extremidade sul do terreno, o projeto incluía uns pequenos equipamentos de apoio à envolvente e ao conjunto.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O complexo é composto por barras horizontais e pequenos volumes de isolados. As volumetrias retangulares são dinamizadas pelos acessos diretos e pelas galerias e varandas. Os vários alçados seguem linhas claras e simples, com duas métricas de alçado (principal e tardoz). Os volumes independentes seguem outra composição de fachada face as barras. A materialidade que o conjunto expressa, transmite uniformidade, sabendo que os materiais, devido à escassez dos recursos financeiros, são de inferior qualidade.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:
Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1974 - 1976

Arq. : Pedro Ramalho

Programa: Habitação

Loc. r. Cel. Helder Ribeiro

1.1- Programa:

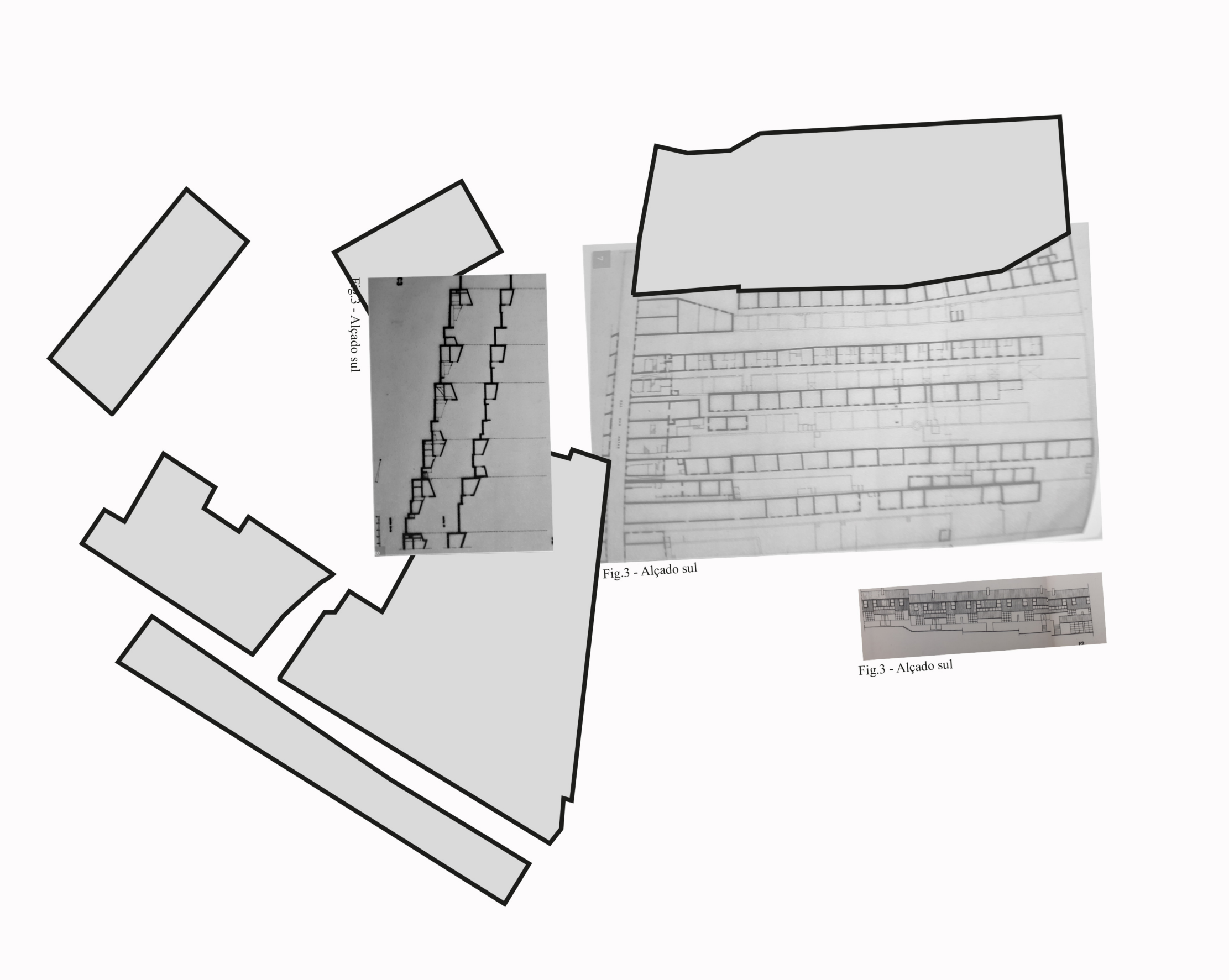
Entre 1974 e 1976, Pedro Ramalho projeta a operação SAAL no Bairro das Antas. O programa corresponde a habitação e abrange a recuperação e construção de 82 fogos. É realizado nesta intervenção a abertura à cidade, reservar espaços destinados aos equipamentos de apoio aos habitantes e a importância de intervir no mínimo das habitações possível, conservando o processo. A interpretação do modelo da “ilha” e a atualização do edificado propõe novos espaços, mantem a raiz social e cultural do ambiente familiar. É mantido a relação tradicional com a rua, sendo antecipado o contacto com o logradouro por um acesso a 45 graus.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

A operação compreende a linguagem existente. As volumetrias são dinamizadas pelos vários espaços, (interiores e exteriores). Os vários planos de fachada são desenhados segundo uma métrica dos módulos existentes, mantendo a identidade do bairro. A plasticidade do projeto recorre à composição entre a materialidade industrial do tijolo e chapas onduladas, bem como os gradeamentos metálicos.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/li2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/li2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/li2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/li2by>

Data do projeto: 1974 - 1977

Arq. : Sergio Fernandez

Programa: Habitação

Loc. r. das Musas

1.1- Programa:

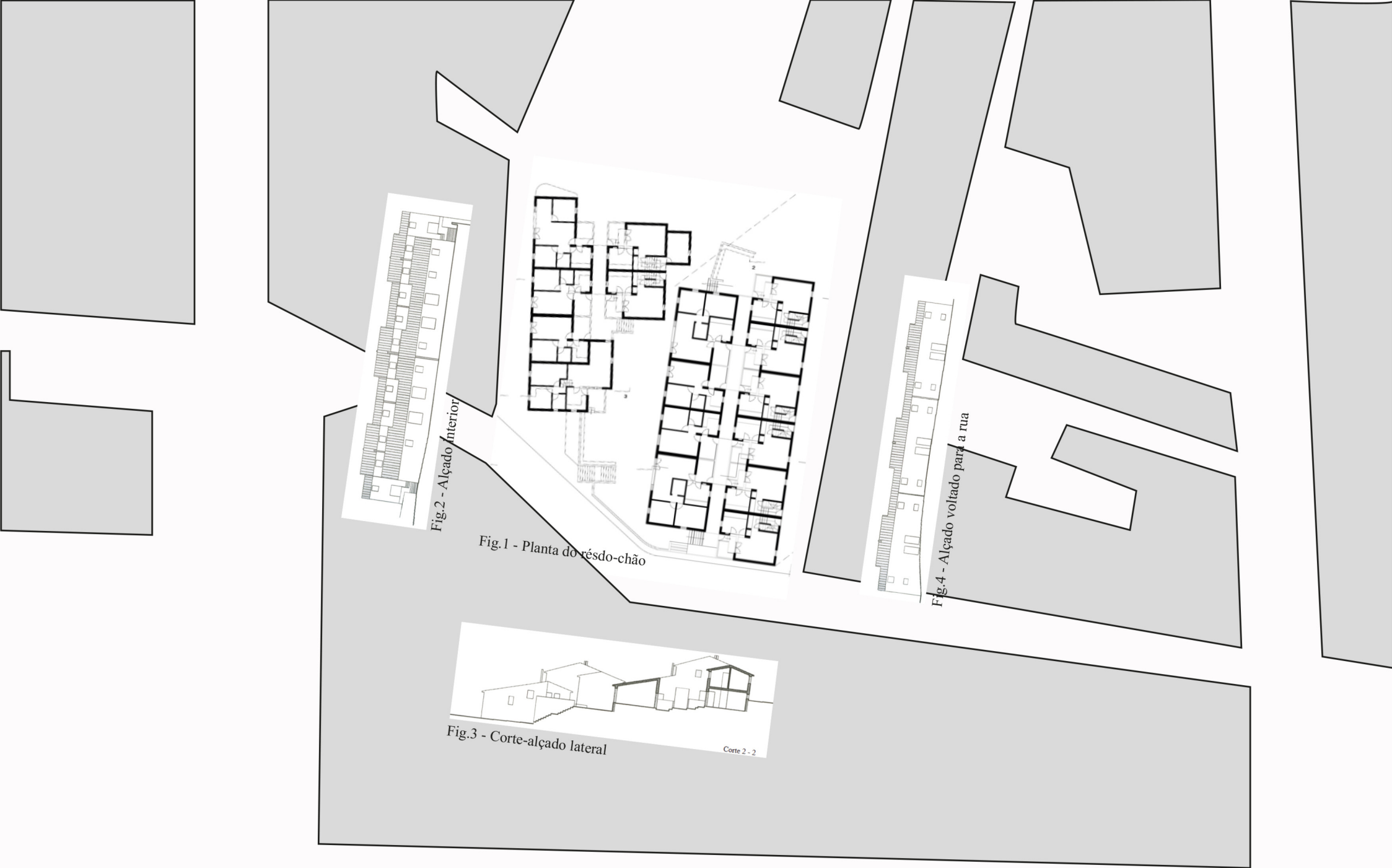
Entre 1974 e 1977, Sérgio Fernandez projeta a operação SAAL, bem no centro da cidade. O programa corresponde a habitação e concentra-se em três pequenos conjuntos de habitações com dezasseis fogos. Com a sua implantação numa encosta, o projeto é feito em dois subconjuntos, de acesso direto, dispostas em banda. A disposição dos telhados acentua a inclinação acentuada do terreno e os pequenos logradouros que antecipam a entrada proporcionam luz natural ao interior do fogo.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

A operação compreende uma linguagem simples e acessível, na resposta à escassez monetária. As volumetrias são dinamizadas pelos vários espaços, (interiores e exteriores), com as coberturas que acentuam a inclinação do terreno. A plasticidade do projeto recorre à composição entre a materialidade industrial do tijolo e chapas onduladas, e materiais que permitam uma melhor aplicação, com custos reduzidos.



Material Gráfico

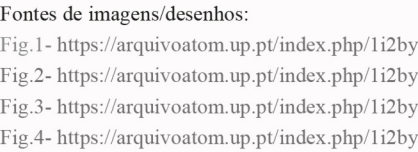


Fontes

Fontes bibliográficas:

1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.



Data do projeto: 1979 - 1989 Arq. : Manuel Correia Fernandes Programa: Habitação Loc. r. de Moçambique

1.1- Programa:

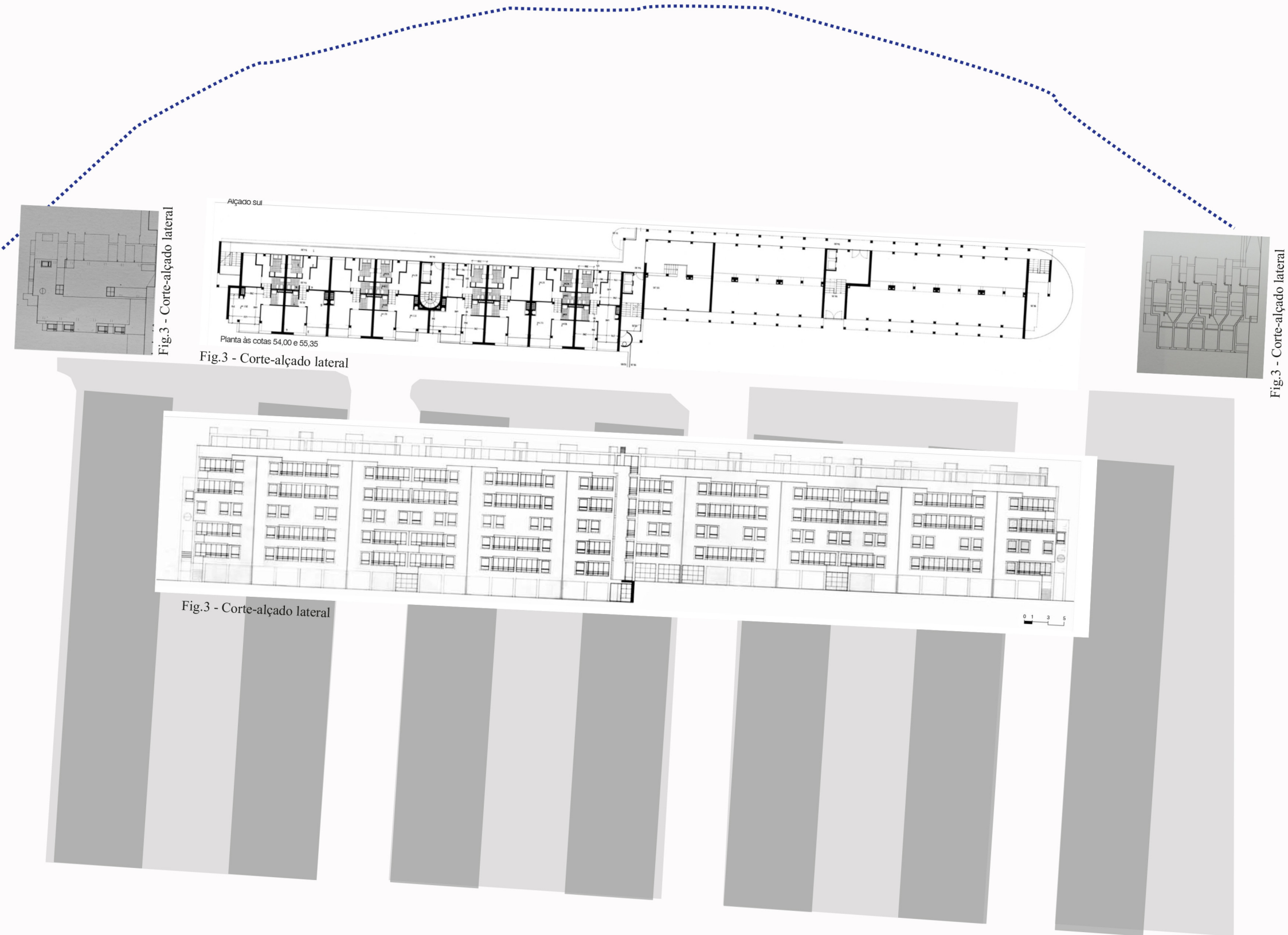
Entre 1979 e 1993, Manuel Correia Fernandes projeta o Conjunto Habitacional SACHE. O projeto realiza-se em duas fases, correspondendo a diferentes tipologias de habitação. O programa é inteiramente habitacional e organiza-se em meios pisos, articulando tipologias T2 (dois meios pisos) e T3 (três meios pisos). Na primeira fase, o edificado organiza-se em dois blocos desfasados, com acessos verticais no centro e nos topos. A distribuição é feita por galerias que alternam, entre os meios pisos (galeria sim/ galeria não). Na segunda fase, o edificado organiza-se num volume horizontal, composto por pequenos edifícios em banda, de esquerda-direita. No rés-do-chão é composto por garagens e os pisos superiores são compostos por T2 e T4 ou T5.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O conjunto expressa-se sobe formas retangulares. As volumetrias são compactas, dinamizadas pelo acesso alternado entre pisos e pelas varandas embutidas, fazendo um jogo luz e sombra, acentuando mais os recortes e vazias na composição da fachada. A fachada voltada para a rua de Moçambique é trabalhada segunda uma métrica de janelas verticais, (duas a duas) e pelas galerias alternado com óculos correspondendo aos acessos verticais. Na fachada interior segues uma métrica consoante tipologia, conjugando as varandas e as janelas. As duas tipologias de habitação articulam-se na combinação construtiva do tijolo maciço à vista, com o betão aparente, criando um contraste forte e assertivo.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:
Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1988 - 1991

Arq. : Eduardo Souto de Moura

Programa: Lazer

Loc. r. de Rúben a.

1.1- Programa:

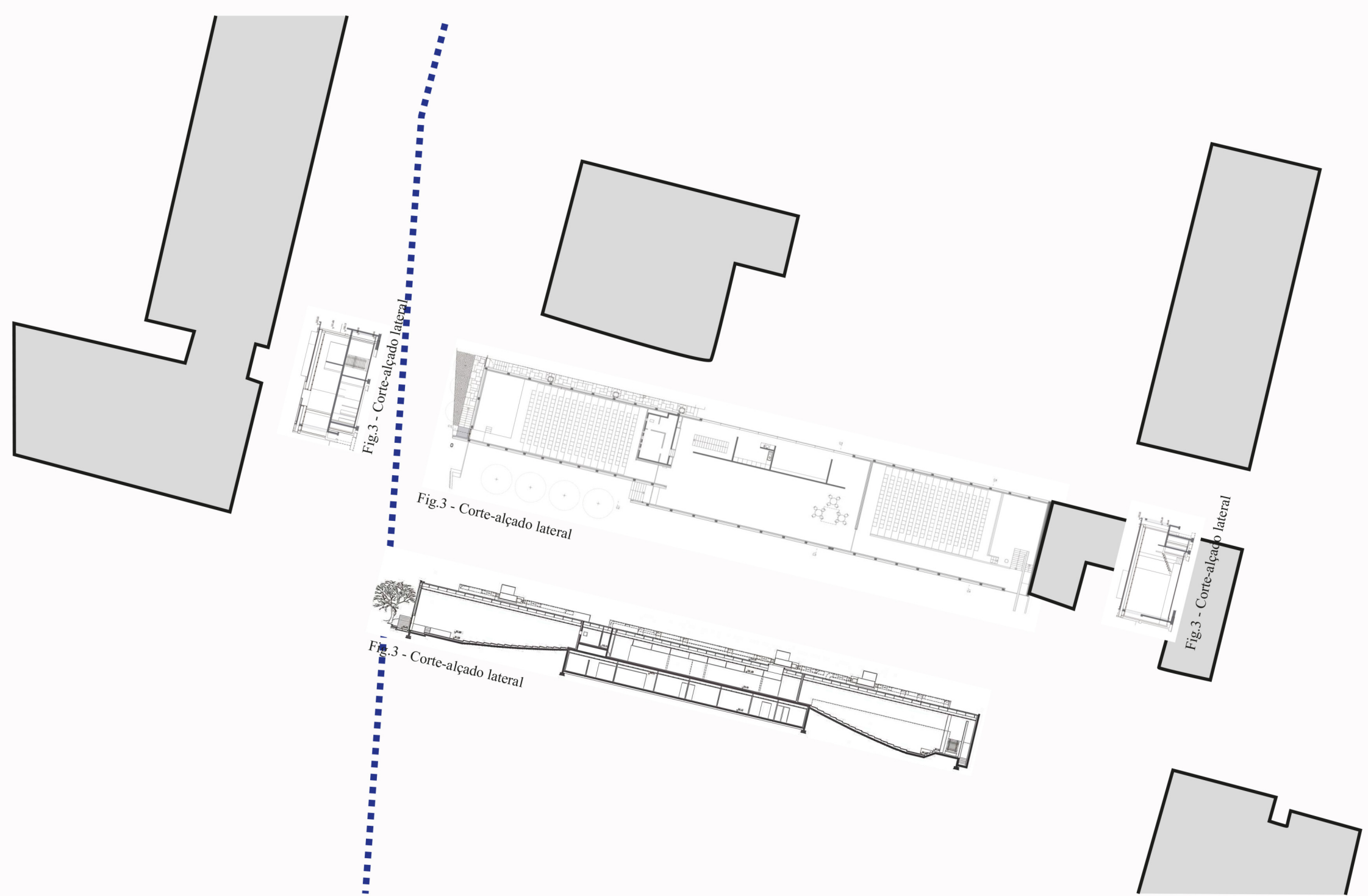
Entre 1988 e 1991 Eduardo Souto de Moura projeta o Centro Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, mais conhecido como “Casa das Artes”. O programa corresponde a lazer e organiza-se três volumes: auditório, sala de exposições e cinemateca. Os programas dispõem-se em sobreposição, sendo que o auditório ao fundo do edificado, permitia gerar dois pisos, usados para disposição. O projeto tinha como premissa a mínima interferência com a preexistência. O edificado acaba assim por redesenhar a relação do lote com a casa, constituindo-se como limiar, contribuindo para a redefinição do lote perante a cidade.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício desenvolve-se segundo a premissa do local, fazendo-se passar o menos perceptível. A volumetria é compacta, dinamizada apenas na cobertura com as entradas de luz. O plano voltado para o jardim corresponde a um muro de pedra que caracteriza o edificado, rasgado apenas para fazer a entrada. A plasticidade do projeto é definida pelo granito do muro e pelo zinco da cobertura.



Material Gráfico

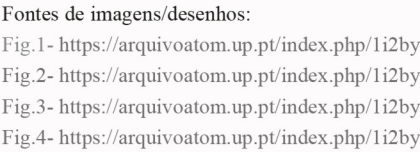


Fontes

Fontes bibliográficas:

1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.



Data do projeto: 1985 - 1986 Arq. : Álvaro Siza Vieira Programa: Serviço Loc. via Panorâmica Edgar Cardoso

1.1- Programa:

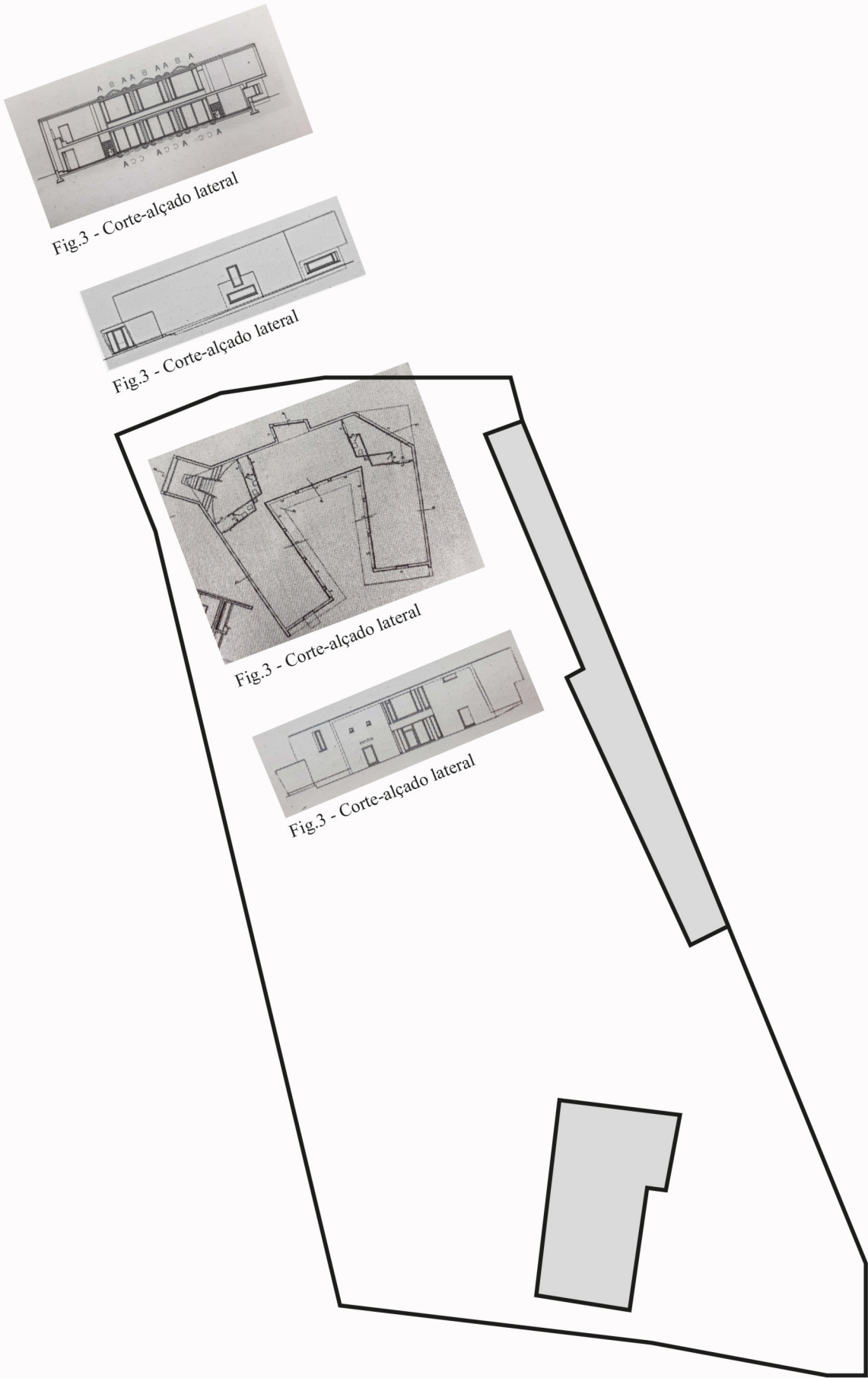
Entre 1985 e 1986, Álvaro Siza projeta o pavilhão Carlos Ramos. O programa corresponde a serviço e organiza-se em dois pisos, numa morfologia dinâmica que privilegia a relação interior entre os espaços, onde as grandes aberturas viram-se para dentro num pátio aberto, permitindo ver e percorrer as diferentes salas a partir desse espaço. Em ambos os pisos dispõem de três salas com wc e arrumos de apoio.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício adota uma forma em “U” fechado, voltado para o jardim da “Casa Cor de Rosa”, definindo um eixo de composição. A volumetria é dinâmica, com os recortes (no canto tardo), palas e saliências (na entrada) feitas na volumetria principal. Os alçados voltados para os caminhos pedonais do jardim são planos lisos quebrados por rasgos horizontais ou pontuais, pela saliência da entrada e pelo recorte no canto tardo. Os alçados voltados para o jardim seguem um padrão geométrico de grandes envidraçados (de laje a laje) segundo uma métrica entre plano fixo e janela e estrutura. A plasticidade do projeto é definida pelo sistema etics pintado a branco e pelas caixilharias metálicas pintadas.

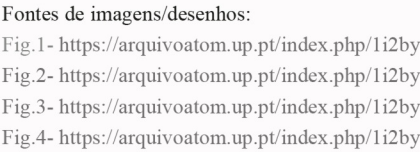


Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.



Data do projeto: 1986 - 1999

Arq. : Álvaro Siza Vieira

Programa: Serviço

Loc. via Panorâmica Edgar Cardoso

1.1- Programa:

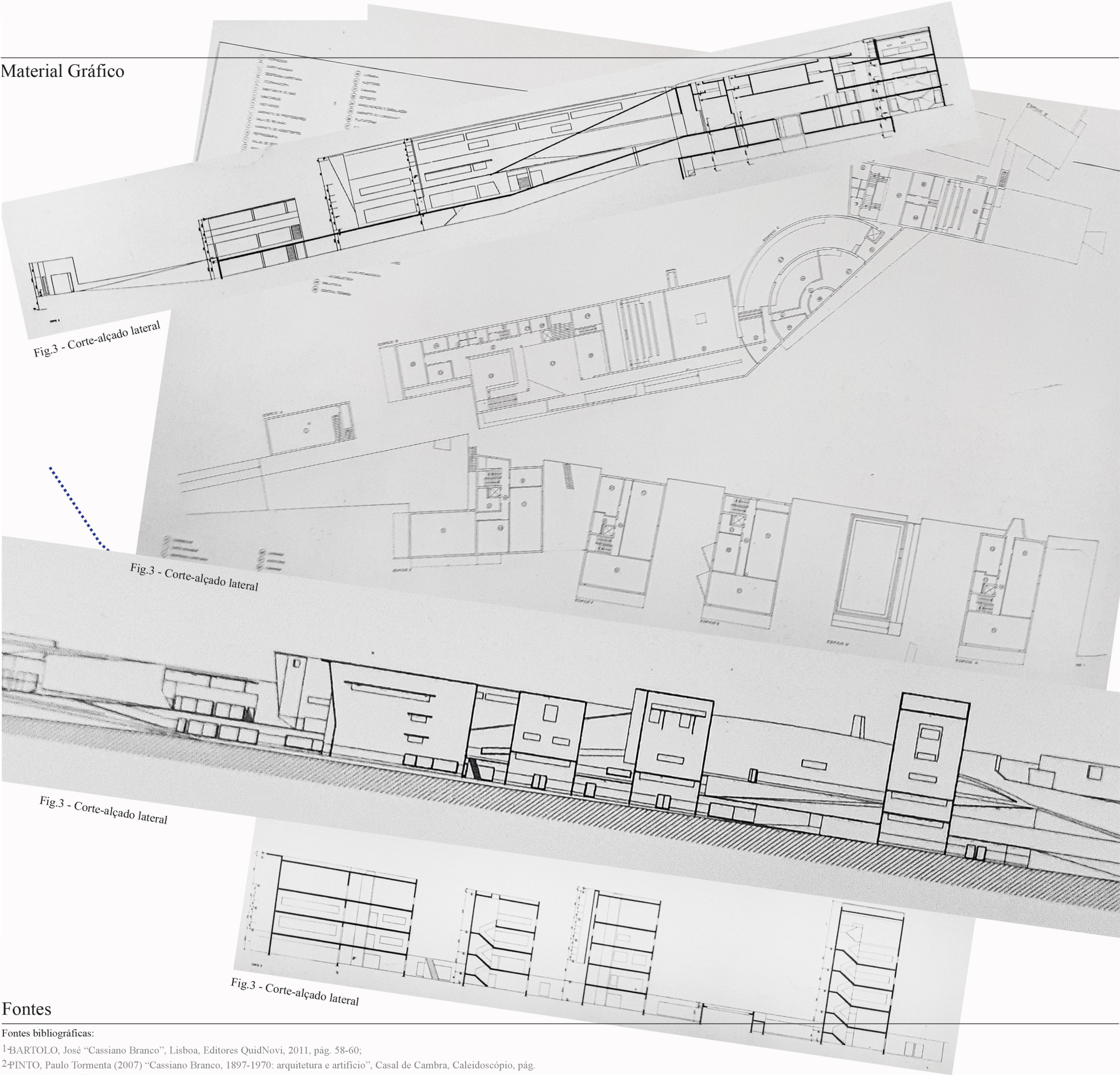
Entre 1986 e 1999, Álvaro Siza projeta a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP). O programa corresponde a serviço e organiza-se em vários volumes (verticais e horizontais) e espaços exteriores. O rés-do-chão corresponde a uma plataforma que liga os vários volumes e contém a cafetaria, acessos às zonas técnicas, um grande corredor de distribuição e serviços. Os volumes verticais correspondem as salas de aulas e gabinetes. O volume horizontal corresponde aos serviços administrativos, auditórios, galerias de exposição e biblioteca, bem como salas de aulas e zonas de apoio.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edificado desenvolve-se no local através de um complexo conjunto de alinhamentos que estruturam os espaços e as hierarquias. Toda a composição é desenhada com a mesma materialidade, variando no desenho de fachada conforme a relação entre interior-exterior e o programa. As Torres seguem uma linguagem dinâmica, com os rasgos horizontais e palas, que variam de ordem entre si (de torre para torre) e a relação com o próprio pátio (diferente em cada torre). No volume principal, a dinâmica é idêntica, com o desenho dos rasgos horizontais e as palas que quebram os planos lisos. A plasticidade do projeto é definida pelo sistema etics pintado a branco e pelas caixilharias metálicas e o mármore.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artificio”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1 - <https://arquivoatom.up.pt/index.php/i12by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/i12by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/i12by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/i12by>



Esc: 1/6000

Equipamentos:

- 18- Edifício Montepio
- 19- Conj. Habitacional da Pasteleira
- 20- Faculdade de Economia
- 21- Silo-Auto
- 22- Hotel D. Henrique
- 23- Sede Caixa Previdência
- 24- SAAL Bouça
- 25- SAAL Antas
- 26- Leal
- 27- Cooperativa SACHE
- 28- Casa das Artes
- 29- Pavilhão Carlos Ramos
- 30- Faculdade de Arquitetura (FAUP)
- 31- Faculdade de Engenharia (FEUP)

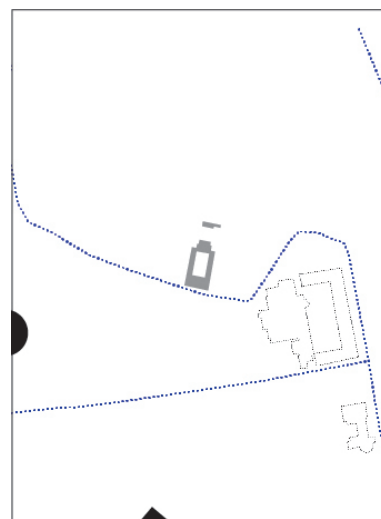
Sobreposição das Plantas de 1960 (cinzento)- 1978 (preto)

2.3- Décadas de 1990-2020 – “Mobilizadores”

Nas décadas de 1990 a 2020 regista-se, segundo o levantamento cruzado das fontes bibliográficas, quarenta e nove equipamentos. Destacam-se **quinze** em termos de novidade para o desenvolvimento urbano, que nos cumprirá atender.

2.3.1- Década de 1990-2000

O primeiro “equipamento” é o Museu Nacional Soares dos Reis em 1990-2001 (ficha E.32) projetado pelo arquiteto Fernando Távora. Corresponde a uma reabilitação/edificado novo e insere-se no contexto urbano de Massarelos, consolidado, num quarteirão definido pelas ruas de D. Manuel, Adolfo Casais Monteiro, Miguel Bombarda e do Rosário. A envolvente é composta por habitação (de dois a cinco pisos) comércio de pequena escala, alguns serviços e Lazer (Palácio de Cristal). O edificado, quanto ao programa, corresponde a **Lazer** e tem uma área aproximada de 7 700 metros quadrados. O projeto caracteriza-se pela intervenção coerente com o pré-existente. A intervenção no existente refere-se à reabilitação de espaços, bem como à preparação organizacional para o novo volume.⁵¹ O corpo novo encontra-se dentro do lote, nas traseiras (jardim) do Museu. A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área, contudo corresponde ao edifício de maior densidade, mantendo a volumetria da envolvente e do contexto geral da zona. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.32), caracteriza-se pela **estética moderna e tradicional**, tendo em conta a dupla intervenção. A abordagem plástica e formal permite enquadrar-se num contexto consolidado, resolvendo a transição entre o volume existente e o logradouro, através de um novo volume, alterando a materialidade.⁵²

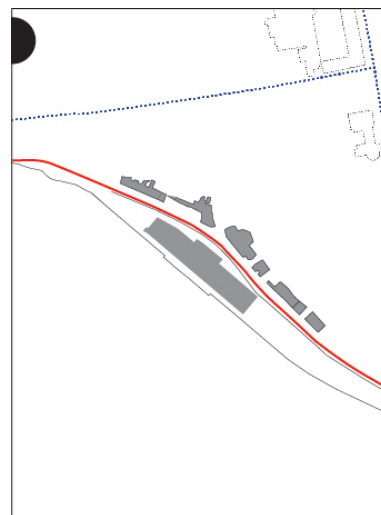


Des.32 – Equema do Museu Nacional Soares dos Reis

51 - TÁVORA, Fernando (1993) “Percurso Roteiro”, Edição CCB, Lisboa, pág.82;

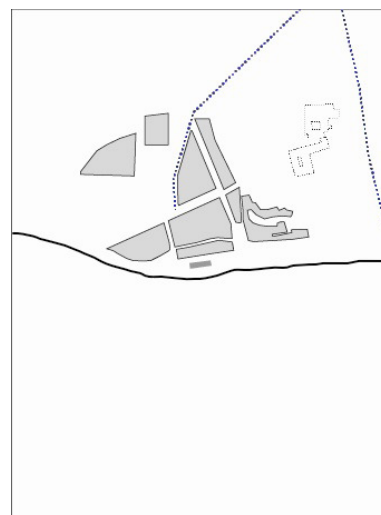
52 - MENDES, Manuel (Coord.) (2020) “Fernando Távora: as raízes e os frutos, palavra, desenho, obra, 1937-2001” Porto, Editor FIMS, pág.45-60;

O segundo “equipamento” é o Edifício da Alfândega em 1993-1994 (ficha E.33) projetado pelo arquiteto Eduardo Souto Moura. Corresponde a uma reabilitação e integra-se no contexto urbano de Miragaia, consolidado, dentro da pré-existência. O edificado, quanto ao programa, corresponde a **Lazer** e tem uma área aproximada de 36 mil metros quadrados, sendo que a intervenção apenas foi realizada em 11 200 metros quadrados. A intervenção na Alfândega apenas ocorre parcialmente (no volume voltado para a plataforma e caracteriza-se pela adaptação espacial para o Museu dos transportes, não alterando a materialidade.⁵³ A escala da intervenção é classificável por **intermédia e de pequena escala**, sendo que corresponde apenas a uma parte do edificado existente. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.33), caracteriza-se pela **arquitetura oitocentista**, que se destaca da envolvente próxima do casario portuense. A abordagem formal permite ao edifício manter a identidade, não alterando a estrutura, bem como a permanência da plasticidade, apenas reabilitada.



Des.33 – Equema da Alfândega do Porto

O terceiro “equipamento” é o Café do Cais em 1993-1994 (ficha E.34), projetado pelos arquitetos Cristina Guedes e Francisco Vieira de Campos. Corresponde a edifício novo e insere-se no contexto urbano de São Nicolau, consolidado, no tabuleiro da ribeira, junto do cais da Estiva. A envolvente é composta por habitação (de quatro a seis pisos) e comércio de pequena escala. O edificado, quanto ao programa, corresponde a **Comércio** e tem uma área aproximada de 400 metros quadrados. O volume caracteriza-se pela capacidade de omissão face ao contexto histórico onde se insere, devido aos materiais e à técnica construtiva, permitindo a continuidade da paisagem e da leitura envolvente.⁵⁴ A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.34), caracteriza-



Des.34 – Equema do Café do Cais

53 - TOUSSANT, Michel & RAPAGÃO, João Paulo (2018) “Guia de arquitetura do Porto: do movimento moderno à atualidade, 1942 2017”, Edição A+A Books, Lisboa, pág. 48-49;
54 - CAMPOS, Francisco Vieira de (2022) “Memory exercise: Café do Cais, Porto”, Porto (<http://menosemais.com/conteudo/cafe-do-cais>)

-se pela **estética contemporânea**, que contrasta com a envolvente histórica. A abordagem plástica e formal permite uma leitura contínua da envolvente onde se implanta. Encontra-se ligeiramente elevado e é definido pelos planos de vidro e por volumes em ardósia, que marcam a entrada e a cozinha. Toda a temática material parte da lógica dos elementos com carácter provisório que povoam a marginal do Douro, desde as barracas de comércio aos próprios barcos que ancoram no Cais⁵⁵.

O quarto “equipamento” é a Casa dos 24 em 1995-2002 (ficha E.35) projetado pelo arquiteto Fernando Távora. Corresponde a edifício novo e insere-se no contexto urbano da Sé, consolidado, no perímetro do terreiro da Sé. A envolvente é composta por habitação (de quatro a seis pisos), Lazer (Sé do Porto) e serviços (paço Episcopal). O edifício, quanto ao programa corresponde a **Lazer** e tem uma área aproximadamente de 510 metros quadrados. No local onde se implanta encontra-se vestígios da antiga assembleia (dos 24), caracterizando-se pela marca da memória, um elemento antigo que se define com uma nova arquitetura, como elemento simbólico que se abre para a paisagem e que marca uma abordagem de um registo antigo no contexto urbano contemporâneo.⁵⁶ A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Contudo, visto que o volume se projeta na vertical e se implanta num ponto alto da cidade, marca uma posição junto da Sé e enquadra-se na paisagem urbana do centro da cidade. Quanto à linguagem do edifício, caracteriza-se pela **estética contemporânea**. A abordagem plástica e formal permite criar/recriar dinâmicas no contexto envolvente, através do novo volume e do uso das ruínas da “casa dos 24”.⁵⁷



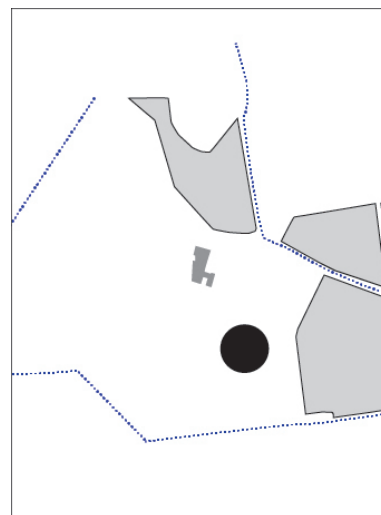
Des.35 – Equema da Casa dos 24

55 - TOUSSANT, Michel & RAPAGÃO, João Paulo (2018) “Guia de arquitetura do Porto: do movimento moderno à atualidade, 1942-2017”, Edição A+A Books, Lisboa, pág.20-21;

56 - TÁVORA, Fernando (2002) - Catálogo; Edição COAG, 2002, Corunha, pág. 82-83;

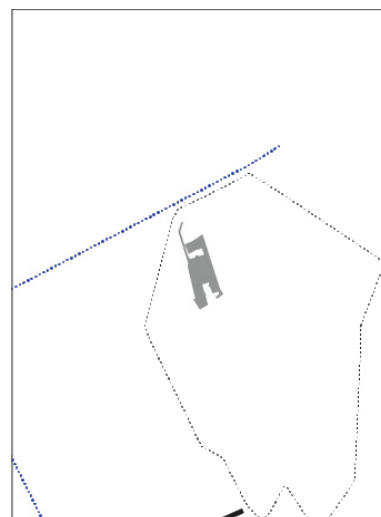
57 - MENDES, Manuel (Coord.) (2020) “Fernando Távora: as raízes e os frutos, palavra, desenho, obra, 1937-2001” Porto, Editor FIMS, pág. 45-60;

O quinto “equipamento” é a Biblioteca de Almeida Garrett em 1995-2001 (ficha E.36) projetado pelo arquiteto José Manuel Soares. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Massarelos, consolidado, dentro dos jardins do Palácio de Cristal. O edificado, quanto ao programa, corresponde a **Lazer** e tem uma área aproximadamente de 5 mil metros quadrados. O edifício caracteriza-se pela sua abordagem clara em relação ao seu contexto, sendo um grande volume que se enquadra com o jardim, passando até despercebido no meio das grandes árvores. Fornece ainda, não só ao programa do jardim, mas à cidade, no âmbito da Porto 2001, novos espaços de usufruto à cidade.⁵⁸ A escala da intervenção, é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. O projeto, embora volumetricamente expressivo (forma-material) integra-se num grande território, cuja visibilidade e dimensão se conformam perante o contexto (jardins e o pavilhão). Quanto à linguagem do edificado, caracteriza-se pela **estética contemporânea**. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas ao contexto onde se insere (jardins), não interferindo na vivência/utilização do espaço.



Des.36 – Equema da Biblioteca de Almeida Garrett

O sexto “equipamento” é o Museu de Arte Contemporânea de Serralves em 1996-1999 (ficha E.37) projetado pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Lordelo do Ouro, consolidado, dentro dos jardins da Fundação Serralves, nomeadamente junto do eixo urbano de Marechal Gomes da Costa. A envolvente é composta por habitação (de dois e três pisos) e serviço (Liceu Francês Internacional do Porto). O edificado, quanto ao programa, corresponde a **Lazer** e tem uma área aproximada de 12 700 metros quadrados. O edifício caracteriza-se pela definição volumétrica, pela sucessão de espaços e pelo enquadramento com o jardim, como um elemento integran-



Des.37 – Equema do Museu de Arte Contemporânea de Serralves

te da envolvente verde que o circunda.⁵⁹ A escala da intervenção é

58 - TOUSSANT, Michel & RAPAGÃO, João Paulo (2018) “Guia de arquitetura do Porto: do movimento moderno à atualidade, 1942 2017”, Edição A+A Books, Lisboa, pág. 45;

59 - SIZA, Álvaro (1995) “Álvaro Siza: Obras e Projetos”, Catálogo da exposição, Edição

classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. Tendo em conta a sua implantação, dentro dos jardins de Serralves, a relação de escala apenas se conforma com o espaço natural, libertando o edifício de relações exteriores. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.37), caracteriza-se pela **estética contemporânea**, muito presente na obra do arquiteto Álvaro Siza Vieira. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas com o espaço natural e com o programa interno.⁶⁰

O sétimo “equipamento” é a requalificação da Marginal do Douro em 1997-2002 (ficha E.38) projetado pelos arquitetos Manuel Fernandes de Sá e Francisco Barata. Corresponde a uma requalificação insere-se no contexto urbano junto à margem do Douro. Estende-se por uma área aproximada de nove quilómetros. A intervenção, quanto ao programa, corresponde a uma **Infraestrutura**. Integra-se ao longo da margem do rio douro. O projeto caracteriza-se requalificação, uniformidade e coesão urbana ao longo da margem, como elemento estruturante na forma de transição de espaços (água-público-privado).⁶¹ A escala da intervenção é classificável pela **macro escala**, relativamente à dimensão/área. O projeto intervém no espaço público ao longo da margem do douro, partindo do princípio de uniformidade de materiais e projectão/reabilitação de espaços, permitindo fazer uma leitura coesa de contextos diferenciados da cidade, junto ao rio. Quanto à linguagem da intervenção, caracteriza-se por contemporânea e pela **coesão urbana**. A abordagem plástica e formal caracteriza-se pela intervenção na definição de vários espaços junto à margem, através dos pavimentos, zonas de paragem e zonas verdes, como meio unificador deste corredor junto ao rio, bem como a construção de novas estruturas de mobilidade, desobstruindo locais de espaço público.



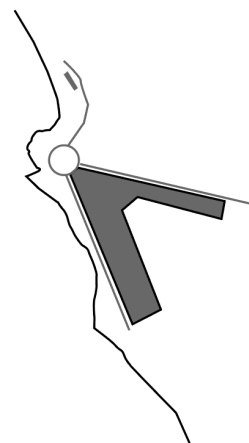
Des.38 – Equema da Margem do Douro

C.G.A.C, Matosinhos, pág. 126-133;

60 - NETO, Pedro Leão (2020) “Scopio newspaper: the idea of Álvaro Siza: the museum Serralves” Porto, Editor Cityscopio, pág.12;

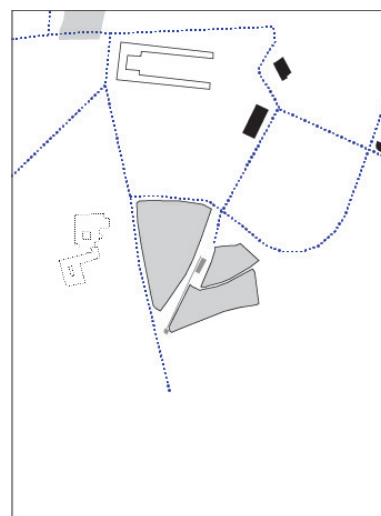
61 - Habitar Portugal (2000-2002) “Requalificação Urbanística da Marginal do Douro”, Porto (<http://www.habitarportugal.org/pt/projecto/requalificacao-urbanistica-da-marginal-do-douro/>)

O oitavo “equipamento” é o Passeio Atlântico em 1999-2002 (ficha E.39) projetado pelo arquiteto Manuel de Solà-Morales. Corresponde a uma requalificação/edificado novo e enquadra-se no contexto urbano Nevogilde, num território definido pela costa atlântica, o Castelo do Queijo e o Parque da Cidade do Porto. A envolvente é composta pela margem atlântica e pelo Parque da cidade do Porto A intervenção, quanto ao programa, corresponde a uma **Infraestrutura** e tem uma área aproximada de 82 mil metros quadrados. O projeto caracteriza-se pela resposta na qualificação de ambientes urbanos, com a coordenação da arquitetura com as várias especialidades técnicas na formalização de uma natureza urbana.⁶² A escala da intervenção é classificável pela **macro escala**, dada a dimensão (área) e o programa (envolvendo vários volumes). O projeto permite assim resolver a chegada da Avenida à Foz, bem como a transição entre a Av. Montevideu com Matosinhos (Av. Gen. Norton de Matos). Quanto à linguagem da intervenção (ver ficha E.39), caracteriza-se por **contemporânea e pela coesão urbana**. A bordagem plástica e formal permite transformar a dialética entre a costa e a cidade, incorporando vários elementos infraestruturais que qualificam a marginal, suportado pelo edifício transparente e pela continuidade do parque da cidade até ao areal⁶³.



Des.39 – Equema do Passeio Atlântico

O novo “equipamento” é o Funicular dos Guindais em 1999-2003 (ficha E.40) projetado pelo arquiteto Adalberto Dias. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano da Sé, num território junto à muralha, a poente, e pelo bairro dos Guindais a nascente. O edifício, quanto ao programa, corresponde a uma **Infra-estrutura** e tem uma área aproximada de 650 metros quadros e estende-se por uma área em planta de 300 metros. A envolvente é composta por habitação (de dois e quatro pisos) comércio de pequena escala. O projeto caracteriza-se pela recuperação da memória



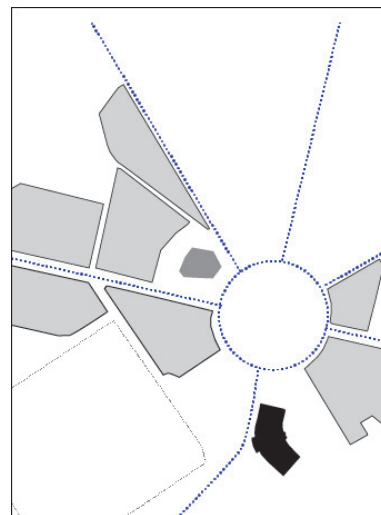
Des.40 – Equema do Funicular dos Guin-

62 - CORREIA, Francisco Nunes (2002) “Passeio Atlântico”, Gabinete Coordenador do Programa Polis, Lisboa, pag. 32-39;

63- TOUSSANT, Michel & RAPAGÃO, João Paulo (2018) “Guia de arquitetura do Porto: do movimento moderno à atualidade, 1942 2017”, Edição A+A Books, Lisboa, pág. 111-112;

do antigo elevador dos Guindais (1891) bem como pelo remate, na cota superior, do espaço público junto à ruína da muralha fernandina.⁶⁴ A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. A proposta, apesar do programa ser infraestrutural, enquadra-se no contexto que se insere (em relação à estação baixa) e promove desenho urbano (estação alta). Quanto à linguagem da intervenção (ver ficha E.40), caracteriza-se pela **estética contemporânea e pela coesão urbana**. A abordagem plástica e formal permite criar dinâmicas de continuidade no contexto envolvente. A transparência na travessia, entre as duas estações, é realizada por uma permite observar a paisagem natural e urbana de Gaia e de zonas da cidade antiga.⁶⁵

O Décimo “equipamento” é a Casa da Música em 1999-2005 (ficha E.41) projetado pelo arquiteto Rem Koolhaas. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano da Boavista, num quarteirão definido pela rotunda da Boavista e pelas ruas de Ofélia Diogo da Costa e 5 de Outubro. A envolvente é composta por habitação (de quatro a seis pisos) e serviço (edifício da EDP). O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Lazer** e tem uma área aproximada de 22 mil metros quadrados. O edifício caracteriza-se pela sua forma abstrata, em todos os aspetos, que se destaca do contexto envolvente, que se implanta no lote, como se fosse um “asteroide”.⁶⁶ Associado ao edifício, o pavimento do espaço público também é trabalhado, como um grande “playground” permitindo atividades de vários setores, nomeadamente desporto urbano. A escala da intervenção é classificável por **intermédia**, relativamente à dimensão/área. O projeto transforma completamente a leitura do contexto da Boavista junto da rotunda. A transição de escala com o casario oitocentista reflete o grande contraste do volume. A dinâmica do



Des.41– Equema da Casa da Música

64 - TOUSSANT, Michel & RAPAGÃO, João Paulo (2018) “Guia de arquitetura do Porto: do movimento moderno à atualidade, 1942 2017”, Edição A+A Books, Lisboa, pág. 66;

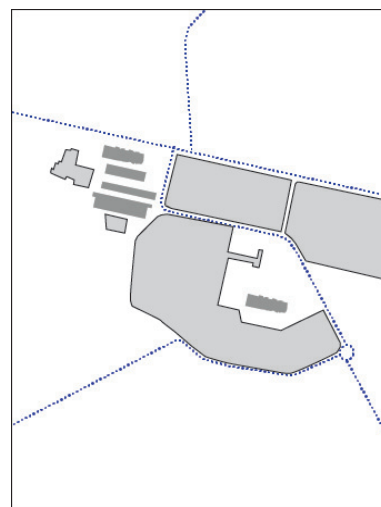
65 - DIAS, Adalberto (2010) “Funicular Guindais”, Pamplona, Editor E.T.S de Arquitetura, Universidad de Navarra, pág.15-23;

66 - FURTADO, Rui, OLIVEIRA, Rui & MOAS Pedro [et.al] (2003) “A engenharia da Casa da Música”, Editor Afassociados, pág.1-2;

edificado na leitura da avenida, permite, juntamente com edificados de escala intermédia, que novas edificações se construam a uma escala semelhante. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.41), caracteriza-se pela **estética contemporânea**, presente na obra do arquiteto. A abordagem plástica e formal permite criar contraste com o lugar. Contudo, reconhece a escala do lugar, a certo ponto, e torna-se num elemento de referência da envolvente.⁶⁷

2.3.2- Década de 2000-2020

O décimo primeiro “equipamento” é o Edifício Oficinas e Moradias em 2000-2007 (ficha E.42) projetados pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Aldoar, num quarteirão definido pela avenida da Boavista e pelas ruas de Cupertino de Miranda e Aristídes de Sousa Mendes. A envolvente é composta por habitação (de dois e três pisos), e pelo parque da cidade do Porto. O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Serviço e Habitação**, respetivamente e tem uma área aproximada de 3 600 metro quadrados (edifício das Oficinas) e 10 200 metros quadrados (moradias). Quanto ao Edifício Oficinas, caracteriza-se pela sua abordagem formal, como um conjunto de blocos que assentam sobre um plinto, cada um enquadrando um cenário da cidade. As Moradias, caracterizam-se pela organização formal do programa, onde a garagem serve de alçado para o espaço público e a casa se desenvolve para o jardim no logradouro.⁶⁸ A escala da intervenção é classificável por **intermédia**, relativamente à dimensão/área. A leitura é feita com o conjunto dos dois programas. O edifício das oficinas encontra-se numa situação em que a escala transita de grandes blocos para moradias, ainda com vários vazios urbanos, tendo desta forma maior visibilidade. As moradias, por outro lado, enquadram-se com a escala do contexto. Quanto à



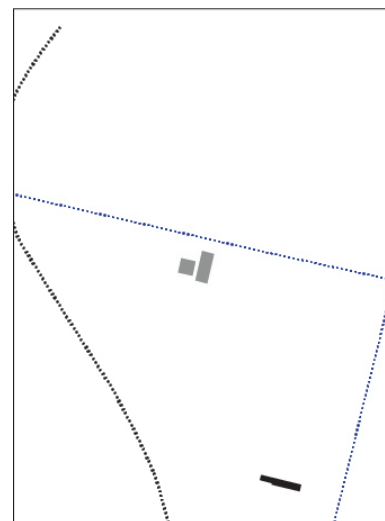
Des.42 – Equema do edifício Oficinas e Habitações da Boavista

67 - VASCONCELOS, João Pedro Pignatelli (2011) “A obra aberta em Rem Koolhaas” Porto, Editor FAUP, pág.52;

68 - CECILIA, Fernando Márquez & LEVENE, Richard (2009) “Eduardo Souto de Moura: 2005-2009” Editora El Croquis, Madrid, Revista El Croquis, pág.98

linguagem do edificado (ver ficha E.42), caracteriza-se pela **estética contemporânea**, presente na obra do arquiteto. A abordagem plástica e formal do conjunto criar dinâmicas distintas no contexto urbano. O volume principal das Oficinas segue a continuidade do casario/moradias existentes transitando ligeiramente a escala do local. As habitações, como anteriormente referido utilizam o programa técnico da casa como fachada urbana, mantendo a escala do contexto.

O décimo segundo “equipamento” é o Edifício e Torre do Burgo construído em 2003-2007 (ficha E.43) projetado pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Lordelo do Ouro, num quarteirão definido pela avenida da Boavista, pela VCI e pela rua João Grave. A envolvente é composta por habitação (de oito pisos e superior), Lazer (hotel Crown Plaza Porto) e vazios urbanos. O conjunto, quando ao programa, corresponde a **Comércio e Serviço** e tem uma área aproximada 32 mil metros quadrados (barra + torres). O projeto caracteriza-se pela transformação da Boavista (através dos dois volumes: baixo-alto), através da mudança de escala, que até então no seu traçado era preenchida com construção de baixa densidade e pequenas habitações, alterando a paisagem e a leitura do eixo urbano.⁶⁹ A escala da intervenção é classificável pela **macro escala**, relativamente à dimensão/área. A escala do projeto é determinada pela torre, que se encontra no tramo de transição da malha urbana composta maioritariamente por habitações de baixa densidade, permitindo que, juntamente com outros volumes, se aumenta a escala do edificado junto da avenida, para uma maior continuidade na leitura do alçado urbano da Av. Boavista.⁷⁰ Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.43), caracteriza-se pela **estética contemporânea**, presente na obra do arquiteto. A abordagem plástica e formal permite



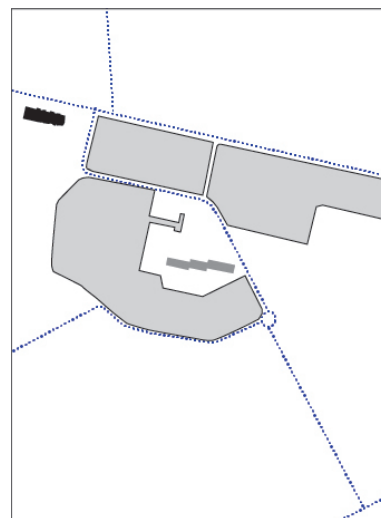
Des.43 – Equema do edifício e Torre do Burgo

69 - MOURA, Eduardo Souto (2015) “Frente e Verso, documentos, periódicos de construção 02: edifício de comércio e serviços Burgo” Porto, CIAMH, Desdobrável Frente & Verso

70 - MOURA, Eduardo Souto de (2015) “1980-2015” Neuss: Stiftung Insel Hombroich. Catálogo de uma exposição, Editora BDA (Bund Deutscher Architekten), Neuss, pág. 201-219;

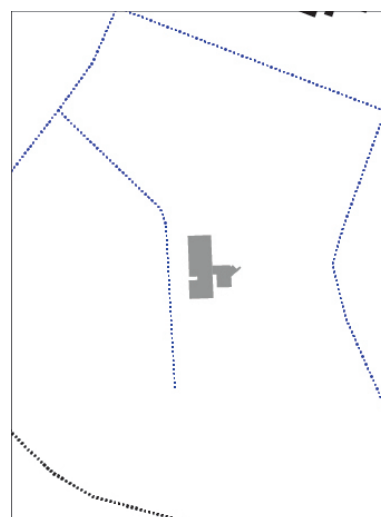
criar dinâmicas no contexto urbano, nomeadamente na transição do contexto da avenida, de uma zona densamente contruída para uma zona marcada por casario (vivendas).

O décimo terceiro “equipamento” é a ampliação da Escola Secundária Garcia de Orta construído em 2007-2010 (ficha E.44) projetado pelo arquiteto Ricardo Bak Gordon. Corresponde a edifício existente e insere-se no contexto urbano de Aldoar, num quarteirão definido pelas ruas de Pinho Leal, de Fez e pela travessa Passos. A envolvente é composta por habitação (de dois a catorze pisos) e comércio de pequena escala. O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Serviço** e tem uma área aproximada de 3 500 metros quadrados. O edifício caracteriza-se pela capacidade de se incorporar entre os pavilhões existente, servindo de prolongamento dos mesmo e de elemento unificador.⁷¹ A escala da intervenção é classificável pela **pequena escala**, relativamente à dimensão/área. A proposta procura exercer a mesma escala dos volumes existentes, permitindo uma leitura coesa do complexo escolar. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.44), caracteriza-se pela **estética contemporânea**. A abordagem plástica e formal permite enquadrar-se no contexto criando espaços e momentos distintos na transição dos espaços.



Des.44 – Equema do Pavilhão da Escola Garcia de Orta

O décimo quarto “equipamento” é o I3S Instituto de Investigação e Inovação em Saúde em 2009-2015 (ficha E.45), projetado pelos arquitetos João Pedro Serôdio e Isabel Furtado. Corresponde a edificado novo e insere-se no contexto urbano de Paranhos, num território definido pelas ruas Alfredo Allen, de Júlio Amaral de Carvalho e uma via de acesso secundária. A envolvente é composta equipamento de serviço (Faculdade de Psicologia e a faculdade de Medicina Dentária). O edifício, quanto ao programa, corresponde a **Serviço** e tem uma área aproximada de 20



Des.45 – Equema do I3S

71 - TOUSSANT, Michel & RAPAGÃO, João Paulo (2018) “Guia de arquitetura do Porto: do movimento moderno à atualidade, 1942 2017”, Edição A+A Books, Lisboa, pág. 136;

mil metros quadrados. O edifício caracteriza-se pelo volume pesado que se desconstrói em vários momentos e permite o contacto com a envolvente.⁷² A escala da intervenção é classificável por **intermédia**, relativamente à dimensão/área. O projeto, embora que formalmente seja compacto, exerce uma escala semelhante ao contexto, nomeadamente as faculdades adjacentes (psicologia e medicina dentária), uniformizando parte do contexto do polo universitário. Quanto à linguagem do edificado (ver ficha E.45), caracteriza-se pela **estética contemporânea**. A abordagem plástica e formal permite criar uma dinâmica urbana mais densa, dada a volumetria densa do edifício.

72 -MOURA, Eduardo de Souto & SERÓDIO, João Pedro [et.al] (2018) “Oporto University institute of research and innovation in health : I3S, Seródio, Furtado & Associados, AArquitectos = Instituto de investigação e inovação em saúde da Universidade do Porto”, Editora AMAG, Porto, pág.3-5;

Em resumo, os catorze equipamentos, relativamente ao seu programa, seis correspondem a Serviço (Biblioteca Almeida Garret, Edifício de Oficinas e Moradias da Boavista; Edifício e Torre do Burgo; Pavilhão na Escola Garcia de Orta e o I3S), sendo que dois, possuem mais do que um programa: Oficinas e Moradias (Serviço e Habitação) e Edifício e Torre do Burgo (Serviço e Comércio), um corresponde a Comércio (Café do Caís), cinco correspondem a Lazer (Requalificação do Museu Nacional do Soares dos Reis, Recuperação da Alfândega do Porto, Casa dos 24, Museu de Arte contemporânea de Serralves e Casa da Música). Os restantes três equipamentos correspondem a Infraestruturas (Requalificação da Margem do Douro, Passeio Atlântico e Funicular dos Guindais). Na seleção realizada, onze equipamentos correspondem a novos edifícios que surgem na cidade, sendo que o Pavilhão da Escola de Garcia da Orta se insere numa escola já existente. Os restantes três correspondem a reabilitações/requalificações, intervindo em construções ou contextos existentes (Requalificação do Museu Soares dos Reis, Recuperação da Alfandega e Margem do Douro). Quanto à escala dos equipamentos, observa-se que nove correspondem a uma intervenção de pequena escala, dada a área construída, três corresponde à escala intermédia, capazes de estruturar o contexto envolvente e dois correspondem à macro escala, possuindo capacidade de definir o contexto. Relativamente à linguagem dos quatro equipamentos, as abordagens divergem, no entanto, enquadram-se na linguagem contemporânea. Quanto à inserção urbana, os equipamentos selecionados encontram-se fora do contexto do centro da cidade, em contexto de transição urbana, quer seja entre tramos densificados e pouco densificados (Boavista, transição entre edificados de vários pisos para moradias), ou em pequenos vazios urbanos dentro de um núcleo urbano (Paranhos-Asprela)

Data do projeto: 1988 - 1994

Arq. : Pedro Ramalho

Programa: Serviço

Loc. r. Frei Vicente da Soledade e Castro

1.1- Programa:

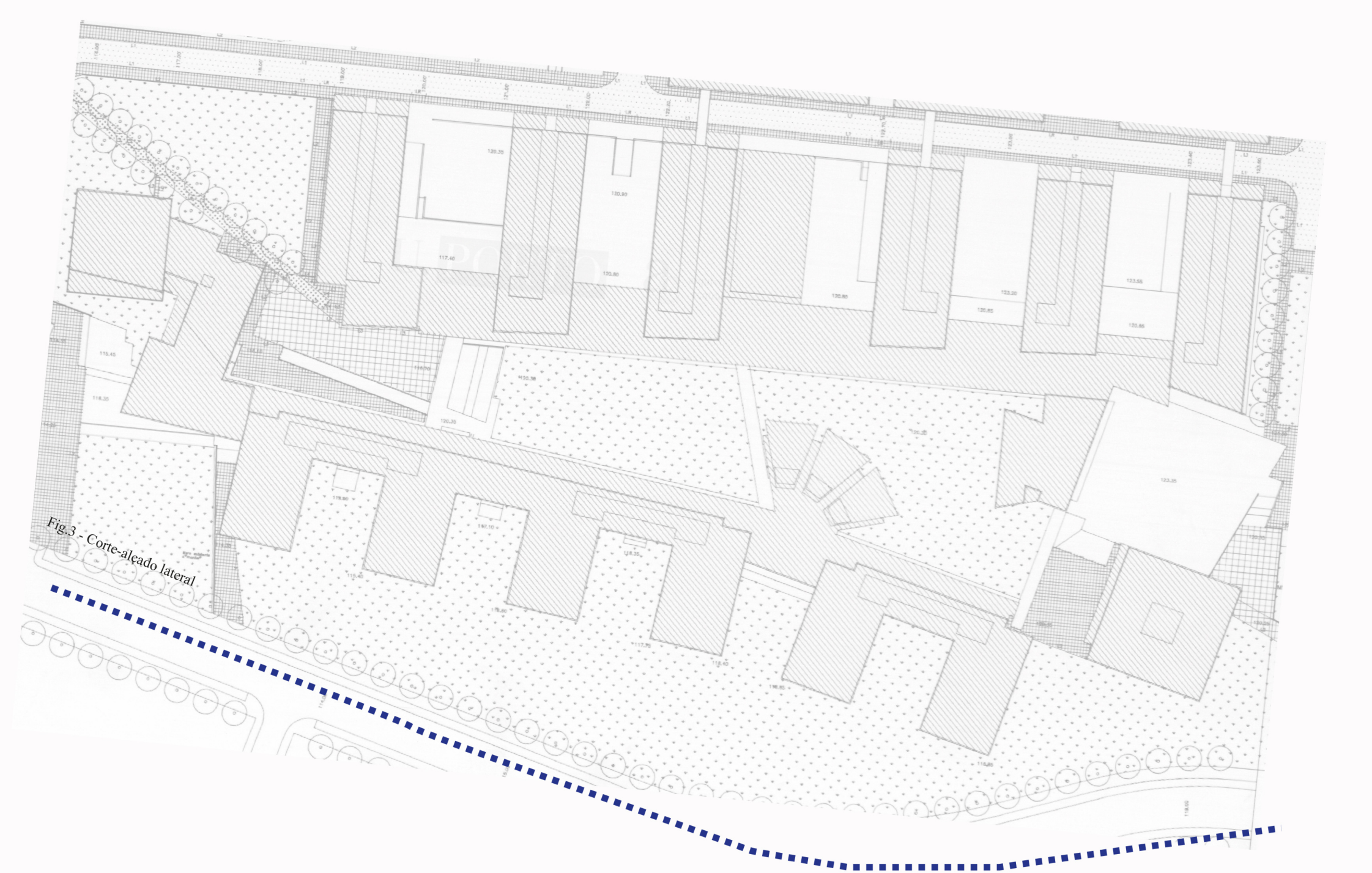
Entre 1988 e 1994, Pedro Ramalho e Luís Ramalho projectão a Faculdade de Engenharia do Porto. O programa corresponde a serviços organiza-se em vários corpos, cada um com número variado de pisos. A faculdade é composta por um auditório a poente, resolvendo a relação com a rua Dr. Plácido da Costa. Um corpo de serviços que gere os acessos entre o auditório e os departamentos de salas. Uma biblioteca, um depósito do conhecimento e instrumento intelectual dos utentes, que rematam a composição a nascente.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O projeto insere-se junto ao Hospital de São João, no pólo universitário nº1. A composição segue vários alinhamentos. O corpo dos diversos departamentos é racionalizado pela A3, enquanto os outros volumes de salas de aulaarticulam-se com o vale. Os vários volumes seguem possuem diferentes altimetrias, integrando-se na envolvente próxima. A plasticidade do projeto recorre à composiçãoentre o betão/tijolo pintado e pedra laminada, criando um harmonia coesa em toda a composição



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artificio”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:
Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

1.1- Programa:

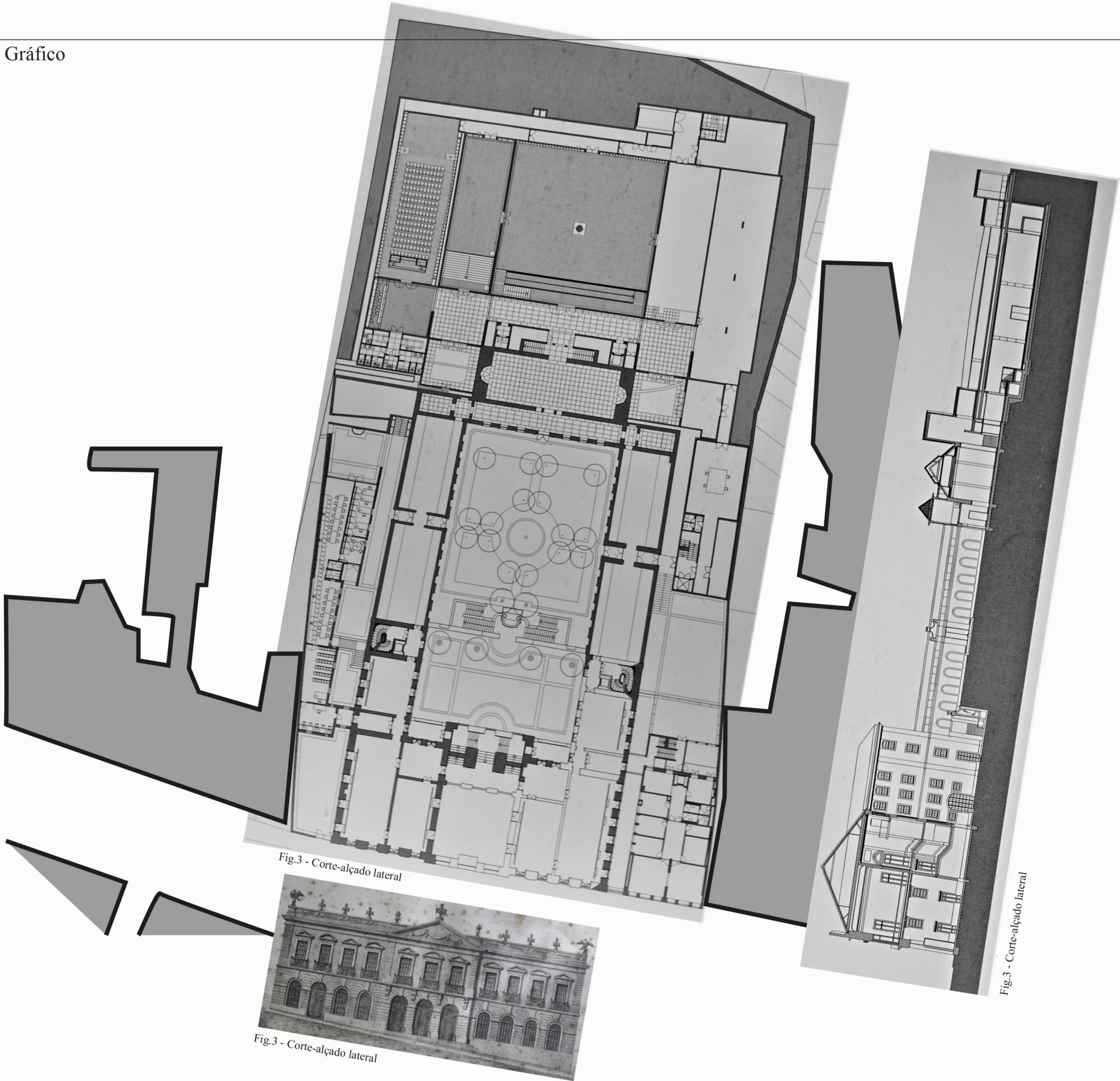
Entre 1990 e 2001, Fernando Távora projeta a Remodelação e Ampliação do Museu Soares dos Reis. O programa corresponde a lazer e caracteriza-se pela projeção de um novo volume adjacente e o desenho dos jardins envolvente. A ampliação contém um auditório, zonas de serviço e salas/galerias de exposição e zonas exteriores.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício segue a composição existente enquadrando o jardim com o volume principal. A volumetria expressa-se no exterior em dois blocos que se ligam pelo piso subterrâneo (onde se encontra o resto da ampliação) com o jardim na cobertura. O volume enquadra-se de forma subtil com o antigo edifício, sendo da mesma cor e materialidade, mas segundo linhas simples, respeitando a presença e importância da pré-existência.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:
Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

1.1- Programa:

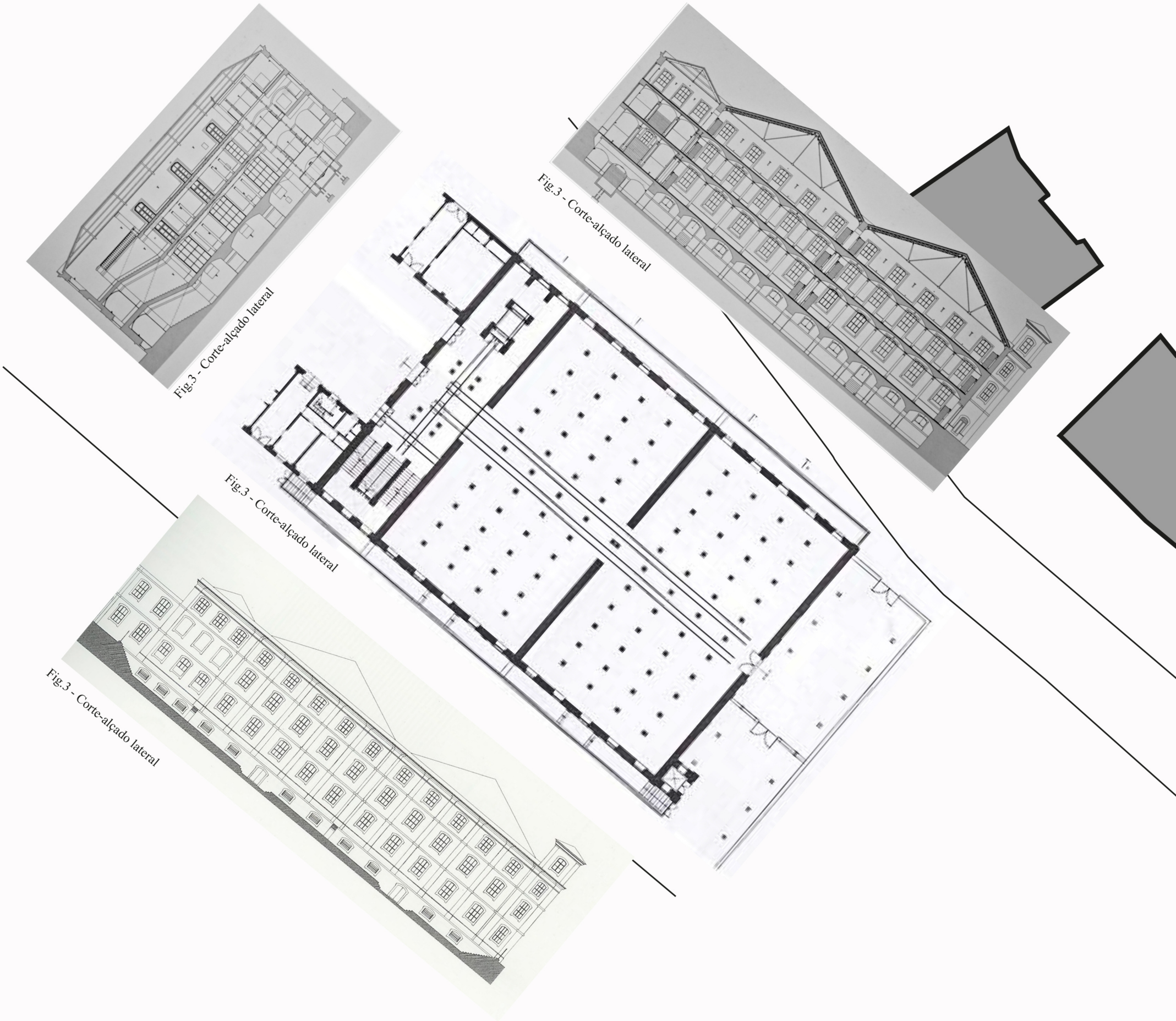
Entre 1993 e 1994, Eduardo Souto de Moura projeta a recuperação do Edifício da Alfândega. O programa corresponde a lazer e caracteriza-se por uma reabilitação e requalificação parcial do edificado da Alfândega, com a integração de novos programas de exposição, neste caso do Museu dos Transportes e Comunicações, e espaços polivalentes, permitindo diversos eventos.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

A intervenção não altera a linguagem original do edifício, mantendo as linhas e a composição de fachada. Desta forma, a alteração é realizada no interior adaptando a estrutura original com uma nova disposição programática.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

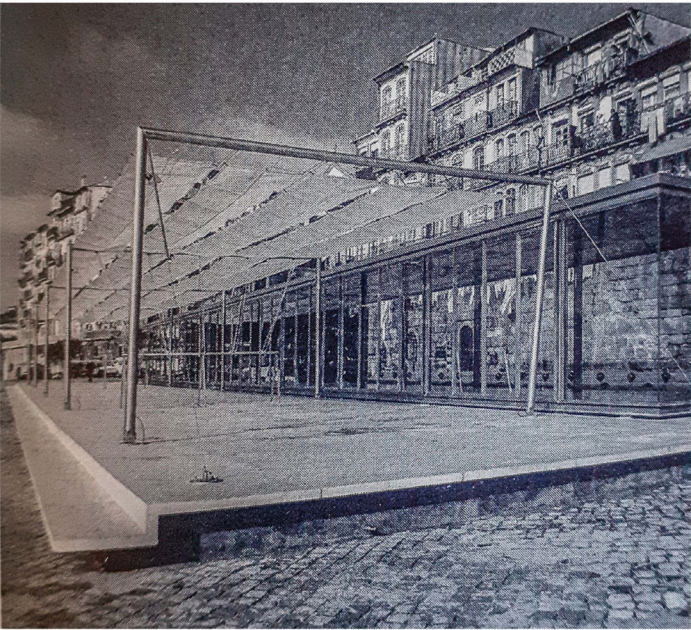
Fontes de imagens/desenhos:
Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

1.1- Programa:

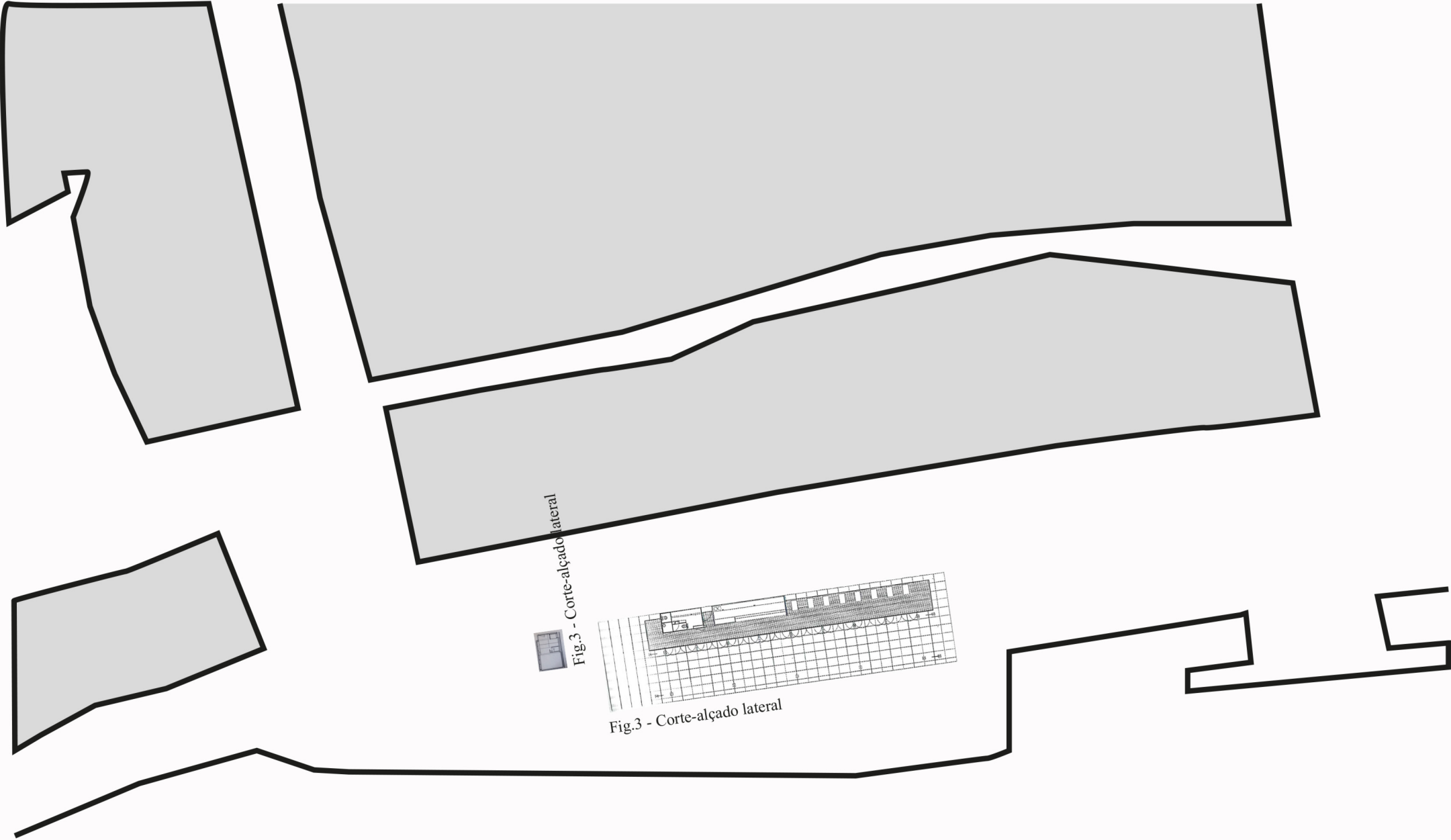
Em 1993-1994, Cristina Guedes e Francisco Vieira de Campos projectão o Café do Cais. O programa corresponde a comércio e organiza-se num piso e organiza-se em zona de serviço, wc, esplanada interna e externa, coberta. Apesar de inicialmente ser uma construção provisória, o café acabou por se integrar em permanecia no local.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

Edifício composto por um volume retangular desligado dos limites formais da envolvente. A volumetria geométrica dá uma leitura clara, podendo desdobrar-se com as coberturas moveis. A materialidade do projeto permite quebrar a paisagem quando se entra, e volta a revelar a paisagem no seu interior, que se prolonga para o cais. O projeto desenvolve-se na temática tectónica dos pavilhões de apoio às atividades fluviais.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:
Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1995 - 2002

Arq. : Fernando Távora

Programa: Lazer

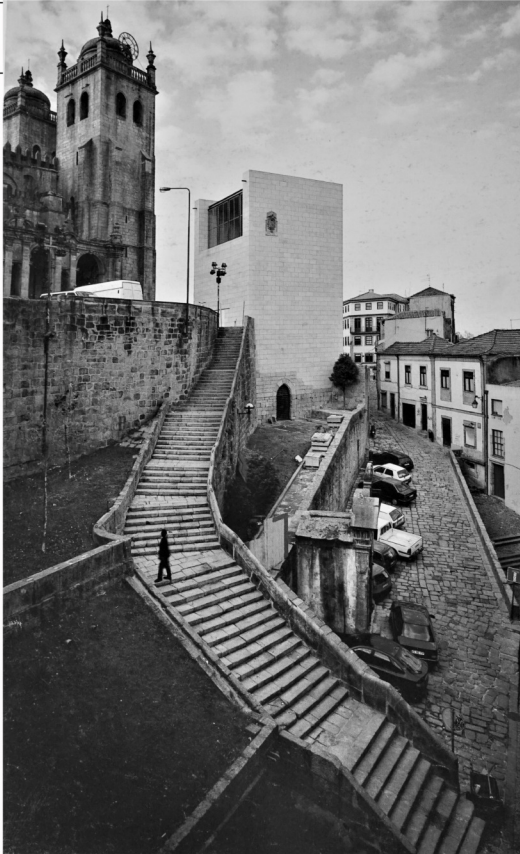
Loc. terreiro da Sé do Porto

1.1- Programa:

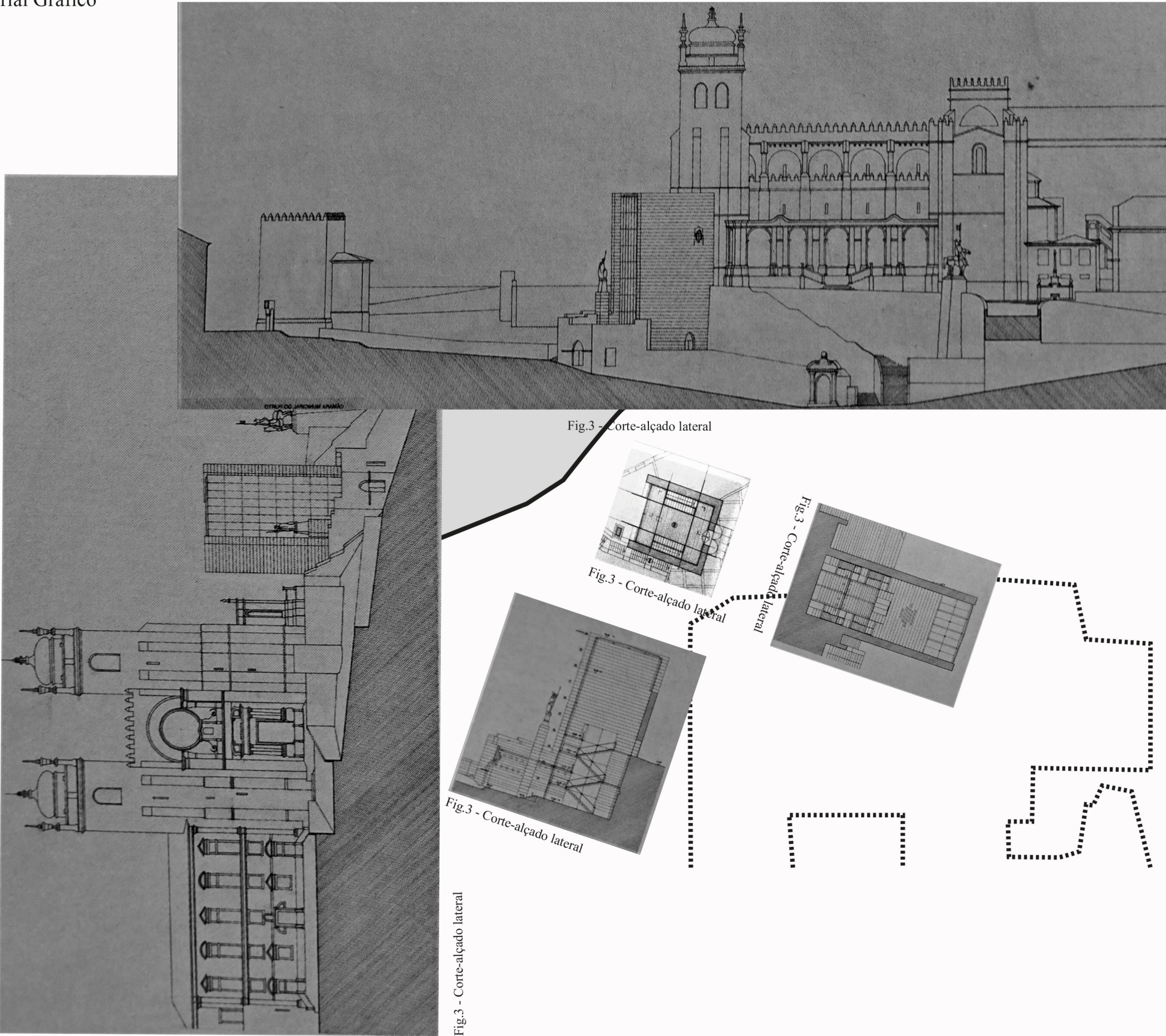
Entre 1995 e 2002, Fernando Távora projeta a “Casa dos 24”, sobre o antigo paço administrativo da cidade. O programa corresponde a lazer e organiza-se na vertical e contam três pisos, sendo o terceiro com pé-direito mais expressivo, tendo uma planta livre com uso polivalente.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício adota a forma do antigo paço e conjuga-se com a composição da Sé. A volumetria é compactada e robusta, trabalhada apenas nos alçados da frente e tardoz. O plano voltado para sé (tardoz) é quebrado pelo desenho da entrada, com um ligeiro negativo das portas, e pela abertura dos envidraçados na zona superior. No alçado voltado para a cidade (frente) é todo trabalhado com um plano envidraçado que percorre o alçado todo com um desenho geométrico das caixilharias. As restantes fachadas são trabalhadas sobre a métrica dos palmos (na qual este se encontra marcado na fachada principal como referência).



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artificio”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

1.1- Programa:

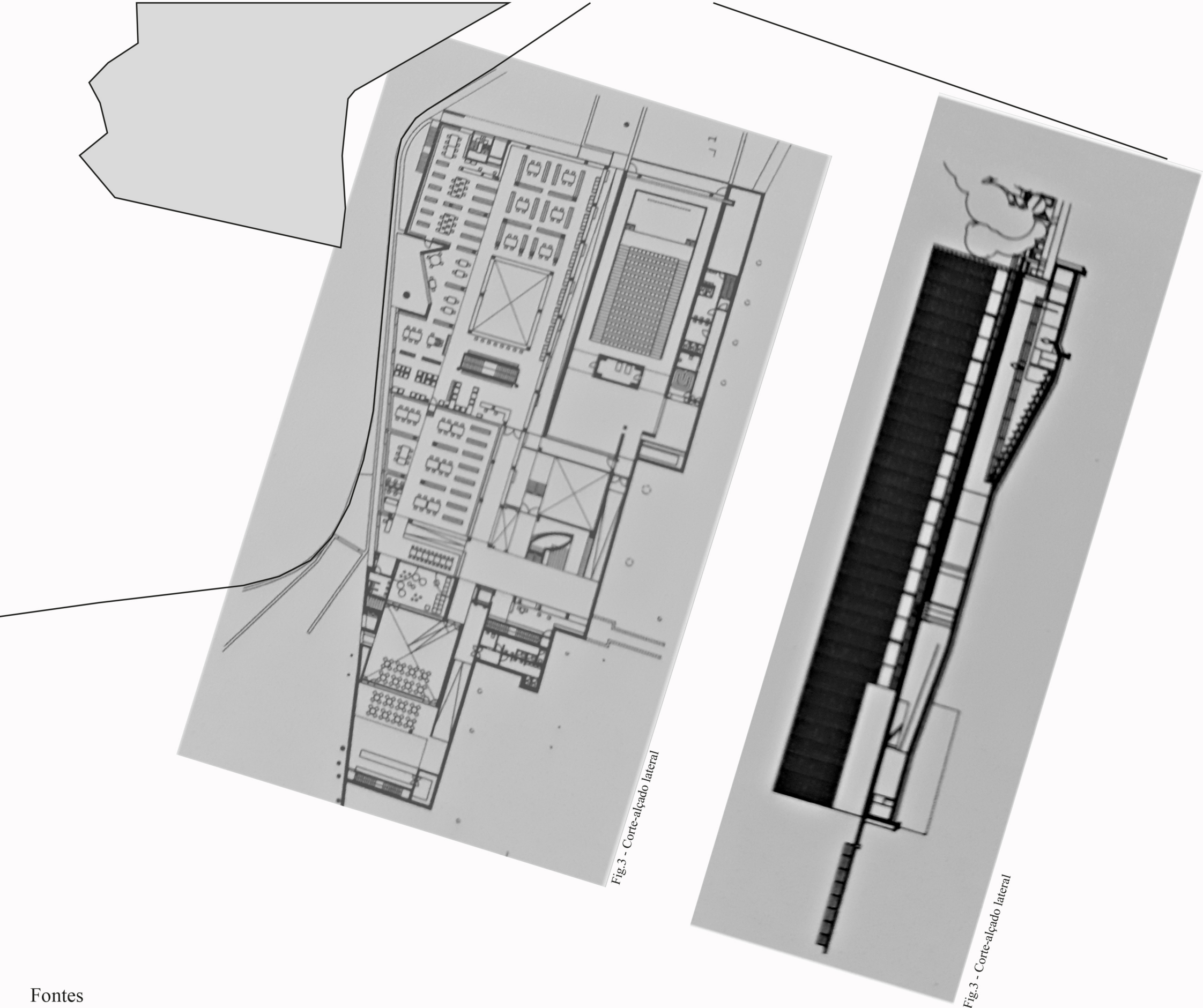
Entre 1994 e 2001, José Manuel Soares projeta a Biblioteca Almeida Garret. O edificio enquadra-se dentro do terreno do Palácio de Cristal. O programa corresponde a serviços e organiza-se num único volume de três pisos, (dois pisos subterrados e um acima da cota do parque). O piso inferior encontra-se a biblioteca e respetivas salas de leitura, de conservação e de tratamento de documentos. No piso do rés-do-chão encontra-se a sala de exposições Galeria Municipal do Porto e contém ainda um auditório com capacidade para 200 pessoas.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edificio enquadra-se na paisagem natural do Palácio de Cristal. A volumetria é compacta, dinamizada e marcada pela vontade do arquiteto de homenagear a natureza com um edificado. Os vários planos de fachada são desenhados abertamente sobre a paisagem, com grandes envidraçados, trabalhados no exterior com sombreamento em madeira. A plasticidade do projeto recorre à composição entre o betão, os grandes planos envidraçados e nos seus interior os planos de madeira que compõem com a luz os ambientes interiores.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artificio”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.
Fontes de imagens/desenhos:

Fig. 1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig. 2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig. 3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig. 4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

1.1- Programa:

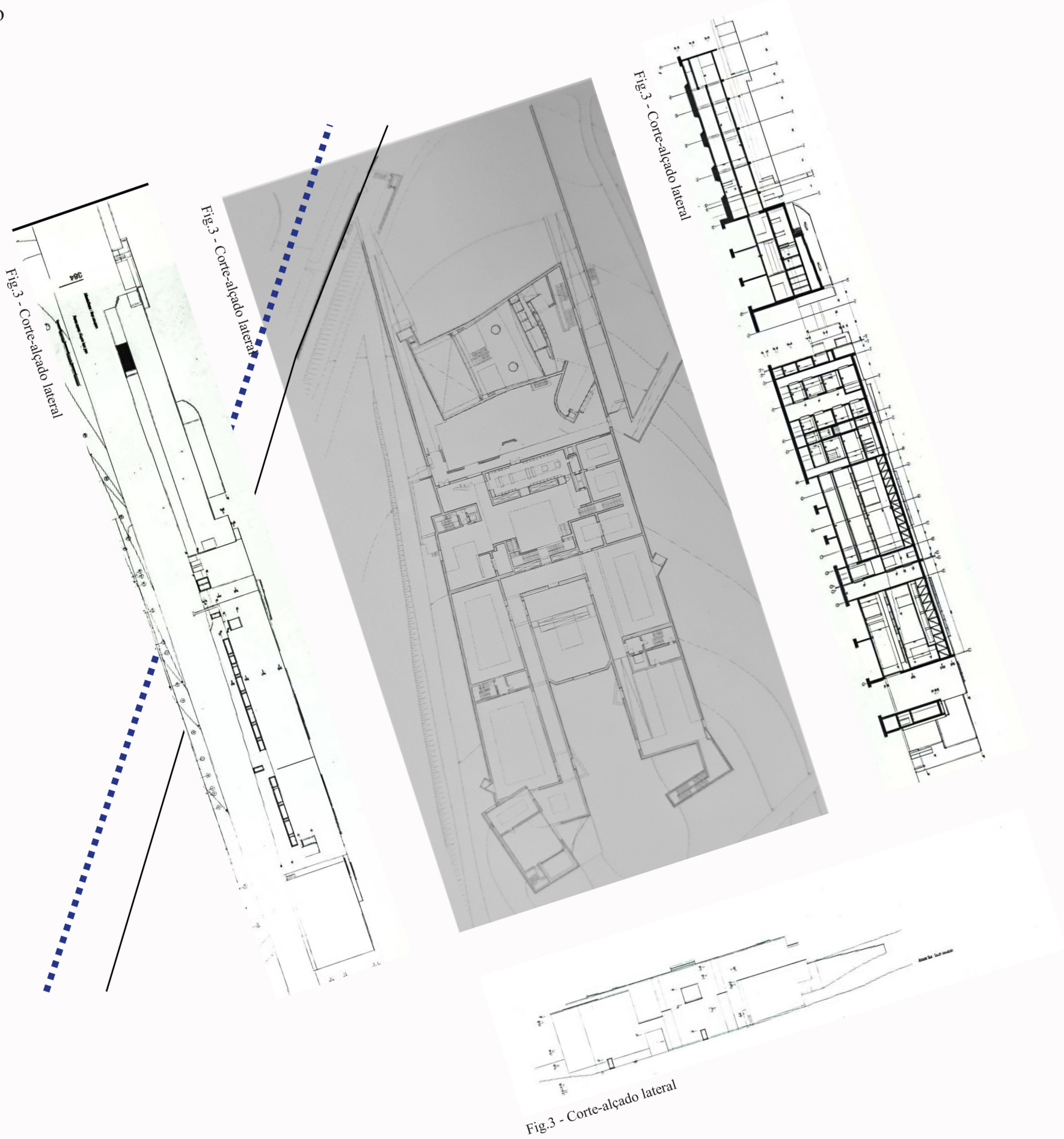
Entre 1991 e 1999, Álvaro Siza Vieira projeta o Museu de Arte Contemporânea de Serralves. O programa corresponde a lazer e organiza-se em vários momentos que levam o observador epercorrer vários espaços antes de entrar no edifício, que se encontra mais recuado. O edifício tem 3 pisos e contem espaços de galeria de arte e de criação/recriação, um auditório, salas de apoio técnico e administrativo, parque subterrâneo e zonas de lazer, e cafetaria, bem como zona de loja.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício corresponde a uma massa volumétrica esculpida em diversos pontos que se adaptam tanto à envolvente como à própria relação interna da obra. Todo o conjunto espacial assenta na ideia de percurso e da assimilação dos momentos em cada caso. Relativamente aos alçados do edifício, a sua expressão acompanha a organização interna e pontua o plano de fachada à medida que é necessário (privilegiando a luz zenital dada a fragilidade do material exposto). A plasticidade do volume é conseguida pela conjugação do mármore e do reboco e etix pintado a branco (tanto no interior como exterior), conjugando com a medeira e caixilharias metálicas.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:
Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1994 - 2001

Arq. : José Manuel de Sá

Programa: Infra-estrutura

Loc. Margem do rio douro

1.1- Programa:

Entre 1997 e 2003, Manuel Fernandes de Sá e Francisco Barata desenvolvem a requalificação da Marginal do Douro. O projeto corresponde a infraestruturas e prolonga-se por seis quilómetros, desde o centro (zona ribeirinha) até à Foz. A requalificação da infraestrutura teve como objetivo reforçar a articulação entre a cidade e o rio e proporcionar núcleos de entretenimento urbano. A intervenção estabelece uma livre articulação com um percurso pedonal mais alargado, incorporando a via do elétrico e do automóvel.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O projeto segue a lógica material do espaço público portuense. A forte presença do granito nos pavimentos, conjugado com as grelhas e guardas metálicas das infraestruturas. A madeira em zonas de transição ou passadiços e a vegetação que acompanha os espaços públicos nos momentos de paragem.



Material Gráfico

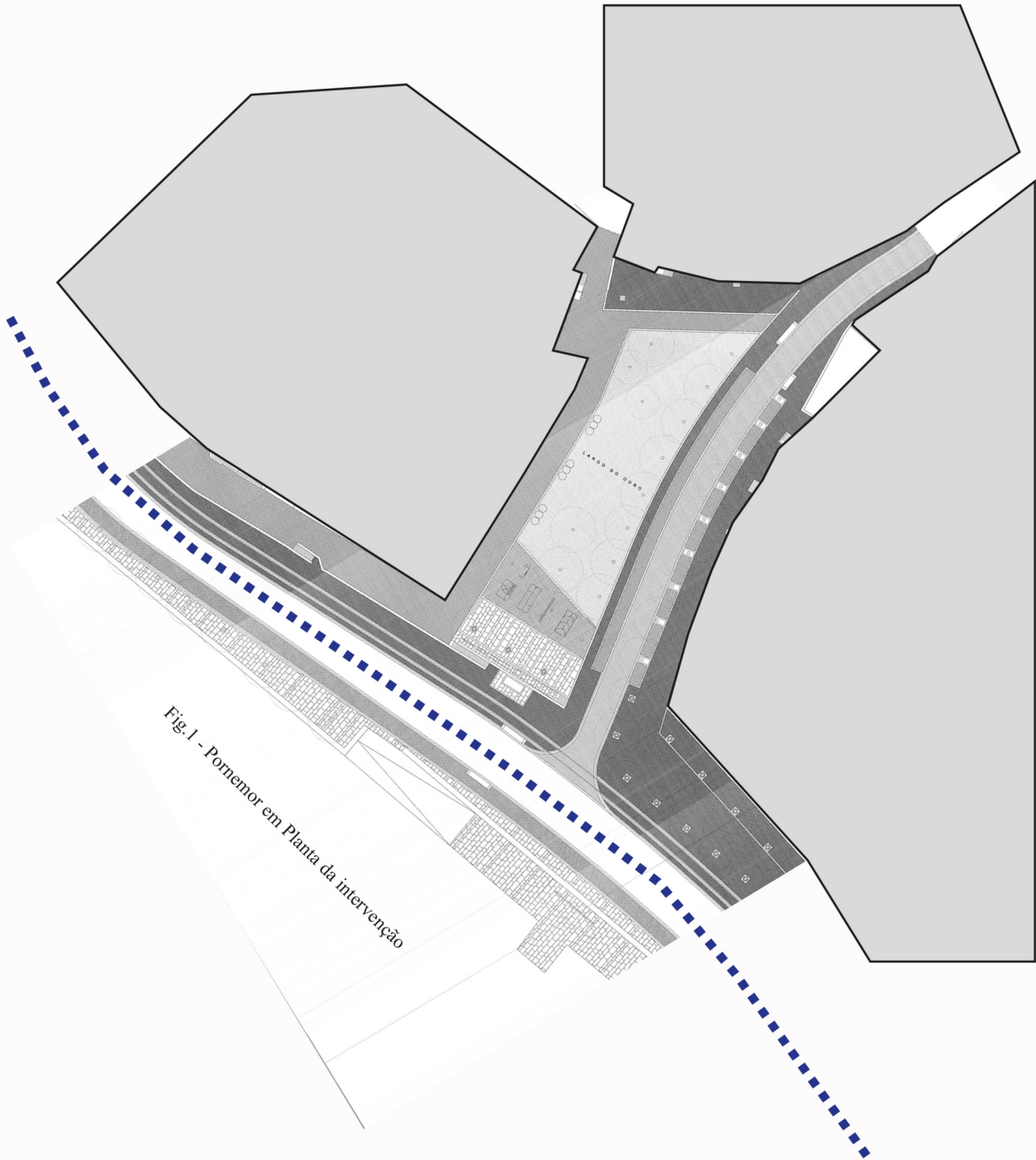


Fig.1 - Pormenor em Planta da intervenção

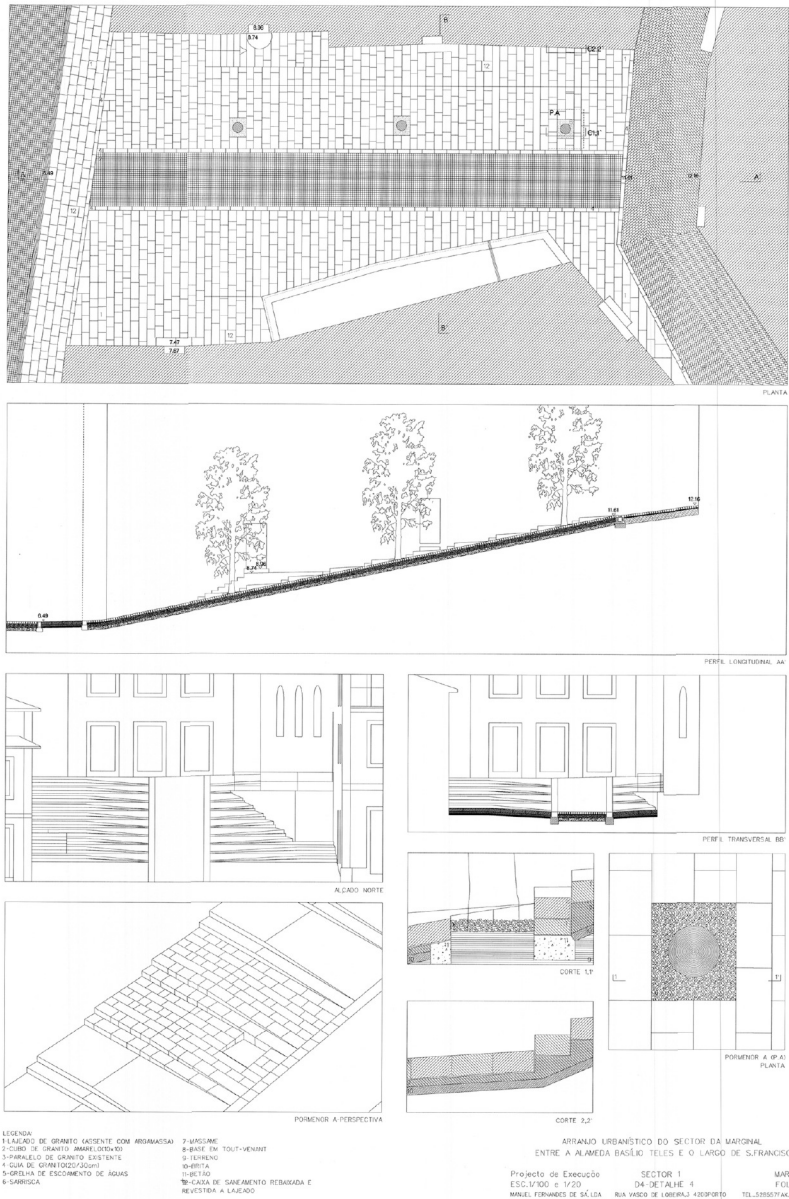


Fig.2 - Conjunto de Detalhes da intervenção

Fontes

Fontes bibliográficas:

1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1999 - 2004

Arq. : Manuel de Solá-Morales

Programa: Infra-estrutura

Loc. entre a Av. Montevideu até praça da cidade do Slavador

1.1- Programa:

Entre 1999 e 2002, Manuel de Solà-Morales projeta o Passeio Atlântico. O projeto corresponde a infraestruturas e caracteriza-se pela resposta na qualificação de ambientes urbano, com a coordenação da arquitetura com as várias especialidades técnicas na formalização de uma natureza urbana. O programa é variado, tendo um viaduto rodoviário, pontes para peões, jardins, parque de estacionamento, espaços cobertos e um edifício de comercio e serviços com ligação ao parque da cidade, e incorpora programas já presentes no local (Castelo do Queijo).

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O projeto caracteriza-se pela sua expressão uniforme seguindo a lógica material do espaço público portuense. A forte presença do granito nos pavimentos, conjugado com as grelhas metálicas das infraestruturas, bem como o uso do betão aparente e dos grandes envidraçados no edifício projetado compõem a restante intervenção.



Material Gráfico

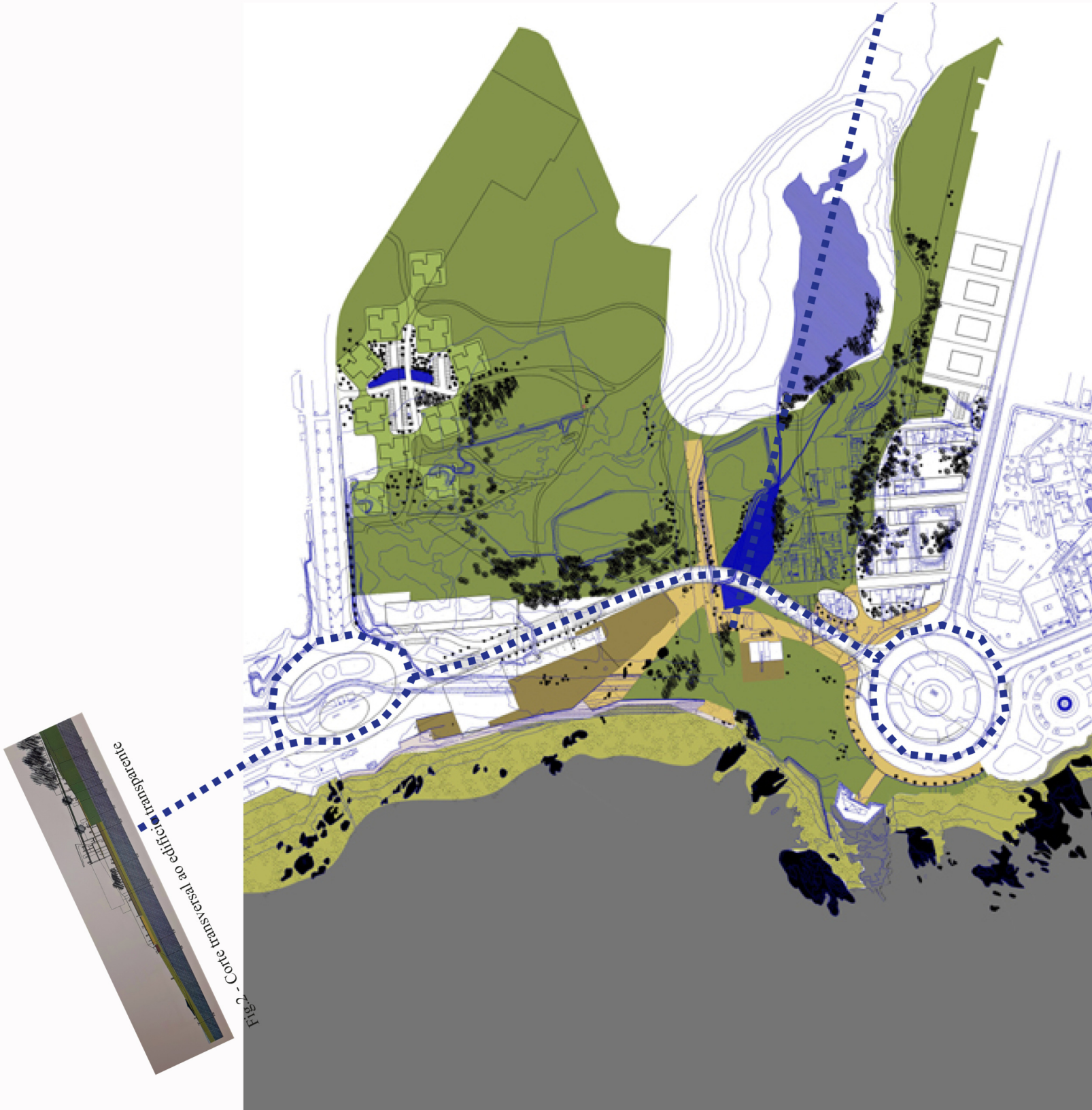


Fig.1 - Planta geral da intervenção

Fontes

Fontes bibliográficas:

1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 2001 - 2003

Arq. : Adalberto Dias

Programa: Infraestrutura

Loc. entre as zonas da ribeira e da Batalha

1.1- Programa:

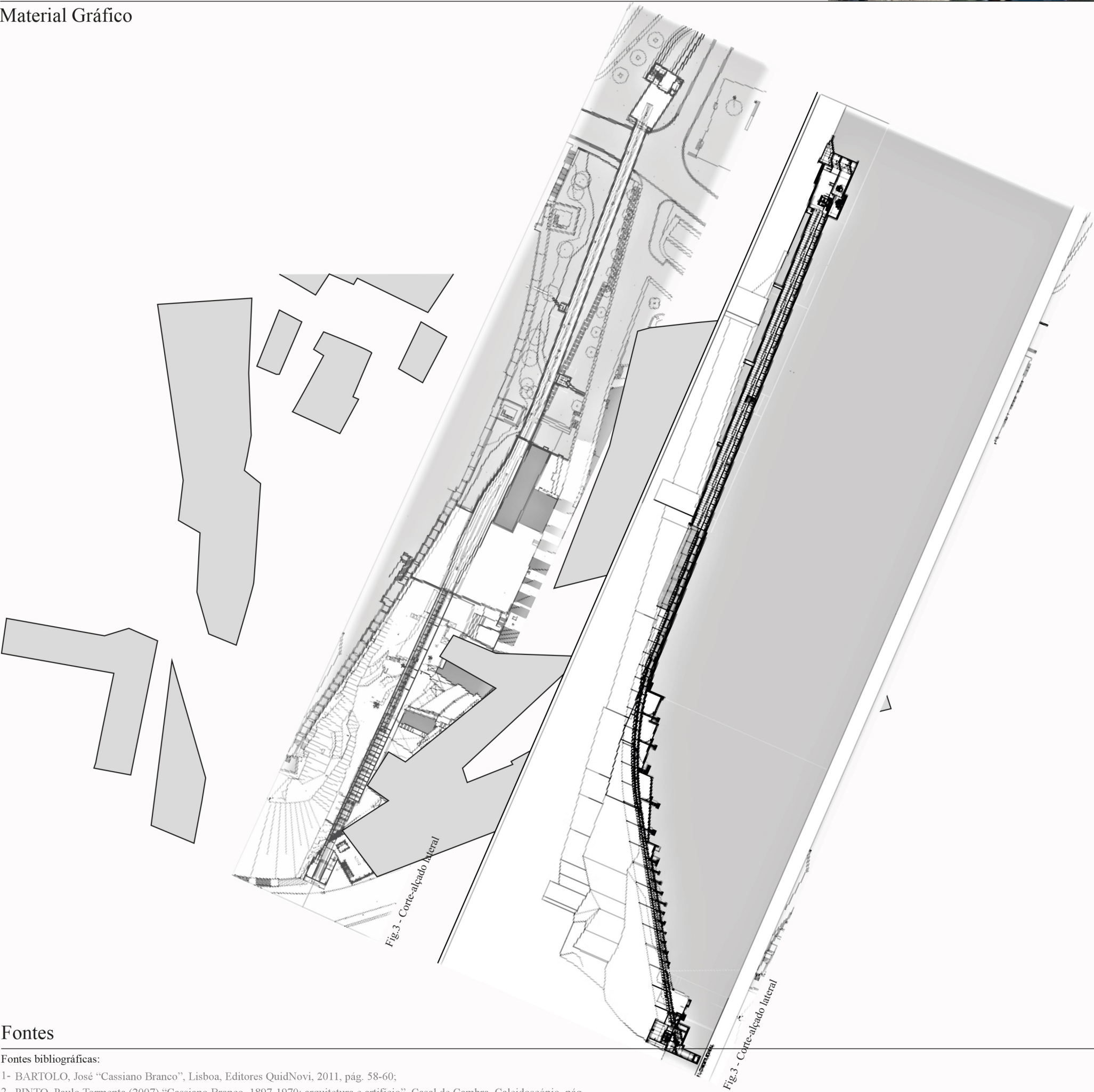
Entre 1999 e 2003, Adalberto Dias projeta o Funicular dos Guindais. O programa corresponde a infraestruturas e tem o propósito de fazer a ligação da cota alta (estação da Montanha) á cota baixa (estação do Vale), recuperando a ideia do antigo elevador dos Guindais à Batalha, inaugurado em 1891. Na estação superior é desenhado um pequeno espaço público coberto com um banco. Na estação inferior contem o acesso ao espaço público, salas de apoio e zonas técnicas.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O projeto caracteriza-se pelo mecanismo e pela memória do local. Desta forma a infraestrutura adota materiais relacionados com o espaço público do porto, bem como o metal e betão para a estrutura e mecanismo. Na estação superior é o espaço público é enquadrado pelos tramos e torres da muralha e pelo antigo Governo Civil do Porto. Na estação inferior, o volume abstrato replica a ideia da torre a sul da muralha e enquadra a paisagem através de um vão, captando o rio Douro e a ponte D. Luís I.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:
Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Data do projeto: 1999 - 2005

Arq. : Rem Koolhaas

Programa: Lazer

Loc. av. da Boavista

1.1- Programa:

Entre 1999 e 2005, Rem Koolhass (OMA) projeta a Casa da Música, através da Capital Europeia da Cultura. O programa corresponde a lazer e organiza-se em cinco pisos que se diluem na composição formal do espaço interior. Os espaços são trabalhados de forma fluida, circulando à volta da grande sala Suggia (Salão principal). O acesso ao auditório principal é feito através de uma grande escadaria, e faz a ligação a um auditório secundário e salas, aos lugares superiores da sala Suggia, eterraço na cobertura. No primeiro piso possui a receção e salas administrativas. No rés-do-chão possui zonas técnicas e o café e zona de restauração. Nos pisos subterrâneos possui salas técnicas e parque de estacionamento. No exterior o pavimento é trabalhado por uma superfície dinâmica (idêntica a uma superfície de pano pousado sobre um objetivo, adaptando-se à sua forma), que serve de playground e zona de estar.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício caracteriza-se pela sua forma, um volume poliédrico implanta-se como um asteroide de betão armado branco. A sua forma característica domina a paisagem da rotunda da Boavista. As fachadas do “asteroide” são perfuradas e dão lugar a grandes envidraçados que enquadram várias paisagens. O alçado mais icónico (com frente para a rotunda) enquadra a paisagem da Boavista no grande auditório, onde o envidraçado é compostos por duas barreiras de vidro, uma delas ondulada, trabalhando a acústica do espaço. No interior a dinâmica material proporciona uma experiência espacial diferente, nocontacto com paredes inclinadas, o pavimento em alumínio e a luz artificial trabalhada por painéis e redes metálicas e os pilares oblíquos que unem a estrutura da caixa central.



CSat.

Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

1-BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;

2-PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

1.1- Programa:

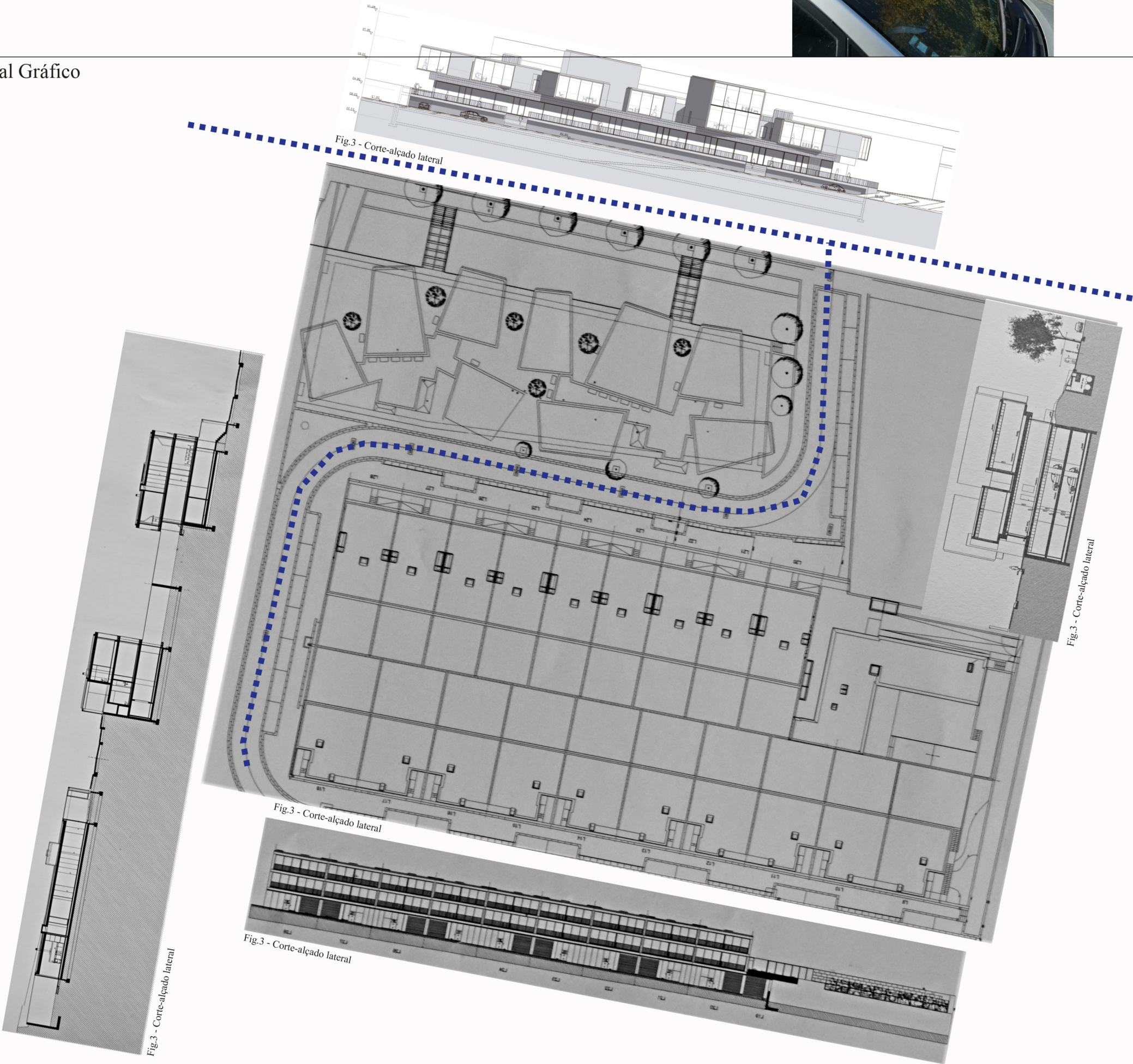
Entre 2000 e 2007, Eduardo Souto de Moura projeta o Edifício Oficinas e as habitações. O programa corresponde a comércio e habitação, e organiza-se em três pisos (Oficinas) e entre três a um pisos (habitações). O edifício das Oficinas no rés-do-chão possui espaços de loja/oficinas, voltadas para o alçado da frente, e dois blocos de acessos e salas de apoio, voltados para o tardo. No primeiro e segundo piso possui vários volumes trapezoidais que correspondem a salas/escritórios (alguns em duplex). Quanto às habitações, as que possuem três pisos organizam-se com garagem no rés-do-chão, zonas comuns no primeiro piso e zona privada no segundo piso. As casas de um piso organizam-se com garagem voltada para a fachada da rua e as zonas comuns e privadas voltadas para o logradouro.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício das Oficnas é definido pela geometria dinâmica dos volumes superiores face à simplicidade linear do piso inferior, que serve de base. A fachada voltada para a Avenida da Boavista abre-se através de um contínuo plano envidraçado do rés-do-chão e dos planos enquadrados dos volumes superiores. No alçado tardo, a abertura é mais reduzida, marcada pelos blocos de entrada e acessos. A plasticidade do edifício é conseguida através do uso do betão com diferente tonalidades e das caixilharias metálicas salientes ao plano de parede. Nas habitações a abordagem define-se pela métrica usada para desenhar os espaços internos. A leitura do conjunto permite distinguir aos diferentes programas e a transição de escalas entre a avenida e a malha habitacional.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:

- 1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
- 2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

1.1- Programa:

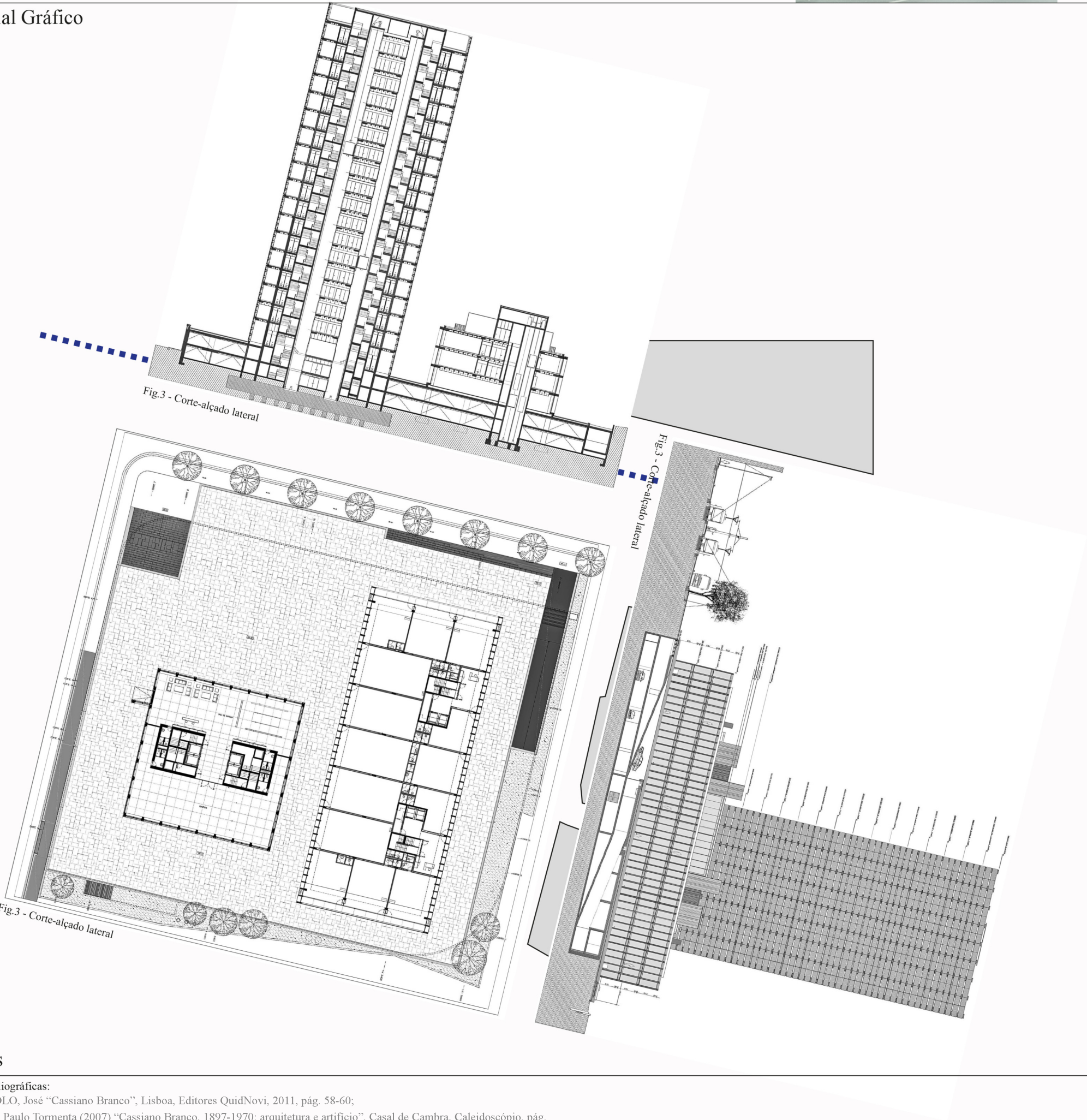
Entre 2003 e 2007, Eduardo Souto de Moura projeta o Edifício Burgo, embora tenha começado em 1991. O programa corresponde a comércio e organiza-se em dois volumes, um horizontal com três pisos perpendicular à avenida, resolvendo as diferentes escalas da envolvente e prepara a projeção da Torre, destacando-a. Divide-se entre zona comercial (volume horizontal), e escritórios, (torre), possuindo ainda nos pisos subterrâneos um parque de estacionamento. O volume horizontal organiza-se em três pisos e contem lojas em todas as fachadas, dois acessos verticais descentrados e com um conjunto central de salas de apoio e wc’s. A torre organiza-se em dezanove pisos e articula-se em duas colunas de acessos verticais que contem as salas de apoio e wc’s, libertando os grandes espaços para a fachada.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O conjunto é definido por duas linguagens, que correspondem aos dois volumes do projeto. As volumetrias são geométricas e compactas. No volume horizontal o modulo que desenha a fachada é aplicado na vertical, quebrando a horizontalidade do corpo. Na torre é aplicado um modulo de fachada que impede a leitura do número de pisos, dando a sensação de uma maior verticalidade e permite que as diferentes fachadas sejam trabalhadas com diferentes aspetos técnicos (relativamente a exposição solar, entre outros). A diversidade plástica aplicada no conjunto evita a monotonia resultante da repetição dos módulos.



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.

Fontes de imagens/desenhos:

Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

1.1- Programa:

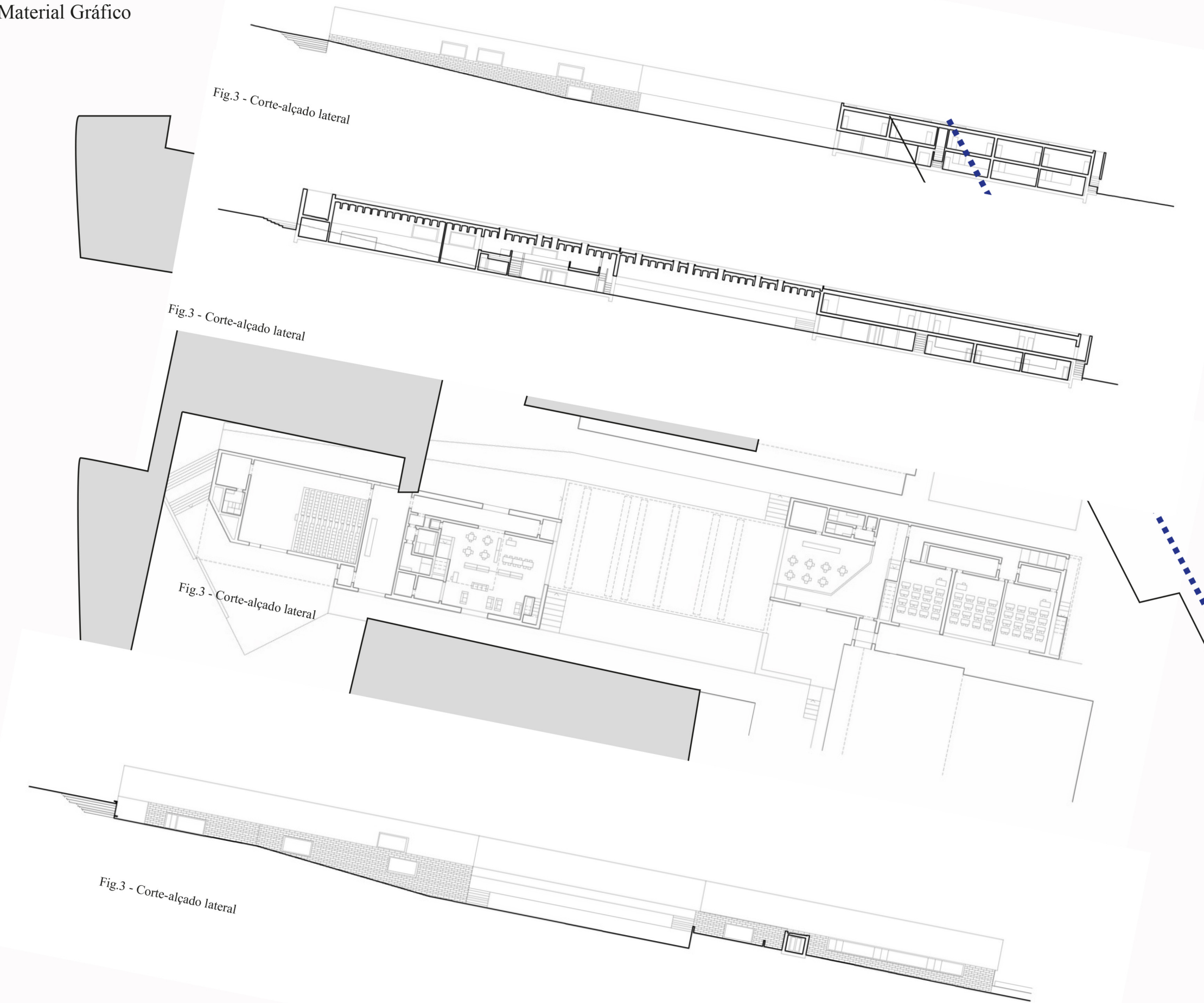
Entre 2007 e 2010, Ricardo Bak Gordon projeta um novo edifício na Escola Secundária Garcia da Orta. O programa corresponde a serviços e caracteriza-se pela projeção de um novo pavilhão entre os pré-existentes, de acordo com um novo programa e oferecendo melhor conforto. Foi implantado um novo corpo central, quebrando em três, que contém biblioteca e auditório (no volume mais à esquerda), um recinto coberto (no centro), e salas de aulas e de apoio (no volume mais à direita).

1.2- Linguagem Arquitetónica:

A construção do novo volume implanta-se num retângulo quebrando em três partes, segundo linhas ortogonais à composição dos pavilhões pré-existentes. A composição geral utiliza o tijolo pigmentado de cor cina escura e o reboco pintado a branco para definir a plasticidade do edifício, que é interrompida pelos vãos envidraçados de várias formas. No corpo da biblioteca e auditório, o alçado voltado para o pavilhão gimnodesportivo é rasgado, junto da cornija, por um vão horizontal que percorre quase toda o plano. O alçado inverso é completamente encerrado, bem como acontece no volume central, sendo apenas uma cobertura de grandes dimensões. Os alçados do volume das salas de aula são, do lado do pontoados por três grandes vãos horizontais (de cada lado).



Material Gráfico



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.
Fontes de imagens/desenhos:
Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>

1.1- Programa:

Entre 2009 e 2015, João Pedro Serôdio e Isabel Furtado projectão o i3S (Instituto de Inovação e Investigação em Saúde). O programa corresponde a serviço e organiza-se em cinco pisos (dois subterrâneos e três acima da cota da rua). Nos dois pisos superiores encontram-se os laboratórios, no rés-do-chão a entrada principal, os espaços comuns e espaços especializados, no piso -1 alberga o estacionamento e no piso -2 alberga o biotério. O edificado foi concebido para receber três dos mais importantes centros de investigação da Universidade, em articulação com o antigo edifício da IPATIMUP.

1.2- Linguagem Arquitetónica:

O edifício possui uma volumetria geométrica, que se dinamiza pelas consolas nos pisos superiores face ao rés-do-chão e pelos planos trabalhos nos topos. A composição divide-se em dois volumes, (uma base parcialmente enterrada e o volume principal). A fachada voltada para a rua Alfredo Allen e para o interior do lote, são completamente encerradas, quebrada apenas pelo negativo da entrada que divide os planos em dois. As fachadas dos topos expressam o contrário, possuindo grande vãos envidraçados bem como varandas embutidas, recuadas do plano exterior. O edificado caracteriza-se pela suamaterialidade, pelo uso do betão como plástica e pelas decisões formais.



Material Gráfico

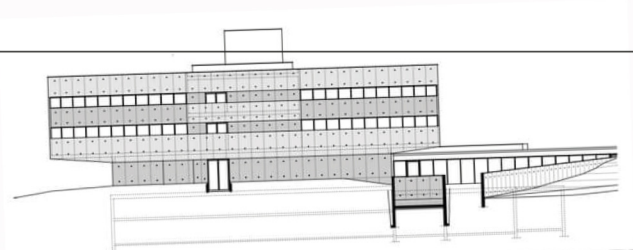


Fig.3 - Corte-alçado lateral

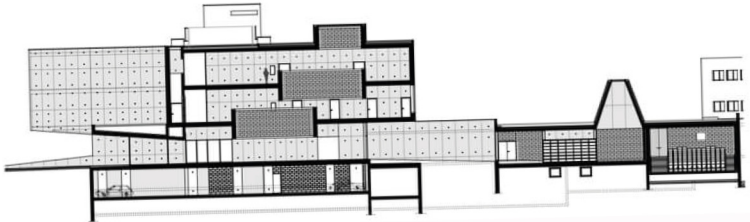


Fig.3 - Corte-alçado lateral



Fig.3 - Corte-alçado lateral

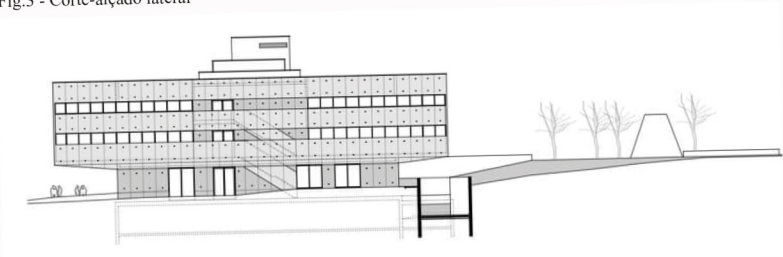
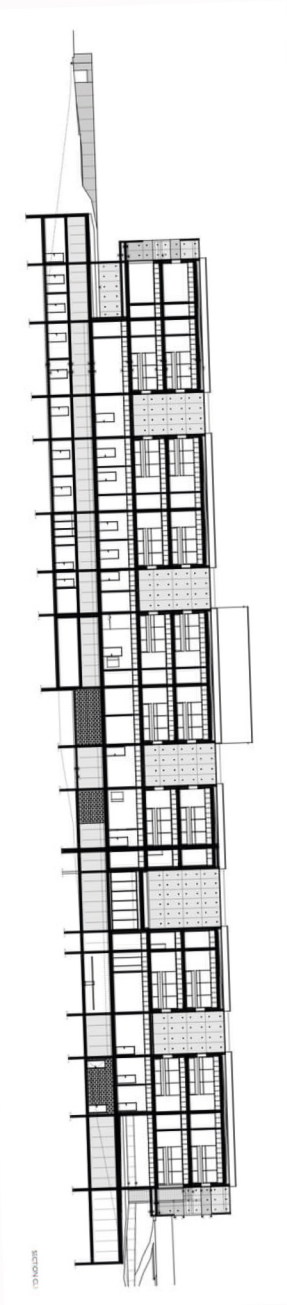


Fig.3 - Corte-alçado lateral

Fig.3 - Corte-alçado lateral



Fontes

Fontes bibliográficas:
1- BARTOLO, José “Cassiano Branco”, Lisboa, Editores QuidNovi, 2011, pág. 58-60;
2- PINTO, Paulo Tormenta (2007) “Cassiano Branco, 1897-1970: arquitetura e artifício”, Casal de Cambra, Caleidoscópio, pág.
Fontes de imagens/desenhos:
Fig.1- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.2- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.3- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>
Fig.4- <https://arquivoatom.up.pt/index.php/1i2by>



Esc: 1/6000

Equipamentos:

- 32- Museu Nacional Soares dos Reis
- 33- Alfândega do Porto
- 34- Café do Cais
- 35- Casa dos 24
- 36- Biblioteca Almeida Garrett
- 37- Museu de Art Contemp. de Serralves
- 38- Margem do Douro
- 39- Passeio Atlântico
- 40- Funicular dos Guindais
- 41- Casa da Música
- 42- Edifício Oficinas Boavista e Habitações
- 43- Edifício Torre do Burgo
- 44- Pavilhão da Escola Garcia de Orta
- 45- I3S

Sobreposição das Plantas de 1978 (cinzento)- 1992 (preto)

Considerações Finais:

Partindo do enquadramento e análise desenvolvida ao longo do segundo capítulo - “Equipamentos: Geradores de Urbanidade e construtores de Cidade”, gostaríamos de proceder a uma reflexão através da identificação de um conjunto de princípios e ideias características e responder aos objetivos propostos inicialmente. Proponha-se estudar a evolução urbana da cidade do Porto e as suas fases, bem como a partir dos *equipamentos* e de que forma estas arquiteturas de programa variados, se integram na cidade como elementos transformadores (contexto/escala/densidade, entre outros). Pretende-se compreender as transformações do território e na morfologia urbana, causadas pelo surgindo destes elementos. Também se pretende refletir a sua estruturação ao longo dos séculos XX e XXI, no contexto geral da cidade.

Inicialmente a cidade foi entendida na sua dimensão física e cultural, defende-se que quer os programas, quer os objetos arquitetónicos emergem com uma identidade própria, que se adapta e se afirma no contexto, entendido nas suas dimensões territorial e temporal, mas também como respostas, às necessidades, desafios e aspirações da sociedade. Desta forma, o conhecimento da cidade foi-se consolidando ao longo da investigação desenvolvida, permite a estabilização de um posicionamento teórico face ao “equipamento” no contexto da cidade e o lançamento de uma reflexão final a relação do equipamento no desenvolvimento urbano das cidades, no caso a do Porto.

Sabemos que a cidade corresponde a um universo complexo de relações, que agregam todo um conjunto de situações e que, na sua maioria é composta por habitações. Pelo meio, no entanto, englobando no mesmo lote programático, os bairros ou grandes projetos habitacionais, encontram-se programas mais excecionais, de caráter mais público (cinemas, teatros, museus, pavilhões de desporto, escritórios, comércio de pequena e grandes escala, entre outros), a que chamamos neste trabalho de equipamentos.

Contudo, como estudante, não entendia a cidade desta forma. Esta visão mais concreta surge na formação na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e da vivência da cidade do Porto. Entendia a cidade como uma “máquina prestadora de serviços” que funcionava em torno de grandes identidades. A cidade fazia parte do meu quotidiano dessa forma, como local que agrupa os serviços, as, que respondem às necessidades do habitante e que no meu caso apenas surgia de forma esporádica, muito pouco presente. Era neste sentido que a cidade se enquadrava antes de frequentar o curso de Arquitetura no Porto.

A formação teve grande impacto na forma como entendia a cidade. Nos primeiros anos do curso, foi-me proporcionado a oportunidade de observar o espaço arquitetónico, o espaço urbano, as diferentes arquiteturas, das diferentes épocas. Passei a entender a arquitetura como um elemento capaz de gerar ambientes, atmosferas e que possui relações de várias naturezas, nomeadamente a importância da relação entre interior-exterior, que é mais do que um mero ponto de transição. Ao mesmo tempo permitiu compreender uma imagem de cidade como um elemento de grande escala, que foi crescendo com o tempo. Nos anos finais do curso, surge a oportunidade de trabalhar programas, quer seja habitação, quer seja grandes projetos (Teatros, cinemas, centros culturais, etc), bem como trabalhar sobre a cidade na macro escala. Desta forma, permitiu interagir com as várias condicionantes do programa, relativamente à organização, à relação entre o espaço interior e exterior e sobretudo na relação com o contexto urbano a várias escalas. A partir deste ponto, começo a entender a cidade como um **sistema complexo de relações**, cuja arquitetura tem um papel importante na definição do seu carácter físico, composta por edifícios de vários tipos, programas e características que vão definindo os diferentes lugares na cidade.

Assim, a projeção destes programas, a que chamamos de equipamentos, alterou a minha noção de cidade, nomeadamente no Porto. A noção da presença destas arquiteturas na cidade altera-se e começa-se a identificar um grande número de equipamentos que marcam os vários contextos por toda a cidade. Surge assim a motivação de estudar estas **arquiteturas distintas** na relação com a estrutura urbana, como é que estes equipamentos surgem num determinado contexto e quais são as dinâmicas por este criadas para o desenvolvimento urbano da cidade do Porto.

Neste sentido, são retiradas várias considerações a partir da análise elaborada ao longo do século XX e XXI, onde se explora o desenvolvimento urbano partindo de grandes edifícios públicos ou semi-públicos. Elementos que são capazes de criar oportunidades, de definir/dinamizar a estrutura/contexto urbano em que se insere nas diferentes escalas territorial, urbana e humana. Desta forma, observamos que são realizadas intervenções em **contextos particularmente distintos**, que se agregam em várias situações urbanas.

No proceder do primeiro período analisado, após grandes alterações sociais, no âmbito nacional e internacional, nomeadamente no período pós 2ª guerra e até às próximas décadas de 1960, surgem na cidade vários conjuntos de equipamentos de programa diversificados, sendo que com maior frequência e predominância em Habitação, quase sempre localizados em zonas pouco desenvolvidas, nomeadamente periféricas ao centro/núcleos da cidade, de modo a integrar no local potencialidades no desenvolvimento urbano. Verificamos que no primeiro período analisado, nas décadas de 1930 a 1960 que os equipamentos

da primeira metade, até aos anos de 1940, tem um carácter de **“centralizadores”**, que **vem intervir num contexto consolidado e bastante estruturado**, no centro da cidade antiga. Surgem no intuito de introduzir no contexto arquiteturas, que marquem o ambiente urbano e que transformem a vivência da envolvente, desta forma através de programas na sua maioria de lazer e serviço. Correspondem arquiteturas de pequena escala, adequadas ao contexto e enquadram-se na dinâmica urbana do local. Na leitura destes equipamentos no ambiente urbano, denota-se que estes formam uma estrutura de relações, enquadrados em grandes eixos urbanos que fazem a transição do centro da cidade para outros contextos.

Na segunda metade deste período, de 1950 a 1960, verifica-se que os equipamentos possuem um carácter de **“dinamizadores”**, **intervindo em contexto em desenvolvimento/consolidação ou fragmentos urbanos**, que apresentam descontinuidades. Surgem no intuito de introduzir no contexto arquiteturas que dinamizem/estruturem o processo de urbanização, desta forma através de vários programas, nomeadamente por habitação. Correspondem a arquiteturas que variam entre a pequena escala e a escala intermédia consoante a situação urbana, quer seja na consolidação urbana do local/zona, quer seja no desenvolvimento de zonas fragmentadas, **desligadas do contexto urbano por vazios urbanos**. Neste período na leitura destes equipamentos no ambiente urbano, denota-se que estes continuam associados a grandes eixos urbanos e enquadram-se fora do centro antigo da cidade. Desta forma, considera-se que neste período, os equipamentos referenciados caracterizam um conjunto de intervenções que estruturam **contexto urbanos mais densos**, dentro das zonas centrais, deslocando-se **progressivamente para zonas da cidade a nascente e poente**.

No segundo conjunto de análise verificamos durante todo o período analisado, nas décadas de 1960 a 1990 que os equipamentos possuem um carácter de **“transformadores/reformuladores”**, intervindo em contextos consolidados, em consolidação ou fragmentos urbanos. Surgem no intuito de introduzir no contexto arquiteturas que transformem/reorganizem o processo de urbanização ou a sua leitura, através de **vários programas de habitação, lazer, mas sobretudo serviço**. Correspondem a arquiteturas que variam entre as várias escalas (pequena/intermédia/macro) consoante a situação urbana, quer seja em zonas consolidadas, em desenvolvimento ou vazios urbanos. Neste período, na leitura destes equipamentos no ambiente urbano, denota-se que estes, ora se associam a grandes eixos urbanos, ora se inserem em contextos de vazios urbanos ou malhas urbanas em consolidação em zonas periféricas as vias estruturantes e enquadram-se sobretudo fora do centro antigo da cidade, em zonas progressivamente mais periféricas. Neste período em particular denota-se uma grande diferença relativamente ao programa que emerge na cidade, inicialmente marcado por equipamentos sobretudo serviço até 1970,

que se altera para habitação até à década de 1990, impulsionado pela situação revolucionária do 25 de abril, impulsionando processos de criação de habitação (SAAL), que tem impacto no tecido urbano português, relativamente na projeção de malhas, que estruturam parte do território urbano.

No último período de análise, da década de 1990 a 2020, verificamos que os equipamentos possuem um carácter de **“mobilizadores/reformuladores”**, intervindo em contextos consolidados, em consolidação ou fragmentos urbanos. Surgem num intuito distintos das épocas anteriores, introduzindo arquiteturas que mobilizam meios urbanos e transformam vários contextos em simultâneo, numa estrutura extensa de relações urbanas, nomeadamente a partir de programas de lazer, serviço e infra-estruturas. Correspondem a arquiteturas que variam entre as várias escalas (pequena/intermédia/macro) consoante a situação urbana, quer seja em zonas consolidadas, em desenvolvimento ou vazios urbanos. Neste período, na leitura destes equipamentos no ambiente urbano, denota-se que estes não seguem de forma linear a progressiva densificação de equipamentos na zona mais periférica da cidade. Desta forma, regista-se uma maior inserção em zonas maioritariamente fora do centro antigo da cidade e da zona periférica da cidade (junto à circunvalação). Deste equipamento identifica-se que a alguns equipamentos ainda se associam aos grandes traçados urbanos, contudo a maioria surge fora dos eixos estruturantes, em malhas secundárias. Refere-se ainda que neste período de assiste a obras de maior envergadura, com um sentido mais macro, de grande dimensão, como elemento importante para a coesão urbana e da paisagem da cidade (como um elemento unificador), mesmo que se entenda os vários núcleos “factos”.

No panorama geral, nos três períodos analisados, regista-se um número homogéneo de equipamentos que surgem na cidade. Independentemente da situação urbana em que se inserem, o equipamento é visto como transformador ou transportador urbano, capaz de alterar a dinâmica existente, claramente associado à sua função/programa. Contudo, o equipamento, para além da sua função que se entende como importante para o contexto e época em que se insere, é neste ponto de vista, um parâmetro que não interfere diretamente no papel que o equipamento exerce sobre a cidade, mesmo tendo relevância, **e temos exemplos disso, no que toca à presença do programa, também muito ligado à necessidade desse mesmo programa** (Hospital São João) ou qualquer conjunto habitacional referido, sobretudo nas décadas 50-60-70.

Desta forma, a cidade vive da interação do equipamento com a malha urbana, sendo este muitas vezes precursor do desenvolvimento urbano, quer seja com a criação de novos eixos estruturadores, que vão de encontro ao edifício, quer seja pela existência de um plano/malha/eixos, em vias de desenvolvimento, onde se possibilita a implantação do equipamento como peça transportador de urbanidade.

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira, & BARROCA, Mário Jorge (2002) “História da Arte em Portugal: O Gótico”
- AMORIM, Maria Alexandra (1998) “Porto: A cidade planeada – 1930/1980: permanência/ inovações no processo e formas urbanas” [Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto] Catálogo da Faculdade de Arquitetura.
- ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira (1990) “O Porto na Época dos Almas: Arquitetura. Obras Públicas”, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto
- BANDEIRINHA, José António (2007) “O Processo SAAL e a arquitetura no 25 de Abril de 1974”, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- BARBOSA, Branca Oliveira (2014) “Reflexos do movimento moderno no edifício DKW de Arménio Losa e Cassiano Barbosa”, [Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura do Porto], Porto.
- BARROCA, Mário J. (1984) “As escavações de Mendes Correia na Cividade (1932) e as origens da cidade do Porto, «Arqueologia», nº 10”, Porto
- BARATA, Paulo Martins, SILVIA, Raquel Henriques & ALMEIDA, Bernardo Pinto “Museu de Serralves: Álvaro Siza”, Editora White & Blue,
- BARTOLO, José (2011) “Cassiano Branco” Editora QuidNovi, Lisboa
- CECILIA, Fernando Márquez & LEVENE, Richard (2009) “Eduardo Souto de Moura: 2005-2009” Editora El Croquis, Madrid, pág.98, Revista El Croquis.
- CORRÊA, Mendes (1935) “As Origens da Cidade do Porto” nº2
- CRUARB (2000/2001) “Porto Património Mundial III: CRUARB 25 anos de reabilitação urbana.” Editora Câmara Municipal do Porto, Porto.
- CUNHA, P. S. (2000) “Apresentação. In Porto 2001: regresso à Baixa. Consulta para a elaboração do Programa de Requalificação a Baixa Portuense” Editora FAUP publicações, Porto.
- COSTA, Nuno Brandão, & LOUREIRO, Luís Pinheiro (2013) “J. Carlos Loureiro”, Editora Verso da História, Porto.

- COSTA, Ana Alves & FERNANDEZ, Sérgio (2020) “Cidade Participada: arquitetura e democracia: Antas, Pedro Ramalho”, Tinta da China, Lisboa, pág.88-90;
- COSTA, Ana Alves (2013) “Rogério de Azevedo”, Editora Verso da História, Porto.
- CORREIA, Francisco Nunes (2002) “Passeio Atlântico”, Gabinete Coordenador do Programa Polis, Lisboa
- DAVEAU, Suzanne (1977) “L’evolution géomorphologique quaternaire au Portugal” INQUIA
- ESTEVES, Mónica Filipa (2015) “Edifício Parnaso: intervenção em arquitetura do movimento moderno” [Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura do Porto], Porto
- FERNANDES, Maria Eugênia Matos (2007) “A Universidade do Porto e a Cidade: Edifícios ao longo da História” Editora Gráfica Maiadouro.
- FERNANDES, J. A. R., PINTO, J. R. & CHAMUSCA P. (2013) “Subúrbio, na relação entre planeamento e urbanização: o Porto na transição de século (XIX- XX e XX-XXI)”. In Actas do 1st International Meeting – Geography & Politics, Policies and Planning, Porto.
- FERNANDES, José A. Rio, CHAMUSCA, Pedro & FERNANDES, Inês (2014) “Avenida dos Aliados e Baixa do Porto: Usos e Movimentos” Editora Porto Vivo, Porto
- FERREIRA, Diana Sofia Cunha (2018) “Cinema Batalha: memória, conhecimento e inovação: proposta de um sistema de identidade dinâmico” [Trabalho académico, Faculdade de Belas Artes do Porto] Porto
- FIGUEIRO, Ricardo, (1990) “O Porto visto por Arquitectos: Algumas questões sobre a cidade” Editora
- FERREIRA, J. A. P. (1980) “Vereações (anos de 1401-1449)” Porto
- FERRÃO, Bernardo José (1989) “Projeto e Transformação Urbana do Porto na Época dos Almas 1758/1813”, Edições FAUP, Porto
- FURTADO, Rui, OLIBEIRA, Rui & MOAS Pedro [et.al] (2003) “ A engenharia da Casa da Música”, Editor Afassociados, pág.1-2;
- GARRETT, Antão de Almeida (1952) “Plano Regulador da Cidade do Porto”, Editora Publicações da Câmara Municipal do Porto.”, Editora Publicações Municipais do Porto, Porto

- GONÇALVES, José Fernando (2013) “Agostinho Ricca, 1915-2010”, Editora Verso da História, Vila do Conde.
- LAMEIRA, Gisela (2013) “Januário Godinho, 1910-1990”, Editora Verso da História, Vila do Conde.
- LOPES, João Teixeira (2000) “A Cidade e a Cultura: Um estudo sobre práticas culturais urbanas” Editora Afrontamento e Câmara Municipal do Porto, Porto
- LOZA, Rui Ramos (1998) “Porto Património Mundial”, Edição Câmara Municipal do Porto” Editora Câmara Municipal do Porto, Porto
- MARTINS, João, BRION, Madalena, SOUSA, Miguel & et al. (1996) “O Caminho de Ferro Revisitado. O Caminho de Ferro em Portugal de 1856 a 1996.” Caminhos de Ferro Portugueses, Lisboa
- MORENO, Humberto Baquero (1990) “A Navegabilidade do rio Douro nos séculos XVI e XVII”, nº 5, Editora Gaya, Vila Nova de Gaia
- MOURA, Eduardo de Souto & SERÔDIO, João Pedro [et.al] (2018) “Oporto University institute of research and innovation in health : I3S, Serôdio, Furtado & Associados, AArquitectos = Instituto de investigação e inovação em saúde da Universidade do Porto”, Editora AMAG, Porto, pág.3-5;
- MOURA, Souto de (2015) “1980-2015” Neuss: Stiftung Insel Hombroich. Catálogo de uma exposição, Editora BDA (Bund Deutcher Architekten), Neuss, pág. 95;
- MOREIRA, Rafael (1995-1999) “Arquitectura: Renascimento e classicismo” In: PEREIRA, Paulo (Dir. de) – História da arte portuguesa. Lisboa: Temas e Debates, 1995-1999
- MORAIS, Christopher Gameiro (2010) “Arménio Losa e a habitação coletiva na década de 50 no Porto” [Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura do Porto], Porto.
- NEVES, António (2015) “Arménio Losa e Cassiano Barbosa, arquitectura no segundo pós-guerra: arquitectura moderna, nacionalismo e nacionalização” [Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Arquitetura do Porto], Porto
- OLIVEIRA, Vítor Manuel Araújo (2013) “A Evolução das Formas Urbanas de Lisboa e Porto nos Séculos XIX e XX”, Editora U.Porto, Porto

- OLIVEIRA, José Manuel Pereira de (1973) “Espaço urbano do Porto: Condições Naturais e desenvolvimento”, Centro de estudos Geográficos Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- PERES, Damião (1965) “História da Cidade do Porto”, volume I e III, Editora Civilizações, Porto
- PIQUERAS, Norberto (Coord.) (2003) “Álvaro Siza y la arquitectura universitária”, Editora Universitat de València, Valência, pág.51-53
- PEREIRA, Paula Cristina (2011) “Condição humana e condição urbana” Editora Afrontamento,
- PIMENTA, Ana Rita (2012) “O conjunto habitacional das torres vermelhas da Pasteleira” [Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura do Porto] Porto.
- PINHO, P., & VILARES, M. (2009) “A Avaliação das Grandes Obras Públicas - O Caso do Metro do Porto. Porto”, Editora FEUP, Porto
- PONTE, Sara, (Ed.) (2007) “FEUP: o projeto e a obra”, Editora U.Porto, Porto.
- RAMOS, Luís A. de Oliveira (1994) “História do Porto” Porto Editora, Porto
- REAL, Manuel Luís, & TAVARES, Rui (1987) “Bases para a compreensão do desenvolvimento urbanístico do Porto”. Povos e Culturas”, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Lisboa
- REAL, Manuel Luís (2001) “A ponte e a Avenida: contradições urbanísticas no centro histórico do Porto” Editora Câmara Municipal do Porto, Porto
- RIBEIRO, Helder Casal (2012) “A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60” [Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Arquitetura do Porto], Porto.
- ROCHA, Marta (Ed.) & GONÇALVES, Eliseu (Ed.) (2019) “Bairro de moradias económicas da cooperativa, o Lar Familiar = Affordable housing estate of the cooperative, o Lar Familiar: Mário Bonito, Porto, 1950-1962”, Editora FAUP, Porto.
- ROSSA, Walter (2002) “A urbe e o traço: uma década de estudos sobre o urbanismo português.”, Livraria Almedina, Coimbra.
- ROSSI, Aldo (2018) “Arquitetura da Cidade”, Editora 70, Lisboa

- SECCA, Amândio Fernandes (Coord.) (1996) “Viana de Lima: arquiteto 1913-1991”, Editora Árvore, Porto.
- SILVA, Augusto Santo (1980) “A Burguesia Comercial Portuguesa e o Ensino da Economia – O exemplo da Escola do Porto (1837 - 1838)”, nº61-62, Lisboa
- SIZA, Álvaro (1995) “Álvaro Siza: Obras e Projetos”, Catálogo da exposição, Edição C.G.A.C, Matosinhos, pág. 126-133;
- SOARES, Luís de Lousada (1991) “A Ponte de S. João: Nova ponte ferroviária sobre o Rio Douro no Porto” Editora Ferdouro, Porto.
- SILVA, Helena Sofia & SANTOS, André (2011) “Álvaro Siza Vieira”, Editora Quidnovi, Vila do Conde, pág. 44-47;
- SOUSA, Fernando de (1989) “A memória de um Século (1888-1988)” Jornal de Notícias, Porto
- TÁVORA, Fernando (1993) “Fernando Távora”, Editora Blau, Lisboa.
- TÁVORA, Fernando (1993) “Percurso Roteiro”, Edição CCB, Lisboa.
- TOUSSANT, Michel & RAPAGÃO, João Paulo (2018) “Guia de arquitetura do Porto: do movimento moderno à atualidade, 1942 2017”, Edição A+A Books, Lisboa, pág. 48-49;

Índice de Imagens

Figura nº1- Mosteiro de São Bento de Avé Maria

Figura nº2- Farol do Anjo

Figura nº3- Mosteiro de São Bento da Vitória

Figura nº4- Torre da Marca

Figura nº5- Rua das Flores

Figura nº6- Rua de Santa Catarina

Figura nº7- Casa Museu Guerra Junqueiro

Figura nº8- Igreja de Santo Ildefonso

Figura nº9- Igreja da Misericórdia

Figura nº10- Igreja de Nossa Senhora da Lapa

Figura nº11- Igreja de Nossa Senhora do Terço

Figura nº12- Igreja e Torre

Figura nº13- Antigo Tribunal da Relação

Figura nº14- Hospital de Santo António

Figura nº15- Quartel de Santo Ovídio

Desenho nº1- Planta do século XII: Desenvolvimento do núcleo da Sé

Desenho nº2- Planta do século XVI: Desenvolvimento do núcleo Fernandino

Desenho nº3- Planta do século XIX: Desenvolvimento da cidade

Desenho nº4- Sobreposição das Plantas de 1932 (cinzento) e 1937 (preto)

Desenho nº5- Sobreposição das Plantas de 1937 (Cinzento) e 1948 (preto)

Desenho nº6- Sobreposição das Plantas de 1960 (Cinzento) e 1978 (preto)

Desenho nº7- Sobreposição das Plantas de 1978 (Cinzento) e 1992 (preto)

Desenho nº8- Sobreposição das Plantas de 1997 (Cinzento) e 2003 (preto)